

STARHAWK

A DANÇA CÓSMICA DAS FEITICEIRAS

STARHAWK A DANÇA CÓSMICA DAS FEITICEIRAS

Guia de Rituais à Grande Deusa



04049/3



NOVA
era



A DANÇA CÓSMICA DAS FEITICEIRAS

Guia de Rituais à Grande Deusa

STARHAWK

Título original norte-americano

THE SPIRAL DANCE

Tradução de Ann Mary Fighiera Perpétuo

Ilustração de capa: Isabela Hartz

(digitalizado por Alseid Eostre)

Sou contra a pirataria, mas dada a dificuldade que as pessoas estão tendo em encontrar este livro, que não teve mais publicações, estou disponibilizando esta versão digitalizada. Se você pagou por este PDF, você foi enganado.

Copyright © 1979, 1989
Copyright da tradução © 1993
(Nova Era)

SUMÁRIO

Agradecimentos	7
Introdução à Edição de 10º Aniversário	9
1. Feitiçaria como Religião da Deusa	8
2. A Visão de Mundo da Feitiçaria	22
3. O <i>Coven</i>	37
4. Criando o Espaço Sagrado	55
5. A Deusa	71
6. O Deus	84
7. Símbolos Mágicos	97
8. Energia: O Cone do Poder	112
9. Transe	122
10. Iniciação	139
11. Rituais da Lua	145
12. A Roda do Ano	148
13. Criando a Religião: Rumo ao Futuro	163
Dez Anos Mais Tarde:	
Comentário sobre os Capítulos 1 a 13	189
Tabelas de Correlações	222

EXERCÍCIOS

1. Experiência da Sombra
2. Experiência do Ritmo
3. Sentindo a Energia do Grupo
4. Respiração em Grupo
5. A Árvore da Vida
6. Cântico do Poder
7. Encerrando o Poder
8. Transe de Associação de Palavras
9. Relaxamento
10. Concentração e Centralização
11. Visualizações Elementares
12. A Maçã
13. O Pentagrama
14. O Nó
15. Contemplação de Velas
16. O Diamante
17. Espelho, Espelho
18. A Pedra
19. O Martelo
20. Purificação com Água Salgada
21. Purificação em Grupo com Água Salgada
22. Expulsão
23. Meditação do Ar
24. *Athame* ou Meditação da Espada
25. Meditação do Fogo
26. Meditação do Bastão
27. Meditação da Água
28. Meditação da Taça
29. Meditação da Terra
30. Meditação do Pentagrama – Os Cinco Estágios da Vida
31. O Pentagrama de Ferro
32. O Pentagrama de Pérola
33. Meditação Transformadora
34. Meditação do Caldeirão
35. Exercícios de Visualização do Círculo
36. A Consagração de um Instrumento
37. Círculo Protetor
38. Círculo Protetor Permanente
39. Meditação da Lua Crescente
40. Meditação da Lua Cheia
41. Meditação da Lua Minguante
42. A Espiral Dupla
43. Assegurando a Invocação
44. Filtro Protetor
45. O Cone de Poder
46. Cântico do Ventre
47. Concentração Formal
48. Exercício do Pêndulo
49. Sentindo a Aura: Método do Pêndulo
50. Sentindo a Aura: Método Direto
51. Enfraquecimento e Projeção de Energia
52. Vendo a Aura
53. Advertências
54. O Arco-íris: Iniciação ao Transe
55. O Local de Poder
56. O Arco-íris: Emersão
57. Cristalomancia

58. Sugestão

59. Memória

60. Transe do Sonho

61. Indução Ritual

INVOCAÇÕES, CÂNTICOS E BÊNÇÃOS

A Organização do Círculo

Um Círculo para o Alívio de
Dificuldades (Alan Acacia)

Invocações Rítmicas de Valerie

Invocações do Ritual de Solstício de
Verão

Os Encargos da Deusa

Cânticos de Repetição (à Deusa)

Ciclo de Repetição: “O
Desabrochar”

Cântico Sumeriano

Invocação à Lua Orvalhada

Homenagem à Deusa (Karen Lynd
Cushen)

Cântico *Kore*

Invocação à Deusa como Mãe
(Susan Stern)

Mãe Lua (Laurel)

Invocação à Rainha do Verão

Invocação ao Deus

Cânticos de Repetição (ao Deus)

Ciclo de Repetição

Invocação ao Equinócio de Aspecto
Masculino (Alan Acacia)

Invocação ao Deus do Verão

Invocação à Deusa e ao Deus
(Valerie)

Invocação ao Fundamento do Ser

Invocação a Pã (Mark Simos)

Bênção de Bolos e Vinho

Despedida da Deusa e do Deus

Abrindo o Círculo

FEITIÇOS

Feitiço da Raiva

Feitiço de Auto-remissão

Feitiço para a Solidão

Feitiço para Períodos Infecundos

Feitiço para um Lugar Seguro

Feitiço para Conhecer a Criança
Dentro de Nós

Feitiço para Estar em Harmonia
com o Útero

Feitiço para a Cura da Imagem

AMULETOS DE ERVAS

Para Atrair Dinheiro

Para Atrair Amor

Para Curar um Coração Partido

Para Proteção

Para Conseguir Emprego

Para Poder Interior

Para Eloquência

Para Ganhar uma Causa

Para Carregar um Amuleto de Ervas

Para Pegar um Inimigo

MITOS

Criação

A Roda do Ano

A Deusa no Reino da Morte

AGRADECIMENTOS

Este livro não poderia ter se tornado realidade sem o carinho e o apoio do meu ex-marido, Ed Rahsman, e de minha mãe, a Dra. Bertha Simos.

Pela Oportunidade de explorar e buscar compreender os Mistérios, agradeço os membros dos meus *covens*: em Compost, Guidot, Quest, Diane, Beth, Arden, Mãe Mariposa, Amber, Valerie e Paul; em Honeysuckle, Laurel, Brook, Susan, Zenobia, Diane e, especialmente, Kevyn, pela inspiração adicional de seu desenho.

Gostaria, também, de agradecer àqueles que me ensinaram a Arte: Victor e Cora Anderson, Ruth, Z. Budapest e os outros.

Também sou grata pelo apoio e o estímulo da comunidade pagã da região da baía de San Francisco e das Feiticeiras do Conventículo da Deusa e dos amigos e companheiros, por demais numerosos para serem aqui citados. Desejo agradecer, em especial, ao meu irmão espiritual, Alan Acacia, e ao meu irmão, uterino, Mark Simos, por suas contribuições; a Patty e Nada, por estarem comigo desde o início; a Ann por sua inspiração e a Carol Christ e Naomi Goldenberg por sua ajuda na busca de uma comunidade mais ampla.

Finalmente, quero expressar o meu apreço à minha editora, Marie Cantlon, por sua sensibilidade e coragem no que se refere à publicação deste assunto e a Sarah Rush, por toda a sua ajuda.

A todos vocês, a Ela que Canta no Coração e a Ele que Dança, é dedicado este trabalho.

AGRADECIMENTOS PARA A SEGUNDA EDIÇÃO

Além dos acima mencionados, quero agradecer aos membros de Wind Hags, Matrix e, especialmente, aos da Reclaiming Collective. Os rituais que juntos realizamos, o trabalho que fizemos, lecionando, escrevendo e organizando; nossos debates, conflitos, brincadeiras e discussões ao longo dos anos formam o núcleo de onde as minhas mudanças brotaram.

Tenho sido extremamente feliz em minhas relações no universo editorial. Marie Cantlon, que editorou a primeira edição, permaneceu como minha amiga e editora ao longo desta década e para todos os meus livros que se seguiram. Ela também publicou vários dos livros citados na bibliografia, tornando-se uma verdadeira mãe deste movimento. Jan Johnson e Yvone Keller, da Harper & Row, provaram ser editores atentos e compreensivos desta edição. Meu agente, Ken Sherman, primou durante os últimos dez anos em manter a minha estabilidade financeira. Pleides Akasha auxiliou-me na preparação deste manuscrito com muita disposição. Raven Moonshadow revisou as Tabelas de Correlações.

Os Gatos Negros, membros da minha família coletiva, suportaram minhas reclamações e convidaram-me para jantar. E desejo agradecer à minha amiga Kate Kaufman por ter sugerido a ideia desta edição.

Enquanto eu preparava esta edição revista, dois membros do antigo *coven* de Honeysuckle viveram a transição para mãe em sentido literal, dando à luz duas lindas filhas: Nora e Vivian Sarah. A todos vocês, o meu agradecimento e carinho.

Starhawk
Fevereiro de 1989
San Francisco

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO DE 10º ANIVERSÁRIO

Esta nova edição de *A Dança Cósmica das Feiticeiras* proporcionou-me a oportunidade de ter uma conversa comigo mesma, na qual você, leitor, espero que se sinta incluído. Uma das coisas que me fascinam ao escrever é a maneira como a noção de tempo cai por terra. Relendo isto, ouço a minha voz de dez anos atrás, recordo-me de *insights* dos quais havia me esquecido e de percepções que haviam esmaecido. Inevitavelmente, noto algumas mudanças.

Inicialmente, a ideia de escavar meu material de dez anos atrás apresentava-se como um empreendimento alarmante. Por um lado, temia descobrir que muitas coisas que, naquela época, pareciam ser certezas absolutas, estivessem tão mudadas que meus sentimentos anteriores poderiam ser considerados infantis ou confusos. De outro, que minhas crenças, pensamentos e práticas permanecessem estáticos todo esse tempo.

Rer este livro provou ser reconfortante. Sim, existem coisas que mudaram, assim como o mundo mudou. Mas, a maioria daquilo que escrevi ainda é procedente. Na verdade, há via me esquecido de muitas coisas, não tendo, de fato, lido o livro com mais vagar nestes dez anos, apesar de tê-lo utilizado como referência. Para mim, após ter escrito vários rascunhos de um livro, datilografando-o três vezes (sim, este livro foi escrito antes do tempo dos computadores domésticos) e revisado diversas provas de composição, francamente não quero olhar para isso durante longo período.

No entanto, tive uma agradável surpresa. Minha lembrança de *A Dança Cósmica das Feiticeiras* era a de um livro de exercícios simples, uma introdução à feitiçaria de fácil leitura para iniciantes.

Relendo-o, percebo que ele é, na realidade, uma obra de dialogia poética, bem como uma introdução para iniciantes, porém mais complexo do que havia imaginado. Estou muito surpresa, na verdade, por tê-lo produzido aos vinte e poucos anos e do mesmo passar um certo tom de autoridade quando me lembro daquele período da minha vida como sendo bastante instável.

Este livro nasceu, realmente, no verão em que tinha dezessete anos de idade, o verão de 1968. Passei a maior parte deste viajando de carona pela costa da Califórnia, acampando nas praias. Pela primeira vez vivi em contato direto com a natureza, dia e noite. Comecei a sentir-me ligada ao mundo de uma maneira nova, percebendo tudo como palpitante, erótico, envolvida em uma dança constante de encanto mútuo, eu como parte especial desse todo. Mas eu ainda não tinha como dar nome à minha experiência.

Voltei para casa e comecei a estudar na UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles). Uma amiga e eu começamos a lecionar Feitiçaria como um projeto independente para a nossa cadeira de antropologia. Na realidade, não sabíamos nada sobre o assunto quando iniciamos as aulas, mas isto não nos impediu de oferecer o curso, organizando como uma espécie de seminário, onde encorajávamos cada um dos nossos colegas estudantes a pesquisar algum aspecto do assunto e a fazer um relatório. Assim, aprendemos muito e até formamos um *coven* ou o que, presumivelmente, deveria fazer. Improvisávamos rituais, os quais, recordo-me, envolviam muitas batidas ritmadas com bastões e massagem grupal.

Quando, finalmente, conhecemos as verdadeiras Bruxas de Wiccan, elas visitaram a casa que havíamos transformado em uma fraternidade, na qual muitos de nós vivíamos livremente em comunidade, e leram para nós sobre o Papel da Deusa. Enquanto ouvia aquelas palavras, fui tomada de forte sensação, não a de estar entrando em contato com algo novo, mas de estar descobrindo nomes e uma estrutura para compreender as experiências que já havia tido.

O conceito de uma religião que venerava uma Deusa era surpreendente e poderoso. Tendo sido criada como judia, fui muito religiosa quando criança e prossegui

minha educação judaica até um nível avançado. Mas, quando atingi o estágio de jovem adulta, ao final dos anos 60, algo parecia estar faltando. O movimento feminista ainda não havia renascido e eu desconhecia a palavra *patriarcado*, mas sentia que a tradição, assim como se apresentava então, carecia, de alguma maneira, de modelos para mim enquanto mulher bem como de caminhos para o desenvolvimento do poder espiritual feminino. (Nos caminhos seguintes, algumas ramificações do judaísmo abriram mais instituições para o desenvolvimento das mulheres e caminhos mais abertos para conhecer Deus, mas naquela época este processo ainda não havia sido iniciado.)

A tradição da Deusa oferecia novas possibilidades. O meu corpo, agora, em toda a sua feminilidade, seios, vulva, útero e fluxo menstrual, era sagrado. A força primitiva da natureza, o intenso prazer da intimidade sexual assumiu papéis centrais como caminhos para o sagrado, em vez de serem negados, denegridos ou encarados como periféricos.

Começamos a treinar com as bruxas que conhecíamos, mas elas exigiam certas coisas que, na época, eu era incapaz de fazer: basicamente, uma metódica rotina de meditação, estudo e prática. Eu me afastei, mas continuava a apreciar muito a introdução que eu havia tido à religião da Deusa.

No início dos anos 70, vivia em Venice, uma parte de Los Angeles que naquela época era uma atuante comunidade de muitos artistas, escritores, ativistas políticos e, genericamente, de personalidades excêntricas. Estava profundamente envolvida com o movimento das mulheres e identificava-me como feminista. Para mim, parecia existir uma ligação natural entre um movimento para dar poder às mulheres e uma tradição espiritual baseada na Deusa.

Enquanto que a maioria das feministas daquele período suspeitava e criticava qualquer virada para a espiritualidade, identificando-a com o controle patriarcal ou escapismo apolítico, algumas outras estavam despertando para a história e o simbolismo da Deusa. Em Venice, Z. Budapest, uma bruxa hereditária da Hungria, começou a ensinar e a treinar muitas mulheres de acordo com uma tradição feminista de Wicca. Encontrei-me com ela em um dia próximo ao Equinócio de Primavera em sua loja em uma rua movimentada e ela convidou-me para o primeiro grande ritual só de mulheres que participei. Caminhamos até uma bela encosta nas montanhas de Santa Monica, cantamos, dançamos e oferecemos libações à Deusa. Pedi o restabelecimento de uma amiga que estava atravessando intensa crise emocional e Z. mirou-me nos olhos e disse: “Peça algo para si mesma.” “Não”, pensei, “isto é mau, egoísta e, além do mais, eu não tenho necessidade”, mas, sabiamente, ela foi inflexível. “Em nossa tradição é bom ter necessidades e desejos”, ela disse: “Nós somos uma religião de autoabnegação.”

Não me recordo exatamente o que pedi (o que mostra como estava hesitante em relação às minhas necessidades), mas o ritual deu início a um processo de mudança e transformação, funcionando da maneira em que frequentemente a magia opera: fazendo com que tudo desmorone. Meu relacionamento desfez-se, o meu emprego terminou e decidi mudar-me da cidade.

Eu havia começado a escrever na semana em que completei 21 anos de idade. Minha mãe deu-me uma máquina de escrever elétrica como presente de aniversário e de formatura. Eu estava iniciando minha pós-graduação em cinema da UCLA e inscrevi-me em um curso de verão de redação. Sentei-me à máquina de escrever e uma sensação premonitória tomou conta de mim. Algo me dizia: “Você vai passar muito tempo de sua vida aqui.”

Assim, no verão e no outono escrevi um romance com o qual venci o Prêmio Samuel Goldwyn de Escritores da UCLA, recebendo – o que parecia ser na época – uma assombrosa quantia de dinheiro, o que me investiu de expectativas ilusórias de sucesso imediato. Escrevi um segundo romance. Nenhum dos dois jamais foi publicado, o que não foi de todo ruim. Eram úteis ao seu propósito verdadeiro, o de me ensinarem a arte e a disciplina de escrever.

Mas, obviamente, ninguém senta e escreve um romance com a ideia de que é apenas um exercício. Portanto, no verão em que fiz 23 anos, abatida pela rejeição de meus manuscritos, incerta sobre o que pretendia fazer com a minha vida e ansiosa por desafios físicos e contato com a natureza, peguei uma bicicleta e fui viajar durante um ano.

Aquele ano foi um período de formação para *A Dança Cósmica das Feiticeiras*, apesar do meu desconhecimento desse fato. Ele tornou-se um extraordinário tipo de aventura visionária. Enquanto pedalava no rastro de *trailers*, acampava em uma barraca sob a chuva e desenvolvia a habilidade em ser recolhida por estranhos; enquanto eu passava todos os dias ao ar livre, testava os limites do meu corpo e encontrava lugares selvagens e intrincados da Costa Oeste, novas dimensões pessoais começaram a se revelar. O ano foi uma iniciação durante o qual aprendi a confiar em minha intuição e a permitir que ela fosse minha guia.

Quando chegou o inverno, minha intuição conduziu-me a Nova York, onde tentei, sem sucesso, encontrar um editor para os meus romances. Eu queria ser escritora, em parte porque, naquela época, vivia em Nova York e poderia conhecer as pessoas certas, mas não sabia como encontrá-las ou o que lhes dizer, caso as encontrasse. Eu fazia faxina na casa de uma senhora idosa para ganhar algum dinheiro e usufruí da hospitalidade de algumas pessoas muito simpáticas, que permitiram que eu permanecesse em seu apartamento muito mais do que o necessário. (Eu era, nessa época da minha vida, aquele terrível tipo de pessoa que aparece para passar um fim de semana e acaba ficando três meses. Da minha parte, tudo o que posso dizer é que, desde então, paguei devidamente as minhas dívidas kármicas em relação a este assunto.)

Eu estava desanimada, solitária; não conseguia chegar a lugar algum e parecia que, repentinamente, todas as pessoas estavam se matriculando na faculdade de direito. Então, tive uma série de sonhos muito intensos. Um deles me dizia para voltar à Costa Oeste. Eu estava de pé, junto ao mar, fitando um afloramento rochoso. Subitamente, percebi que estava repleto de animais maravilhosos: leões-marinhos, pinguins, pássaros. “Eu não sabia que todas estas coisas incríveis estavam aqui”, pensei.

Em outro sonho, olhei para o alto para ver um falcão cruzando os céus. Havia uma sensação nesse sonho que não consigo exprimir em palavras, como se o universo tremeluzisse e se abrisse para revelar um luminoso, subjacente padrão de coisas. O falcão aterrisou e transformou-se em uma mulher idosa. Senti que estava sob a sua proteção.

Voltei para a Costa Oeste (de carro, não de bicicleta) e mudei-me para San Francisco com minha amiga Nada, onde comecei a ler mãos e cartas de Tarô em uma série de feiras psíquicas e dedicando-me a outras formas de trabalhos temporários. Uma das agentes que conhecera em Nova York havia sugerido que eu tentasse a não-ficção. Ela alegava que era mais fácil publicá-la do que ficção.

Decidi que gostaria de escrever algo sobre mulheres, feminismo e espiritualidade, portanto comecei a pesquisar a história e as tradições da deusa. De início, nada colaborou, mas pouco tempo depois ela voltou-se para outros objetivos. Simultaneamente, comecei a dar aulas sobre rituais e habilidades afins e, delas, o *coven* de Compost foi formado. Como professora usava o nome de Starhawk (*star* = estrela, *hawk* = falcão), que tirei do meu sonho sobre o falcão e da carta da estrela do tarô, a qual representa o *self* profundo. E realmente comecei a praticar algumas das disciplinas em treinamento mágico que haviam sugerido a mim sete anos atrás.

A região da baía possuía uma bem-sucedida comunidade pagã e logo conheci pessoas de vários outros *covens* e tradições, incluindo do Victor e Cora Anderson, que me treinaram na tradição das fadas. As bruxas da região formavam o *coven* da Deusa, que funcionava como uma igreja legalmente reconhecida. Fui eleita primeira oficiante em 1976 e torne-me ativa como porta-voz da Arte.

Durante todo esse tempo, escrevia rascunho após rascunho de *A Dança Cósmica das Feiticeiras*, enviando propostas e amostras de capítulos, só recebendo em resposta a recusa. Um, do qual eu jamais me esquecerei, dizia: “Não creio que essa autora saiba o que está tentando dizer e duvido que tenha inteligência para dizê-lo, se o soubesse.” No outono de 1977, terminei todo o manuscrito do livro e, num ímpeto de entusiasmo, casei-me três meses depois. Este manuscrito, assim como as propostas anteriores, pulou de editor em editor por cerca de dois anos, não sendo digno do interesse de ninguém.

Eu ainda dava aulas, ainda escrevia, ainda estava envolvida com os meus *covens* e com a pequena, mas crescente, comunidade de pessoas interessadas no cerimonial e na religião da Deusa. Para atender às minhas necessidades financeiras, prestava serviços temporários como secretária ou escrevia para filmes técnicos. Mas esse foi, para dizer o mínimo, um período desalentador em minha vida. Eu havia me dedicado seriamente a escrever nos últimos cinco ou seis anos, sem nenhum sucesso, no que me diz respeito. Em desespero, inscrevi-me no programa de redação criativa da Universidade do Estado de San Francisco. Fui recusada.

(Estará você, leitor, em uma fase parecida? Boa sorte!)

Finalmente, minha sorte deu uma guinada. Carol Christ, co-editora de *Womanspirit Rising*, aceitou um artigo que eu havia escrito sobre Feitiçaria como religião da Deusa. Ela convidou-me para apresentá-lo a reunião anual da Academia Americana de Religião. Lá, apresentou-me a Marie Cantlon, sua editora na Harper & Row, San Francisco. Marie mostrou-se interessada em ver o meu livro e enviei-o para ela. Meses se passaram.

Então, finalmente, recebi a notícia que esperava: eles queriam publicar o livro. Sentei-me para revisar o manuscrito e escrevi a versão que você tem em mãos agora.

Os últimos dez anos foram de grandes mudanças, em minha própria vida, nas comunidades pagãs e da Arte e no mundo como um todo. O interesse em espiritualidade feminina, paganismo, religiões terranas e Feitiçaria cresceu enormemente. Ninguém cataloga bruxas ou mantém estatísticas oficiais sobre pagãos, mas alguma indicação desse crescimento pode ser notada na extensa bibliografia sobre a Deusa publicada desde 1979. Muitas e muitas pessoas têm participado de círculos e rituais. *A Dança Cósmica das Feiticeiras* vendeu mais de 100.000 exemplares e foi traduzido para o alemão e o dinamarquês. Tenho dado palestras e aulas em comunidades espalhadas por todos os Estados Unidos, Canadá e Europa. Publicações pagãs, boletins informativos e até quadros de avisos computadorizados abundam.

A espiritualidade feminista, o paganismo e a Feitiçaria sobrepõem-se mas não são comunidades idênticas. Muitas feministas exploram a sua espiritualidade no contexto do cristianismo ou do judaísmo e, nessas tradições, novas portas foram abertas às mulheres, apesar de que, obviamente, existam muitas batalhas a serem vencidas. Outros utilizam-se das tradições da Deusa de várias culturas ou preferem criar os seus próprios rituais sem se identificarem com qualquer tradição específica.

Pagãs e até mesmo bruxas podem ser ou não feministas. Muitas pessoas voltam-se para tradições espirituais ligadas à terra, para a celebração de ciclos sazonais e para o despertar de dimensões da consciência mais amplas, sem uma análise de interação de poder e sexo. Mas a Arte feminista também cresceu muito, incluindo muitos homens assim como mulheres que participam de várias arenas de batalhas sociais e políticas.

Minha própria vida tornou-se politicamente muito mais evidente nos últimos dez anos. *A Dança Cósmica das Feiticeiras* foi escrita durante a era Carter, um período político mais otimista, antes do retrocesso à direita dos anos Reagan. Muitos de nós, que havíamos sido politicamente ativos nos anos 60, sabíamos que, talvez, pudéssemos relaxar um pouco. É verdade, a sociedade ainda estava repleta de injustiças, a liberação das mulheres era um processo que recém-começara e não ocorrera nenhuma mudança significativa na organização social, mas talvez o caminho para essas mudanças precisasse passar pelo terreno interior e transformar o nosso imaginário cultural, como também nosso sistema econômico e a política interna. Talvez, na realidade, uma

profunda transformação na sociedade só poderia advir de uma transformação básica da cultura.

Eu percebia *A Dança Cósmica das Feiticeiras* como sendo um livro político, no sentido de que trazia à tona as hipóteses fundamentais sobre as quais os sistemas de dominação estavam baseados e ainda o vejo como tal. Mas, durante a última década, à medida que a distância entre os ricos e os pobres aumentava, enquanto nossos arsenais nucleares eram reconstruídos, os desabrigados começavam a morrer em nossas ruas e os desempregados engrossavam as filas para obter comida, os Estados Unidos entravam em guerras veladas e públicas na América Latina, o vírus da AIDS se disseminava enquanto os legisladores suprimiam as verbas para a educação e o tratamento, o meio ambiente deteriorava, a dívida nacional quadruplicava e o buraco na camada de ozônio crescia ameaçadoramente, um engajamento político mais ativo tornava-se necessário.

Um dos princípios essenciais da deialogia aqui apresentada é o de que a Terra é sagrada. Acreditando nisso, senti que era preciso agir para preservar e proteger a Terra. Portanto, nosso compromisso para com a Deusa levou-me, e a outros, em nossa comunidade, a participar de atos diretos não violentos para protestar contra o poder nuclear, para interferir na produção e testificação de armas nucleares, para se opor à interferência militar na América Central e para preservar o meio ambiente. Isso fez-me ir à Nicarágua e a um trabalho contínuo para estabelecer alianças com pessoas de cor e nativos cujas próprias religiões ligadas à Terra e a regiões tradicionais estão sendo ameaçadas ou destruídas. Saí de um casamento que falhara para viver coletivamente.

Muitas dessas lutas estão registradas nos meus últimos livros, *Dreaming the Dark* e *Truth or Dare*. Se estivesse escrevendo *A Dança Cósmica das Feiticeiras* hoje, talvez ele exibisse um enfoque político mais aberto. Mas, de certa maneira, estou satisfeita com o enfoque como ele se apresenta. A consciência política pode tornar-se uma tirania, no máximo porque nos prende às questões e perspectivas de um período específico. Quando, porém, estudamos questões sobre o sagrado, movemo-nos além do tempo. Para criar as mudanças na consciência, necessárias para transformar a sociedade em um nível profundo, precisamos de *insights* mais amplos do que aquelas que são fornecidas pelas questões do momento.

Ambas, a espiritualidade e a política, envolvem uma mudança de consciência. De fato, a definição de Dion Fortune sobre a magia como sendo “a arte de transformação da consciência pela vontade” poderia atender às duas. No entanto, existem diferenças. A ação política eficaz, de qualquer tipo, precisa oferecer direções e, pelo menos, propor respostas para problemas atuais. Mas a verdadeira espiritualidade deve, também, transportar-nos para além da vontade, para dentro dos domínios do ministério, do desprendimento, de ecoar perguntas ao invés de apregoar respostas. Portanto, estou feliz por ter escrito este livro em uma época em que eu tinha o luxo de pensar sobre os mistérios.

O ativismo político, não obstante, aumenta a nossa percepção de várias maneiras e comigo isso aconteceu, em especial, no que diz respeito a questões de compreensão e sensibilidade para com aqueles que são diferentes de mim. Durante os últimos dez anos, trabalhei para estabelecer associações entre mulheres de cor e mulheres brancas e trabalhei em grupos com mulheres e homens de variadas preferências sexuais, classes sociais e escolhas de vida. Aprendi que os pontos de vista oriundos de situações de vida diferenciadas são vitais para completar o nosso quadro sobre a realidade e o esforço para incluí-los, para retirar as nossas vendas e enxergar através dos olhos do outro, é tremendamente enriquecedor.

Portanto, a minha principal crítica sobre este trabalho está centrada nas questões sobre a visão de conjunto.

A visão de conjunto é especialmente importante quando consideramos os mistérios, as profundas interrogações sobre as nossas vidas. Pois essas dúvidas não têm o propósito de gerar dogma mas o de criar estímulos para jornadas. Quando perguntamos: “O que é a realidade?” não estamos buscando uma definição conclusiva,

mas, sim, declarando a nossa disposição de sermos levados para algum lugar além dos limites de nossas experiências prévias. Essa viagem, no entanto não será rica e variada, a menos que estejamos dispostos a abrir mão de entender a nossa própria experiência, as nossas respostas, estilos e *insights* como sendo uma definição global de realidade. Não é necessário negar a nossa experiência, mas é preciso reconhecer que ela é uma faceta da realidade e não o todo. Somente então podemos, realmente, receber as dádivas contidas em outras perspectivas. Se eu estivesse escrevendo *A Dança Cósmica das Feiticeiras* hoje, incluiria mais material de muitas raças, culturas e tradições, especialmente nas seções históricas.

Quando perguntamos: “O que é a feminilidade? O que é a masculinidade?”, estamos afirmando a nossa vontade de mudar de uma maneira que pode parecer assustadora, pois o nosso condicionamento para vivenciar o nosso sexo de modos culturalmente determinado sé profundo e, em um sentido primário, determina como nos vivenciaremos. Mas as bruxas têm um ditado: “Onde há medo, existe poder.” Ao nos abrirmos para essas questões, é possível encontrar aspectos de nós mesmos que liberem o poder interior de cada um de nós.

O movimento feminista estimulou a cultura como um todo a rever os conceitos de masculinidade. Em razão disso, as definições não são mais satisfatórias. Elas são opressivas para as mulheres e restringem os homens.

Nesse processo de transformação, a Deusa e os antigos deuses podem abrir portas em direção a novas dimensões de nossas próprias possibilidades, pois eles não somente são símbolos mas canais de poder. No entanto, é preciso que também estejamos dispostos a examinar como as nossas próprias interpretações foram moldadas pelas limitações de nossa visão. Esta talvez seja a mudança principal que eu faria neste livro e sobre a qual vários dos meus comentários estão baseados.

Quando, originariamente, escrevi este livro, eu via a feminilidade e a masculinidade como qualidades concretas, como líquidos que poderiam ser absorvidos. Eu acreditava, assim como Jung, que cada mulher tinha dentro de si um *self* masculino e, cada homem, um *self* feminino. Atualmente, acho estes conceitos inúteis e ilusórios.

Hoje, não utilizo os termos *energia feminina* ou *energia masculina*. Não identifico a feminilidade ou a masculinidade com conjuntos de qualidades ou predisposições específicas. Embora tivesse encontrado imagens da Deusa que me fortaleceram enquanto mulher, não mais busco deusas ou deuses para definir para mim aquilo que a mulher ou o homem deve ser. Em relação a isso, qualquer qualidade que foi especificada para um sexo divino pode ser, em outros lugares, encontrada em seu oposto. Se afirmamos, por exemplo: “A energia masculina é agressiva”, eu facilmente posso encontrar cinco deusas agressivas sem fazer muito esforço. Se dizemos “A energia feminina é criativa”, também podemos achar deuses masculinos que são criativos.

A tendência moderna em perceber os mitos e deidades como modelos de atuação pode ser uma noção indevida do poder dessas imagens, nascida de nosso desespero em não sabermos como fazer parte do universo e da cultura na qual nos encontramos. Buscamos permissão para ser mais do que aquilo e a sociedade afirma que somos. Mas as deusas e os deuses não são figuras para imitarmos; assemelham-se mais a cabos de vassoura: seguremo-nos firmemente e eles nos levarão a algum lugar além dos limites de nossas vidas comuns.

Por que existem dois sexos? Pela mesma razão que cortamos as cartas de um baralho antes de as embaralharmos. A reprodução sexual é um método elegante de garantir máxima diversidade biológica. No entanto, não despreveria a qualidade essencial do fluxo de energia erótica que sustenta o universo como sendo uma polaridade feminino/masculino. Fazê-lo significa determinar os relacionamentos humanos heterossexuais como o padrão básico de todos os seres, relegando outros tipos de atração e desejo à condição de desviantes. Esta descrição não somente torna invisíveis as realidades de homossexuais e bissexuais; ela também isola todos nós, independentemente de nossas preferências sexuais, da intricada dança de energia e

atração que podemos sentir em relação às árvores, flores, pedras, o mar, um bom livro ou uma pintura, um soneto ou uma sonata, um amigo íntimo ou uma estrela distante. Pois a energia erótica inerentemente gera e celebra a diversidade. E a religião da Deusa, em seu âmago, é precisamente a dança erótica da vida atuando através da natureza e da cultura.

Em um mundo no qual o poder e o *status* são concedidos de acordo com o sexo, inevitavelmente nos identificamos com o nosso sexo de maneira primária. Em um mundo onde a preferência sexual é uma premissa para privilégios ou opressão, inevitavelmente nos identificamos com a nossa orientação sexual. Mas, considerar uma forma específica de união sexual como o modelo para o todo é uma limitação injusta para nós mesmos. Se pudéssemos, ao contrário, tomar o todo como o modelo para a parte, então quem ou o quê escolhêssemos amar, mesmo que estejamos sós, todos os nossos atos de amor e de prazer refletiriam a união da folha e do sol, da dança cíclica das galáxias ou do lento desabrochar do broto em fruto.

A *Dança Cósmica das Feiticeiras* foi escrito antes que a epidemia da AIDS viesse à tona. É mais difícil hoje, mas talvez ainda mais necessário, afirmar a qualidade sagrada do erótico. Declarar que algo é sagrado é dizer que é uma coisa que valorizamos profundamente. E a AIDS, que é uma doença do sistema imunológico, transmitida de várias maneiras, somente algumas das quais sexuais, tem sido uma desculpa para o ataque ao erótico, especialmente as formas que não são sancionadas pela sociedade. Por medo, tanto da doença como do estigma vinculado a ela, eliminamos opções para nós mesmo e os outros.

Se a sociedade valorizasse o erótico como sendo sagrado, a pesquisa sobre a AIDS seria uma prioridade máxima, assim como a pesquisa relativa a formas seguras de controle da natalidade. Apoio seria dado àqueles que vivem com a AIDS sem que o troco viesse sob a forma de humilhação e culpa.

A AIDS pode nos ensinar muito. Por nos confrontar com a morte, um dos grandes mistérios, ela nos desafia a reagir com coragem, carinho e compaixão. Por causa da AIDS devemos falar aberta, honesta e publicamente sobre a sexualidade. E, como uma das muitas doenças do sistema imunológico que estão surgindo agora, serve como um aviso de que o sistema imunológico da terra está sob o ataque de toxinas e da poluição. A AIDS, portanto, nos desafia em vários níveis para que nos tornemos guardiões da nossa saúde, de nossas comunidades e da terra.

Outro desafio de cura que a comunidade pagã começou a enfrentar na última década é o confronto com nossos vícios. Muitos pagãos estão envolvidos com os Programas dos Doze Passos, como o dos Alcoólatras Anônimos, e descobriram que a abordagem espiritual para a recuperação de alguém pode aprofundar a prática da Arte. A Deusa pode ser um Poder Supremo ou, talvez, possamos dizer um Poder Mais Profundo. A linguagem dos Doze Passos e as formas tradicionais de reuniões talvez não funcionem sempre para os pagãos, mas os seus *insights* são extremamente valiosos para qualquer um que esteja lutando contra vícios ou dependências e podem ser adaptadas para atender às nossas necessidades.

A percepção destas questões está refletida em uma das muitas mudanças que efetuei nesta edição, a substituição do vinho por outras bebidas em rituais e a mudança daquilo a que chamávamos de Banquete dos Bolos e Vinho para Festim. Fiz isso não por acreditar que alguém jamais deva beber mas, porque, deste modo, o ritual pode tornar-se um espaço seguro para aqueles que estão lutando para se recuperar de vícios. Aqueles que o desejarem, ainda podem beber vinho, mas como reconhecemos que, para algumas pessoas no círculo, isso pode vir a ser destrutivo, ele não é mais tolerado no cálice do ritual.

Outra importante mudança foi a eliminação dos termos *Suprema Sacerdotisa* e *Supremo Sacerdote*. Atualmente não funcionamos hierarquicamente. Qualquer participante pode desempenhar os papéis antes destinados ao “líderes”. Agora, que temos um grupo central de oficiantes de rituais altamente experientes, o poder, a

inspiração e o reconhecimento podem ser compartilhados com igualdade. (O que não significa que sempre alcançamos este objetivo, mas a ele aspiramos.)

Os três princípios essenciais da religião da Deusa são a imanência, a ligação e a comunidade. Imanência significa que a Deusa, os deuses, estão corporificados, que cada um de nós é uma manifestação do ser vivo da terra, que a natureza, a cultura e a vida em toda a sua diversidade são sagrados. A imanência nos estimula a viver a nossa espiritualidade aqui na terra, a viver com integridade e responsabilidade.

A ligação é a compreensão de que todos os seres inter-relacionam-se, que vivemos em conexão com todos os cosmos como parte de um organismo vivo. O que afeta a um de nós afeta a todos. A derrubada das florestas tropicais perturba os nossos padrões climáticos e destrói as aves canoras do norte. O mesmo acontece em relação à tortura de um prisioneiro em El Salvador ou o choro de uma criança desabrigada no centro de San Francisco, que afetam a nossa felicidade. Portanto, a ligação exige de nós compaixão, a capacidade de sentir com os outros tão intensamente que a nossa paixão por justiça é despertada.

A religião da Deusa é vivida em comunidade. Seu enfoque básico não é a salvação individual ou a iluminação e o enriquecimento, mas o crescimento e a transformação que nasce das interações íntimas e das batalhas comuns. A comunidade não inclui somente as pessoas mas também os animais, as plantas, o solo, o ar, a água e os sistemas de energia que mantêm as nossas vidas. A comunidade é pessoal – amigos íntimos, parentes e amantes, aqueles a quem consideramos. Mas em uma época de comunicações globais, catástrofes e violência em potencial, a comunidade também deve ser percebida como incluindo toda a terra.

A saúde da Terra entrou em alarmante declínio nos últimos dez anos, e a próxima década pode vir a assistir uma guinada irreversível, em direção à destruição ou à regeneração. Estamos começando a colher os resultados da exploração e da insensibilidade ambientais. A camada de ozônio está se esgotando. Vemos as florestas tropicais, os pulmões da Terra, sendo destruídas em ritmo assustador. Por toda a parte encontramos o desmatamento e o envenenamento dos rios, lagos, cascatas e oceanos. Todos os dias novas espécies tornam-se extintas. As terras sagradas de povos nativos estão sendo exploradas em busca de minérios ou utilizadas como sítios para bases militares e testes nucleares. Se percebêssemos a terra como a extensão do nosso corpo, talvez cuidássemos dela melhor. Ou então, visto que muitos de nós abusamos e causamos danos aos nossos próprios corpos, talvez fosse necessário um Programa dos Doze Passos global para contrabalançar o nosso vício coletivo da destruição ecológica.

Os problemas são incrivelmente nítidos mas, para solucioná-los, é preciso tanto ferramentas quanto visão. Encaro este livro como uma caixa de ferramentas para os visionários, contendo vários processos estimulatórios da imaginação coletiva, desenvolvendo rituais, comunidades de apoio, espaços para poder criar e desempenhar algo de novo.

Basicamente, a re-emergência da religião da Deusa é uma tentativa consciente para reformular a cultura. No passado, a cultura foi transformada por meio da força. As perseguições às bruxas, nos séculos XVI e XVII, são um bom exemplo. Elas podem ser vistas como uma lavagem cerebral em massa, uma conversão através do terror à ideia de que o poder das mulheres – e de qualquer poder que não fosse aprovado pelas autoridades – é perigoso, imundo e pecaminoso.

Mas *nós* não podemos reformar a consciência utilizando a violência e imposição através do medo, pois, ao fazê-lo, estaríamos reforçando aquilo que estamos tentando mudar. Devemos produzir mudanças através da não-violência, física e espiritual. Estamos sendo chamados a dar um salto radical de fé, de acreditar que as pessoas, dada a abertura para vislumbrar novas possibilidades, com instrumentos e visões, criarão um futuro vivificante.

Visto que a predição é uma parte tradicional da Arte, decidi consultar o Tarô para uma indicação sobre o que deveria esperar nos próximos dez anos. A carta que surgiu foi a da sacerdotisa, a Deusa da Lua assentada entre os pilares da dualidade, tomando

conta do véu dos mistérios. Considero isso como uma indicação de que, na próxima década, nos aprofundaremos na magia e no mistério, em explorações do espírito e em formas de conhecimento que ultrapassam o racional. Mas, visto que os mistérios da religião da terra não se separam deste mundo e desta vida, esse conhecimento mais profundo deve conduzir-nos a um trabalho ativo de mudanças.

A renovação da religião da Deusa e de outras tradições espirituais ligadas à terra continuará a crescer na próxima década. À medida que a comunidade cresce, nossa espiritualidade torna-se mais presente em todos os aspectos de nossas vidas. Uma vez que mais crianças nascem e são criadas na tradição da Deusa, desenvolveremos mais materiais para elas e mais rituais enraizados nos ciclos e transições da vida. E, é claro, a Deusa da Inspiração continuamente nos estimula a criar música, arte, teatro e dança, assim como atos criativos para resistir à destruição da terra e de seus povos e a manifestar as nossas visões a respeito de como poderia vir a ser.

Existe, também, a possibilidade de que experimentaremos mais repressão ao ficarmos em mais evidência. Mas nunca devemos permitir que o medo nos silencie – ou é melhor que desempenhemos o papel do opressor. Pessoalmente, ao tornar-me uma figura mais pública e visível, certas vezes senti reações negativas mas estas foram, de longe, superadas pelo apoio positivo.

O tempo em que vivemos é, ao mesmo tempo, excitante e alarmante. A próxima década assistirá a decisões cruciais que serão tomadas a respeito do futuro do meio ambiente, da estrutura social e da salubridade do mundo que deixaremos para as gerações vindouras. Com coragem, visão, humor e criatividade, podemos fazer uso de nossa magia, de nossa capacidade em mudar a nossa consciência, nossa visão do mundo e os nossos valores a fim de restaurar a teia viva da interligação de todas as formas viventes como medida através da qual todas as escolhas serão julgadas.

Com exceção de poucos casos, não alterei o texto original deste livro. Pelo contrário, adicionei alguns comentários, que se encontram ao final do livro, relacionados de acordo com a numeração das páginas e frases no texto. Por todo o texto, asteriscos marcam seções onde novos comentários surgem, começando à página 189. Sugiro que você leia cada capítulo primeiro e, então, dê uma olhada nas observações e descubra se algo mudou no meu pensamento. Obviamente, alguns de vocês preferirão ler as observações primeiro, e a seguir, os capítulos. E, se o material lhe for familiar, devido à primeira edição, ler os comentários propiciará uma visão do meu pensamento atual.

Em algumas partes apresentei novas versões de antigos mitos ou novas interpretações do material. Você é livre, claro, para escolher a versão nova ou velha e utilizá-la como base para os seus próprios rituais e meditações. Em geral, todo o material apresentado neste livro foi organizado de tal maneira que você possa, à sua maneira, escolhê-lo e adotá-lo, adaptando-o e modificando-o, se necessário, a fim de atender às suas inclinações e circunstâncias, acrescentando-o ao que funciona e, quando não, descartando-o. Considero este livro como um instrumento, não um dogma.

Eu mesma tenho utilizado esses recursos por muitos anos e descobri que são úteis à minha vida e à comunidade. Evidentemente, como você poderá notar, ocorreram mudanças. Outros instrumentos continuam a ser desenvolvidos. Pois uma tradição viva não é estática ou fixa. Ela muda e responde às necessidades e aos tempos que mudam.

Há vinte anos eu tive uma visão da Deusa, apesar de, à época, não saber de que se tratava. Desde então, tornei-me sua seguidora. E não me arrependo. A Deusa continuamente nos propõe desafios, mas, sabendo que ela está dentro de nós, assim como ao nosso redor, encontramos força para enfrentá-los, transformando o medo em poder interior, criando comunidades nas quais podemos crescer, lutar e mudar; chorar as nossas perdas e celebrar os nossos progressos, gerar atos de amor e prazer que são os rituais. Ela não se encontra adormecida e sim presente e renascendo, estendendo suas mãos para tocar-nos novamente. Quando a buscamos, revela-se a nós, nas pedras e no solo sob os nossos pés, nas cachoeiras espumantes e nas lagoas

cristalinas da imaginação, mas lágrimas e no riso, no êxtase e na tristeza, na coragem e na batalha comum, no vento e no fogo. Uma vez que nos permitimos mirar em seus olhos abertos, não mais podemos perde-la de vista. Ela nos fita no espelho e seus passos ecoam cada vez que colocamos os pés ao chão. Tente fugir e ela lhe trará de volta. Você não pode ludibriá-la – ela está em toda parte.

Portanto, não é por acaso que este é o momento na história em que ela ressurge e estende as mãos. Por maiores que sejam os poderes da destruição, maiores, ainda, são os poderes curativos. Chame-a de Fortitude, pois ela é o círculo do renascimento, morte e regeneração. A nós como células de seu corpo, se atendermos ao que há de mais íntimo em nossos corações, não só podemos ajudar como servir aos ciclos de renovação. Possam nossos sonhos e visões guiar-nos e encontremos forças para concretizá-los.

1 *Feitiçaria Como Religião da Deusa*



Entre os Mundos

É lua cheia. Encontramo-nos no topo de uma colina que se estende sobre a baía. Abaixo de nós, as luzes estão disseminadas como em um vale de joias brilhantes e arranha-céus distantes varam a neblina como os pináculos das torres dos contos de fadas. A noite é encantada.

As nossas velas foram apagadas e o altar improvisado não consegue manter-se de pé por causa da força do vento, que sibila por entre os galhos de eucaliptos longilíneos. Erguemos os braços e deixamos que ele sopra contra as nossas faces. Estamos muito felizes, cabelos e olhos frementes. As ferramentas não são importantes; temos tudo aquilo que é necessário para fazer mágica: nossos corpos, nossa respiração, nossas vozes, um ao outro.

O círculo foi formado. As invocações têm início:

Umente, volante e prenante lua,
Que brilha para todos.
Que flui através de todos...
Aradia, Diana, Cibele, Mah...

Navegante do infinito,
Guardião do portal,
Radiância morrente e vivente
Dioniso, Osíris, Pã, Artur, Hu...

A lua clareia o topo das árvores e brilha sobre o círculo. Aconchegamo-nos para nos aquecer. Uma mulher dirige-se ao centro do círculo. Começamos a cantar seu nome:

- Diana...*
- Diii-a-na...*
- Aaaaah...*

O Canto ascende em espirais crescentes. AS vozes fundem-se numa infinda, modulada harmonia. O círculo é envolto em um cone de luz.

Então, no mesmo instante, silêncio.

- Você é deusa – falamos para Diane e a beijamos enquanto ela passa para o círculo externo. Ela sorri.

Ela tem em mente quem ela é.

Um por um, cada um de nós alcançará o centro do círculo. Ouviremos os nossos nomes serem cantados, sentindo o cone elevando-se ao nosso redor. Receberemos a dádiva e guardaremos em mente que:

“Eu sou deusa. Você é deus, deusa. Tudo aquilo que vive, respira, ama, canta na infinita harmonia de ser é divino.”

No círculo, daremos as mãos e dançaremos sob a lua.

“Não acreditar em feitiçaria é a maior de todas as heresias.”

Malleus Maleficarum (1486)*

Em toda lua cheia, rituais como o acima descrito acontecem no topo de colinas, praias, campos abertos e em casas comuns. Escritores, professores, enfermeiros, programadores de sistemas, artistas, advogados, poetas, bombeiros e mecânicos de automóveis – mulheres e homens de várias formações unem-se para celebrar os mistérios da Deusa Tripla do nascimento, do amor e da morte e o seu Consorte, o Caçador, que é o Senhor da Dança da Vida. A religião que praticam chama-se *Feitiçaria*.*

Feitiçaria é uma palavra que assusta a muitas pessoas e confunde outras. No imaginário popular, as bruxas são feitiçadeiras velhas e feias voando em cabos de vassouras ou satanistas terríveis integrantes de um culto maluco, basicamente preocupadas em amaldiçoar os seus inimigos através da perfuração de imagens de cera com alfinetes e carentes da profundidade, da dignidade e seriedade de propósitos de uma verdadeira religião.

Mas a Feitiçaria é uma religião, talvez a mais antiga religião existente no Ocidente. Suas origens são anteriores ao cristianismo, judaísmo e ao Islã; até mesmo ao budismo e ao hinduísmo e é muito diferente de todas as supostas grandes religiões. A Antiga Religião, como a denominamos, está em essência mais próxima às tradições nativas americanas ou ao xamanismo do Ártico. Ela não se baseia em dogmas ou em um conjunto de crenças, nem tampouco em escrituras ou num livro sagrado revelado por um grande homem. A Feitiçaria retira os seus ensinamentos da natureza e inspira-se no lento crescimento das árvores e nos ciclos das estações.*

De acordo com as nossas lendas, a Feitiçaria nasceu há mais de 35 mil anos, quando a temperatura da Europa começou a cair de grandes lençóis de gelo lentamente avançaram rumo ao sul em seu último movimento. Através da fecunda tundra, prolífica em vida animal, pequenos grupos de caçadores seguiam as renas lépidas e imprevisíveis bisões. Eles estavam armados, somente, com as mais primitivas das armas, mas alguns entre os clãs eram especialmente dotados, “convocavam” as

* Publicado no Brasil pela Editora Rosa dos Tempos com o título de *O Martelo das Feitiçadeiras*. (N. da T.)

* Em todo o texto, asteriscos marcam as seções onde novos comentários foram elaborados, tendo início na página 189.

manadas até um penhasco ou uma armadilha, onde alguns dos animais, sacrificando-se voluntariamente, deixavam-se capturar. Estes xamãs dotados entravam em harmonia com os espíritos dos rebanhos e, ao fazê-lo, percebiam o remoinho para dentro e para fora do ser. Eles não exprimiam essa intuição intelectualmente, mas por imagens: a Deusa Mãe, aquela que dava à luz, que trazia para a existência toda a vida, e o Deus Galhudo, caçador e caçado, que eternamente cruza os portais da morte para que uma nova vida possa desabrochar.

Os xamãs vestiam-se com peles e chifres em identificação com o Deus e as manadas; as sacerdotisas atuavam nuas, incorporando a fertilidade da Deusa.¹ A vida e a morte eram um fluxo contínuo; os mortos eram enterrados como se estivessem adormecidos em um útero, cercados por suas ferramentas e ornamentos a fim de que pudessem despertar para uma nova vida.² Nas cavernas dos Alpes, crânios de grandes ursos eram fixados em nichos, onde liam os oráculos para guiar os clãs na caça.³ Em lagoas nas planícies, renas suas barrigas cheias de pedras que encarnavam os espíritos dos cervos – eram imersas nas águas do útero da Mãe a fim de que as vítimas da caçada renascessem.⁴

No Oriente – Sibéria e Ucrânia – a deusa era a Senhora dos Mamutes; ela foi esculpida em pedra com grandes curvas sinuosas que representam os seus dons de abundância.⁵ No Ocidente, nos templos das grandes grutas do sul da França e da Espanha, os seus ritos eram realizados dentro dos úteros secretos da Terra, onde as grandes forças antagônicas eram pintadas sob a forma de bisões e cavalos, superpostos, emergindo das paredes da caverna como espíritos em um sonho.⁵

A dança espiral também era vista do céu: na lua, que mensalmente morre e renasce; no sol, cuja luz traz o calor do verão e, quando esta se vai, o frio do inverno. Registros da passagem da lua eram marcados em ossos⁷ e a deusa era mostrada a segurar o chifre do bisão, que também é a lua crescente.⁸

O gelo recuou. Alguns clãs acompanharam o bisão e a rena até o norte. Alguns cruzaram a passagem terrestre do Alasca e chegaram às Américas. Os que permaneceram na Europa dedicaram-se à pesca e à coleta de plantas silvestres e moluscos. Cães vigiavam os acampamentos e os novos instrumentos foram aperfeiçoados. Aqueles que possuíam poder interior aprenderam que este aumentava quando as pessoas trabalhavam juntas. À medida que os povoados isolados transformaram-se em vilas, xamãs e sacerdotisas uniram as suas forças e compartilharam os seus conhecimentos. Os primeiros *covens* foram organizados. Profundamente sintonizados com a vida animal e vegetal, domesticaram a região onde anteriormente haviam praticado a caça, criaram carneiros, cabras, gado e porcos, a partir de seus primos selvagens. As sementes não eram somente coletadas; elas eram plantadas, para crescerem no local do assentamento. O Caçador tornou-se o Senhor dos Grãos, sacrificados quando da colheita no outono, enterrados no útero da Deusa para renascer na primavera. A Senhora das Coisas Selvagens tornou-se a Mãe da Cevada e os ciclos da lua e do sol determinavam as épocas para semear e colher e soltar os animais no pasto.

As vilas transformaram-se nas primeiras cidades. A Deusa foi pintada nas paredes calcinadas dos santuários, dando à luz a Criança Divina – seu consorte, filho e semente.⁹ O progresso do comércio trouxe os mistérios da África e da Ásia ocidental.

Nas terras onde reinara o gelo, uma nova energia foi descoberta, uma força que corre como as nascentes de água através da terra.

Sacerdotisas descalças traçaram as linhas “retas” sobre a grama nova.* Descobriu-se que certas pedras aumentavam o fluxo de energia. Eram colocadas em pontos adequados em grandes fileiras e círculos que marcavam os ciclos do tempo. O ano tornou-se uma grande roda dividida em oito partes: os solstícios e equinócios e, nos quadrantes entre estes, os dias onde grandes festas aconteciam e fogueiras eram acesas. A cada ritual, a cada raio de sol e da lua que atingiam as pedras nos períodos de energia, a força aumentava. Elas se tornaram grandes reservatórios de energia sutil, portais entre os mundos do visível e invisível. No interior dos círculos, ao lado dos rnenires e dólmenes e galerias escavadas, as sacerdotisas penetravam nos segredos do tempo e na estrutura oculta do cosmo. A matemática, a astronomia, a poesia, a música, a medicina e a compreensão do funcionamento da mente humana desenvolveram-se paralelamente aos saberes dos mistérios profundos.¹⁰

Posteriormente, surgiram culturas que se dedicaram à arte de guerrear. Ondas sucessivas de invasões indo-européias tomaram conta da Europa da Idade do Bronze em diante. Deuses guerreiros expulsaram os povos da Deusa, das planícies férteis e dos seus belos templos, para as colinas e montanhas altas onde ficaram conhecidos como Sides, Pictos ou Duendes, ou Fadas.¹¹ O ciclo mitológico da Deusa e seu Consorte, Mãe e Criança Divina, que havia prevalecido durante 30 mil anos, foi alterado para adequar-se aos valores dos patriarcados vitoriosos. Na Grécia, a deusa, em suas variadas aparências, “casou-se” com os novos deuses, resultando no Panteão Olímpico. Nas Ilhas Britânicas, os celtas vencedores adotaram vários aspectos da Antiga Religião, incorporando-os aos mistérios druidas.

As Fadas, criando gado nas colinas rochosas e vivendo em cabanas redondas cobertas por turfas, preservaram a Antiga Religião. As mães dos clãs, chamadas de “Rainha de Elfame”, que significa terra dos elfos, conduziam os *covens* junto com o sacerdote, o Rei Sagrado, o qual personificava o Deus Moribundo e era submetido à ritualização de uma morte simulada ao final do seu mandato. Celebravam os oito festins da Roda com animadas procissões a cavalo, canções, cânticos e com o acender dos fogos rituais. Os povos invasores muitas vezes participavam; havia misturas e casamentos e muitas famílias rurais afirmavam ter “sangue de Fadas”. As Escolas de Druidas e as Escolas Poéticas da Irlanda e do País de Gales preservaram vários dos antigos mistérios.

O cristianismo, em seus primórdios, trouxe poucas mudanças. Os camponeses viam na história de Cristo somente uma versão nova de suas próprias lendas antigas sobre a Deusa Mãe e sua Criança Divina, que é sacrificada e nasce novamente. Sacerdotes rurais, com frequência, comandavam a dança nas assembleias ou grandes festivais.¹² Os *covens*, que guardam o conhecimento das forças sutis, eram clamados de *Wicca* ou *Wicce*, da palavra de raiz anglo-saxã, significando “curar ou moldar”. Eram aqueles que podiam moldar o invisível de acordo com suas vontades. Curandeiros, professores, poetas e parteiras eram figuras centrais em todas as comunidades.

A perseguição começou lentamente. Os séculos XII e XIII assistiram ao renascimento de aspectos da Antiga Religião através dos trovadores, que escreviam poemas de amor para a Deusa sob o disfarce de damas da nobreza da época. Catedrais magníficas foram construídas em homenagem a Maria, que havia incorporado vários aspectos da antiga Deusa. A Feitiçaria foi declarada como um ato de heresia e, em 1324, um *coven* irlandês liderado por *Dame Alice Kyteler* foi levado a julgamento pelo bispo de Ossory por veneração a um deus não-cristão. *Dame Kyteler* salvou-se em virtude de sua condição social, mas os seus seguidores foram queimados.

Guerras, cruzadas, pragas e revoltas camponesas assolaram a Europa nos séculos que se seguiram. Joana D'Arc, a "Donzela de Orleans", conduziu para a vitória os exércitos da França, mas foi queimada como uma bruxa pelos ingleses. Donzela é um termo de muito respeito em Feitiçaria e foi sugerido que os camponeses franceses amavam tanto Joana D'Arc por ser ela, na verdade, uma líder da Antiga Religião.¹³ A estabilidade da Igreja havia sido abalada e o sistema feudal começara a ruir. O universo cristão foi tomado por movimentos messiânicos e revoltas religiosas e a Igreja não podia mais tolerar com tranquilidade os seus rivais.

Em 1484, a bula papal de Inocêncio VIII liberou o poder da Inquisição contra a Antiga Religião. Com a publicação do *Malleus Maleficarum** dos dominicanos Kramer e Sprenger, em 1486, o terreno encontrava-se preparado para um reinado de terror que manteria a Europa em suas garras até a metade do século XVII. A perseguição era direcionada mais intensamente contra as mulheres: de um número estimado em nove milhões de bruxos que foram mortos,* 80% eram mulheres, incluindo crianças e moças, as quais, acreditava-se, haviam herdado o "mal" de suas mães. O asceticismo do cristianismo primitivo, que negava o universo carnal, havia degenerado, em algumas alas da Igreja, em ódio àqueles que traziam esta sensualidade consigo. A misoginia, o ódio às mulheres, transformou-se em forte elemento no cristianismo medieval. As mulheres, que menstruam e dão à luz, eram identificadas com a sexualidade e, conseqüentemente, com o maléfico. "Toda a bruxaria advém da luxúria carnal, a qual nas mulheres é insaciável", afirmava o *Malleus Maleficarum*.

O terror era indescritível. Uma vez denunciada por qualquer pessoa, desde um vizinho maldoso até uma criança agitada, a bruxa sob suspeita era repentinamente presa, sem aviso prévio e não lhe era permitido que voltasse para casa. Ela[†] era considerada culpada até que fosse provada a sua inocência. A prática comum era desnudar a vítima, raspar-lhe os pêlos completamente na esperança de encontrar as "marcas" do diabo, as quais poderiam ser verrugas ou sardas. Com frequência, a acusada era espetada, em todo o seu corpo, com agulhas compridas e afiadas; acreditava-se que os pontos em que o Diabo houvesse tocado fossem indolores. Na Inglaterra, a "tortura legal" não era permitida, mas os suspeitos eram privados de sono e submetidos a lenta inanição antes de serem enforcados. No continente, toda atrocidade imaginável era praticada – a roda, os apertadores de polegares, "botas" que quebravam os ossos das pernas, surras terríveis – a lista completa dos horrores da Inquisição. Os acusados eram torturados até que assinassem confissões preparadas pelos inquisidores, até que admitissem as suas ligações com Satã e as práticas obscuras e obscenas, as quais nunca fizeram parte da verdadeira Feitiçaria. Ainda mais cruel, eram torturados até que dessem os nomes de outras pessoas, até que a cota de treze de um *coven* estivesse completa. Com a confissão obtinha-se uma morte mais misericordiosa: o estrangulamento antes da fogueira. Suspeitos recalcitrantes, que sustentavam a sua inocência, eram queimados vivos.

Caçadores de bruxas e informantes eram pagos por condenações e muitos consideravam esta uma carreira lucrativa. A instituição médica masculina, em ascensão, acolheu com prazer a chance – Em geral as bruxas são mulheres. A opção pelo gênero pretende incluir os homens e não excluí-los – de eliminar as parteiras e os herbanários dos vilarejos, seus principais concorrentes econômicos. Para outros, os julgamentos de

[†] Em geral, as bruxas são mulheres. A opção pelo gênero pretende incluir os homens e não excluí-los.

Feiticeiras davam-lhes a oportunidade de se verem livres de "mulheres petulantes" e vizinhos indesejados. As Feiticeiras afirmam que poucos daqueles que foram julgados à época das fogueiras, na realidade, pertenciam a *covens* ou eram membros da Arte. As vítimas eram pessoas idosas e senis, mentalmente perturbadas, mulheres cuja aparência era desagradável ou sofriam de alguma deficiência física, beldades locais que machucaram os egos errados por terem rejeitado suas investidas ou que haviam despertado ardente desejo em um padre celibatário ou num homem casado. Homossexuais e livres-pensadores também eram apanhados nessa mesma rede. Às vezes, centenas de vítimas eram mortas em um só dia. No bispado de Trier, na Alemanha, duas aldeias permaneceram com somente uma mulher cada, após os julgamentos de 1585.

As bruxas e fadas que podiam escaparam para terras longe do alcance da Inquisição. Algumas, talvez, tenham vindo para a América. É possível que um verdadeiro *coven* estivesse se reunindo no bosque de Salem antes dos julgamentos, o que, de fato, marcou o fim da perseguição ativa neste país. Alguns eruditos acreditam que a família de Samuel e John Quincy Adams fazia parte do culto megalítico do "dragão", o qual mantinha viva a sabedoria do poder dos círculos de pedras.¹⁴ Certamente, o espírito independente da Feitiçaria é muito afim a vários dos ideais dos Pioneiros, como, por exemplo, liberdade de expressão e culto, governo descentralizado e os direitos do indivíduo em lugar do direito divino dos reis.

Esse período foi também a época em que o comércio de escravos africanos tinha alcançado o seu auge e a conquista das Américas ocorrera. As mesmas acusações levantadas contra as bruxas acusações de barbaridades e veneração ao diabo – foram utilizadas para justificar o aprisionamento dos africanos (supostamente trazidos ao Novo Mundo para serem cristianizados) e a destruição das culturas e o genocídio em massa dos nativos americanos. As religiões africanas abrigaram-se sob o manto protetor da nomenclatura católica, denominando os seus orixás de santos, e sobreviveram como as tradições da macumba, *santería*, *lucumi* e vodu, religiões que foram tão injustamente hostilizadas quanto a Arte.

A tradição oral nos conta que alguns pagãos europeus, trazidos para este país, como empregados contratados ou trabalhadores escravizados, fugiram para se juntarem aos índios, cujas tradições eram parecidas, em espírito, com as suas. Em algumas regiões, como o sul dos Estados Unidos, elementos negros, pagãos brancos e índios americanos agruparam-se.

Na América, assim como na Europa, a Arte trabalhou ocultamente e tornou-se a mais secreta das religiões. As tradições eram passadas somente para aqueles que eram totalmente confiáveis, geralmente membros de uma mesma família. Comunicações entre os *covens* foram rompidas; eles não podiam mais se encontrar nos grandes festivais a fim de partilhar conhecimentos e trocar resultados de feitiços ou rituais. Partes da tradição foram perdidas ou caíram no esquecimento. No entanto, de alguma maneira, em segredo, silenciosamente, sob as brasas incandescentes, por trás dos postigos, codificada como contos de fadas ou canções folclóricas, ou escondida nas memórias subconscientes, a semente foi passada.

Após o término das perseguições, no século XVIII, veio a era da descrença. A lembrança da verdadeira Arte havia esmaecido; os hediondos estereótipos que permaneceram pareciam ridículos, risíveis ou trágicos. Somente neste século as feiticeiras foram capazes de "sair do quarto de despejo", por assim dizer, e agir contra a imagem do mal com a verdade. A palavra "bruxa" possui tantas conotações negativas

que várias pessoas perguntam por que a usamos. No entanto, recuperar a palavra "bruxa" é recuperar o nosso direito, como mulheres, de sermos poderosas; como homens, de conhecer o feminino presente no divino. Ser uma bruxa é estar identificada com nove milhões de vítimas do fanatismo e do ódio e de sermos responsáveis por moldar um mundo no qual o preconceito não faça mais vítimas. Um bruxo é um "moldador", um criador que dá forma ao invisível e, portanto, torna-se um dos sábios, cuja vida está impregnada de magia.

A bruxaria sempre foi uma religião de poesia, não de teologia. Os mitos, as lendas e os ensinamentos são compreendidos como metáforas d' "Aquilo-Que-Não-Pode-Ser-Dito", a realidade absoluta que as nossas mentes limitadas jamais conseguem apreender completamente. Os mistérios do absoluto nunca podem ser explicados, somente sentidos ou intuídos. Ato simbólicos ou rituais são utilizados para desencadear estados alterados da percepção, nos quais são revelados *insights* que vão além das palavras. Quando falamos "dos segredos que não podem ser ditos", não estamos querendo dizer, meramente, que regras nos impedem de nos expressarmos livremente. Queremos dizer que a sabedoria interior, literalmente, não pode ser expressa em palavras. Ela só pode ser transmitida através da experiência e ninguém pode determinar que *insight* outra pessoa poderá vir a ter de qualquer que seja a experiência. Por exemplo, após o ritual descrito na abertura deste capítulo, uma mulher disse: "Enquanto cantávamos, senti que nos uníamos e formávamos uma só voz; percebi uma unidade entre todos." Outra mulher afirmou: "Fiquei ciente de como o cântico soava diferente para cada um de nós, de como cada pessoa é única." Um homem declarou simplesmente: "Eu me senti amado." Para um bruxo, todas estas declarações são igualmente verdadeiras e válidas. Elas não são mais contraditórias do que afirmações do tipo "os seus olhos são brilhantes como estrelas" e "os seus olhos são azuis como o mar".

O símbolo principal para "Aquilo-Que-Não-Pode-Ser-Dito" é a Deusa. A Deusa possui infinitos aspectos e milhares de nomes. Ela é a realidade por trás de várias metáforas. Ela é a realidade, a deidade manifesta, onipresente em toda a vida, em cada um de nós. A Deusa não é distinta do mundo. Ela é o mundo e todas as coisas nele: lua, sol, terra, estrela, pedra, semente, rio, vento, onda, folha e ramo, broto e flor, dentes e garras, mulher e homem. Em Feitiçaria, a carne e o espírito são uma só coisa.

Como foi visto, a religião da Deusa é inimaginavelmente antiga, mas a bruxaria contemporânea poderia, com muita precisão, ser chamada de a Nova Religião. A Arte, hoje, está passando por algo mais que um revivescimento, está experimentando um renascimento, uma recriação. As mulheres estão incentivando esta renovação e ativamente despertando novamente a Deusa, a imagem da "legitimidade e beneficência do poder feminino".¹⁵

Desde o declínio das religiões da Deusa, as mulheres carecem de modelos religiosos e sistemas espirituais que atendam às necessidades e experiências femininas. Imagens masculinas de divindade caracterizam as religiões do Ocidente e do Oriente. Independentemente de quão abstratos sejam os conceitos básicos de Deus, os símbolos, as manifestações, os pregadores, profetas, gurus e Budas são predominantemente masculinos. As mulheres não são encorajadas a explorar a sua força e as suas realizações; ensinam-lhes a submissão à autoridade do homem, a identificar percepções masculinas como sendo os seus ideais espirituais, de negarem o seu corpo e a sua sexualidade, de adequarem os seus *insights* a um modelo masculino.

Mary Daly, autora de *Beyond God the Father*, observa como o modelo do universo, no qual um Deus masculino governa do exterior, serve para legitimar o controle dos homens nas instituições sociais. "O símbolo do Deus-Pai, gerado a partir da imaginação humana e mantido como plausível pelo patriarcado, por sua vez, prestou um serviço a este tipo de sociedade, fazendo com que os seus mecanismos de opressão das mulheres pareçam ser corretos e adequados."¹⁶ O modelo inconsciente continua a moldar as percepções, mesmo daqueles que conscientemente rejeitaram ensinamentos religiosos. Os detalhes de um dogma são rejeitados, mas a estrutura fundamental da crença foi assimilada em um nível tão profundo que raramente ela é questionada. Em seu lugar, um novo dogma, uma estrutura paralela, substitui a antiga. Por exemplo, muitas pessoas rejeitaram a "verdade revelada" do cristianismo sem jamais questionarem o conceito básico de que a verdade é um conjunto de crenças revelado através do esforço de um "grande homem", possuidor de poderes ou inteligência acima da maioria das pessoas. Cristo, como o "grande homem", pode ser substituído por Buda, Freud, Marx, Jung, Werner Erhard ou o Maharaj Ji em suas teologias, mas a verdade é sempre percebida como vinda de outra pessoa, somente conhecida por fontes indiretas. Como a erudita feminista Carol Christ observa: "Os sistemas simbólicos não podem ser, simplesmente, rejeitados, eles precisam ser substituídos. Quando não há substituição, a mente reverterá às estruturas familiares em períodos de crise, frustração ou derrota."¹⁷

O simbolismo da Deusa não é uma estrutura paralela ao simbolismo de Deus-Pai. A Deusa não governa o mundo; ela é o mundo. Presente em cada um de nós, cada indivíduo pode conhecê-la interiormente, em toda a sua magnífica diversidade. Ela não legitima o governo de um sexo pelo outro e não cede autoridade a governantes de hierarquias temporais. Em Feitiçaria, cada um de nós deve revelar a sua própria verdade. A divindade é vista em suas formas próprias, sejam elas masculinas ou femininas, pois a deusa possui o seu aspecto masculino. A sexualidade é um sacramento. A religião é uma questão de reunião, com o divino dentro de nós e as suas manifestações externas em todo o universo humano e natural.

O símbolo da Deusa é *poemagógico*, um termo cunhado por Anton Ehrenzweig para "descrever a sua função especial de induzir e simbolizar a criatividade do ego."¹⁸ Ela, tem uma qualidade irreal e "astuta". Um aspecto escorrega para outro: ela constantemente muda de forma e de cara. As suas imagens não definem ou determinam um conjunto de atributos; elas produzem inspiração, criação, fertilidade da mente e do espírito: "Uma coisa torna-se outra/Na mãe... Na mãe..." (cântico ritual para o Solstício de Inverno).

A importância do símbolo da Deusa para as mulheres deve ser enfatizada. A imagem da deusa inspira as mulheres a se verem como divinas, seus corpos como sagrados, as faces de mudanças como sagradas, a agressividade como saudável, a raiva como purificadora e o poder para alimentar e criar, mas também de limitar e destruir quando necessário for, como a força em si que sustenta toda a vida. Através da Deusa, podemos descobrir a nossa força, iluminar as nossas mentes, os nossos corpos e celebrar as nossas emoções. Podemos ir além dos papéis limitados e forçados e nos tornarmos um todo.

A Deusa é, também, importante para os homens. A opressão dos homens em um patriarcado governado por Deus-Pai é, talvez, menos óbvia, mas não menos trágica que a das mulheres. Os homens são estimulados a se identificarem com um modelo a que nenhum ser humano pode, com sucesso, rivalizar: serem pequenos governantes de universos limitados. Eles vivem uma divisão interna, com um "espiritual" que,

supostamente, busca dominar as suas naturezas emocional e animal mais primárias. Lutam consigo: no Ocidente, para "dominar" o pecado; no Oriente, para "dominar" o desejo ou o ego. Poucos escapam desses embates sem prejuízos. Os homens perdem contato com os seus sentimentos e corpos, transformando-se nos "apáticos homens bem-sucedidos" descritos por Herb Goldberg em *The Hazards of Being Male*: "Oprimido pelas pressões culturais que o privaram de seus sentimentos, pela mitologia da mulher e pela maneira distorcida e autodestrutiva com que ele a percebe e se relaciona, pela insistência para que 'aja como um homem', a qual bloqueie a sua capacidade em responder às necessidades internas, tanto emocionais quanto fisiológicas, e por uma raiva generalizada para si direcionada que faz com que se sinta confortável somente quando funcionando sob controle, e não quando ele vive em função da alegria e do crescimento pessoal."¹⁹

Visto que as mulheres dão à luz os homens,* amamentam-nos e em nossa cultura são as responsáveis pela sua guarda enquanto crianças, "todo homem criado em um lar tradicional desenvolve intensa identificação primitiva com a mãe e, conseqüentemente, traz consigo uma forte impressão feminina."²⁰ O símbolo da Deusa permite que os homens experimentem e integrem o lado feminino de suas naturezas, que, com frequência, prova ser o aspecto mais profundo e sensível do *self*. A Deusa não exclui o homem; ela o contém, assim como a mulher grávida contém um filho. O lado masculino dela incorpora tanto a luz solar do intelecto quanto a energia animal selvagem e indomada.

O nosso relacionamento com a terra e as outras espécies que dividem este espaço conosco também tem sido condicionado pelos nossos modelos religiosos. A imagem de Deus, estando fora da natureza, proporcionou-nos fundamento lógico para a nossa destruição da ordem natural e justificou o nosso saque em relação aos recursos da Terra. Tentamos "dominar" a natureza do mesmo modo que buscamos dominar o pecado. Somente agora, quando os resultados da poluição e da destruição ecológica tornaram-se graves o suficiente para ameaçarem até mesmo a adaptação urbana da humanidade, é que reconhecemos a importância do equilíbrio ecológico e a interdependência de todas as formas de vida. O modelo da Deusa, que é imanente por natureza, estimula o respeito pelo espírito sagrado de todas as coisas vivas. A Feitiçaria pode ser vista como uma religião ecológica. O seu objetivo é a harmonia com a natureza, de modo que a vida não apenas sobreviva, mas viceje.

A ascensão da religião da Deusa faz com que algumas feministas politicamente orientadas sintam-se desconfortáveis. Temem que ela desviará a energia necessária das ações que buscam efetuar mudanças sociais. Mas, em áreas tão profundamente arraigadas como as das relações entre os sexos, as verdadeiras mudanças sociais só podem acontecer quando os mitos e símbolos de nossa cultura forem transformados. O símbolo da Deusa fornece o poder espiritual para desafiar sistemas de opressão e para criar culturas novas, orientadas para a vida.

A Feitiçaria moderna* é um rico caleidoscópio de tradições e orientações. Os *covens*, pequenos e unidos grupos que formam as congregações da Feitiçaria, são autônomos; não existe nenhuma autoridade central a determinar liturgias ou ritos. Alguns *covens* realizam Práticas que foram passadas, em uma linha sucessória ininterrupta, desde antes da época das fogueiras. Outros praticam os seus rituais a partir de líderes de renascimentos modernos da Arte – Gerald Gardner e Alex Sanders, ambos ingleses, são os que disseminaram maior número de seguidores. Os *covens* feministas são, provavelmente, os que mais crescem na Arte. Muitos são diânicas: uma seita de

Feitiçaria que coloca muito mais em evidência o princípio feminino do que o masculino. Outros *covens* são abertamente ecléticos, criando as suas próprias tradições a partir de várias fontes. Meus *covens* são baseados na tradição das fadas, que vem dos duendes da Inglaterra da Idade da Pedra, mas pensamos em criar os nossos próprios rituais, os quais refletirão as nossas necessidades e *insights* atuais.

A filosofia e a theologia (uma palavra cunhada pela estudiosa das religiões, Naomi Goldenburg, de *thea*, a palavra grega para deusa) subjacentes aos mitos deste livro são baseadas na tradição das fadas. Outras bruxas talvez discordem de detalhes, mas os valores e atitudes globais expressados são comuns a todos da Arte. Muito do material das fadas é ainda mantido em segredo, portanto vários dos rituais, cânticos e invocações vêm da nossa tradição criativa. Em Feitiçaria, um cântico não é, necessariamente, melhor por ser o mais antigo. A Deusa está continuamente se revelando e cada um de nós é, potencialmente, capaz de escrever a nossa própria liturgia.

Apesar da diversidade, existem ética e valores que são comuns a todas as tradições da bruxaria. Baseiam-se no conceito da Densa como sendo imanente no mundo e em todas as formas de vida, incluindo os seres humanos.

Teólogos familiarizados com os conceitos judeu-cristãos têm dificuldades, às vezes, em compreender como uma religião como a feitiçaria pôde desenvolver um sistema ético e um conceito de justiça. Se não há uma divisão entre o espírito e a natureza, nenhum conceito de pecado, nenhum mandamento ou convenção contra os quais possamos crer, de que maneira as pessoas são capazes de agir eticamente? Mediante quais critérios julgam os seus atos, quando o juiz exterior foi removido de seu lugar como regente do cosmo? E se a Deusa é imanente no mundo, por que lutar por mudanças ou esforçar-se por seus ideais? Por que não florescer na perfeição da divindade?

O amor pela vida em todas as suas formas é a ética fundamental da Feitiçaria. As bruxas são obrigadas a honrar e a respeitar todas as coisas que têm vida e de servir à força da vida. Enquanto que a Arte reconhece que a vida se alimenta da vida e de que é preciso matar a fim de sobreviver, a vida nunca é tomada desnecessariamente, jamais destruída ou desperdiçada. Servir à força da vida significa trabalhar para preservar a diversidade da vida natural, para prevenir o envenenamento do ambiente e a destruição das espécies.

O mundo é a manifestação da Deusa, mas nada neste conceito estimula à passividade. Várias religiões orientais encorajam o quietismo, não por acreditarem que o divino é verdadeiramente imanente, mas porque creem que ela/ele não o são. Para elas o mundo é Maya, Ilusão, mascarando a perfeição da Realidade Divina. O que ocorre em um mundo como este não é realmente importante; é somente algo irreal ocultando a Luz Infinita. Em Feitiçaria, todavia, o que acontece no universo é de vital importância. A Deusa é imanente, mas ela necessita de auxílio humano para desenvolver a sua plenitude. O equilíbrio harmônico na percepção entre planta/animal/humano/divino não é automático; ele deve ser constantemente renovado e esta é a verdadeira função dos rituais da Arte. Trabalho interior, trabalho espiritual, é mais eficaz quando progride paralelo ao trabalho exterior. A meditação sobre o equilíbrio da natureza pode ser considerada um ato espiritual em bruxaria, mas não tanto como retirar o lixo largado em um acampamento ou protestando contra uma usina nuclear perigosa.

As Feiticeiras não veem a justiça como algo que é administrado por alguma autoridade externa, baseada em um código escrito ou num conjunto de regras impostas de fora. Pelo contrário, a justiça é um sentimento interno de que cada ato produz consequências, as quais devem ser encaradas com responsabilidade. A Arte não fomenta a culpa, a voz interior severa, de censura e de ódio que paralisa a ação. Ao invés disso, ela exige responsabilidade. "Aquilo que você envia, retorna três vezes", diz o ditado, uma versão ampliada de "Faze ao próximo o que gostarias que a ti fizessem". Por exemplo, uma Feiticeira não rouba, não devido à advertência contida em um livro sagrado, mas porque o mal é devolvido com intensidade três vezes mais, o que tem importância superior a qualquer conquista material. Roubar diminui a honra e o auto respeito do ladrão; é a aceitação de que somos incapazes de prover honestamente as nossas necessidades e desejos. Roubar cria um clima de desconfiança e medo, no qual até mesmo os ladrões vivem. E, como todos estamos unidos pelo mesmo tecido social, aqueles que roubam pagam preços mais altos pela comida, seguros e taxas. A Bruxaria inspira-se marcadamente no ponto de vista de que todas as coisas são interdependentes e inter-relacionadas e, conseqüentemente, mutuamente responsáveis. Um ato que prejudica alguém causa danos a todos nós.

A honra é um princípio que orienta a Arte. Não é o caso de se ofender diante de desfeitas imaginárias contra a nossa virilidade, é uma sensação interna de orgulho e respeito próprios. A Deusa é honrada em nós e nos outros. As mulheres, que personificam a Deusa, são respeitadas, não colocadas em pedestais ou sublimadas, mas valorizadas por todas as suas qualidades humanas. O *self*, a nossa individualidade e maneira única de sermos no mundo, é altamente valorizado. A Deusa, assim como a natureza, ama a diversidade. A identidade é alcançada não através da perda do *self*, mas pela sua plena realização. "Honre a Deusa em si mesmo, celebre o seu ser e você perceberá que o *self* está em toda a parte", afirma o mágico sacerdote Vietor Anderson.

Em Feitiçaria, "todos os atos de amor e prazer são meus rituais". A sexualidade, como uma expressão direta da força vital, é percebida como sendo numinosa e sagrada. Ela pode se expressar livremente, desde que o princípio que a guie seja o amor. O casamento é um compromisso profundo, um laço psíquico, espiritual e mágico. Mas esta é somente uma – entre várias – possibilidade para a expressão sexual amorosa.

O abuso da sexualidade, no entanto, é abominável. O estupro, por exemplo, é um crime intolerável, visto que desonra a força vital, transformando a sexualidade em uma expressão de violência e hostilidade, no lugar do amor. A mulher tem o direito sagrado de controlar o seu próprio corpo, assim como o homem. Ninguém possui o direito de forçar ou coagir outrem.

A Bruxaria valoriza a vida, abordando-a com uma atitude de alegria e admiração, bem como senso de humor. A vida é vista como uma dádiva da Deusa. Se existe sofrimento, nossa tarefa não é a de nos resignarmos, mas trabalhar em prol de mudanças.

Mágica, a arte de perceber e moldar as forças sutis e invisíveis que fluem através do universo, de despertar níveis mais profundos de consciência além do racional, é um elemento comum a todas as tradições da Feitiçaria. Rituais da Arte são ritos mágicos: estimulam a percepção do lado oculto da realidade e despertam poderes há muito esquecidos da mente humana.

O elemento mágico em Feitiçaria é desconcertante para muitas pessoas. Grande parte deste livro é dedicada à exploração profunda do significado verdadeiro da mágica, mas gostaria de comentar, aqui, a respeito do temor expressado por algumas pessoas

de que a Bruxaria e o ocultismo alimentam tendências ou estão ligados ao nazismo. Parece existir indícios de que Hitler e outros nazistas eram ocultistas, isto é, poderiam ter praticado algumas das mesmas técnicas exercitadas por aqueles que buscam expandir os horizontes da mente. A magia, assim como a química, é um conjunto de técnicas que podem ser utilizados a serviço de qualquer filosofia. A ascensão do Terceiro Reich mexeu com o desencanto dos alemães e riu caminho para o anseio profundo de recuperar tipos de experiências que a cultura ocidental havia ignorado por muito tempo. É como se tivéssemos sido treinados, desde a infância, a jamais utilizarmos o braço esquerdo: os músculos atrofiaram-se parcialmente, mas reclamam a falta de uso. Hitler perverteu esse anseio e transformou-o em crueldade e terror. Os nazistas não eram devotados à Deusa; denegriam as mulheres, relegando-as à posição de animais reprodutores cujo papel era de produzir mais guerreiros arianos. Eram o patriarcado perfeito, o derradeiro culto guerreiro, não servos da força vital. A Bruxaria não possui o ideal do "super-homem" criado à custa de raças inferiores. Em Feitiçaria, todas as pessoas são percebidas como deuses manifestos e as diferenças de cor, raça e costumes são recebidas como sinais da beleza infinita da Deusa. Igualar bruxas e nazistas, por ambos não serem judeu-cristãos e dividirem os mesmos elementos mágicos, é como afirmar que cisnes são, na realidade, escorpiões, porque nenhum deles são cavalos mas possuem rabos.

A Bruxaria não é uma religião das massas – de espécie alguma.* Sua estrutura é celular, baseada em *covens*, pequenos grupos de até treze membros que aprovam tanto a divisão comunitária como a independência individual. "Solitárias", as bruxas que preferem venerar a Deusa a sós, são a exceção. Os *covens* são autônomos, livres para utilizarem quaisquer rituais, cânticos e invocações que escolherem. Não existe um livro padrão de liturgias ou de orações.

Elementos podem mudar, mas os rituais da Arte seguem, inevitavelmente, os mesmos padrões fundamentais. As técnicas de magia, que foram denominadas pela ocultista Dion Fortune como "a arte de alterar a consciência através da vontade", são utilizadas para criar estados de êxtase, de união com o divino. Elas também podem ser usadas para obter resultados materiais, como curas, visto que na Arte não há uma divisão entre espírito e matéria.

Cada ritual tem início com a criação de um espaço sagrado, a "disposição do círculo", que estabelece um templo no coração de uma floresta ou no centro da sala de estar do líder do *coven*. Deusa e Deus são, então, invocados ou despertados dentro de cada participante e são considerados como fisicamente presentes no círculo e nos corpos dos veneradores. O poder, a força sutil que molda a realidade, é evocado através de cânticos ou danças e pode ser conduzido por um símbolo ou uma visualização. Com a elevação do cone do poder vem o êxtase, que pode então levar a um estado de transe, no qual visões surgem e *insights* são percebidas. Alimentos e bebidas são partilhados e os líderes "voltam à realidade" e relaxam, desfrutando de um período de socialização. Ao final, os poderes invocados são dispensados, o círculo é aberto e é realizado um retorno formal à consciência comum.

O ingresso em um *coven* ocorre através da iniciação, uma experiência ritual na qual ensinamentos são transmitidos e desenvolve-se o crescimento pessoal. Cada iniciado é considerado como uma sacerdotisa ou sacerdote; a Bruxaria é uma religião de clérigos.

Este livro encontra-se estruturado em torno dos elementos que sinto serem constantes em todas as variadas tradições da Arte. O interesse pela Feitiçaria está crescendo rapidamente. Faculdades e universidades estão começando a introduzir cursos da Arte em seus departamentos de estudos religiosos. Mulheres, em número cada vez maior, estão se voltando para a Deusa. Existe uma necessidade urgente por material que explique inteligentemente a Bruxaria para aqueles que não são bruxos, em profundidade suficiente para que ambas, a prática e a filosofia, possam ser compreendidas. Visto que entrar em um *coven* é um processo lento e delicado, existem muito mais pessoas que desejam praticar a Arte do que *covens* para acomodá-las. Portanto, este livro também traz exercícios e sugestões práticas que podem conduzir a uma prática pessoal da Arte. Uma pessoa abençoada com imaginação e quantidade moderada de ousadia pode também utilizá-lo como um manual para iniciar a sua própria assembleia. Todavia, ele não foi desenvolvido para ser seguido submissamente; assemelha-se mais a uma partitura básica de música, sobre a qual é possível improvisar.

A Deusa Mãe está despertando e podemos começar a recuperar o nosso direito inato original, a alegria intoxicante e absoluta de estarmos vivos. Podemos abrir novos olhos e ver que não *há de que* sermos salvos, nenhuma batalha de vida *contra* o universo, nenhum deus fora do mundo a ser temido e obedecido; somente a Deusa, a Mãe, a espiral em movimento que nos lança para dentro e para fora da existência, cujo olhar cintilante é o pulsar do ser – nascimento, morte, renascimento – cujo riso borbulha e atravessa todas as coisas e que somente é encontrada através do amor: amor pelas árvores, pedras, céu e nuvens, flores perfumadas e ondas imensas; por tudo que corre e voa e nada e rasteja em sua face; através do amor por nós mesmos; do amor orgásmico de criação do mundo e dissolução da vida pelo outro; cada um de nós a sua própria estrela, seu filho, seu amante, seu bem-amado, ela mesma.

Notas

¹ A figura feminina é quase sempre mostrada nua na arte paleolítica. Alguns exemplos são: os baixos-relevos em Laussel, Dordogne, França. Ver Johannes Maringer e Hans-George Bandi, *Art in the Ice Age* (Nova York: Frederick A. Praeger, 1953), pp. 84-85 para fotografia; figuras de nus em La Magdaleine e Angles-sur-Aglin, Dordogne, França, descritas por Philip Van Doren Stern em *Prehistoric Europe: From Stone Age Man to the Early Greeks* (Nova York: W. W. Norton, 1969), p. 162; figuras esculpidas no santuário subterrâneo de Pech-Marle, França, descritas por Stern, pp.174-75; e as figuras paleolíticas esculpidas de Aurignac de “Vênus gordas”, como a de Willendorf, apresentada por Maringer e Bandi, p. 28, e Lespugue, ver Maringer e Bandi, p. 29.

Exemplos de “bruxos” homens são encontrados pintados na caverna de Les Trois Frères, Dordogne, França (Stern, p. 166), entre vários outros exemplos.

Referências são fornecidas com o propósito de indicar descrições e ilustrações de achados arqueológicos e antropológicos que corroboram a tradição oral da Arte. As interpretações aqui encontradas dos significados dos achados e costumes ilustram as tradições da Arte de nossa história e de modo algum implica que devam ser compreendidas como academicamente aceitas ou comprovadas. Se existe algo sobre o qual os estudiosos concordam, é que desconhecem o significado de várias destas figuras ou de como elas eram utilizadas.

² Ver descrições de La Ferassie, Dordogne, França em Stern, pp. 85, 95; também La Barma Grande, França, em Grahame Clark e Stuart Piggott, *Prehistoric Societies* (Londres: Hutchinson & Co., 1967), pp. 77-79, e Grimaldi, Calábria, Itália, em Clark e Piggott, pp. 77-79.

³ Como em Drachenloch, Suíça, descrito por Stern, p.89.

⁴ Em Meidorf e Stellmoor, Alemanha; ver Alberto C. Blanc, "Some Evidence for the Ideologies of Early Man", em Sherwood L. Washburn, ed., *The Social Life of Early Man* (Aldine Publications, 1961), p. 124.

⁵ Achados da Senhora dos Mamutes próximo ao rio Desna, na Ucrânia, são descritos por Joseph Campbell, *The Masks of God: Primitive Mythology* (Nova York: Penguin Books, 1976), p. 327.

⁶ Annette Laming, Lascaux, tradução de Elanor Frances Armstrong (Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1959); André Leroi-Gourhan, "The Evolution of Paleolithic Art", em *Scientific American*, vol. 218, nº 17, 1968, pp.58-68.

⁷ Gerald S. Hawkins, *Beyond Stonehenge* (Nova York: Harper & Row, 1973), ver descrições de presas esculpidas de mamute (15000 a.C) de Gontzi na Ucrânia, pp. 263-37; sinais vermelhos e ocre em Abril de las Viñas, Espanha (7000 a.C.), pp. 230-31.

⁸ Laussel, Dordogne, França: ver Maringer e Bandi, pp. 84-85.

⁹ James Mellart, *Catal Hüyük, a Neolithic Town in Anatolia* (Nova York: McGraw-Hill, 1967).

¹⁰ Alexander Thom, "Megaliths and Mathematics", *Antiquity*, 1966, 40, 121-28.

¹¹ Margaret A. Murray, *The Witch-Cult in Western Europe* (Nova York: Oxford University Press, 1971), pp. 238-46.

¹² Murray, p. 49.

¹³ Murray, pp. 270-76

¹⁴ Andrew E. Rothovius, "The Adams Family and the Grail Tradition: The Untold Story of the Dragon Persecution", *East-West* 1977, 7 (5), 24-30; Andrew e Rothovius, "The Dragon Tradition in the New World", *East-West* 1977, 7(8), 42-54.

¹⁵ Carol P. Christ, "Why Women need the Goddess" em Carol P. Christ e Judith Plaskow, *Womanspirit Rising: A Feminist Reader in Religion* (San Francisco: Harper & Row, 1979), p. 278.

¹⁶ Mary Daly, *Beyond God the Father* (Boston: Beacon Press, 1973), p. 13.

¹⁷ Christ, p. 275.

¹⁸ Anton Ehrensweig, *The Hidden Order of Art* (Londres: Paladin, 1967), p. 190.

¹⁹ Herb Goldberg, *The Hazards of Being Male* (Nova York: Signet, 1977), p. 4.

²⁰ Goldberg, p. 39.

2 *A Visão de Mundo da Feitiçaria*



Entre os Mundos

CRIAÇÃO¹

Solitária, majestosa, plena em si Mesma, a Deusa, Ela, cujo nome não pode ser dito, flutuava no abismo da escuridão, antes do início de todas as coisas. E quando Ela mirou o espelho curvo do espaço negro, Ela viu com a sua luz o seu reflexo radiante e apaixonou-se por ele. Ela induziu-o a se expandir devido ao seu poder e fez amor consigo mesma e chamou Ela de "Miria, a Magnífica".

O seu êxtase irrompeu na única canção de tudo que é, foi ou será, e com a canção surgiu o movimento, ondas que jorravam para fora e se transformaram em todas as esferas e círculos dos mundos. A Deusa encheu-se de amor, que crescia, e deu à luz uma chuva de espíritos luminosos que ocuparam os mundos e tornaram-se todos os seres.

Mas, naquele grande movimento, Miria foi levada embora, e enquanto Ela saía da Deusa, tornava-se mais masculina. Primeiro, Ela tornou-se o Deus Azul, o bondoso e risonho deus do amor. Então, transformou-se no Verde, coberto de vinhas, enraizado na terra, o espírito de todas as coisas que crescem. Por fim, tornou-se o Deus da Força, o Caçador, cujo rosto é o sol vermelho mas, no entanto, escuro como a morte. Mas o desejo sempre o devolve à Deusa, de modo que ele a Ela circula eternamente, buscando retornar em amor.

Tudo começou em amor; tudo busca retornar em amor. O amor é a lei, mestre da sabedoria e o grande revelador dos mistérios.

"A ideia dos sioux sobre as criaturas vivas é a de que as árvores, o búfalo e os homens são espirais de energia temporária, padrões de turbulência... esse é um reconhecimento intuitivo e primitivo da energia como uma qualidade da matéria. Mas esse é um *insight* antigo, sabe-se extremamente antigo – provavelmente o *insight* de um xamã paleolítico. Essa percepção encontra-se registrada de várias maneiras no saber primitivo e arcaico. Diria que esta é,

provavelmente, o *insight* fundamental da natureza das coisas, e que a nossa visão ocidental, recente e mais comum, sobre o universo como sendo constituído de coisas fixas está fora da direção principal, um afastamento da percepção humana fundamental."

Gary Snyder²

A mitologia e a cosmologia da Bruxaria estão enraizadas naquela "intuição de um xamã paleolítico": a de que todas as coisas são espirais de energia, vórtices de forças em movimento, correntes em um mar sempre em mutação. Subjacente à aparência de isolamento, de objetos fixos em um curso linear de tempo, a realidade é um campo de energias que se solidifica, temporariamente, em formas. Com o tempo, todas as coisas "fixas" se dissolvem, apenas para se fundirem novamente em novas formas, novos veículos.

Esta visão do universo como uma interação de forças em movimento – a qual, incidentalmente, corresponde, em um grau surpreendente, aos pontos de vista da física moderna – é o produto de um tipo muito especial de percepção. A consciência comum que desperta vê o mundo como sendo fixo; ela focaliza uma coisa de cada vez, isolando-a do entorno, um pouco como ver uma floresta escura com o auxílio de um estreito raio de luz que ilumina uma só folha ou uma pedra solitária. A consciência extraordinária, a outra modalidade de percepção, é ampla, holística e indiferenciada, enxerga padrões e relacionamentos no lugar de objetos fixos. É a modalidade da luz das estrelas: pálida e prateada, revelando o jogo de rumos entre laçados e a dança das sombras, sentindo caminhos como espaços no todo.

Os aspectos mágicos e psíquicos da Arte estão relacionados ao despertar da visão da luz das estrelas – como eu gosto de chamá-la – e em treiná-la para que seja um instrumento útil. A mágica não é um assunto sobrenatural; é, na definição de Dion Fortune, "a arte de mudar a consciência pela vontade", ligar e desligar a lanterna, selecionar detalhes, enxergar através das estrelas.

A consciência comum é altamente valorizada na Arte, mas as bruxas estão cientes das suas limitações. Ela é, em um certo sentido, um padrão através do qual enxergamos o universo, um sistema e classificação culturalmente transmitida. Existem infinitas maneiras de encarar o mundo; a "outra visão" nos liberta dos limites da nossa cultura.

"Nossos semelhantes são os magos negros", diz Dom Juan, o xamã iaquei, ao seu discípulo Castaneda em *Porta para o Infinito**. "Pense um pouco. Você é capaz de desviar-se do caminho que eles traçaram para você? Não. Seus atos e pensamentos estão para sempre fixos em suas palavras. Eu, por outro lado, trouxe a liberdade até você. A liberdade é cara, mas o preço não é impossível. Portanto, tema os seus captores, seus mestres. Não perca seu tempo e poder temendo a mim."³

Em Feitiçaria, o "preço da liberdade" é, acima de tudo, disciplina e responsabilidade. A visão da luz das estrelas é um potencial inerente a cada um de nós, mas muito trabalho é necessário para desenvolvê-la e treiná-la. Poderes e habilidades adquiridos através de uma percepção mais aguçada também devem ser utilizados de maneira responsável; caso contrário, como o anel de Sauron (em *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien), eles destruirão os seus possuidores, aqueles que desejam libertar-se devem também estar dispostos a se afastarem ligeiramente dos ditames da sociedade, se necessário for. Na cultura ocidental moderna, artistas, poetas e visionários, não

* Publicado no Brasil pela Editora Record/Nova Era. (N. da T.)

levando em conta bruxos, místicos e xamãs, encontram-se, com frequência, um tanto alienados de sua cultura, o que gera uma tendência a desvalorizar os bens incorpóreos em favor dos frutos sólidos e monetários do sucesso.

Mas o preço final da liberdade é a disposição de encarar a mais assustadora de todas as coisas – nós mesmos. A visão da luz das estrelas, "a outra maneira de saber", é a modalidade de percepção do inconsciente, e não a da mente consciente. As profundezas de nosso ser não são todas ensolaradas; para enxergarmos claramente é preciso que estejamos dispostos a dar um mergulho no abismo interior e escuro, e tomar conhecimento das criaturas que porventura lá encontraremos. Pois, como explica a analista jungiana M. Esther Harding, em *Woman's Mysteries*, "esses fatores subjetivos(...) são fortes entidades psíquicas, pertencem à totalidade de nosso ser, não podem ser destruídos. Enquanto permanecerem proscritos, não aceitos por parte de nossa vida consciente, interferirão entre nós e os objetos que percebemos e todo o nosso universo tornar-se-á ou distorcido ou iluminado."⁴

Talvez a maneira mais convincente de apresentar a concepção do *self* da Arte seja a de examinar alguns dos achados experimentais mais recentes de biólogos e psicólogos.* Robert Ornstein, em *The Psychology of Consciousness*, descreve experiências realizadas com indivíduos epiléticos e com danos cerebrais, demonstrando que os dois hemisférios do cérebro parecem especializar-se, precisamente, nos dois tipos de consciência acima discutidos. "O hemisfério esquerdo (ligado ao lado direito do corpo) está envolvido, predominantemente, com o pensamento lógico-analítico, em especial em funções verbais e matemáticas. Sua modalidade de operação é basicamente linear. Esse hemisfério aparenta processar informações em sequência."⁵ Tal como o nosso raio de luz de lanterna, ele focaliza um assunto de cada vez, excluindo os outros. Ele percebe o mundo como sendo composto de coisas separadas, as quais podemos temer ou desejar e que podem ser manipuladas para se adequarem aos nossos propósitos. "Parece que ele foi desenvolvido com o propósito básico de garantir a sobrevivência biológica."⁶

"O hemisfério direito (lembre-se, novamente, associado ao lado esquerdo do corpo) parece especializado para a mentalização holista. Sua capacidade linguística é bastante limitada. Esse hemisfério é basicamente responsável pela nossa orientação espacial, atividades artísticas, destreza, imagem corporal e reconhecimento de rostos. Ele processa a informação de maneira mais difusa que o hemisfério esquerdo e as suas responsabilidades exigem imediata integração de várias energias ao mesmo tempo."⁷ Esta é a visão da luz das estrelas, a qual percebe o universo como uma dança de energia em movimento, que "não postulam duração, um futuro ou um passado, uma causa ou um efeito, mas um todo modelar, 'atemporal'."⁸

Este tipo de percepção é vital para a criatividade. Conforme afirma Anton Ehrenzweig em *The Hidden Order of Art*, "a complexidade de qualquer obra de arte, por mais simples que seja, supera de longe os poderes da atenção consciente que, com seu enfoque preciso, consegue atender somente a uma coisa de cada vez. Apenas a extrema indiferenciação da visão inconsciente é capaz de perceber essas complexidades. Ela pode apreendê-las com um olhar único e não concentrado e tratar figura e fundo com a mesma imparcialidade".⁹

O exercício a seguir, usado para treinar artistas, é útil para aprender a experimentar o tipo de percepção acima descrito.

EXERCÍCIO 1: EXPERIÊNCIA DA SOMBRA

Pegue uma folha de papel em branco e um lápis macio ou um bastão de carvão. Sente-se e observe uma cena que lhe pareça interessante. Esqueça nomes, objetos e coisas, observe somente o jogo de luz e sombra sobre várias formas. Cubra as sombras, não com linhas mas com traços largos. Não se distraia com as cores presentes; não se preocupe em reproduzir "coisas". Deixe que as partes ensombradas criem as formas. Utilize pelo menos dez minutos neste exercício. Lembre-se, o objetivo não é o de criar um "bom" desenho ou constatar seu talento artístico (ou a sua ausência); a meta é experimentar outra maneira de ver, na qual objetos separados desaparecem e somente padrões permanecem.

Pessoas menos preparadas visualmente poderão sentir-se mais confortáveis com o próximo exercício.

EXERCÍCIO 2: EXPERIÊNCIA DO RITMO

Feche os olhos. Ouça os sons ao redor, esquecendo-se daquilo que eles representam. Torne-se consciente, apenas, do vasto ritmo que eles criam. Mesmo na cidade, esqueça que os sons variados são carros que passam, martelos de trabalhadores, passos, pardais, caminhões, portas batendo – atenha-se somente ao padrão orgânico e intrincado no qual cada um é uma batida separada.

Como já foi dito, ambas as modalidades de percepção são valorizadas na Arte, mas a visão holística do hemisfério direito é considerada como estando mais em contato com a realidade subjacente que a visão linear do hemisfério esquerdo. Esta visão é produzida por experiências com *biofeedback* (biorrealimentação) que propicia às pessoas informação visual sobre os seus processos corporais involuntários, permitindo-lhes monitorá-los e, finalmente, controlar funções como batidas cardíacas e ondas cerebrais. Barbara Brown, em *New Mind, New Body*, descreve experimentos mostrando que "muito antes do reconhecimento consciente, o corpo e sua subestrutura subconsciente reconhecem e avaliam o que ocorre no ambiente".¹⁰ Indivíduos foram monitorados enquanto palavras "impróprias" apareciam em *flashes* numa tela, rápido o bastante para não serem reconhecidas conscientemente. A pele, ritmo cardíaco, ondas cerebrais e músculos mostravam reações às palavras "invisíveis". O subconsciente é capaz de responder corretamente à realidade mesmo quando informações errôneas são fornecidas pela mente consciente. Em um experimento, foi dito aos experimentados que eles receberiam uma série de choques de intensidade variada. Conscientemente, eles perceberam que os choques tornavam-se mais fracos; na realidade, os choques eram da mesma intensidade. Reações na pele provaram que o subconsciente não se enganara: os monitores registraram exatamente a mesma resposta da pele em cada choque, mesmo quando a reação consciente era diferente".¹¹

Na tradição das Fadas da Feitiçaria, a mente inconsciente é chamada de o *self* mais jovem; a mente consciente é chamada de *self* discursivo. Visto que eles funcionam através de diferentes tipos de percepção, a comunicação entre os dois é difícil. É como se falassem línguas diferentes.*

É o *self* mais jovem que diretamente experimenta o mundo, através da percepção holística do hemisfério direito. Sensações, emoções, energias essenciais, memória de imagens, intuição e percepção difusa são funções do *self* mais jovem. A sua compreensão verbal é limitada; ele se comunica através de imagens, emoções,

sensações, sonhos, visões e sintomas físicos. A psicanálise clássica foi desenvolvida a partir das tentativas de interpretar o discurso do *self* mais jovem. A Feitiçaria não só interpreta mas ensina como devemos nos comunicar com o *self* mais jovem.

O *self* discursivo organiza as impressões do *self* mais jovem, nomeia-as e as classifica em sistemas. Como seu nome implica, ele funciona através da consciência analítica e verbal do hemisfério esquerdo. Nele também está contido o conjunto de normas verbalmente compreendidas que nos estimulam a fazer julgamentos sobre o que é certo e errado. O *self* discursivo comunica-se através de palavras, conceitos abstratos e números.

Na tradição das fadas, um terceiro *self* é reconhecido: o *self* profundo ou *self* deus, que não encontra correspondência adequada em nenhum conceito psicológico. O *self* profundo é o divino dentro de nós, a essência máxima e original, o espírito que existe além do tempo, espaço e matéria. É nosso nível mais profundo de sabedoria e compaixão e é concebido como masculino e feminino, dois sentidos de consciência unidos como um. Ele é, com frequência, simbolizado como duas espirais unidas ou como o sinal da infinidade, oito deitado. Na tradição das fadas, é chamado de Dian Y Glas, o Deus Azul. Azul simboliza o espírito; dizia-se que o *self* profundo aparecia azul quando psiquicamente visto". Os pictos pintavam-se de azul com anil, segundo nossas tradições, a fim de se identificarem com o *self* profundo. "Dian" está relacionado tanto a Diana quanto a Tana, o nome das fadas para a Deusa; também a Janicot, nome basco para o Deus da Força e aos nomes de batismo João e Joana, que Margaret Murray documenta como sendo populares em famílias de bruxos.¹²

No judaísmo esotérico da cabala, o *self* profundo é conhecido como Neshamah, da raiz *shmh*, "escutar ou ouvir": Neshamah é Aquela Que Ouve, o espírito que nos inspira e guia. No ocultismo moderno, o *self* profundo frequentemente aparece como o guia do espírito, às vezes de maneira dual, como no relato de John C. Lilly suas experiências com LSD em um depósito isolado, onde declara ter encontrado dois seres prestativos: "Eles dizem que são meus guardiões, que já haviam estado comigo antes em momentos críticos e que, na verdade, eles estão comigo sempre, mas que normalmente eu não me encontro em situação de percebê-los. Estou em condições para percebê-los quando próximo à morte do corpo. Nesse estado o tempo não existe. Há uma percepção imediata do passado, presente e futuro, como se todos fizessem parte do momento presente."¹³

Lilly descreve a percepção holística do hemisfério direito, associada ao *self* mais jovem. A tradição das fadas ensina que o *self*, profundo está ligado ao *self* mais jovem e não diretamente associado ao *self* discursivo. Felizmente, não é necessário que estejamos quase mortos para percebermos o *self* profundo, uma vez que tenhamos aprendido o truque da comunicação. Não é a mente consciente, com os seus conceitos abstratos, que se comunica com o divino; é a mente inconsciente, o *self* mais jovem que responde somente às imagens, desenhos, sensações e percepções. Para nos comunicarmos com o *self* profundo, a Deusa/Deus Dentro de Nós, recorreremos aos símbolos, à arte, poesia, música, mito e aos atos rituais que traduzem conceitos abstratos para uma linguagem do inconsciente.

O *self* mais jovem – pode ser tão teimoso e obstinado quanto a mais impertinente das crianças aos três anos de idade – não se impressiona pelas palavras. Incrédulo como se diz dos naturais do Missouri, ele quer ser *mostrado*. Para despertar o seu interesse, devemos seduzi-lo com bonitas imagens e sensações prazerosas, como se fôssemos levá-lo para jantar e dançar. Somente deste modo o *self* mais profundo pode

ser alcançado. Por essa razão, verdades religiosas não têm sido expressadas, através dos tempos, como fórmulas matemáticas, mas na arte, música, dança, teatro, poesia, narrativas e rituais. Como afirma Robert Graves: "Os princípios religiosos, em uma sociedade saudável, são mais bem executados por tambores, luar, jejum, dança, máscaras, flores, possessão divina."¹⁴

A Feitiçaria não possui um livro sagrado. Seu compromisso não é com o verbo do evangelho de João, mas com o poder da ação simbólica que revela a percepção da luz das estrelas do *self* mais jovem e abre livre fluxo de comunicação entre os três *selves* de uma só vez. Os mitos e narrativas que nos foram passados não são dogmas para serem compreendidos literalmente, do mesmo modo que não devemos tomar literalmente a declaração "meu amor é como uma rosa vermelha". Eles são poesia, não teologia, destinados a se comunicarem com o *self* jovem, conforme as palavras de Joseph Campbell, "a tocar e estimular centros vitais que estão além do alcance dos vocabulários da razão e coerção".¹⁵

Aspectos dos rituais de bruxaria podem, por vezes, parecer absurdos a pessoas muito sérias, que falham em perceber que o objetivo do ritual é o *self* mais jovem. O senso de humor, de divertimento, é frequentemente a chave para desencadear os estados mais profundos da consciência. Parte do "preço da liberdade", portanto, 'é a disposição para se divertir, libertarmo-nos de nossa dignidade de adultos, parecermos tolos, de rir por nada. A criança faz de conta que ela é uma rainha; sua cadeira transforma-se em um trono. Uma feiticeira faz de conta que a sua vara tem poderes mágicos e ela torna-se um canal de energia.

O equilíbrio, obviamente, é necessário. Há uma diferença entre magia e psicose e essa diferença está em manter a capacidade de recuar, pela vontade, para a consciência comum, de voltar à percepção, como costumava afirmar meu professor de programa de saúde no curso secundário, no auge da era psicodélica: "Realidade é quando você pula do telhado e quebra a perna." As drogas podem proporcionar a percepção holística do *self* mais jovem, mas muitas vezes à custa do julgamento de sobrevivência do *self* discursivo: se "brincamos" de voar no corpo, podemos despedaçar o fêmur. Todavia, a percepção treinada não se desentende com a realidade comum; ela vai mais além, através do espírito, e ganha intuições e percepções que podem ser, posteriormente, comprovados pelo *self* discursivo.

O humor e as brincadeiras despertam a sensação de encanto, a atitude essencial da Feitiçaria para perceber o mundo. Por exemplo, ontem à noite meu *coven* realizou um ritual na véspera de 1º de maio, o *May Eve*, onde a principal ação consistia em enrolar as fitas em um *maypole* e tecer nelas aquelas coisas que desejávamos tecer em nossas vidas. Em lugar do mastro, usamos um cordão central e, ao invés de fitas, tínhamos fios de linhas coloridas, presas por um gancho central no teto de nossa sala de reunião. Também tínhamos onze pessoas no círculo. Sabíamos perfeitamente bem, é claro, que é impossível entrelaçar um *maypole* com um número ímpar de pessoas, mas não queríamos deixar ninguém de fora. Portanto, com jovial pouco caso quanto à realidade comum, seguimos em frente.

O resultado, para início de conversa, foi de caos e confusão. Todos ríamos enquanto rodávamos, criando um emaranhado com as linhas. Lembrava pouco uma cena de poder místico; um mágico teria empalidecido e tomado de sua vara imediatamente. Mas algo singular passou a acontecer quando prosseguimos. O riso transformou-se em um estranho clima, como se a realidade comum estivesse desaparecendo. Nada existia além da interação de fios coloridos e corpos em

movimento. Os sorrisos que apareciam e esvaneciam começaram a se parecer com os misteriosos sorrisos das arcaicas estátuas gregas, indicando o maior e mais engraçado dos mistérios. Começamos a cantar; nos movimentávamos ritmicamente e um padrão desenvolveu-se na dança, nada que pudesse ser traçado ou planejado racionalmente; era um padrão com um elemento adicional que sempre, e inevitavelmente, desafiaria uma explicação. O emaranhado de linhas virou um cordão complexamente entrelaçado. A canção tornou-se um cântico; a sala irradiava e o cordão pulsava com energia como se fosse vivo, um umbigo que nos ligava a tudo o que está dentro de nós e além. Por fim, o cântico atingiu um pico e morreu; caímos em transe. Quando acordamos, todos juntos, simultaneamente, nos entreolhamos maravilhados.

O mito da criação que dá início a este capítulo claramente expressa a atitude de encanto para com o mundo, que é divino e para o divino, que é o mundo.*

No princípio, a Deusa é Tudo, virgem, significando completa em si mesma. Apesar de ser chamada de *Deusa*, Ela poderia, igualmente, ser chamada de *Deus* – o sexo não tendo ainda existência. Assim sendo, não há separação, não há divisão, nada a não ser a unidade primeira. No entanto, a natureza da maneira de ser é enfatizada, pois o processo de criação que está prestes a ocorrer é um processo de *nascimento*. O universo nasceu, não-feito e não ordenado para ser.

A Deusa vê o seu reflexo no espelho curvo do espaço, que pode ser um *insight* mágico na forma do universo, o espaço curvo da física moderna. O espelho é um atributo antigo da Deusa, de acordo com Robert Graves, em sua forma como a "antiga deusa pagã do mar, Marian... Miriam, Mariamne, Myrrhine, Myrtea, Myrrha, Maria ou Marina, protetoras dos poetas e amantes e mãe orgulhosa do Arqueiro do Amor... Um disfarce comum dessa mesma Marian é o de "donzela feliz", como "sereia", conforme o uso – uma linda mulher com um espelho redondo, um pente de ouro e rabo de peixe – expressa 'A Deusa do Amor surge do mar'. Cada iniciado dos mistérios eleusínios que eram de origem pelásgia (o povo matrial, 'do mar', nativo da Grécia), era submetido a um ritual de amor com seu representante, após tomar um banho de caldeirão... o espelho também fazia parte do mobiliário sagrado dos mistérios e, provavelmente, era equivalente ao 'Conhece-te a ti mesmo'.¹⁶ A mesma sereia/mãe do oceano é chamada de Yemaya na África ocidental e de Iemanjá no Brasil.

A água é o espelho original; a imagem é também aquela da lua flutuando sobre o mar escuro, mirando seu reflexo nas ondas. Um eco débil pode ser ouvido na abertura do gênese: "A Terra era informe e vazia e o espírito de Deus flutuava sobre a água."

Há ainda um outro aspecto referente ao espelho: uma imagem de espelho é uma imagem ao contrário, a mesma, mas oposta, a polaridade inversa. A imagem expressa o paradoxo: todas as coisas são uma só, no entanto cada coisa é separada, individual, única. Religiões orientais tendem a focar a primeira parte do paradoxo, mantendo o ponto de vista de que, na realidade, todas as coisas são uma só e que separação e individualidade são ilusões. Religiões ocidentais enfatizam a individualidade e tendem a perceber o universo como composto de coisas fixas e separadas. O ponto de vista ocidental tem a tendência a estimular o esforço e envolvimento individual com o mundo; a concepção oriental encoraja o recolhimento, a contemplação e a compaixão. A feitiçaria sustenta a verdade do paradoxo e enxerga cada ponto de vista como sendo igualmente válido. Eles se refletem e se complementam; não se contradizem. O universo das coisas separadas é o reflexo do único; o único é o reflexo da miríade de coisas

separadas do mundo. Somos todos "espirais" da mesma energia; entretanto, cada espiral é única em sua forma e padrão.

A deusa apaixona-se por si mesma, suscitando a sua própria emanção, que passa a ter existência própria. O amor do "*self* pelo *self*" é a força criativa do universo. O desejo é a energia primordial esta energia é erótica: a atração entre o amador e o amado, do planeta e a estrela, do elétron pelo próton. O amor é o laço que mantém o mundo unido.

Eros cego, todavia, torna-se amor,¹⁷ o amor que, na terminologia de Joseph Campbell, é pessoal, direcionado ao indivíduo, mais do que à caridade assexuada e universal do *agape* ou desejo sexual indiscriminado. O reflexo da Deusa toma o seu próprio ser e lhe dá um nome. Amor não é somente uma força energizante, mas uma força individualizante. Ele dissolve a separação e, no entanto, cria individualidade. Ele é, novamente, o paradoxo primordial.

Miria, "a admirável", é obviamente Marian-Miriam-Mariamne, que é também Mari, a forma de lua cheia da deusa na tradição das iras. A sensação de encantamento, de alegria e deleite no mundo natural é a essência da bruxaria. O mundo não é uma criação imperfeita, algo do qual devemos escapar, buscando salvação ou redenção. Independentemente de como ele se apresenta dia-a-dia, pela natureza de seu ser mais profundo, ele nos enche de maravilhamento.

O êxtase divino torna-se a fonte da criação, e a criação é um processo orgásmico. Êxtase encontra-se no cerne da Feitiçaria: no ritual, revertermos o paradoxo e tornamo-nos a Deusa, dividindo a alegria primitiva e pulsante da união. "A característica fundamental do xamanismo é o êxtase", segundo Mircea Eliade, e apesar de ele interpretar este estado um tanto limitadamente como sendo "o espírito abandonando o corpo", admite que, "provavelmente, a experiência extática em seus vários aspectos, é coexistente à condição humana, no sentido de que é parte integral daquilo que é conhecido como a aquisição da consciência do homem em sua maneira específica de ser no mundo. O xamanismo não é somente uma técnica de êxtase; sua teologia e filosofia dependem, enfim, do valor espiritual que é outorgado ao êxtase."¹⁸ A Feitiçaria é uma religião xamanística e o valor espiritual depositado no êxtase é alto. É a fonte da união, da cura, da inspiração criativa e da comunhão com o divino - independentemente se estas são encontradas no centro do círculo de um *coven*, na cama com nosso amado ou no meio da floresta, reverentes e maravilhados diante da beleza natural do mundo.

O êxtase proporciona harmonia, a "música das esferas". Música é uma expressão simbólica da vibração, que é uma qualidade de todos seres. Físicos informam que os átomos e moléculas de todas as coisas, desde um gás instável até o rochedo de Gibraltar, estão em constante movimento. Subjacentes a este movimento existe uma ordem, uma harmonia que é inerente a todos os seres. A matéria canta por sua própria natureza.

A canção é conduzida por ondas que se tornam esferas. As ondas são as ondas do orgasmo, ondas leves, ondas do oceano, elétrons pulsantes, ondas de som. As ondas formam esferas assim como gases espiralados formam estrelas. É um *insight* básico da Feitiçaria de que a energia, se física, psíquica ou emocional, movimenta-se em ondas, em ciclos que em si mesmos são espirais. (Uma maneira fácil de visualizar isso é tomar emprestado de uma criança um brinquedo conhecido como "mola" – uma espiral de metal muito fino. Quando esticada e vista de lado, as espirais parecem-se muito claramente com formas onduladas.)

A Deusa enche-se de amor e dá à luz uma chuva de espíritos brilhantes, uma chuva que desperta a consciência para o mundo assim como a umidade provoca o verdejar na terra. A chuva é o frutificante sangue menstrual, o sangue da lua que alimenta a vida, assim como as águas rompantes anunciam o nascimento, o extático dando lugar à vida.

O movimento e a vibração tornam-se tão intensos que Miria é levada para longe. À medida que ela se distancia do ponto de união, torna-se mais polarizada, mais diferenciada, mais homem. A Deusa projetou-se; seu *self* projetado torna-se o outro, seu oposto, que eternamente anseia por uma conciliação. As diferenças despertam o desejo, que luta contra a força centrífuga da projeção. O campo de energia do cosmos torna-se polarizado; torna-se um condutor de forças que se manifestam em direções opostas.

A concepção do todo como um campo energético polarizado por duas grandes forças, macho e fêmea, deusa e deus, que essencialmente são aspectos do seu oposto, é comum a quase todas as tradições da Arte. A tradição diânica, todavia, apesar de reconhecer o Princípio masculino, delega ao mesmo muito menos importância que ao feminino. Algumas tradições modernas, criadas individualmente, especialmente aquelas que surgem de uma orientação política feminista-separatista, não reconhecem, de modo algum, o masculino. Se trabalham com a polaridade, visualizam ambas as forças como estando contidas na mulher. Esta é uma linha de experimentação que tem muito valor para várias mulheres, particularmente como um antídoto em relação aos milhares de anos de concentração exclusiva da cultura ocidental no Homem. No entanto, este nunca foi o ponto de vista central da Arte. Pessoalmente, acredito que, a longo prazo, um modelo de universo unicamente feminino provaria ser limitante e opressivo tanto às mulheres quanto aos homens, assim como o modelo patriarcal tem sido. Uma das tarefas da religião é a de orientar-nos, igualmente, no relacionamento com o que é parecido conosco e com o que é diferente do que sois. O sexo é a diferença principal; não podemos nos realizar fingindo que diferenças não existem ou através da negação do homem da mulher.

É importante, no entanto, separarmos o conceito de polaridade das imagens culturalmente condicionadas que temos sobre o masculino e o feminino. As forças masculina e feminina representam a diferença, mas, em essência, não são diferentes: são a mesma força i ido em direções opostas mas não contrárias. O conceito chinês de Yin e Yang é um pouco parecido, mas em Feitiçaria a descrição das forças é muito diferente. Nenhuma delas é "ativa" ou "passiva ou clara, seca ou úmida; pelo contrário, cada qual participa de todas estas qualidades. A mulher é vista como a força que dá a vida, o poder de manifestação, de energia fluindo no mundo para transformar-se em matéria. O homem é visto como a força da morte, em um sentido positivo, não negativo: a força da limitação que é o equilíbrio necessário para criação descontrolada, o poder da dissolução, do retorno à infirmitude. Cada princípio contém o outro: a vida gera a morte, alimenta-se da morte; a morte sustenta a vida, torna possível a evolução e uma nova criação. Ambas fazem parte de um ciclo, uma dependente da outra.

A existência é mantida pela pulsação intervalar, a corrente alternante das duas forças em perfeito equilíbrio. Descontrolada, a força vital é um câncer; desenfreada, a força da morte transformasse em guerra e genocídio. Unidas, elas fundem-se na harmonia que sustenta a vida, na órbita perfeita que pode ser observada no ciclo de mutação das estações, no equilíbrio ecológico do mundo natural e no desenvolvimento

da vida humana do nascimento à realização e do declínio e à morte e, então, ao renascimento.

A morte não é um fim; é um estágio do ciclo que conduz ao renascimento. Após a morte, é dito que a alma humana descansa na "Terra do Verão", a Terra da Juventude Eterna, onde ela é revigorada, rejuvenesce e é preparada para renascer. O renascimento não é considerado eterna condenação, sombrio ciclo de sofrimento, como em algumas religiões orientais. Pelo contrário, é visto como uma grande dádiva da Deusa, que está presente no mundo físico. A vida e o universo não se encontram separados da deidade; eles são a divindade imanente.

A Feitiçaria não afirma, como a primeira verdade do budismo, que "a vida é sofrimento". Ao invés, a vida é algo de maravilhoso. Afirma-se que Buda teve este *insight* após defrontar-se com a velhice, a doença e a morte. Na Arte, a velhice é uma parte natural e altamente valorizada do ciclo da vida, a época de maior sabedoria e compreensão. A doença, é claro, causa tristeza, mas não é algo que, inevitavelmente, tem que ser sofrido: a prática da Arte sempre esteve ligada às artes curativas, à botânica e à obstetrícia. Tampouco a morte é assustadora: ela é, simplesmente, a dissolução da forma física que permite ao espírito preparar-se para uma nova vida. Certamente, o sofrimento existe na vida – é uma parte do aprendizado. Mas, fugir da roda do nascimento e da morte não é a melhor cura, da mesma maneira que o haraquiri não é a solução indicada para as cólicas menstruais. Quando o sofrimento é o resultado de regras sociais ou da injustiça humana, a Arte estimula um trabalho ativo para aliviá-lo. Quando o sofrimento é uma parte natural do ciclo do nascimento e decadência, é amenizado através da aceitação e da compreensão, pelo desejo de entregar-se tanto à escuridão quanto à luz.

A Polaridade dos princípios feminino e masculino não deve ser compreendida como padrão genérico para o indivíduo feminino e os seres humanos. Cada um de nós Possui ambos os princípios somos o feminino e o masculino. Ser completo significa estar em contato com as duas forças: criação e desintegração, crescimento e licitação. A energia criada pelo antagonismo das forças flui dentro de nós. Ela pode ser vivida individualmente em rituais ou meditações e pode ser harmonizada para ressoar com outras pessoas. O sexo por exemplo, é muito mais que simples ato físico; é um polarizado fluxo de poder entre duas pessoas.

O princípio masculino é visto, inicialmente, como uma figura quase andrógina: a criança, o Deus Azul do amor tocando flauta. Sua imagem é conexa à do Deus Azul Pessoal, o *self* profundo, que também andrógino. Jovem bondoso, filho amado, ele jamais é sacrificado.

O aspecto verde é o deus da vegetação – o espírito do milho, o grão que é colhido e então replantado; a semente que morre a colheita e eternamente renasce toda primavera.

O Deus Galhudo mais "masculino" no sentido convencional projeções da Deusa, é o eterno caçador e, também, o animal é caçado. É a fera sacrificada para que a vida humana possa continuar, assim como o sacrificador, aquele que derrama sangue. Ele é também visto como o sol, eternamente caçando a lua no céu. Os períodos em que o sol aumenta e diminui através das estações manifestam o ciclo do nascimento e da morte, criação e dissolução, separação e retorno.

Deusa e deus, feminino e masculino, lua e sol, nascimento e, te movimentam-se em suas órbitas – eternos, mas sempre cambiantes. Polaridade, a força que mantém o universo junto, é amor, transcendente e individual. A criação não ocorreu só uma um

ponto fixo da história; ela prossegue eternamente, acontecendo a cada momento, revelada no ciclo do ano.

A RODA DO ANO¹⁹

Apaixonado, o Deus Galhudo mudando de forma e mudando de rosto, busca sempre a Deusa. Neste mundo, a procura e a busca surgem na Roda do Ano.

*Ela é a Grande Mãe que dá à luz ele como a Divina Criança do Sol, no solstício de inverno. Na primavera, ele é semente e semente que germina com a luz crescente, verde como os novos brotos. Ela é a iniciadora que ensina a ele os mistérios. Ele é o jovem touro; ela a ninfa, sedutora. No verão, quando a luz é mais duradoura, unem-se e a força de sua paixão sustenta o mundo. Mas a face do deus escurece à medida que o sol enfraquece, até que, finalmente, quando o grão é colhido ele também se sacrifica ao self a fim de que todos possam ser nutridos. Ela é a ceifeira, o túmulo da terra ao qual todos devem retornar. Durante as longas noites e dias que escurecem, ele dorme em seu ventre; em seus sonhos, ele é o Senhor da Morte que rege a Terra da Juventude, além dos portais da noite e do dia. Sua sepultura escura torna-se o útero do renascimento, pois no meio do inverno ela dá, novamente, à luz ele. O ciclo termina e começa outra Vez e a Roda do Ano gira, ininterruptamente.**

Os rituais dos oito dias solares e santificados, o *sabbath* (o sétimo dia da semana), são derivados do mito da Roda do Ano. A Deusa revela o seu tríplice aspecto: como donzela, ela é a virgem protetora do nascimento e da iniciação; como ninfa, ela é a tentadora sexual, amante, sereia, sedutora; como anciã, ela é a face obscura da vida, a qual exige morte e sacrifício. O deus é filho, irmão, amante, que se torna seu próprio pai: o sacrifício eterno sempre renascido para uma vida nova.

Sir James Frazer, em *The Golden Bough*, traça muitas variações deste mito. A maioria, como a versão exposta por Robert Graves em *The White Goddess*, apresenta o deus como dividido em gêmeos rivais, que corporificam seus dois aspectos. O Filho da Estrela, Senhor do Ano vindouro, disputa com seu irmão, a Serpente, o amor da Deusa. No solstício de verão, lutam e a Serpente Escura derrota a luz e o suplanta em favor da Deusa, somente para ser, ele próprio, derrotado em meio ao inverno, quando o ano vindouro renasce.

Essa variante, em essência, não é diferente da que apresenta os, visto que os gêmeos da luz e da escuridão são claramente compreendidos como sendo aspectos da mesma divindade. Mas, quando vemos o deus dividido, corremos o risco de sofrer uma divisão (jentro de nós: identificando-nos totalmente com a luz e determinando a escuridão como sendo um agente do mau. O Filho da Estrela e a Serpente muito facilmente tornam-se representações de Cristo-Satã. Em Feitiçaria, o aspecto obscuro e decadente do deus não é mau – ele é parte vital do ciclo natural.

O ensinamento essencial do mito está ligado ao conceito de sacrifício. Para os bruxos, assim como para as pessoas íntimas com a natureza, todas as coisas – plantas, animais, pedras e estrelas – são viventes, são, em algum nível, seres conscientes. Todas as coisas são divinas, sendo manifestações da Deusa. A morte do grão na colheita ou a morte de um alce na caçada, era considerada como sacrifício divino, realizado espontaneamente por amor. Identificação ritualística e mítica com o deus que sacrifica enobrece a centelha da vida, mesmo na morte, e nos prepara para, dignamente, uma nova vida, quando chegar a hora de cada um morrer. Crescimento

decadência, nascimento e morte, ocorrem na psique humana e no ciclo da vida. Cada um deve ser bem-vindo em seu tempo e estação adequados, pois a vida é um processo de constante mudança.

O deus escolhe sacrificar a fim de permanecer na órbita da Deusa, dentro do ciclo do mundo natural e da união primordial e extática que cria o mundo. Prendendo-se a qualquer ponto da roda e recusando-se a dar lugar às mudanças, o ciclo seria interrompido; ela cairia para fora da órbita e perderia tudo. A harmonia seria destruída; a união seria rompida. Ele não estaria se preservando, mas negando seu verdadeiro *self*, sua paixão mais profunda, sua vera natureza.

É de vital importância não confundir essa concepção de sacrifício a abnegação masoquista que é, frequentemente, pregada ideal por religiões patriarcais. Na Arte, o sacrifício da nossa natureza ou individualidade jamais é exigido. Pelo contrário, oferecemos sacrifícios à natureza. Não há, na bruxaria, conflito entre o espiritual e o material; não é necessário abrir mão de um para obter o outro. O espírito manifesta-se na matéria: a Deusa é vista como provendo-nos de abundância. Entretanto, o mais abundante dos é seguido pelo inverno, assim como o dia mais longo termina em noite. Somente quando cedemos lugar ao outro é que a vida pode continuar.

Em Feitiçaria, o sacrifício não é, definitivamente, submissão a um poder externo mantido por outra pessoa ou instituição. Como também não significa colocarmos de lado nossa vontade e respeito próprios. Seu tom emocional não é de auto piedade, mas de orgulho: é o sacrifício de Mettus Curtius que, quando comunicado pelos adivinhos de que a fenda sem fundo que havia repentinamente surgido no fórum era um sinal de que os deuses exigiam o sacrifício do melhor de Roma, sem hesitar saltou para o abismo, a cavalo, totalmente paramentado. Nem por um instante sequer duvidou de seu valor; ele sabia o que "o melhor de Roma" deveria fazer e agiu condignamente, baseado em um sentimento interno quanto ao que era correto.

A Feitiçaria não exige pobreza, castidade ou obediência, mas ela também não é uma filosofia que "busca o número um". Ela desenvolveu-se a partir de uma sociedade de clãs entrelaçada e fechada, onde os recursos eram divididos e a terra utilizada em comum. "Caridade" era um conceito desconhecido, pois a divisão era uma parte integral da sociedade, uma expectativa básica. O "número um" existia somente no tecido social e na trama de toda a vida. A Feitiçaria reconhece que somos todos interdependentes e até mesmo o mais ávido membro "geração egotista" deve, por fim, ser vir à força da vida, mesmo que apenas como fertilizante.

O sacrifício do deus era representado na sociedade humana pelo "rei sagrado" ou sacerdote, que servia como consorte da suprema sacerdotisa, líder religioso e, às vezes, líder guerreiro do clã. Desde que Frazer compilou *The Golden Bough*, sua obra clássica de folclore e antropologia publicada pela primeira vez em 1900, escritores que se dedicam às religiões "primitivas", especialmente aquelas orientadas para uma deusa, em geral têm aceito a sua tese de que o sacrifício humano era uma instituição regular e vital na cultura femeocentrada. Até mesmo pensadores sensíveis e bem intencionados – incluindo Robert Graves,* que, provavelmente, foi o maior incentivador do renascimento do interesse pela Deusa neste século – têm perpetuado esses mitos. Joseph Campbell, autor da primorosa coleção *The Masks of God*, vai mais longe ainda ao afirmar que "o sacrifício humano... em toda parte é característica da veneração da Deusa".²⁰

A tradição da Arte e evidências arqueológicas não corroboram esse aspecto da veneração à Deusa como sendo sangrento e bárbaro. Os vários sítios paleolíticos

associados a imagens da Deusa – Laussel, Angles-sur-Anglin, Cogul, La Magdaleine, Malta, só para citar alguns - não apresentam nenhuma evidência de sacrifício humano. No período neolítico, Catal Hüyük é um dos primeiros e mais claramente matriarcais sítios (cerca de 6500-5700 a.C.) escavados. Os vários santuários decorados com figuras da deusa-mãe e seu filho amante não fornecem dados que apontem para o sacrifício humano ou animal; não há altares, fossas para sangue e depósitos secretos para ossos. Nem tampouco os templos da Deusa em Malta e na Sardenha, as galerias escavadas e os círculos de pedras dos construtores megalíticos ou os sítios escavados de Creta, apresentam qualquer coincidência de que seres humanos foram, em qualquer época, ritualmente assassinados. Onde o sacrifício humano é claramente evidente - por exemplo, nos túmulos sagrados da cidade suméria de Ur, onde cortejos inteiros acompanhavam o rei para a morte – ele está associado a culturas já vinculadas ao patriarcado.

Reconstituir uma cultura a partir de pedras enterradas e artefatos é, obviamente, difícil; a reconstituição que utiliza costumes folclóricos que sobreviveram, com a qual Frazer fez frequentes tentativas, é igualmente suscetível de erro. Se camponeses queimam efígies de milho na fogueira da colheita, não significa, necessariamente, que em algum tempo eles queimavam seres vivos. Para o *self* mais jovem um boneco de milho é um símbolo perfeitamente eficaz do sacrifício do Deus; não é preciso uma vítima viva.

Relatos históricos de culturas femeocentradas originam-se, na maior parte das vezes de seus inimigos e conquistadores, que muito provavelmente pintavam quadro negativo dos costumes religiosos de seus adversários. Se nosso conhecimento do judaísmo medieval fosse limitado aos relatos históricos de sacerdotes católicos, seríamos forçados a concluir que o sangue dos cristãos fazia-se necessário para assar os *matzohs* rituais. Hoje reconhecemos a calúnia ínsita na ficção, mas críticas contra religiões femeocentradas tronaram-se profundamente integradas à religião e à mitologia e, com frequência, são difíceis de serem identificadas. Acreditava-se por exemplo, que o mito grego de Teseu e o minotauro representasse o sacrifício cretense de prisioneiros ao seu deus-touro. Mas, afrescos descobertos no palácio de Minos revelam, pelo contrário, a prática de saltar touros: sem dúvida um esporte perigoso, mas que dificilmente poderia ser classificado como sacrifício humano, do mesmo modo que seu descendente moderno, a tourada.

Na tradição das fadas, ensinamentos orais afirmam que, em tempos primitivos, o rei ou sacerdote sagrado mantinha seu ofício por nove anos, após o que era submetido a um ritual de morte simulada, abdicava e unia-se ao conselho dos dignitários. O ritual de morte simulada pode ter dado origem a vários costumes folclóricos envolvendo sacrifícios simbólicos. Em períodos de grande necessidade ou desastre, um rei poderia, se se sentisse intimamente inclinado, sacrificar-se. O voluntarismo em dar a existência pessoal a fim de servir o povo era o verdadeiro teste de dignidade real e essa exigência reduzia a atração pelo poder de indivíduos corruptos e egoístas. A realeza não era, originalmente, uma oportunidade para matanças no mercado de bronze ou colecionar escravos; era uma identificação mística e ritual com as forças essenciais da morte e da vida.

Mulheres nunca foram sacrificadas em Feitiçaria. As mulheres vertiam o seu próprio sangue mensalmente e arriscavam a morte a serviço da força vital a cada gravidez e parto. Por esta razão, seus corpos eram considerados sagrados e mantidos inviolados.

Infelizmente, jornais, filmes e televisão continuam até hoje perpetuando a associação da Feitiçaria e a religião da Deusa com o terror e o sacrifício humano. Cada assassino do tipo de Charles Manson é chamado de "bruxo". Psicopatas declaram praticar Feitiçaria com ritos degradantes e, às vezes, conduzem pessoas ingênuas a acreditarem neles. A Feitiçaria, vista como uma religião, pode não possuir um credo universal ou uma liturgia definida, mas em alguns pontos há unanimidade. Nenhum bruxo verdadeiro pratica atualmente sacrifício humano, tortura ou alguma forma de assassinato ritual. Qualquer um que o faça não é um bruxo e, sim, um psicopata.

A visão de mundo da Feitiçaria é, sobretudo, aquela que valoriza a vida. O cosmos é um campo de forças polarizadas no constante e rotativo processo de criação e dissolução de pura energia. A polaridade, a qual denominamos de deusa e deus, cria o ciclo que sustenta os movimentos das estrelas e a mudanças das estações, a harmonia do mundo natural e a evolução em nossas vidas humanas. Percebemos a inter-relação destas forças de duas maneiras básicas: o modo holístico e intuitivo da "luz das estrelas" do hemisfério direito e do inconsciente, e o modo linear, analítico e consciente do hemisfério esquerdo. A comunicação entre o consciente e o inconsciente, entre o *self* discursivo e o *self* mais jovem e, deste último, para o *self* profundo, o espírito, depende de uma abertura em relação a ambas as maneiras de percepção. Conceitos verbais devem ser trazidos em símbolos e imagens; imagens inconscientes devem ser trazidas para a luz da consciência. Através de uma comunicação aberta podemos nos harmonizar com os ciclos da natureza, com a união extática, original, que é a força da criação. A harmonização exige sacrifício, disposição para mudar, abrir mão de qualquer ponto na e seguir em frente. Mas sacrifício não é sofrimento e a vida, em todos seus aspectos, iluminados e obscuros, de crescimento e decadência, é uma grande dádiva. Em um universo onde a dança infinitamente transformadora e erótica do deus e da deusa baila radiante és de todas as coisas, nós, que entramos em seu ritmo, nos arrebatemos com o encanto e o mistério de ser.

Notas

¹ Ensino oral da tradição das fadas da Feitiçaria.

² Lee Barlett, "Interview – Gary Snyder", California Quartely, 1975, vol. 9, pp. 43-50.

³ Carlos Castaneda, Porta Para o Infinito (Record/Nova Era, 1974), pp. 28-29.

⁴ M. Esther Harding, Woman's Misteries, Ancient & Modern (Nova Yorl: Pantheon, 1955), p. 6.

⁵ Robert E. Ornstein, The Psychology of Consciousness (San Francisco: W. H. Freeman, 1972), pp. 51-52.

⁶ Ornstein, p. 17.

⁷ Ornstein, pp. 51-52.

⁸ Ornstein, p. 79.

- ⁹ Anton Ehrensweig, *The Hidden Order of Art* (Londres: Paladin, 1967), p. 35
- ¹⁰ Barbara Beown, *New Mind, New Body* (Nova York: Harper & Row, 1974), p. 75.
- ¹¹ Brown, p. 75.
- ¹² Margaret A. Murray, *The Witch-Cult in Western Europe* (Nova York: Oxford University Oress, 1971), p. 255.
- ¹³ John C. Lilly, *The Center of the Cyclone* (Nova York: Julian Press, 1972), p. 27.
- ¹⁴ Robert Graves, *Food for Centaurs* (Nova York: Doubleday, 1960), p. 6.
- ¹⁵ Joseph Campbell, *The Masks of God: Creative Mythology* (Nova York: Viking Press, 1970) p. 4.
- ¹⁶ Robert Graves, *The White Goddess* (Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1966), p. 395.
- ¹⁷ Campbell, pp. 176-77.
- ¹⁸ Mircea Eliade, *Rites & Symbols of Initiation*, tradução de William R. Trask (Nova York: Harper & Row, 1958), p. 101.
- ¹⁹ Ensino oral na tradição das fadas.
- ²⁰ Joseph Campbell, *The Masks of God: Creative Mythology* (Nova York: Viking Press, 1970) p. 160.

3 O Coven



Entre os Mundos

LUA NOVA

“Encontramo-nos esta noite em frente à loja alugada. Durante longo tempo, simplesmente conversamos, a respeito de nossos temores e dúvidas sobre magia e nós mesmos: que isto não é verdade, que isto é de verdade, que isto vai parar, que é uma viagem do ego, que somos malucos, que o que realmente queremos é o poder, que perderemos nosso senso de humor e nos tornaremos arrogantes a esse respeito, que não seremos capazes de levar isso a sério, que isto não dará certo, que dará certo...”

A certa altura, demo-nos as mãos e começamos a respirar juntos. Repentinamente, percebemos que um círculo havia sido organizado. Passamos o óleo para todos, a fim de sermos ungidos e nos beijamos. Alguém começou a cantarolar baixinho e Pat a batucar levemente um ritmo no tambor. E estávamos todos cantando, entrelaçando vozes e melodias, como se palavras diferentes chegassem através de cada um de nós:

*Ísis... Astartéia... Ishtar...
Luz e escuridão... luz e escuridão...
Lu-uu-a, Lu-uu-a Crescente...
Derrame sua luz e brilho sobre nós...
Brilhe! Brilhe! Brilhe! Brilhe! Brilhe!*

E através e por trás delas, Beth gemia com seu instrumento e ele soava como uma canção árabe ou como o lamento de um saxofonista de jazz, mas nós sorríamos com a graça de tudo...

Simultaneamente, ficamos todos em silêncio. Então dividimos frutas, rimos e falamos a respeito de humor. Estávamos tentando pensar em um nome para a assembleia e alguém sugeriu Compost (adubo, fertilizante). Era perfeito! Da terra, orgânico e nutritivo – e desestimulante em relação à arrogância.

A partir de agora somos o coven de Compost!

O ritual funcionou. Seja o que for que a magia traga, ela não afasta a capacidade de rirmos de nós mesmos. E os temores diminuem cada vez mais.”

Do meu Livro das Sombras (Diário onde a feiticeira anota todas as suas atividades).*

O *coven* é um grupo de apoio da bruxa, um grupo que desperta a consciência, um centro de estudos psíquicos, um programa de treinamento de sacerdotes, escola de mistérios, o substituto de um clã e uma congregação religiosa, todos em uma só instância. Num *coven* forte, o liame é, por tradição, “mais forte que o de família”: a partilha espiritual, emocional e imaginativa. “Perfeito amor e perfeita confiança” são as metas.

A estrutura de um *coven* torna a organização da Feitiçaria muito diferente da maioria das outras religiões.* A Arte não está alicerçada sobre grandes e heterogêneas massas que se conhecem somente superficialmente: nem tampouco baseia-se em gurus individuais com seus devotos e discípulos. Não existe uma autoridade hierárquica, nenhum Dalai Lama, nenhum papa. A estrutura da bruxaria é celular, baseada em pequenos círculos cujos membros compartilham profunda, mútua confiança entre si e a Arte.

A Feitiçaria tem a tendência a atrair pessoas que, por sua natureza, não gostam de se unir a grupos. A estrutura do *coven* torna possível que individualistas fanáticos experimentem profunda sensação de comunidade sem que percam a sua independência de espírito. O segredo é o seu tamanho reduzido. Um *coven*, tradicionalmente, nunca abriga mais do que treze membros. Em um grupo tão pequeno, a presença ou ausência de uma pessoa afeta o restante. O grupo torna-se vário pelas predileções, aversões, crenças e gostos de cada indivíduo.

Ao mesmo tempo, o *coven* torna-se uma entidade em si mesma, com personalidade própria. Ela gera uma forma *raith*[†], uma espiral de energia que existe acima e além de seus membros. Há uma qualidade sinérgica que envolve um *coven* forte. É mais do que a soma das partes; é um poço de energia onde seus membros podem saciar sua sede.

Para tornar-se membro de um *coven*, o bruxo deve ser iniciado, deve submeter-se a um ritual de comprometimento, no qual os ensinamentos e segredos internos do grupo são revelados. A iniciação é seguida de um longo período de treinamento, durante o qual a confiança e a segurança do grupo são paulatinamente construídas. Quando sua duração é adequada, o ritual torna-se também um rito de passagem que marca um novo estágio de crescimento pessoal. A Feitiçaria desenvolve-se lentamente; jamais poderá ser uma religião de massas, propagada pelas esquinas ou entre os voos no aeroporto. Feiticeiras não fazem proselitismo. Espera-se que possíveis membros busquem os *covens* e demonstrem profundo nível de interesse. A força da Arte é sentida na qualidade e não na quantidade.

Originalmente, os líderes de *covens* eram professores e sacerdotisas/sacerdotes de uma grande população pagã e não iniciados. Eles constituíam os conselhos de dignitários dentro de cada clã, as mulheres e homens cuja sabedoria fê-los ir além da superfície dos ritos e buscar significados mais profundos. Nos grandes festivais solares,

[†] “*raith*”, a energia elemental do corpo, também é chamada de corpo etéreo e corpo vital, pois através dela recebemos a vitalidade, energia emocional e física.

os sabás, eles conduziam os rituais, organizavam as reuniões e explicavam os significados das cerimônias. Cada *coven* possuía seu território próprio que, por tradição, estendia-se por uma légua. *Covens* vizinhos podiam juntar-se por ocasião dos grandes sabás, a fim de dividirem conhecimentos, ervas, feitiços e, é claro, tagarelar. Grupos de *covens* juntavam-se, às vezes, sob o comando de uma feiticeira “rainha” ou grã-mestra. Em luas cheias, *covens* encontravam-se sozinhos para os Esbats, quando estudavam os ensinamentos internos e praticavam magia.

Durante a época das fogueiras, os grandes festivais foram banidos ou cristianizados. A perseguição era mais intensamente direcionada contra membros de *covens*, encarados como os verdadeiros perpetuadores da religião. O sigilo mais absoluto tornou-se necessário. Qualquer membro de um *coven* poderia trair os demais e leva-los à tortura e à morte, portanto, “perfeito amor e perfeita confiança” eram mais que palavras vazias. Os *covens* foram isolados uns dos outros, as tradições fragmentaram-se, os ensinamentos foram esquecidos.

Presentemente, há um crescente esforço em toda a Arte para restabelecer a comunicação entre os *covens* e dividir conhecimentos. Mas, muitos bruxos ainda não podem se dar ao luxo de “saírem do armário”. O reconhecimento público pode significar a perda de seus empregos e meios de ganhar a vida. Feiticeiros conhecidos são alvos fáceis para malucos violentos: um casal do sul da Califórnia teve a sua casa bombardeada após ter participado de um programa de entrevistas na televisão. Outros são molestados pelas autoridades por causa de práticas tradicionais como a predição ou tornam-se bodes expiatórios de crimes locais. O preconceito, infelizmente, é comum. Pessoas sensatas jamais identificam alguém como um feiticeiro/feiticeira sem, de antemão, pedirem permissão de maneira reservada. Neste livro, meus amigos e membros de *covens* foram genericamente tratados por seus nomes utilizados nos *covens*, a fim de preservar a privacidade dos mesmos.

Todo *coven* é autônomo. Cada um possui autoridade própria em assuntos relativos a rituais, theologia e treinamento. Grupos de *covens*, que seguem os mesmos ritos, podem se considerar parte da mesma tradição. Para garantir proteção legal a seus membros, muitos *covens* associam-se e se incorporam como igreja, mas os direitos de *covens* autônomos são sempre zelosamente resguardados.

Covens geralmente desenvolvem enfoque e orientação específicos. Existem *covens* que se concentram na cura e nos ensinamentos; outros podem ter inclinações para o trabalho psíquico, estados de transe, ação social ou criatividade e inspiração. Alguns parecem dedicar-se, simplesmente, a darem boas festas; afinal, “todos os atos de amor e prazer” são rituais da deusa. Os *covens* podem ser compostos de homens e mulheres ou se limitarem, somente, às mulheres. (Existem poucas assembleias só de homens, por motivos que serão discutidos no capítulo 6.)*

Um *coven* é um grupo de pessoas consideradas como iguais, mas não é um “grupo acéfalo”. A autoridade e o poder, no entanto, estão baseados em princípios muito diferente daqueles predominantes no mundo em geral. O poder, em um *coven*, nunca é o poder sobre o outro. É o poder que vem de dentro.

Em Feitiçaria, poder é outra palavra para energia, a corrente de forças que molda a realidade. Uma pessoa poderosa é aquela que atrai energia para o grupo. A capacidade para canalizar poder depende da integridade, coragem e individualidade pessoais. Ele não pode ser presumido, herdado, nomeado ou tido como certo. O poder interior advém da capacidade de autocontrole, de encarar medos e limitações, de manter compromissos e de ser honesto. As fontes de poder interior são ilimitadas. O

poder de uma pessoa não diminui o poder de outra; pelo contrário, à medida que um membro do *coven* entra em contato com seu próprio poder, o poder do grupo torna-se mais forte.

Em termos ideais, um *coven* serve como campo de treinamento onde cada membro desenvolve o seu poder pessoal. O apoio e a segurança do grupo reforçam a confiança de cada membro em si mesmo. O treinamento psíquico desperta novas percepções e capacidades, e a realimentação do grupo torna-se o espelho sempiterno no qual nos “vemos como os outros nos veem”. O objetivo de um *coven* não é o de abolir os líderes, mas treinar cada bruxo para ser um líder, uma sacerdotisa ou um sacerdote.

A questão da liderança tem incomodado o movimento feminista e a nova esquerda. O cenário político americano está, infelizmente, carente de modelos de poder interior. O poder sobre os outros é corretamente percebido como sendo opressivo, mas, com muita frequência, o “ideal coletivo” é utilizado de maneira errônea, para destruir os fortes em lugar de inserir força nos fracos. Mulheres poderosas são combatidas ao invés de serem apoiadas: “Serei uma traidora? Eles deviam me matar. Tornaram-me uma líder. Não devíamos ter líderes. Serei julgada por algum papel oculto, minha reputação assassinada secretamente.”¹

O conceito de poder interior estimula o orgulho saudável, não o anonimato recatado; a alegria em relação à nossa força, não vergonha e culpa. Em bruxaria, autoridade significa responsabilidade. O líder do *coven* deve possuir sensibilidade e poder interior para canalizar a energia do grupo, para dar início e interromper cada fase do ritual, ajustando a duração de acordo com o ânimo do círculo. Um ritual, assim como uma produção teatral, precisa de um diretor.

Na prática, a liderança é passada de um líder para outro em um grupo totalmente amadurecido. O bastão representando a autoridade do líder pode ser passado para cada membro da assembleia. Diferentes partes do ritual podem ser conduzidas por diferentes pessoas.

Por exemplo, nosso último ritual do Equinócio de Outono foi inspirado por Alan, que é um aprendiz, mas não ainda um iniciado no *Coven Compost*. Alan está muito envolvido com o movimento de liberação masculino e desejava um ritual centrado na mudança do condicionamento do papel sexual que cada um recebera. Oito de nós, de Compost e Honeysuckle, meu *coven* de mulheres, e do grupo de homens de Alan, planejamos o ritual. A seguir está o meu relato.

Equinócio de Outono, 1978.

Uma noite quente. Dezesete de nós encontramos-nos na casa de Guidot, nove mulheres e oito homens. Depois de conversarmos um pouco, subimos para o aposento do ritual.

Alan, auxiliado por Guidot e Paul, organizou o círculo, utilizando belas invocações, que acredito terem sido improvisadas na hora. Três ou quatro de nós haviam explicado o ritual para o restante das pessoas e elas estavam prontas. Conduzi a invocação para a Deusa, usando o cântico *Kore*. Comecei falando e quando passei a cantá-lo foi como se algo tivesse vindo por trás e me transportasse para fora de mim. Minha voz alterou-se fisicamente, tornou-se uma vibração baixa e profunda, injetando poder no círculo; então, quando todas as pessoas assimilaram o cântico, que perpassava por todos nós, a melancólica lamentação pelo fim do verão, triste mas bela...

Mudança é... toque é...

Toque-nos... mude-nos...

Alan, Paul e Guidot invocaram o deus, Alan chamando-o de Bondoso Irmão, combatente da violação. Ele escreveu uma vigorosa invocação (incluída no capítulo 6).

Começamos uma dança da expulsão, girando pelo círculo em movimentos contrários ao sol. Enquanto nos movimentávamos, cada pessoa lançava uma frase – o grupo a captava e a repetia, cantando-a ritmicamente, elevando-a, gritando-a, depois deixando que se dissipasse até que o seu poder em controlar-nos com ela esmaecesse. Alan foi o primeiro:

– Você deve ser bem-sucedido!

– Você deve ser bem-sucedido! Você deve ser bem-sucedido! Deve ser! Deve ser! Deve ser! Deve!

– Meninas bonitas não *fazem* aquilo! Meninas bonitas não *fazem* aquilo! Meninos não choram! Você não é uma mulher de verdade! Maricas! Maricas! Maricas!

Dezesseis uivos ressonantes absorviam cada brado, vozes exaltadas de escárnio que se transformaram, sob a luz fraca, nas atormentadas Fúrias de nossas mentes, mordazes, gozadoras, gritantes – que então desapareceram como fumaça no ar. Por fim, estávamos batendo os pés e gritando – dezessete adultos completamente nus, pulando para cima e para baixo, urrando: “Não! Não! Não! Não! Não!”

O *self* mais jovem havia sido despertado, sem dúvida, em sua glória plena e original.

Val penetrara em si mesma, em seu poder como a anciã. Ela desempenhou o mistério (que é secreto), auxiliada, acredito, por Alan e Paul. Não posso afirmar, pois nada vi. Laurel, Brook e eu conduzimos o transe, uma indução suave, sussurrada a três vozes:

Seus dedos estão se dissolvendo em...

Sonhe profundamente, e durma o sono mágico...

Dissolvendo-se em água, e seus dedos do pé são...

Valerie nos animou. Formamos dois grupos, para os mistérios masculinos e femininos. Os homens demoraram algum tempo – acho que se envolveram em uma discussão histórica sobre os ritos de Dionísio. Quando terminaram, um por um voltamos ao círculo, sentando alternadamente homens e mulheres. Seguimos o círculo, dizendo como cada um de nós havia se tornado forte.

“Fortaleci-me através do enfrentamento dos meus medos.”

“Fortaleci-me através de meus amigos.”

“Fortaleci-me através dos meus erros.”

“Fortaleci-me através da assunção de posições.”

“Fortaleci-me através de sonhos.”

Então cantamos, elevando o poder para efetivar as visões que havíamos tido no transe de nós mesmos, livres e verdadeiros. O cântico continuou – era fisicamente tão aprazível – sentindo o fluxo de poder, a ressonância baixa das vozes masculinas, as notas altas das mulheres – ele nos envolvia como uma grande e aconchegante onda.

A seguir, Alan e eu abençoamos o vinho e os alimentos. Enquanto a taça passava pelo círculo, cada um depunha sobre o que se sentia grato. A taça passou várias vezes. Então relaxamos, comemos, rimos, conversamos como sempre. Alan encerrou o ritual e abriu o círculo.

Depois, fiquei surpresa sobre como tudo havia transcorrido calmamente, cada um desempenhando papéis diferentes. É uma boa sensação poder recuar e permitir que outras pessoas assumam o centro e vê-las desenvolvendo seu poder.

Atualmente, tanto Compost quanto o *coven* de mulheres, conhecido como Honeysuckle, são *covens* de dignatários.* Cada iniciado é capaz de conduzir rituais, direcionando a energia e treinando os novatos. O processo de desenvolvimento em cada grupo, todavia, era muito diferente.

Compost era típico, tal como vários *covens* novos e auto iniciatórios que estão surgindo hoje, sem a vantagem do treinamento formal da Arte. Eu havia sido ensinada por bruxas, há muitos anos, quando estudava na universidade, mas nunca realmente havia me iniciado. Grande parte do meu conhecimento é produto de figuras de sonhos e experiências de transe. Fui incapaz de encontrar um *coven* que sentisse ser compatível comigo e, durante muitos anos, trabalhei sozinha. Finalmente, decidi tentar iniciar meu próprio *coven*, independentemente de estar “autorizada” a fazê-lo. Comecei dando aulas de Feitiçaria no Centro de Educação Alternativa de Bay Área.

Em poucas semanas, um grupo de indivíduos interessados começou a encontrar-se semanalmente. Nossos rituais eram coletivos e espontâneos, como o descrito na abertura deste capítulo. Éramos resistentes quanto a formas e palavras determinadas.

Decorridos alguns meses, um grupo dotado de núcleo forte havia se desenvolvido e, então, realizamos uma iniciação formal. Nossos rituais haviam adquirido um padrão regular e decidimos fixar a base dos ritos, a fim de que tivéssemos uma estrutura coletiva, na qual todos pudéssemos ser espontâneos e abertos. Anteriormente, o líder – geralmente eu – decidia o que iria acontecer a qualquer momento e todos seguiam a sua determinação.

Conhecemos muitas feiticeiras de outros *covens* e iniciei meus estudos com uma professora da tradição das fadas. Comecei a ter contato com meu próprio poder. Como grupo, também percebíamos que as energias que estávamos suscitando eram reais, não meramente simbólicas. O grupo sentiu necessidade de um líder reconhecido; ao mesmo tempo, senti a necessidade de ter o meu recém-descoberto poder reconhecido. O *coven* confirmou-me como sacerdotisa.

Como a maioria das pessoas, cuja sensação de poder interior está se desenvolvendo rapidamente, eu, ocasionalmente, agia de maneira extremada. De não-líder coletivista tornava-me, às vezes, sacerdotisa um tanto desajeitada. Existem dias em que os registros de rituais são bem diferentes dos que foram apresentados neste capítulo: “Organizei o círculo... Invoquei a Deusa... conduzi o cântico... direcionei o cone de poder...”. Felizmente, os membros do meu *coven* eram tolerantes o suficiente, permitindo que eu cometesse erros, e honestos o bastante para dizer que não gostavam do que eu estava fazendo. Começamos a dividir responsabilidades: um membro trazia sal e água e purificava o círculo, outro trazia incenso e carregava o espaço de energia. Os homens invocavam o Deus Galhudo e dividíamos as tarefas de invocar a Deusa e direcionar o cone de poder. Tornei-me mais relaxada no papel de líder.

À medida que outros membros da assembleia desenvolviam as suas próprias forças, decidimos “passar o bastão”. Diane, uma pessoa incrivelmente terna, que irradia uma sensação de carinho, foi nossa escolha unânime. Ela sempre gostara mais de nossos rituais simples e espontâneos, e sob a sua liderança abrimos mão de parte significativa da estrutura e começamos a experimentar. “Esta noite não sinto vontade de dispor o círculo formalmente”, ela poderia dizer, “vamos simplesmente bater levemente nas quatro paredes e cantar. Por que não cantamos os nomes de cada um?” E então cantávamos, às vezes durante horas, num processo que redundou em um dos mais simples e mais belos rituais que atualmente utilizamos.

Diane partiu no verão e passamos o bastão para Amber, o membro mais jovem de nosso *coven*. Diane aquecera o círculo com um brilho forte; Amber acendeu-o com foguetes, fogos de artifício e chamas coloridas. Talentosa, encantadora, amável e inconstante, ela é excelente musicista, com voz de cantora lírica e inclinação para o teatro. Ela inspirou-nos na criação de rituais mais teatrais, como muitos daqueles apresentados no capítulo 12. Amber, entretanto, tinha dificuldades em funcionar no alto nível de responsabilidade que a liderança de um *coven* exige. Ela estava atravessando um período tenso em sua vida pessoal e, apesar de geralmente cumprir seus compromissos, isso gerava nela muita ansiedade e estresse. Retrospectivamente, prestamos-lhe um desserviço não lhe permitindo período maior de treinamento.

Honeysuckle passou por diferente processo de formação. Ela começou como uma aula na Grande Deusa, numa época que eu já havia sido sacerdotisa de Compost durante vários meses e era uma iniciada na tradição das fadas. Vinha de uma posição mais forte como líder e levou muito tempo até que alguém questionasse a minha autoridade. Eu estava determinada quanto a não apressar o treinamento desse grupo e quase um ano havia se passado quando mencionei a palavra *iniciação*. Quando cada mulher, por sua vez, sentia-se pronta para arcar com mais responsabilidades, fosse capaz de questionar a minha autoridade e mostrava-se disposta a abandonar o papel de estudante, ela estava iniciada. Um novo ritual era criado para cada membro e cada rito cristalizava um período de crescimento.

Encontrar um *coven* para dele fazer parte pode ser difícil.* Feiticeiras não são encontradas no catálogo telefônico e, raramente, fazem uso de anúncios classificados. Com frequência, no entanto, ministram aulas em universidades abertas ou em livrarias metafísicas. Algumas universidades estão começando a oferecer cursos de bruxaria em seus departamentos de estudos religiosos. Lojas de ocultismo algumas vezes fornecem indicações. O melhor caminho, é claro, é através de contatos pessoais. Bruxos sentem que, quando uma pessoa está interiormente preparada para fazer parte da Arte, ela será conduzida às pessoas certas.

Várias pessoas afirmam, infelizmente, serem bruxas e não passam de tipos repugnantes. Quando você encontrar-se com alguém que se intitula feiticeira, preste muita atenção aos seus sentimentos íntimos e percepções. Os rituais de vários *covens* são secretos, mas você deve ser esclarecido e ver o suficiente para que possa formar um quadro razoavelmente claro sobre eles. Um verdadeiro *coven* jamais lhe pedirá que faça algo que você acredite ser errado. Qualquer forma de força, coerção ou pressão como tática de abordagem é contrária ao espírito da Feitiçaria. Bruxas de verdade permitirão que você tome a iniciativa de encontra-las.

A bruxaria não trabalha por dinheiro. Não há taxas para iniciação e é considerada transgressão ética cobrar dinheiro para treinamento em *covens*. Obviamente, é permitido aos bruxos que são professores, ou que trabalham como conselheiros psíquicos, cobrar honorário justo, por seu tempo e trabalho. No entanto, não lhe venderão velas “abençoadas” por elevadas quantias de dinheiro ou pedirão que lhes entregue as suas economias a fim de retirar uma praga: estes são os truques favoritos de trapaceiros que fazem vítimas entre o público ingênuo. Um *coven* pode cobrar taxas para cobrir gastos com velas, incenso e outras despesas, mas a sacerdotisa *não* estará dirigindo um Mercedes adquirido por meio das contribuições de seus fiéis seguidores.

Em um *coven* forte, membros sentem-se próximos a outros e, em momentos de dificuldade, naturalmente procuram ajuda entre si. Em geral encontram-se socialmente, fora das reuniões do grupo, e desfrutam-se mutuamente a companhia. Mas também têm

amigos diferentes e interesses vários, fora do grupo, e não passam todo o tempo juntos. Um *coven* não deve ser um refúgio do mundo, mas uma estrutura de apoio que ajuda cada membro a funcionar melhor e mais plenamente no mundo.

Atualmente, há muito mais pessoas querendo aderir a *covens* do que grupos capazes de acolher os recém-chegados. Se você não consegue encontrar um *coven* adequado, pode praticar a Arte sozinho ou dar início ao seu próprio *coven*.

Trabalhar sozinho não é o ideal. Despertar a visão de luz das estrelas é muito mais difícil sem o apoio de um grupo. Aqueles que viajam pelos caminhos inexplorados da mente correm maior risco de ficarem presos à subjetividade. Além disso, trabalhar com outras pessoas é muito mais divertido.

Mas, como afirma uma bruxa que praticou a Arte sozinha por muitos anos: “Trabalhar sozinho tem seus pontos positivos, assim como negativos. Seu treinamento é um tanto errático, mas de qualquer maneira, é assim também em várias assembleias. A vantagem está em que se aprende a depender de si mesmo e se conhece as suas limitações. Quando se entra para um *coven*, já se sabe o que se quer e o que é melhor para você.”

A meditação solitária e a prática da visualização fazem parte do treinamento de todas as bruxas. A maioria dos exercícios deste livro podem ser feitos sozinhos e até os rituais podem ser adaptados. O culto solitário é muito mais preferível do que associar-se ao grupo errado.

Não é necessário que você seja um feiticeiro hereditário ou iniciado para dar início ao seu próprio *coven*. O treinamento, naturalmente, ajuda. Mas a escola da tentativa e erro é também muito boa.

Quando um grupo de pessoas interessadas, mas sem experiência, se forma, a primeira tarefa é estabelecer uma sensação de segurança. A receptividade e a confiança desenvolvem-se paulatinamente, através do compartilhar emoções de maneira verbal e não-verbal. As pessoas precisam de tempo para conversar, bem como para trabalhar a magia. Frequentemente, começo grupos com jantares simples, a fim de que as pessoas possam dividir uma forma muito palpável de energia: a comida. Técnicas de despertar a consciência também podem ser muito eficazes. Podemos deixar a palavra livre e permitir que cada pessoa diga por que buscou o grupo e o que dele espera. Todos podem falar durante limitado período de tempo, sem serem interrompidos, a fim de que os indivíduos mais tímidos sintam-se estimulados a falar e os mais loquazes não dominem a conversa. Perguntas e comentários são feitos depois que cada um tenha falado.

O compartilhar não-verbal de sentimentos também é importante para criar confiança no grupo. Os exercícios que se seguem ensinam a percepção e a divisão de energia, que é a base dos rituais da Arte. Eles podem ser realizados separadamente ou fluírem através de uma sequência tranquila. Fiz anotações sobre o que digo quando conduzo um grupo ao logo do exercício. Ao orientar um grupo, as palavras em si são menos importantes do que o ritmo da voz e a duração das pausas. A única maneira de aprender isso é através da prática. Leia os exercícios, familiarize-se com eles e então improvise com seus próprios padrões naturais de fala.

EXERCÍCIO 3: SENTINDO A ENERGIA DO GRUPO

“A energia a que nos referimos em Feitiçaria é real, uma força sutil que todos podemos aprender a perceber. Neste momento, enquanto nos encontramos sentados no círculo, sinta o nível de energia do grupo. Sente-se alerta? Consciente? Excitado? Tranquilo ou ansioso? Tenso ou relaxado? (Pausa)

“A energia sobe e desce por sua espinha dorsal. Agora, sente-se da maneira mais ereta possível sem tensões. Ótimo. Observe como o nível de energia mudou. Sente-se mais alerta? Mais consciente? (Pausa)

“Sua respiração transporta energia para dentro e para fora do seu corpo. Ela desperta os centros de poder do seu corpo. Portanto, respire até o fim. Respire com o seu diafragma... sua barriga... seu útero. Seu estômago deve contrair-se e descontraí-lo à medida que você respira ... afrouxe suas calças se for necessário. Encha sua barriga de ar. Sinta-se relaxando, recarregando. Agora, observe como a energia do grupo mudou. (Pausa)

“Agora, vamos nos dar as mãos, unindo-nos ao redor do círculo. Continue respirando profundamente, Sinta a energia movimentar-se pelo círculo. Pode parecer como tênue formigar ou ligeiro calor ou, até mesmo, sensação de frio. Todos podemos perceber-la de maneira diferente. Alguns de nós poderemos vê-la, dançando como centelhas no centro do círculo. (Pausa longa)

(Para terminar aqui:) “Agora, respire fundo e sorva todo o poder, como se o estivesse sorvendo com um canudinho. Sinta a respiração descer pela espinha e fluir para a terra. Relaxe.”

(Ou passe para o próximo exercício.)

EXERCÍCIO 4: RESPIRAÇÃO EM GRUPO

(Para começar aqui, diga: “Vamos nos dar as mãos ao redor do círculo e nos sentarmos (ou ficarmos de pé) de maneira ereta.

“E agora, fechando os olhos, vamos respirar juntos – respirando profundamente pela barriga, útero. Aspire... (lentamente), expire...aspire...expire...aspire...expire...sinta-se relaxar enquanto respira. Sinta como você está se tornando mais forte...a cada respirar...mais revigorado...a cada respirar... sinta suas preocupações se dissipando... a cada respiração...mais revitalizado...enquanto respiramos juntos...aspire...expire...aspire...expire...

“E sinta nossa respiração à medida que elas se encontram no centro do círculo... que respiramos como uma só pessoa...uma só respiração...aspire...expire...respirando um círculo...respirando um único organismo vivo...em cada respiração...transformando-se em um só círculo...em cada respiração...tornando-se um...” (pausa longa).

(Termine como no exercício 3 ou prossiga.)

EXERCÍCIO 5: ÁRVORE DA VIDA*

(Esta é uma das meditações mais importantes, que é praticada individualmente, assim como em grupo. Na prática solitária, comece sentando ou ficando de pé de maneira ereta, e respirando profunda e ritmicamente.)

“Enquanto respiramos, lembre-se de sentar de maneira ereta e à medida que sua coluna fica reta, sinta a energia surgindo... (pausa).

“Agora, imagine que sua espinha é o tronco de uma árvore...e de sua base raízes estiram-se profundamente para dentro da terra...para o centro da própria terra... (pausa).

“E você pode retirar poder da terra a cada respiração... sinta a energia desabrochando...como a seiva que surge no tronco da árvore...

“E sinta o poder subindo por sua espinha...sinta como você está se tornando mais vivo...a cada respiração...

“E no alto de sua cabeça existem galhos que se movimentam para cima e de novo para baixo para tocar a terra... e sinta o poder irrompendo do topo da sua cabeça... e sinta-o movimentando-se através dos galhos até que novamente toque a terra... fazendo um círculo... formando um círculo... retornando as suas origens...

(Em um grupo:) “E respirem profundamente, sintam como todos os nossos falhos se entrelaçam... e o poder se faz sentir através deles... e dança entre eles, como o vento... sinta-o se movendo...” (pausa longa).

(Termine como no exercício 3 ou prossiga.)

EXERCÍCIO 6: CÂNTICO DE PODER

(Este deve sempre começar com a respiração em grupo, exercício 4.)

“Agora, deixe que a sua respiração se transforme em um som... qualquer som que você queira... um lamento... um suspiro... uma risada... um zunido baixo... um gemido... uma melodia... conte os sons das vogais...”

(Aguarde. Num grupo novo, pode haver silêncio durante certo tempo. Lentamente, alguém começará a suspirar ou a cantarolar muito baixinho. Aos poucos, outros se unirão ao grupo. O cântico pode crescer num forte cantarolar ou numa onda crescente de notas guturais abertas. As pessoas podem começar a rir, a latir ou a uivar como animais, se se sentirem inclinadas a fazê-lo. O cântico pode alcançar subitamente seu auge e, então, cair em silêncio ou, ainda, poderá subir e descer em várias correntes de poder. Permita que ele se direcione.

Quando todos estiverem em silêncio, conceda um período de relaxamento. Antes que o grupo tenha tempo de ficar irrequieto, ligue à terra o poder, como no exercício 7.)

EXERCÍCIO 7: ENCERRANDO O PODER

(Também chamado de concentrando o poder. Encerrar o poder é uma das técnicas básicas da magia. O poder deve ser encerrado toda vez que for despertado. Caso contrário, a força que sentimos como sendo uma energia vitalizante degenera-se em tensão nervosa e irritabilidade. Nos exercícios anteriores, concentramos a energia sorvendo-a e deixando que flua através de nós para dentro da terra. Esta técnica, com frequência, é útil quando estamos trabalhando sozinhos.

“Agora, deite-se no chão e relaxe. Coloque as palmas de suas mãos no chão ou estire-se por inteiro. Deixe que o poder entre na terra através de você.” (Mesmo se o encontro for em uma cobertura a quinze andares do solo, visualize a energia fluindo para a terra em si.) “Relaxe e deixe que a força flua através de você... deixe que ela flua profundamente em direção à terra... onde ela será purificada e renovada. Relaxe e permita-se vagar tranquilamente.”

Esses cinco exercícios contêm a essência de um ritual da Arte. O círculo é disposto quando se dão as mãos; o poder é despertado, dividido e encerrado. Geralmente, a divisão de alimentos e bebidas vem em seguida; o trabalho de magia estimula a fome! Enquanto a taça circula pelas pessoas, brindes são feitos e elas agradecem à deusa as coisas boas que receberam. Esta parte da reunião é descontraída e informal, uma boa hora para partilhar impressões e discutir o ocorrido. Neste momento, as pessoas podem sair do círculo, mas a reunião deve ser formalmente finalizada antes que qualquer um vá para casa. As reuniões que se dissipam ao fim deixam as pessoas sem a sensação de fechamento e conclusão. Se a magia foi trabalhada, a energia absorvida tende a transformar-se em ansiedade e irritação em lugar de paz e vitalidade. Uma reunião pode ser encerrada de maneira bastante simples, onde as pessoas se dão as mãos e juntas dizem:

O círculo está aberto, mas não rompido,
Que a paz da Deusa esteja em seus corações;
Feliz encontro e feliz partida.
E feliz reunião novamente. Abençoados sejam.

Então, um beijo é passado ao redor do círculo (em sentido horário).

Dividir poemas, canções, histórias, quadros e trabalho criativo no círculo também ajuda a construir uma sensação de proximidade. Em Honeysuckle, quando recebemos membros de um grupo novo, dedicamos uma noite para partilharmos nossas histórias de vida no círculo. Também corremos juntos regularmente e já viajamos em grupo. Ocasionalmente, Compost faz “excursões”, por exemplo, ao desfile do festival chinês da lua. Dedicamos uma reunião para assistirmos *O Mágico de Oz* na televisão e para sairmos saltitando pela rua cantando “Follow the Yellow Brick Road.”

À medida que o grupo torna-se mais unido, alguns conflitos interpessoais, inevitavelmente, surgem.* A própria coesão do grupo, em si, fará com que alguns membros sintam-se deixados de fora. Cada pessoa é parte do todo, mas, também, um indivíduo parcialmente separado do resto. Algumas pessoas tendem a perceber o grupo como uma entidade sólida que acolhe a todos, enquanto somente elas são, em parte, esquecidas. A atração sexual ocorre, frequentemente, entre membros do *coven* e, enquanto o primeiro momento de felicidade no amor trará poder para o grupo, a discórdia entre um casal provocará desintegração. Se os dois rompem e sentem que não são mais capazes de trabalhar no mesmo grupo, juntos, um verdadeiro problema se instala. A líder de um *coven* que seja forte e carismática, com frequência, torna-se o alvo das projeções de outros membros. Ela poderá ser vista como a Mãe-Terra que tudo dá, a eternamente desejável mas inatingível mulher ou a profetisa que tudo sabe. É sempre uma tentação para ela acreditar nessas lisonjeiras imagens e alimentar-se psiquicamente da força energética nelas contidas, mas, se assim o fizer, interromperá seu próprio crescimento como verdadeiro ser humano. Mais cedo ou mais tarde, ela se atrapalhará e a imagem será destruída; os resultados poderão ser explosivos.

Uma certa quantidade de tempo e energia do grupo reservados para a resolução de conflitos interpessoais é necessária e desejável, como parte do processo de crescimento que ocorre em um *coven* saudável. Mas, é muito fácil para um grupo degenerar numa espécie de sessão de encontro amador ou de gritos. Uma assembleia não pode funcionar como grupo terapêutico. Problemas entre membros podem, às vezes, ser resolvidos com maior eficácia pela magia do que por discussões intermináveis. Por exemplo, em lugar de tranquilizar um membro inseguro do *coven* coloque-o no centro do círculo e cante seu nome. Se dois membros não conseguem trabalhar juntos, mas nenhum quer deixar o grupo, o restante dos membros talvez tenha que se fiar em tirar a sorte, passando a decisão para a Deusa.* E, se uma sacerdotisa parece correr o risco de ser seduzida por sua própria campanha de relações públicas, os membros menos desavisados do grupo devem delicadamente adverti-la. A crítica objetiva e construtiva é um dos grandes benefícios da estrutura de um *coven*.

Um *coven* passa a ser um espaço seguro no qual os membros sentem-se livres para liberar as suas inibições: rir, dançar, ser tolo, sair cantando, declamar uma poesia espontânea, fazer trocadilhos sem graça e permitir que o *self* mais jovem desperte e saia para brincar. Somente, então, é que estados mais elevados de consciência podem

ser alcançados. Muitas técnicas foram desenvolvidas para eliminar o “censor” do *self* discursivo e para deixar que a voz interior se expresse livremente.

A nudez é uma dessas técnicas. Quando tiramos nossas roupas, despimo-nos de nossas máscaras sociais, de nossas autoimagens bem-cuidadas. Tornamo-nos abertos. O significado místico do corpo humano nu é a “verdade”. Diferentes pessoas necessitam de diferentes níveis de espaço íntimo; enquanto algumas brincam alegremente em praias de nudismo, outras não se sentem confortáveis nuas até que a confiança seja trabalhada durante um longo período de tempo. Em nossos *covens*, rituais públicos são sempre realizados com todas as pessoas vestidas. Se pessoas convidadas para cerimônias reservadas, onde todos ficarão nus, sentirem-se desconfortáveis se despindo, estão livres para usarem o que melhor lhes satisfizer. Não se pode forçar a vulnerabilidade em qualquer pessoa, exceto destrutivamente.

A seguir, um dos exercícios que utilizamos para começar a soltar a voz interior e a trabalhar os bloqueios que impedem a expressão:

EXERCÍCIO 8: TRANSE DE ASSOCIAÇÃO DE PALAVRAS

(Todos devem se deitar e se posicionar de maneira confortável. Apague as luzes. Comece com a respiração em grupo, exercício 4. Quando todos estiverem relaxados, prossiga:)

“Agora, vamos passar pelo círculo, em sentido horário. Começarei dizendo uma palavra e a próxima pessoa dirá a primeira palavra que lhe vier à mente. Então a próxima pessoa responderá à sua palavra, e assim por diante, girando pelo círculo. Não pense sobre a palavra, somente relaxe, respire profundamente e deixe que ela brote.”

(Início. A sequência pode ser como esta:)

“Verde/Ervilha/Sopa/Quente/Frio/Gelo/Neve/Branco/Preto/Pássaro/Céu/Estrelado/Noite/Escuro.”

(Após algumas rodadas:)

“Agora, cada um de nós irá repetir a palavra da última pessoa antes de dizermos a nossa.”

(A sequência pode ser como esta:)

“Escura Caverna/Caverna Sepultura/Sepultura Profunda/Profundo Mar/Mar Onda/Onda Bandeira/Bandeira Estrela/Estrela Luz/Luz Raio/Raio Sol.”

(Após algumas rodadas:)

“Agora, cada um de nós irá repetir as duas últimas palavras antes de dizermos a nossa.”

(A sequência pode ser como esta:)

“Raio Brilho Sol/Dia Brilho Sol/Brilho Dia Sempre/Dia Sempre Noite/Sempre Noite Céu/Estrela Noite Céu/Céu Estrela Luz.”

(Esta é uma invocação que usamos, criada por um grupo durante esse exercício. À medida que o transe prossegue, as palavras transformam-se em entidades próprias. As combinações formam cenas em constante mudança, que surgem em lampejos vigorosos diante do olho interior. Gradualmente, o círculo se desmancha e as pessoas descrevem, simplesmente, aquilo que viram:)

“Vi um céu escuro, pontilhado com milhões de estrelas...uma delas cruza o céu...”

“Vi um cometa brilhante com uma cauda dourada atrás dele...”

“Vi uma cauda de pavão com olhos iridescentes...”

“Vi um olho me fitando...”

“Vi um rosto, o rosto escuro de uma linda mulher...”

(As descrições podem ser elaboradas ou simples. Alguns podem ter visões surpreendentes, outros ouvem sons ou vozes ou sentem novas sensações. Algumas pessoas até dormem. Passado um tempo, o grupo ficará em silêncio, cada membro imerso em sua própria visão. Conceda tempo suficiente para que todos experimentem plenamente seu universo interior e então diga:)

“Agora, respire profundamente e despeça-se de suas visões. Em breve, vamos abrir nossos olhos e despertar, total e completamente, sentindo-nos revigorados e renovados. Quando eu contar até três, abriremos nossos olhos e acordaremos. Agora respire fundo... aspire... expire... um... dois... três... Abra seus olhos e desperte, revigorado e renovado.”

É extremamente importante trazer todos de volta para a consciência normal. Acenda as luzes e mude o clima completamente. Partilhe alimentos e bebidas (mas não álcool); vá até as pessoas e converse com elas. Caso contrário, os participantes podem permanecer ligeiramente em transe, um estado que se torna extenuante e deprimente.

Esse exercício é especialmente indicado para permitir que a imaginação criativa se manifeste e pode ser utilizado em arte ou aulas de redação, como também em *covens*.

Um ritual é, em parte, uma questão de representação teatral. Algumas pessoas apreciam muito esse aspecto da Feitiçaria; outras tornam-se tímidas e rígidas diante de um grupo. Os membros mais retraídos, todavia, podem canalizar o poder de outras maneiras. Brook, por exemplo, raramente deseja organizar o círculo ou invocar a Deusa, mas, quando canta, sua voz que normalmente é agradável porém não extraordinária transforma-se em um canal para o poder, misteriosa e sobrenatural.

O treinamento mágico varia muito de um *coven* para outro, mas seu objetivo é sempre o mesmo: revelar a consciência da luz das estrelas, a outra maneira de saber que pertence ao hemisfério direito e permite que entremos em contato com o Divino que existe dentro de nós. O iniciante deve desenvolver quatro habilidades básicas: relaxamento, concentração, visualização e projeção.

O relaxamento é importante pois qualquer forma de tensão obstrui a energia. A tensão muscular é sentida sob a forma de estresse mental e emocional, e estresses emocionais causam tensão física e muscular e doenças. O poder que tenta movimentar-se por um corpo tenso é como uma corrente elétrica tentando abrir caminho através de uma série de resistências. Grande parte da essência é perdida ao longo do trajeto. O relaxamento físico parece alterar também o padrão das ondas cerebrais e ativa centros que, normalmente, não são utilizados.

EXERCÍCIO 9: RELAXAMENTO

(Este pode ser feito sozinho, em grupo ou com um parceiro. Comece deitando de costas. Não cruze os braços ou pernas. Afrouxe qualquer roupa que estiver causando algum tipo de compressão.)

“A fim de conhecermos o relaxamento, em primeiro lugar, devemos experimentar a tensão. Vamos tensionar todos os músculos do corpo, um por um, e mente-los tensos até relaxarmos todo o nosso corpo em uma só respiração. Não aperte os músculos para que não tenha câibra, somente retense-os ligeiramente.

“Comece com os dedos do pé. Tensione os dedos do pé direito... e, agora do pé esquerdo. Tensione o pé direito... e o pé esquerdo. O calcanhar direito... e o calcanhar esquerdo...

(Continue passando por todo o corpo, parte por parte. De vez em quando, relembre o grupo para que tensione quaisquer músculos que deixaram soltos.)

“Agora tensione seu couro cabeludo. Todo seu corpo está tenso... sinta a tensão em cada parte. Tensione quaisquer músculos que estejam afrouxados. Agora respire fundo... aspire... (pausa)... expire... e relaxe!

“Relaxe completamente. Você está completa e totalmente relaxado.” (Em tom de melopeia:) “ Os dedos de sua mão estão relaxados e os dedos do seu pé estão relaxados. Suas

mãos estão relaxadas e seus pés estão relaxados. Seus pulsos estão relaxados e seus calcanhares estão relaxados.”

(E, assim por diante, por todo o corpo. Periodicamente, pare e diga:)

“Você está completa e totalmente relaxado. Completa e totalmente relaxado. Seu corpo está leve; como se fosse água, como se estivesse desmanchando na terra.

“Permita-se ser levado e vagar tranquilamente em seu estado de relaxamento. Se quaisquer preocupações ou ansiedades perturbarem a sua paz, imagine-as escoando de seu corpo como água e fundindo-se à terra. Sinta-se sendo purificado e renovado.”

(Permaneça em estado de relaxamento profundo por uns dez ou quinze minutos. É bom praticar esse exercício diariamente, até que seja capaz de relaxar completamente pela só razão de deitar-se e soltar-se, sem necessidade de passar por todo o processo. Pessoas que têm dificuldades para dormir verificarão a eficácia desse exercício. No entanto, não se permita adormecer, A sua mente está sendo treinada para ficar relaxada mas alerta. Posteriormente, você utilizará esse estado para trabalhos de transe, que é muito mais difícil se você não tem o hábito de permanecer acordado. Se você pratica à noite, antes de dormir, sente-se, abra os olhos e, conscientemente, termine o exercício antes de dormir.

Vários dos outros exercícios podem ser mais eficazmente praticados em um estado de relaxamento profundo. Experimente-os, a fim de descobrir o que funciona melhor para você.)

Visualização é a capacidade de ver, ouvir, sentir, tocar e sentir o sabor com os sentidos internos. Nossos olhos físicos não veem; eles meramente transmitem impulsos através da estimulação da luz para o cérebro. É o cérebro que vê, e ele é capaz de ver imagens internas tão nitidamente quanto as do mundo externo. Nos sonhos, todos os cinco sentidos são intensos. Através da prática, a maioria das pessoas pode desenvolver a capacidade de usar ativamente os sentidos internos quando acordados.

Algumas pessoas naturalmente veem imagens; outras podem ouvir ou sentir impressões. Algumas poucas pessoas têm dificuldades ou acham impossível visualizar, mas a maioria descobre que se torna fácil através da prática.

A visualização é importante porque é através das imagens e sensações internas que nos comunicamos com o *self* mais jovem e o *self* profundo. Quando os sentidos internos estão totalmente despertados, podemos ter visões de extraordinária beleza, sentir o perfume das flores da ilha das Maçãs, provar ambrósia e ouvir as canções dos deuses.

EXERCÍCIO 10: CONCENTRAÇÃO E CENTRALIZAÇÃO

Antes de dar início à prática da visualização, devemos nos concentrar e centrar. Esta é, novamente, uma das técnicas básicas do trabalho mágico. *Concentração* significa estabelecer uma ligação energética com a Terra. O exercício da Árvore da Vida é um dos métodos de concentração. O outro é visualizar uma corda ou um mastro que se estende da base de sua espinha dorsal até o centro da Terra. Centre-se alinhando o corpo ao longo de seu centro de gravidade. Respire a partir de seu centro – do seu diafragma e abdome. Sinta a energia fluir da Terra e ocupar você.

A concentração é importante pois permite que você sorva a vitalidade da Terra, em lugar de esgotar a sua. Quando canaliza energia, ela serve como um para-raios psíquico: as forças atravessam você em direção à Terra, ao invés de lhe “queimarem” mente e corpo.

EXERCÍCIO 11: VISUALIZAÇÕES ELEMENTARES

Este exercício é para os que têm dificuldades em visualizar. Concentre-se e centre-se. Feche os olhos e imagine que está olhando para uma parede branca ou uma tela vazia. Pratique visualizar formas geométricas simples: uma linha, um ponto, um círculo, um triângulo, uma elipse e assim por diante.

Quando você for capaz de ver nitidamente as formas, visualize a tela em cores: vermelha, amarela, azul, alaranjada, violeta e preta, uma de cada vez. Pode ajudar se você olhar para um objeto colorido, antes, com os olhos abertos; a seguir, feche os olhos e mentalmente veja a cor.

Finalmente, pratique visualizar as formas geométrica em várias cores. Altere as cores e formas até que, com espontaneidade, possa fazê-lo mentalmente.

EXERCÍCIO 12: A MAÇÃ

Visualize uma maçã. Segure-a em suas mãos; vire-a; sinta-a. Sinta a forma, o tamanho, o peso, a textura. Repare a cor, o reflexo da luz em sua casca. Traga-a para junto de seu nariz e cheire-a; De uma mordida e prove-a; ouça o som feito por seus dentes ao morde-la. Coma a maçã; sinta-a descendo por sua garganta. Veja-a tornando-se menor. Quando você tiver comido ela até o caroço, deixe-a desaparecer.

Repita com outros alimentos. Casquinhas de sorvetes são materiais excelentes.

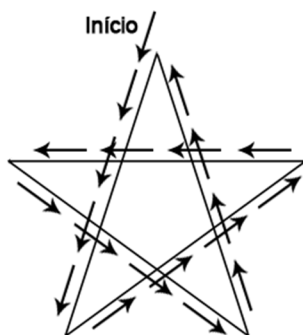
EXERCÍCIO 13: O PENTAGRAMA

Visualize uma linha de chamas azuis tremeluzente, como a chama de gás de um maçarico. Agora, mentalmente desenhe um pentagrama, uma estrela de cinco pontas, com uma ponta para cima, na direção da invocação, começando por cima e movimentando para baixo para a esquerda. (Ver ilustração). Veja-o formando-se a partir da chama azul. Retenha a imagem em sua mente por alguns momentos.

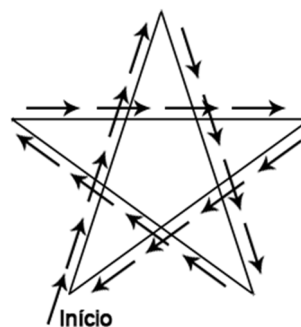
Agora, trace-o novamente na direção da expulsão, começando pelo canto esquerdo de baixo e movimentando-se para cima. Ao fazê-lo veja-o desaparecendo.

Pratique até que a imagem venha para você facilmente. Essa visualização faz parte da disposição de um círculo.

PENTAGRAMA DE INVOCAÇÃO



PENTAGRAMA DE EXPULSÃO



EXERCÍCIO 14: O NÓ

Visualize-se dando um nó, qualquer nó que, com facilidade, na realidade, consiga dar. Tente não ver um retrato mental de si do lado de fora; pelo contrário, coloque-se no retrato. Veja as suas mãos se mexendo e sinta a linha. Sinta cada movimento que faz, finalize o nó e sinta a linha retesando-se.

Esta visualização é utilizada para encerrar um feitiço.

Visualizações mais complexas são fornecidas em capítulos posteriores.

A concentração é a capacidade de enfocar uma imagem, pensamento ou tarefa, de limitar nosso campo de percepção e expulsar distrações. Como um músculo, ela se fortalece com o exercício.

Atualmente, muitas pessoas praticam formas de meditação oriental – ioga, zen, meditação transcendental – que são excelentes para o desenvolvimento da concentração. Quanto mais forem exercitadas as visualizações, mais fácil se torna a concentração nas imagens. Os próximos três exercícios ajudarão a melhorar a focalização interna.

EXERCÍCIO 15: CONTEMPLAÇÃO DE VELAS

Em um quarto escurecido e silencioso, acenda uma vela. Concentre-se e centre-se e contemple quietamente a vela. Respire profundamente e sinta-se aquecido pela luz da vela. Deixe que seu brilho tranquilo preencha você completamente. A medida que pensamentos surgem em sua mente experimente-os como se viessem de fora. Não deixe que a chama se divida em uma imagem dupla; mantenha seus olhos focalizados. Permaneça assim por, pelo menos cinco ou dez minutos e, então, relaxe.

EXERCÍCIO 16: O DIAMANTE

Novamente, acenda uma vela em um quarto quieto e pouco iluminado. Concentre-se e centre-se. Contemple a vela e visualize um diamante no centro de sua testa, entre e acima de suas sobrancelhas. O diamante reflete a luz da vela e a vela reflete a luz do diamante. Sinta a reverberação da energia. Mantenha a imagem por, no mínimo, cinco ou dez minutos; relaxe.

EXERCÍCIO 17: ESPELHO, ESPELHO

Concentre-se e centre-se. Em um espelho, mire para dentro de seus olhos. Focalize sua atenção no espaço entre eles. Repita seu nome para você mesmo, várias vezes. Novamente, quando pensamentos surgirem, experimente-os como se estivessem fora de você. Depois de cinco ou dez minutos; relaxe.

A projeção é a capacidade de emitir energia. Ela surge muito naturalmente para a maioria das pessoas, uma vez que estejam cientes de sua “sensação”. A projeção também é utilizada em um outro sentido, significando a capacidade de viajar para “fora do corpo”: esta forma de projeção será discutida no capítulo 9. No exercício da Árvore da Vida e durante a Respiração em Grupo e Cântico do Poder, já experimentamos o que vem a ser emitir energia. A seguir, mais dois exercícios;

EXERCÍCIO 18: A PEDRA

Concentre-se e centre-se. Imagine que você está na praia, olhando para as ondas. Em sua mão mais forte, você segura uma pedra pesada. Pegue-a, inspire e quando você expirar, deixe-a voar! Veja-a mergulhar no mar, pouco abaixo da linha do horizonte.

Agora, olhe novamente. Perceba que pode ver um horizonte duas vezes mais longe. Mentalmente, faça um esforço para vê-lo. Em sua mão, segure uma pedra duas vezes maior que a primeira. Mais uma vez, inspire profundamente e, ao expirar, jogue-a com toda a sua força. Acompanhe-a mergulhando nas ondas longínquas.

Outra vez, olhe e perceba que pode ver um horizonte duas vezes mais longe. Em sua mão, segure uma pedra duas vezes mais pesada. Inspire mais uma vez profundamente, e, ao expirar, jogue-a com força! Veja-a cair.

Pratique este exercício até que sinta a liberação de poder que acompanha a pedra.

EXERCÍCIO 19: O MARTELO

Concentre-se e centre-se. Visualize um martelo pesado em sua mão. Um prego teimoso está para fora em uma tábua à sua frente. Com toda sua força, martele o prego na tábua. Repita, num total de três vezes.

Os *covens* possuem muitas maneiras diferentes de admitir novos membros.* Alguns oferecem aulas ou grupos de estudos abertos. Nós preferimos que iniciados se encarreguem de aprendizes individualmente. Cada novato recebe instruções individualizadas, sob medida para as suas necessidades particulares. E cada membro do *coven* tem a chance de ser uma autoridade e é forçado a conceituar seu próprio conhecimento a respeito da Arte a fim de poder ensiná-la. Aprendizes e seus professores desenvolvem fortes laços, de tal maneira que cada novato sente que tem relacionamento especial com um membro do grupo. Os aprendizes também desenvolvem laços entre si como grupo. Eles assistem aos rituais juntos, para que ninguém tenha que ser “a única pessoa nova no pedaço”.

Quando treino um aprendiz, penso que sou algo como uma professora de dança. Sugiro normas regulares, inclusive vários dos exercícios apresentados neste capítulo, o “trabalho de barra básico” da magia. Adicionalmente, tento identificar áreas de fraquezas e desequilíbrio e prescrevo exercícios corretivos. Por exemplo, para um estudante cuja mente continuamente perambula, sugiro exercícios de concentração. Para Paul, por outro lado, que estuda há anos com uma seita budista e consegue, de acordo com as suas próprias palavras, “atravessar paredes”, sugeri correr diariamente. Durante os rituais, aprendizes têm a chance de combinar habilidades aprendidas através da prática solitária em uma complexa dança de poder com o *coven* e entre si.

Como procedimento básico e diário*, recomendo três coisas. Primeiro, exercício físico regular. A importância desse item não pode ser menosprezada. Infelizmente, é das coisas mais difíceis conseguir que as pessoas o façam. A Arte tem a tendência a atrair tipos mentais e espirituais, ao invés de atletas vigorosos. Mas, o trabalho psíquico e mágico exige uma vitalidade tremenda – literalmente, a energia do *raith*, do *self* mais jovem. Essa vitalidade é reabastecida e renovada através da atividade física, um pouco como o movimento das rodas de um automóvel que ativa o dínamo, que recarrega as baterias. Trabalho mental e espiritual excessivos, que não for equilibrado com exercícios físicos, esgota nossas baterias etéreas. Às vezes, ioga é adequada, mas geralmente é ensinada como uma disciplina espiritual que abre os centros psíquicos, em vez de aumentar a vitalidade física. Para os nossos objetivos, correr, nadar, andar de bicicleta,

jogar tênis ou andar de patins é melhor, algo ativo e agradável e que nos põe em contato com a natureza. Bruxos fisicamente incapacitados podem encontrar um regime apropriado para as suas necessidades e capacidades. Se se pode passar algum tempo, todos os dias, ao ar livre, num gramado ou sob uma árvore, onde se possa embeber-se das energias elementares, colher-se-á muitos dos mesmos benefícios que os corredores de maratonas.

A segunda coisa que recomendo aos estudantes são os exercícios de relaxamento diários e o exercício diário de meditação, visualização ou concentração. Estes, mudam, frequentemente, à medida que o estudante evolui. Algumas pessoas praticam vários ao mesmo tempo, mas um já é o suficiente. Ficamos sobrecarregados quando há excesso. Certa vez, durante meu próprio treinamento, acordei pela manhã e fiz um exercício de transe sentada diante da máquina de escrever por uma hora, depois vinte minutos de ioga, incluindo as meditações dos quatro elementos e a Visualização do Círculo do capítulo 4. Mais tarde, neste mesmo dia, pratiquei o relaxamento profundo e um transe deitada. À noite, realizei a contemplação de velas, uma purificação pela água e uma variedade de feitiços pessoais. Infelizmente, dispunha de muito pouco tempo para viver de verdade. Após algumas semanas, decidi que a moderação era a essência da sabedoria, na magia, assim como em outras coisas.

A terceira prática que sugiro é a manutenção de um diário mágico, chamado Livro das Sombras. Tradicionalmente, era um “livro de receitas” de rituais, feitiços, cânticos e encantamentos que cada bruxa copiava a mão sob a orientação de seu professor. Atualmente, apesar de enrubescer ao admiti-lo, tal informação é geralmente xerocada para a distribuição pelo *coven*. O Livro das Sombras é mais do que um diário pessoal. Ele pode incluir descrições de rituais, registros de sonhos, reações a exercícios, poemas, histórias e viagens em transe. Bruxos solitários podem fazer uso de seu livro das sombras para desenvolverem um pouco de objetividade que, normalmente, advém do trabalho em um *coven*. Tristine Rainer, em *The New Diary*, descreve até mesmo técnicas de utilização de anotações em diários para a recordação de vidas passadas.²

Útero, grupo de apoio, escola de treinamento mágico e comunidade de amigos – o *coven* é o coração da Arte. Dentro do círculo, cada feiticeira é treinada para desenvolver seu poder interior, sua integridade mental, corporal e espiritual. Como em uma família, as assembleias, às vezes, têm suas querelas. Mas, quando o círculo está organizado, quando o cone é elevado e, juntas, as pessoas invocam os deuses, reconhecem em cada uma a deusa, o deus, o espírito da vida em todos. E, deste modo, quando cada iniciado é desafiado a entrar no círculo, ele diz a única senha: “perfeito amor e perfeita confiança”.

Notas

¹ Kate Millet, *Flying* (Nova York: Ballantine Books, 1974), p. 14.

² Tristine Rainer, *The New Diary* (Los Angeles: Tarcher, 1978), pp. 259-61.

4 Criando o Espaço Sagrado



Entre os Mundos

A ORGANIZAÇÃO DO CÍRCULO*

O quarto está iluminado somente por velas tremeluzentes em cada um dos pontos cardeais. Os membros do coven estão de pé, formando um círculo, as mãos unidas. Com sua athame, a faca consagrada desembainhada, a sacerdotisa[†] dirige-se ao altar e saúda o céu e a Terra. Ela se vira e caminha até o canto leste, acompanhada de dois membros, um conduzindo o cálice de água salgada, o outro o incenso fumegante. Eles estão de frente para o leste. A sacerdotisa eleva sua faca e brada:

Salve, guardiões das Torres de Observação do Oriente,
Poderes do ar!
Invocamos você e chamamos você,
Águia dourada do amanhecer,
Caçadoras de estrelas,
Turbilhão,
Sol nascente,
Vinde!
Pelo ar que é o seu sopro,
Envie sua luz,
Faça-se presente agora!¹

Enquanto fala, traça no ar o pentagrama de invocação com sua faca. Ela o vê, brilhando com pálida chama azul, e através dele sente forte lufada de vento, varrendo uma planície iluminada pelos primeiros raios do amanhecer. Ela respira profundamente, atraindo o poder, e então canaliza-o para a faca, que aponta para o chão.

Ao borrar a água três vezes, o primeiro membro exclama, “com sal e água eu purifico o leste!” O segundo membro desenha o pentagrama de invocação com incenso, dizendo, “Com fogo e ar, eu exorto o leste!”.

[†] Por conveniência literária, designei a sacerdotisa como a organizadora do círculo. Mas qualquer membro qualificado, homem ou mulher, pode desempenhar esse papel.

A sacerdotisa, com a faca apontada para fora, traça os limites do círculo. Ela o vê tomar forma através do olho de sua mente, enquanto os demais continuam, para cada uma das quatro direções, repetindo a invocação, a purificação e a exortação:

Salve, guardiões das torres de observação do sul,
Poderes do fogo!
Invocamos você e chamamos você,
Leão vermelho do calor do meio-dia,
Ser Flamejante!
Quentura de verão,
Fagulha de vida,
Vinde!
Pelo fogo que é o seu espírito,
Envie a sua chama,
Faça-se presente agora!

Salve, guardiões das torres de observação do oeste,
Poderes da Água!
Invocamos você e chamamos você,
Serpente das profundezas do mar,
Fazedor de chuvas,
Crepúsculo cinéreo,
Estrela do anoitecer!
Pelas águas de seu útero vivo,
Envie sua abundância,
Faça-se presente agora!

Salve, guardiões das torres de observação do norte,
Poderes da terra,
Pedra angular de todos os poderes.
Invocamos você e chamamos você,
Senhora da escuridão interior,
Touro negro da meia-noite,
Estrela do norte,
Centro da espiral celeste,
Rocha,
Montanha,
Campo fértil,
Vinde!
Pela terra que é o seu corpo,
Envie a sua força
Faça-se presente agora!

A sacerdotisa traça o último elo do círculo, terminando no leste. Novamente, ela saúda o céu e a Terra, volta-se e toca a ponta de sua athame no caldeirão central e diz,

O círculo está montado.
Estamos entre os mundos,
Além dos limites do tempo,
Onde noite e dia,
Nascimento e morte,
Alegria e tristeza
Tornam-se uma só coisa.

O segundo membro conduz um círio para a vela do ponto sul e com ele acende as que se encontram ao redor do caldeirão central e no altar, dizendo,

O fogo está aceso,
O ritual começou.

Retornam ao círculo. O primeiro membro sorri para a pessoa à esquerda e a beija, dizendo,

“Em perfeito amor e perfeita confiança.”
O beijo percorre o círculo.

“A manifestação de Deus... envolve a criação de um novo espaço, no qual as mulheres são livres para serem o que são... Seu centro é o limite das instituições patriarcais... seu centro é a vida das mulheres que começam a se libertar rumo à totalidade.”²

“O ingresso em um novo espaço... também envolve entrar em um novo tempo... O centro do novo tempo está no limite do tempo patriarcal... É a nossa vida. É qualquer momento que estejamos vivendo fora de nossa sensação de realidade, recusando-nos a sermos possuídos, dominados e alienados pelo sistema patriarcal de tempo linear, delimitado e quantitativo.”³

Mary Daly

Em Feitiçaria, definimos um novo espaço e um novo tempo toda vez que organizamos um círculo para um ritual. O círculo existe nos limites do espaço e tempo comuns; encontra-se “entre os mundos” daquilo que é visível e invisível, da consciência da luz das estrelas e da luz fugidia, um espaço onde as realidades alternativas se encontram, onde passado e futuro estão abertos para nós. O tempo não é mais delimitado; torna-se elástico, fluido, o redemoinho em uma lagoa na qual mergulhamos e nadamos. As restrições e distinções de nossos papéis socialmente definidos não têm mais valor; somente as normas da natureza é que dominam, a regra de Isis, que afirma: “Aquilo que transformei em lei não pode ser desfeito pelo homem.”⁴ No círculo, no poder existente dentro de nós, a Deusa e deuses antigos são revelados.

A disposição de um círculo é uma meditação representativa. Cada gesto que fazemos, cada instrumento que utilizamos, cada poder que invocamos, ressoa através de camadas de significados a fim de despertar um aspecto de nós mesmos. As formas exteriores acobertam visualizações interiores, de tal maneira que o círculo transforma-se numa mandala viva, na qual encontramos-nos centrados.

Quando organizamos um círculo, criamos uma forma energética, uma fronteira que limita e contém os movimentos das forças sutis. Em bruxaria, a função do círculo não é, essencialmente, a de manter *afastadas* as energias negativas, mas *guardar* o poder, a fim de que ele possa atingir a plenitude. Não se pode ferver água sem colocá-la em uma chaleira, assim como não se evoca o poder efetivamente, a menos que ele esteja contido. Desestimula-se o abandono do círculo durante o ritual, pois, desse modo, há uma tendência para a dissipação da energia, apesar de que gatos e crianças muito pequenas parecem passar por ele sem causarem perturbações em seu campo de forças. Os adultos geralmente traçam um “portão”, através de uma pantomima com uma *athame*, no caso de precisarem sair do círculo antes do término do ritual.

A disposição do círculo marca o início formal do ritual, a “informação” complexa que nos indica quando alterar nossa percepção para uma modalidade mais profunda. No ritual, “suspendemos a dúvida”, da mesma maneira que o fazemos quando assistimos a uma peça; permitimos que as funções críticas e analíticas do *self* mais jovem possa responder completa e emocionalmente em relação ao que está acontecendo. O *self* mais jovem, conforme já foi visto, responde melhor diante de atos, símbolos e coisas palpáveis, portanto essa alteração na consciência é representada pelo uso de uma rica coleção de símbolos e ferramentas.

Nos círculos permanentes de pedra da era megalítica, onde rituais foram montados durante centenas de anos, grandes reservatórios de poder eram construídos. Visto que as pedras definiam o espaço sagrado, não havia a necessidade de traçar o círculo como o fazemos. A forma circular utilizada pela maioria dos bruxos atualmente

originou-se, provavelmente, à época das fogueiras, quando reuniões eram mantidas em segredo, dentro das casas, e tornou-se necessário criar um templo em uma cabana simples. Pode ser que as bruxas tenham se apoderado de algumas formas dos cabalistas. Diz-se que, frequentemente, as bruxas acolhiam judeus perseguidos por cristãos e que trocavam conhecimentos. (Devo admitir que, enquanto os bruxos em geral gostam de acreditar que isso seja verdade, os judeus parecem não ter dado atenção ao assunto ou, se a deram, não estão alardeando o fato.)

Antes de qualquer ritual há sempre um período de purificação, durante o qual participantes livram-se de preocupações, inquietações e ansiedades que podem dificultar a sua concentração. Alguns *covens* simplesmente aspergem (borrifam) cada membro com água salgada à medida que o círculo se organiza. Em rituais muito grandes, este é o único método prático. Mas, para pequenos grupos e trabalhos importantes, usamos um exercício de meditação mais intenso, conhecido como Purificação com Água Salgada.

Sal e água são elementos purificadores. A água, obviamente, lava. O sal preserva da decadência e é um desinfetante natural. O oceano, o útero da vida, é água salgada, como o são as lágrimas que nos ajudam a purificar o coração de suas tristezas.

EXERCÍCIO 20: PURIFICAÇÃO COM ÁGUA SALGADA

(Esta é uma das meditações individuais básicas que deve ser praticada regularmente. Durante períodos de muita ansiedade ou depressão ou quando assumindo pesadas responsabilidades, é de grande auxílio exercitá-la diariamente.)

Encha uma taça com água. (Utilize seu cálice ritual, caso você o tenha.) Com sua *athame* (ou outro implemento), adicione três porções de sal e mexa em sentido horário.

Sente-se com a taça em seu colo. Deixe que seus temores, preocupações, dúvidas, ódios e decepções venham à sua mente. Veja-os como uma correnteza lamacenta que flui para fora de você enquanto você respira e é dissolvida pelo sal na taça. Conceda-se tempo para se sentir profundamente purificado.

Agora, eleve a taça. Respire profundamente e sinta-se sorvendo poder da terra (como no exercício da Árvore da Vida). Deixe o poder fluir para a água salgada, até que você seja capaz de visualizá-lo brilhando com luz.

Tome um gole de água. Enquanto você a sente em sua língua, saiba que recebeu o poder da purificação, da cura. Medo e infelicidade transformam-se no poder da mudança.

Esvazie o restante da água em um córrego. (Infelizmente, nestes tempos de decadência, a água corrente mais próxima geralmente é a que desce pelo ralo da pia da cozinha.)

EXERCÍCIO 21: PURIFICAÇÃO EM GRUPO COM ÁGUA SALGADA*

Membros do *coven* se reúnem em grupo, com incenso e as velas acesas. A sacerdotisa vai até o altar, concentra-se e centra-se. Ela toma a taça de água em sua mão direita, dizendo “abençoada seja, criatura da água”. Ela toma o prato com sal em sua mão esquerda e diz “abençoada seja, criatura da terra”. Ela eleva ambos para o céu, com os braços esticados, e deixa que o poder flua para dentro deles, dizendo,

*Sal e água,
Dentro e fora,
Espírito e corpo,
Sejam purificados!
Eliminem tudo que seja prejudicial
Absorvam tudo que é bom e saudável!
Pelos poderes da vida, morte e renascimento
Que assim seja feito!**

Ela os coloca no altar e empunhando a *athame* na sua mão mais forte, dizendo “abençoada seja, criatura da arte”. Ela despeja três porções de sal na água e mistura-as no sentido anti-horário, dizendo

*Que esta athame seja purificada,
E que estes instrumentos e este altar sejam purificados,*

enquanto borrifa o altar com algumas gotas e a seguir saúda céu e terra:

Em nome da vida e da morte, que assim seja feito!

Ela, então, segura o cálice próximo a seu coração e carrega a água com poder. Quando senti-lo irradiante, retorna ao círculo. O cálice é passado ao redor do círculo e cada pessoa realiza a sua purificação particular. Algumas talvez cantem suavemente enquanto o cálice estiver sendo passado. Em um grupo grande, três ou quatro cálices são carregados ao mesmo tempo; caso contrário, o cálice pode levar horas para percorrer o círculo.

Quando o cálice volta para a sacerdotisa, ela envia um beijo para ser passado pelo círculo. Se o espaço da reunião for considerado como carente de purificação especial, a seguinte expulsão pode ser realizada.

EXERCÍCIO 22: EXPULSÃO

Após a purificação, a sacerdotisa toma a espada ou *athame* e dirige-se ao centro do círculo. Ela aponta a lâmina para a terra e para o céu e, vigorosamente, diz,

*Espíritos do mal,
Seres hostis,
Convidados indesejados,
Fora!
Abandonem-nos, abandonem este lugar, abandonem este círculo,
Para que os deuses possam entrar.
Ide ou lancem-se na escuridão!
Ide ou lancem-se nas profundezas do mar!
Ide ou ardam nas chamas!
Ide ou sejam arrastados pelo redemoinho!
Pelos poderes da vida, da morte e do renascimento.*

Todo o *coven* em uníssono grita:

*Nós expulsamos você! Nós expulsamos você! Nós expulsamos você!
Ide!*

Todos berram, gritam, batem palmas, tocam sinos e fazem barulho para expulsar as forças negativas.

A água do banho pode ser “carregada”[†] e alguns cristais de sal adicionados; os membros do *coven* podem tomar um banho ritual antes de entrar no círculo. Isto será descrito, em maiores detalhes, no capítulo 10, sobre a iniciação. Devido às limitações de tempo e água quente, é melhor fazê-lo em casa.

O conceito de círculo quaternário é básico para Feitiçaria, assim como para várias culturas e religiões.* As quatro direções e a Quinta, o centro, correspondem e refletem uma qualidade do ser, de um elemento, uma parte do dia ou ano, aos instrumentos da Arte, animais simbólicos e formas de poder pessoal. A visualização constante destas conexões cria ligações internas profundas, de tal maneira que a ação física desencadeia estados interiores. A disposição de um círculo desperta, então, todas as partes do ser e nos coloca em contato com a mente, a energia, as emoções, o corpo e o espírito, para que constantemente tornemo-nos um todo.

Os “guardiões das torres de observação” são formas de energia, os *raiths* ou espíritos dos quatro elementos. Trazem a energia elemental da terra, ar, fogo e água

[†] “Carregar” magicamente um objeto significa imbuí-lo de energia.

para dentro do círculo, para aumentar nosso poder humano. A voragem de poder criada quando invocamos as quatro direções protege o círculo de intrusões e atrai os altos poderes da Deusa e do Deus.

Cada movimento em um ritual é dotado de significado. Quando nos movimentamos no sentido do sol ou do relógio, “deosil”, acompanhamos a direção que o sol aparenta movimentar-se no hemisfério norte e aspiramos o poder. “Deosil” é a direção do aumento, da prosperidade, da benevolência e da bênção. Quando nos movimentamos em direção contrária ao sol ou em sentido anti-horário, estamos indo contra o sol e essa direção é utilizada para a diminuição e expulsões.

Os instrumentos, os objetos físicos que utilizamos em Feitiçaria, são os representantes palpáveis das forças invisíveis. A mente trabalha a magia e nenhuma faca cuidadosamente forjada ou bastão elegante pode fazer mais do que o poder de uma mente treinada. Os instrumentos simplesmente auxiliam na comunicação com o *self* mais jovem, que responde muito melhor a coisas perceptíveis do que abstratas.

Existem duas escolas de pensamento básicas na Arte: a escola de cerimonial mágico e aquilo que chamo de escola da cozinha mágica. Cerimonialistas são puristas, que consideram que instrumentos mágicos jamais devem ser manuseados por terceiros ou utilizados para quaisquer propósitos que não os do ritual. Objetos podem tornar-se reservatórios de poder psíquico, o qual pode ser desperdiçado, por exemplo, cortando fruta com sua *athame*. Bruxas de cozinha mágica, por outro lado, sentem que a Deusa manifesta-se tanto em tarefas comuns como em círculos mágicos. Quando se corta uma fruta com a *athame*, consagra-se a fruta e uma tarefa doméstica torna-se uma tarefa sagrada. Qualquer que seja a escola que se siga, é considerado desrespeitoso manusear os instrumentos de outra bruxa sem pedir permissão.

Ferramentas podem ser compradas, feitas a mão por você mesmo, dadas como presentes ou encontradas em circunstâncias, às vezes, pouco comuns. *Mother Moth*, de Compost, encontrou sua *athame* jogada na linha branca divisória de uma autoestrada, quando se dirigia para casa, tarde da noite. Um conjunto de ferramentas, às vezes, é dado para um novo iniciado pelo *coven*. Ao comprar ferramentas mágicas, jamais pechinche.

As relações podem diferir em variadas tradições e as interpretações de simbolismos nem sempre são consonantes. As seguintes correlações são utilizadas na tradição das fadas (tabelas completas são fornecidas nas que têm início à página 315).

O LESTE*

O leste corresponde ao elemento ar, à mente, ao amanhecer, primavera, cores pálidas e translúcidas, branco e violeta, à águia e pássaros que voam alto, e ao poder de *saber*. Seus instrumentos são a *athame* e a espada, usadas intercaladamente. A *athame* é, tradicionalmente, uma faca de lâmina dupla com um cabo preto, mas as pessoas usam de facas de cozinha a canivetes do exército suíço, completos, com saca-rolhas, tão indispensável para abrir o vinho do ritual. Muitos bruxos não têm uma espada; elas são teatrais em rituais grandes e abertos, mas incômodas em espaços reduzidos.

EXERCÍCIO 23: MEDITAÇÃO DO AR

Fique de frente para o leste. Concentre-se e centre-se. Respire profundamente e torne-se consciente do ar enquanto ele flui para dentro e para fora de seus pulmões. Sinta-o como o sopro da Deusa e absorva a força vital, a inspiração, do universo. Deixe que a sua própria respiração incorpore-se ao vento, às nuvens, às grandes correntes que varrem o campo e o oceano com o movimento da terra. Diga “salve, Arida, iluminada senhora do ar!”

EXERCÍCIO 24: ATHAME OU MEDITAÇÃO DA ESPADA*

Concentre-se e centre-se. Segure sua *athame* ou espada em sua mão mais forte. Respire profundamente e absorva o poder do Ar, o poder da mente. O poder deste instrumento é o da discriminação, traçar linhas, determinar limites, fazer escolhas e executá-las. Lembre-se de escolhas que fez e levou adiante apesar das dificuldades. Sinta o poder de sua mente para influenciar ou outros e a força de sua responsabilidade para não fazer mau uso deste poder. Você tem a força para agir eticamente, de acordo com aquilo que acredita ser correto. Deixe o poder de sua inteligência, sua sabedoria, sua coragem moral, fluírem para o seu instrumento.

O SUL

O sul corresponde ao elemento fogo, à energia ou espírito, ao meio-dia, ao verão, alaranjados e vermelhos fogosos, ao leão solar e à qualidade da vontade. Seu instrumento é o bastão, que pode ser um ramo delgado de uma avelãzeira, um forte cajado de carvalho ou um pedaço magicamente trabalhado de madeira. O bastão é utilizado para canalizar energia, para direcionar um cone de poder e para invocar deus ou deusa.

EXERCÍCIO 25: MEDITAÇÃO DO FOGO

Fique de frente para o sul. Concentre-se e centre-se. Torne-se consciente da fagulha elétrica dentro de cada nervo enquanto impulsos pulam de sinapse para sinapse. Conscientize-se da combustão dentro de cada célula, enquanto o alimento é queimado para liberar energia. Deixe seu fogo unir-se à chama da vela, à fogueira, ao fogo da lareira, ao raio, à luz das estrelas e do sol, unido ao espírito resplandecente da deusa. Diga “salve, Tana, deusa do fogo!”

EXERCÍCIO 26: MEDITAÇÃO DO BASTÃO

Concentre-se e centre-se. Segure seu bastão em sua mão mais forte. Respire profundamente e sinta o poder do fogo, da energia. Esteja consciente de si como um canal de energia. Você pode transformar espírito em matéria, ideia em realidade, conceito em forma. Sinta o seu próprio poder para criar, para realizar, para ser um agente de mudanças. Entre em contato com sua vontade, seu poder para fazer o que deve ser feito, de determinar uma meta e trabalhar para alcançá-la. Deixe sua vontade fluir para o bastão.

O OESTE

O oeste corresponde ao elemento água, às emoções, ao crepúsculo, outono, aos azuis, cinza, roxos profundos e verde dos mares, às serpentes do mar, golfinhos, peixes, ao poder de *ousar*. Do oeste vem a coragem de encarar nossos sentimentos mais profundos. Seu instrumento é a taça ou cálice, que contém a água salgada ou bebida do ritual.

EXERCÍCIO 27: MEDITAÇÃO DA ÁGUA

Fique de frente para o oeste. Concentre-se e centre-se. Sinta o sangue fluindo através dos rios de suas veias, as marés líquidas dentro de cada célula do seu corpo. Você é líquido, uma gota congelada do oceano original que é o útero da Grande Mãe. Descubra os calmos lagos de tranquilidade dentro de você, os rios de sentimentos, as correntes de poder. Afunde profundamente no poço de sua mente interior, abaixo do nível de sua consciência. Diga “salve, Tiamat, serpente das profundezas do mar!”

EXERCÍCIO 28: MEDITAÇÃO DA TAÇA

Concentre-se e centre-se. Segure sua taça com ambas as mãos. Respire profundamente e sinta o poder da água, do sentimento e da emoção. Entre em contato com o fluxo de suas emoções: amor, raiva, tristeza, alegria. A taça é o símbolo da nutrição, o seio abundante da Deusa que alimenta toda a vida. Esteja consciente de como você é nutrido, de como você alimenta os outros. O poder de sentir é o poder de ser humano, de ser verdadeiro, de ser inteiro. Deixe a força de suas emoções inundarem a taça.

O NORTE

O norte é considerado como a direção mais poderosa. Sendo que o sol jamais alcança o hemisfério norte, ele é a direção do mistério, do invisível. A estrela do norte é o centro, ao redor da qual os céus giram. Os altares são posicionados para o norte na Arte. O norte corresponde à Terra, ao corpo, à meia-noite, inverno, marrom, preto e o verde da vegetação. Do norte vem o poder de permanecer em silêncio, de ouvir assim como falar, de guardar segredos, de saber aquilo que não deve ser dito. A Deusa como a donzela da escuridão, a lua nova que ainda não é visível e o deus como o touro sagrado, são os tótemes do norte, e seu instrumento é o pentagrama, o principal símbolo da Arte. Uma estrela de cinco pontas, com uma ponta para cima, assentada no círculo da lua cheia, o pentagrama pode ser gravado em uma placa, vitrificado em um prato de cerâmica ou moldado com o “barro do padeiro”, a massa de pão e sal. Ele é usado para concentrar energia ou como uma travessa para servir os bolos sagrados.

EXERCÍCIO 29: MEDITAÇÃO DA TERRA

Fique de frente para o norte. Concentre-se e centre-se. Sinta seus ossos, seu esqueleto, a solidez de seu corpo. Conscientize-se de seu corpo, de tudo o que possa ser tocado e sentido. Sinta a força da gravidade, seu próprio peso, sua atração para a terra, que é o corpo da Deusa. Você é um traço natural, uma montanha em movimento. Una-se a tudo que vem da terra: grama, árvores, grãos, frutas, flores, animais, metais e pedras preciosas. Retorne ao pó, à matéria orgânica, à lama. Diga “salve, Belili, mãe das montanhas!”

EXERCÍCIO 30: MEDITAÇÃO DO PENTAGRAMA – OS CINCO ESTÁGIOS DA VIDA

Concentre-se e centre-se. Segure seu pentagrama com ambas as mãos. Respire profundamente e sinta o poder da terra, do seu corpo. O pentagrama é o seu próprio corpo, quatro membros e cabeça. Ele é os cinco sentidos, tanto interiores quanto exteriores. Entre em contato com seu próprio poder de ver, ouvir, cheirar, provar, tocar. O pentagrama são os quatro elementos, mais o quinto, a essência. E significa os cinco estágios da vida, cada qual um aspecto da Deusa:

1. *Nascimento*: o início, o tempo de vir a ser
2. *Iniciação*: adolescência, o tempo da individuação
3. *Amor*: o tempo da união com o outro, da plena maturidade, sexualidade, responsabilidade.
4. *Repouso*: o tempo da idade que avança, da reflexão, integração, sabedoria
5. *Morte*: o tempo de terminar, de soltar-se, de movimentar-se em direção ao renascimento.

Olhe para o seu pentagrama ou o desenho em uma folha de papel. Marque as cinco estações, em sentido horário pelos pontos e experimente cada estágio individualmente, como ele ocorre em um tempo de vida e dentro do breve espaço de cada nova atividade ou relacionamento. Trace as linhas interligadas e reflita sobre os seus significados. O amor está ligado ao nascimento e à morte. A morte está ligada ao amor e à iniciação.

No alfabeto* da árvore genealógica goidélica†, cada um dos cinco estágios era simbolizado por uma árvore, cujo nome começava com uma das cinco vogais:⁵

A: *Nascimento*: ailm, abeto prateado
O: *Iniciação*: onn, tojo
U: *Amor*: ura, urze
E: *Repouso*: eadha, faia preta
I: *Morte*: idho, teixo

Cante os sons das vogais e sinta o poder de cada estágio, um por um. Toque seu corpo com o pentagrama e deixe que a força vital de seu corpo flua para ele.

EXERCÍCIO 31: O PENTAGRAMA DE FERRO

(Um pentagrama é um pentáculo desenhado ou escrito. É um instrumento de meditação da tradição das fadas e um importante exercício de treinamento.)

Concentre-se e centre-se. Em seu Livro das Sombras, desenhe um pentagrama com linhas interligadas e marque os pontos, em ordem, no sentido horário: “Sexo”, “Self”, “Paixão”, “Orgulho” e “Poder”.

Sexo é a manifestação do impulso da energia da força vital do universo. É a polaridade, a atração de Deus e Deusa, o vaivém da pulsação que sustenta o universo, a harmonia orgástica e extática que canta dentro de cada ser.*

Self é identidade, individualidade. Cada um de nós é uma manifestação única da Deusa e esta individualidade é altamente valorizada na Arte. O amor-próprio é a fundação de todo o amor. “Louve a si próprio e você verá que o *self* está em toda parte.”

Paixão é a força da emoção que dá cor, profundidade e vitalidade à vida. Alegria, tristeza, êxtase, raiva, medo, dor, amor: A Deusa manifesta-se em todas as emoções humanas. Não somos capazes de sentir nenhuma delas, em sua total intensidade, a menos que estejamos dispostos a enfrentá-las.

Orgulho estimula-nos a criar, fazer, crescer e de gozar-mos os frutos legítimos de nossas realizações. O verdadeiro orgulho não se baseia em comparações ou na competição; é uma sensação absoluta de nosso valor interior. O orgulho traz consigo a responsabilidade de agirmos de acordo com nosso amor-próprio e respeito pelo *self* presente nos outros.

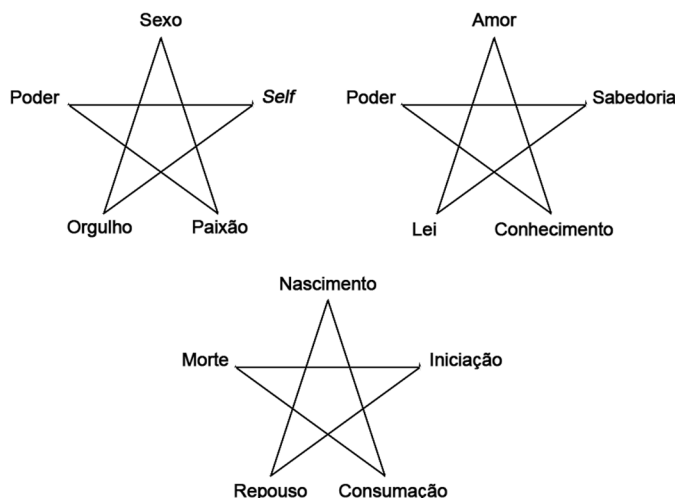
Poder é energia, poder interior, não poder sobre os outros. Quando as cinco pontas estão em equilíbrio, a força vital flui livremente, enchendo-nos de vitalidade. Poder é integridade, criatividade, coragem: a marca de uma pessoa que é um todo.

Medite sobre cada uma das pontas individualmente e, então, explore as ligações e conexões: “Sexo-Paixão”, “Self-Orgulho”, “Paixão-Poder”, e assim por diante. Deite-se com braços e pernas esticadas, de tal maneira que você forme uma estrela. Deixe que a sua cabeça e cada um dos membros do seu corpo seja uma ponta do pentagrama. Quando você estiver “nas pontas”, todas estarão em equilíbrio. Sentindo que alguma ponta está fraca, trabalhe no sentido de desenvolver aquelas qualidades. Absorva a força do pentagrama de ferro,

† Goidélico refere-se aos celtas gaélicos (irlandeses, escoceses, habitantes da ilha de Man) como opostos aos celtas bretônicos (galeses, córnicos e bretões).

EXERCÍCIO 32: O PENTAGRAMA DE PÉROLA

O pentagrama de pérola é um instrumento de meditação, como o pentagrama de ferro. Suas pontas são o amor, sabedoria, conhecimento, lei e poder.



Comece como no exercício de pentagrama de ferro.

O *Amor* é a energia que move a vida. Ele é tanto cegamente erótico, como profundamente pessoal, apaixonado, orgulhoso e poderoso para conosco e os outros. Ele é a lei da Deusa e a essência da magia.

Sabedoria e *Conhecimento* são mais bem compreendidos em conjunto. Conhecimento é aprendizagem, o poder da mente para compreender e descrever o universo. Sabedoria é saber como utilizar o conhecimento e como não utilizá-lo. Conhecimento é saber o que dizer; sabedoria é saber calar. O conhecimento fornece as respostas. A sabedoria faz as perguntas. O conhecimento pode ser ensinado; a sabedoria advém da experiência, de ter cometido erro.

Lei é a lei natural, não a lei dos homens. Quando infringimos as leis naturais, sofremos as consequências como resultado natural de nossos atos, não como um castigo. Se alguém contraria a lei da gravidade, cai. A magia funciona dentro dos parâmetros da lei natural, não fora deles. Mas a lei natural pode ter um alcance maior e ser mais complexa do que imaginamos.

Poder, novamente, é o poder que brota de dentro quando o amor, conhecimento, sabedoria e lei encontram-se unidos. O poder, enraizado no amor e equilibrado pelo conhecimento, lei e sabedoria, propicia o crescimento e a cura.

Novamente, medite sobre as pontas e as ligações entre as mesmas. Deite-se na posição do pentagrama, sinta as pontas como parte de você e conscientize-se de seus próprios desequilíbrios. Absorva a beleza do pentagrama de pérola.

CENTRO

O centro do círculo é o ponto de transformação. Ele corresponde à essência pura, à atemporalidade, à luz transparente, ao poder de *ir*, de movimentar, de mudar, transformar. Seu instrumento mágico é o caldeirão, que pode ser a tradicional panela de três pernas ou uma tigela de barro ou metal. O caldeirão contém o fogo, a vela, o incenso, ervas fumegantes ou uma fogueira. Ele também pode ser uma caçarola de cozinha, na qual o fogo transforma o alimento que iremos comer.

EXERCÍCIO 33: MEDITAÇÃO TRANSFORMADORA

Concentre-se e centre-se. Sussurre suavemente, várias vezes: “Ela transforma tudo o que toca e tudo o que ela toca, transforma-se.” Sinta os constantes processos de mudanças dentro de você, em seu corpo, suas ideias e emoções, seu trabalho e relacionamentos. Dentro de cada pedra imóvel, os átomos encontram-se em movimento constante. Sinta as mudanças ao seu redor, mudança que você conduziu e as que você está prestes a realizar. Até mesmo o encerramento da meditação faz parte do processo de transformação que é a vida. Diga “salve, Kore, cujo nome não pode ser dito, ser eternamente mutável!”

EXERCÍCIO 34: MEDITAÇÃO DO CALDEIRÃO

Concentre-se e centre-se. Segure o caldeirão com ambas as mãos. Respire profundamente e sinta o poder da transformação. Você segura o caldeirão de Ceridwen, onde os mortos voltam à vida. Você segura o caldeirão no qual foi preparada a essência que confere todo o conhecimento e compreensão. O caldeirão é o útero da Deusa, o terreno de gestação de tudo o que nasce. Pense nas transformações que você sofre todos os dias. Em um átimo de segundo, você morre e renasce mil vezes. Sinta seu poder de terminar e começar novamente, sua capacidade de gerar, de criar, de dar vida a coisas novas e deixe que este poder flua para o caldeirão.

Meditações sobre os elementos fazem parte do treinamento de todo bruxo. Após experimentar a energia de cada elemento mágico em separado, o aprendiz é ensinado a combiná-las, preparando-se para o aprendizado da disposição do círculo.

EXERCÍCIO 35: EXERCÍCIO DE VISUALIZAÇÃO DO CÍRCULO

(Você pode deitar-se, sentar-se confortavelmente ou ficar de pé e desenvolver esse exercício. Fique de frente para cada direção, física ou mentalmente.)

Concentre-se e centre-se. Fique de frente para o leste. Visualize sua *athame* em sua mão mais forte e trace o pentagrama da invocação (como no exercício 13). Veja-o ardendo com uma chama pálida e azul. Diga “salve, guardiões das torres de observação do leste, poderes do ar.”

Ande pelo pentagrama e veja o forte vento varrendo uma vasta planície de capim ondulante. Respire profundamente e sinta o ar em seu rosto, em seus pulmões, em seus cabelos. O sol está nascendo e em seus raios brilha uma águia dourada, que voa em sua direção. Quando você estiver repleto com o poder do ar, diga “salve e adeus, seres brilhantes”. Ande de volta pelo pentagrama.

Volte-se e fique de frente para o sul. Novamente, desenhe o pentagrama de invocação. Diga “salve, guardiões das torres de observação do sul, poderes do fogo.”

Ande pelo pentagrama. Você está em uma savana ardente, sob o sol quente. É meio-dia. Sinta o fogo do sol em sua pele e absorva seu poder. A distância, leões vermelho-dourados banham-se de sol. Quando você sentir-se em harmonia com o fogo, diga “salve e adeus, seres luminosos”. Ande de volta pelo pentagrama.

Volte-se e fique de frente para o oeste e, novamente, desenhe o pentagrama. Diga, “salve, guardiões das torres de observação do oeste, poderes da água”.

Ande pelo pentagrama. Você se encontra em um penhasco escarpado acima de um mar revolto. Sinta a espuma do mar e a força das ondas. O crepúsculo cai e as ondas verde-azuladas tingem-se de violeta à medida que o sol desaparece. Golfinhos e serpentes do mar mergulham e brincam na espuma. Quando você sentir-se em harmonia com o poder da água, diga “salve e adeus, seres melífluos” e ande pelo pentagrama.

Volte-se e fique de frente para o norte. Desenhe o pentagrama e diga “salve, guardiões das torres de observação do norte, poderes da terra.”

Ande pelo pentagrama. Você se encontra no coração de uma paisagem exuberante e fértil, na encosta de uma montanha. Ao seu redor existem plantas verdejantes em crescimento, alimentadas por nascentes e árvores delgadas e silenciosas alimentadas pelos minerais e nutrientes da terra. À distância, cereais ondulam nos campos férteis. Cabras selvagens equilibram-se nas alturas escarpadas acima de você, enquanto que, abaixo, rebanhos de gado selvagem cruzam a planície. É meia-noite; a lua está escondida, mas as estrelas brilham. A Ursa Maior e Ursa Menor circulam a Estrela do Norte, o sereno ponto central da roda em espiral do céu. Diga “salve e adeus, seres silenciosos”.

Visualize os quatro pentagramas ao seu redor em um círculo de chama azul. Acima de sua cabeça está uma estrela de oito raios. Respire profundamente e absorva o poder da estrela. Deixe que ele lhe preencha; sinta-o inundando todas as células de seu corpo com luz, um cone de luz que alcança as profundezas da terra que cerca você. Agradeça à estrela e deixe que a luz retorne para a sua fonte. Abra o círculo visualizando os pentagramas voando para o espaço.

Instrumentos adicionais* utilizados na maioria dos *covens* incluem um cordão, um colar, um turíbulo e um Livro das Sombras, o qual já foi discutido no capítulo 3. O cordão é o símbolo da união, de pertencer a um determinado *coven*. Em algumas tradições, a

cor do cordão significa o grau de desenvolvimento na Arte de seu portador. O incensário é utilizado para segurar o incenso e é identificado com o leste ou o sul, ar ou fogo. O colar é o círculo do renascimento, o sinal da Deusa. Ele pode ser de qualquer modelo que seja pessoalmente agradável.

Obviamente, velas, ervas, óleos e incensos também são utilizados em Feitiçaria. Infelizmente, não disponho de espaço para entrar em uma discussão detalhada de seus usos e correspondências, especialmente considerando que essas informações são fornecidas nas tabelas de correlações, além de estarem disponíveis através de outras fontes⁶. Uma bruxa, em geral, depende mais de sua própria intuição do que das associações tradicionais de ervas, odores e cores. Se os materiais “adequados” não estão disponíveis, improvisamos.

Os instrumentos normalmente são mantidos em um altar, o qual pode ser qualquer coisa desde uma cômoda antiga entalhada a mão até uma caixa coberta por um pano. Quando usado para meditações regulares e práticas mágicas, o altar torna-se carregado de energia, um vórtice de poder. Geralmente, o altar de uma bruxa fica de frente para o norte e os instrumentos são dispostos em suas direções correspondentes. Imagens da deusa e do deus – estátuas, conchas, sementes, flores – são colocadas em uma posição central.

EXERCÍCIO 36: A CONSAGRAÇÃO DE UM INSTRUMENTO

(Os instrumentos podem ser carregados – imbuídos de energia psíquica – e consagrados dentro do ritual em grupo, durante uma iniciação ou individualmente. Descreverei o rito para uma *athame*; para outros instrumentos faça, simplesmente, as adaptações necessárias.)

Monte o altar como achar melhor e acenda as velas e o incenso. Realize a Purificação da Água Salgada e organize o círculo através da Visualização do Círculo. Peça à Deusa que esteja com você.

Segure sua *athame* em sua mão mais forte e diga “abençoada seja, criatura da Arte”. Faça a meditação da *athame* ou da espada.

Toque com ela os símbolos de cada um dos quatro elementos, alternadamente: incenso para o ar, bastão para o fogo, taça para a água e o pentagrama para a terra. Medite sobre o poder de cada um dos elementos e visualize esses poderes fluindo para a *athame*. Diga: “Que você seja carregada pelos poderes do (ar, fogo, etc.) e sirva-me bem no (leste, sul, etc.), entre os mundos, em todos os mundos. Que assim seja feito.”

Passe sua *athame* pela chama da vela e, com ela, toque o caldeirão central. Visualize uma luz branca enchendo-a e carregando-a. Diga: “Que você seja carregada pelo centro de tudo, acima e abaixo, através e ao redor, dentro e fora, para servir-me bem entre os mundos, em todos os mundos. Que assim seja feito.”

Desenhe ou grave os seus símbolos pessoais na lâmina ou no punho. Percorra-os com sua própria saliva, suor, sangue menstrual, ou outras secreções, para criar um elo com o seu instrumento. Respire sobre ele e imagine seu próprio poder pessoal fluindo para ele.

Toque seu coração e seus lábios com ele. Levante-o para o céu e aponte-o para a terra. Enrole seu cordão em volta dele (ou imagine faze-lo, caso não tenha um cordão) e visualize um escudo de luz recebendo o poder. Diga: “Cordão envolva, poder encerre-se, luz revele-se, sejam agora todos selados.”

Encerre o poder, agradeça à Deusa e abra o círculo agradecendo a cada uma das direções e visualizando os pentagramas se dissolvendo.

Na disposição de um círculo, as formas externas utilizadas são menos importantes que a força da visualização interior. Quando a sacerdotisa invoca os guardiões do leste, por exemplo, ela sente o vento e vê o sol nascendo com sua visão interior. Ela também visualiza os pentagramas ardentes e o círculo de luz rodeando o *coven*. Num *coven* forte, uma pessoa pode desempenhar os atos dirigidos para fora, mas todos estarão visualizando internamente o círculo e harmonizando-se aos elementos.

As formas externas podem ser muito simples. Estando só, pode ser suficiente simplesmente visualizar um anel de luz branca em volta do quarto ou voltar para cada direção alternadamente e dar batidas leves na parede. Um grupo pode dar-se as mãos

e imaginar o círculo ou um membro pode andar ao redor dos outros. O círculo pode ser determinado antecipadamente com marcações a giz, pedras, fios, flores, folhas ou conchas, ou desenhado invisivelmente com a *athame* quando for organizado.

Este capítulo foi aberto com a descrição da organização formal de um círculo. De início, ao tentar lembrar as palavras e os atos, a visualização dos elementos e a sensação dos poderes será bem mais difícil do que tentar passar a mão na cabeça e esfregar o estômago ao mesmo tempo. Mas, com a prática, sua concentração se aprimorará até que a sequência completa transcorra fácil e naturalmente. Você talvez deseje criar as suas próprias invocações, em lugar de utilizar as que foram fornecidas. A seguir, alguns outros exemplos:

UM CÍRCULO PARA O ALÍVIO DE DIFICULDADES

Por Alan Acacia

Salve, guardiões das torres do leste, poderes do ar:

Soprem a fadiga para longe, encham nossos pulmões.
Ajudem-nos a trazer o frescor
Para nossas vidas.
Que hajam céus claros, mentes claras
Para que possamos enxergar nosso caminho.
Permitam que nossas palavras criem um espaço seguro.
Abençoados sejam.

Salve, guardiões das torres de observação do sul, poderes do fogo:

Penetrem em nossos corações, aqueçam-nos
Ajudem-nos a sair da hibernação, do isolamento
Para nos saudarmos uns aos outros
Deixem que a paixão ilumine nosso direito inato
Enquanto lutamos contra a injustiça.
Permitam que as nossas emoções saiam
De todos os seus esconderijos
Abençoados sejam.

Salve, guardiões das torres de observação oeste, poderes da água:

Chovam sobre nós, saciem nossa sede.
Ajudem-nos a lembrar
Do oceano que é o útero de onde viemos.
Que todos agora estejamos unidos.
Permita que nossos humores fluam
Até que todos sejam um.
Deem fim à seca da separação
Abençoados sejam.

Salve, guardiões das torres de observação do norte, poderes da terra:

Fortaleçam nossas decisões, mantenham-nos centrados.
Ajudem-nos aqui, agora.
Permitam que nossos corpos sejam fortes
Para que nos amemos uns aos outros.
Deixem passar o atordoamento do cotidiano,
E todos nos encontraremos unidos
Em um só planeta.
Por causa de nossas lutas e magia
Que um círculo maior seja organizado
De amor e harmonia social.

Abençoados sejam.

INVOCAÇÕES RÍTMICAS DE VALERIE AOS QUATRO CANTOS

Leste:

Mensageiro vivaz
Mestre das encruzilhadas
Primavera penetre suavemente
Em minha mente
Ser dourado sussurre
Navegante etéreo
Navegue do leste nas asas do vento.

Sul:

Flor do deserto, vontade ardente
Crepite com energia sob minha pele
Leão vermelho rugindo
Pulsos acelerados
Vagando pelo sul
Estou aberta: venha.

Oeste:

Guerreiro cinza pérola
Jornada espectral
Príncipe do crepúsculo
Navegando para oeste
Intuição, senhora do poente
Serpente ancestral do mar
Rainha perdida das águas crepusculares
Pés de prata venha silenciosamente.

Norte:

Mãe das montanhas, mãe das árvores,
Mãe da meia-noite, mãe da terra.
Raiz e folha e flor e espinho,
Venha até nós, venha até nós, dê-nos seu norte.

INVOCAÇÕES DO RITUAL DE SOLSTÍCIO DE VERÃO

(STARHAWK)

(Com estas, inicie pelo norte)
Meus ossos, meu corpo, como a terra sejam
Montanhas os meus seios
Grama fresca e folhagem abundante
Meus cabelos ao vento,
Pó escuro e rico, leite de lama
Semente lançando branca raiz profunda,
Tapete de folhas moldura natural
Nossa cama seja!
Pela terra que é o seu corpo,
Poderes do norte enviem sua força.

Ar, meu fôlego, brisa da manhã,
Garanhão da estrela do amanhecer,
Redemoinho, carregando todos os que nas alturas planam,
Abelha e pássaro,
Doce aroma,
Lamento da tempestade,

Transporte-nos!
Pelo ar que é seu fôlego,
Poderes do leste enviem sua luz.

Acenda meu coração, queime brilhante!
Meu espírito é uma chama,
Meu olhar nada perde.
Uma flama salta de nervo em nervo
Fagulha do fogo solar!
Desperta o calor replicante, deleite insuportável!
As chamas cantam, consuma-nos!
Pelo fogo que é seu espírito,
Poderes do sul, envie sua chama.

Irrigue meu útero, meu sangue,
Lave-nos, refresque-nos,
Ondas desembarcam na praia em asas brancas,
A corredeira, o sibilar, o ribombar das pedras
Enquanto a maré recua,
Esse ritmo, meu pulso,
Inunde, fonte esguichante,
Para que possamos nos derramar,
Leve-nos daqui!
Pelas águas do seu útero vivo,
Poderes do oeste, enviem seu fluxo.

O campo de energia criado por um círculo também pode ser usado como proteção. Isto pode ser feito de maneira muito simples.

EXERCÍCIO 37: CÍRCULO PROTETOR

Visualize um círculo ou uma bolha de luz branca ao redor de si mesmo, com a energia correndo em sentido horário. Diga para si mesmo que esta é uma barreira impenetrável a qual nenhuma força prejudicial poderá atravessar. Se tiver tempo, faça a visualização do círculo ou rapidamente invoque cada um dos quatro elementos alternadamente.

EXERCÍCIO 38: CÍRCULO PROTETOR PERMANENTE

(Um círculo protetor permanente pode ser estabelecido em volta de sua casa ou local de trabalho. O seguinte ritual pode ser realizado sozinho ou em grupo, com cada uma das pessoas carregando um dos objetos.)

Concentre-se e centre-se. Circule a casa em sentido contrário ao movimento do sol com um sino, uma vassoura e água salgada carregada. Toque o sino para espantar energias negativas. Varra forças indesejadas com a vassoura ou use um bastão para mandá-las embora. Borrife cada entrada – cada janela, porta, espelho e principais saídas de água – com água salgada. Também borrife todos os cantos dos quartos. Caso seja necessário, faça a expulsão como no exercício 22. Realiza a Purificação de Água Salgada.

Agora, dê uma volta pela casa em sentido horário, com água salgada, *athame* e incenso. Desenhe um pentagrama de invocação em cada entrada com a *athame* e, então, borrife com água salgada. Concentre-se em formar uma barreira protetora que não possa ser quebrada.

Finalmente, com o incenso, carregue cada entrada e canto, convidando para entrar as forças positivas. Diga,

*Sal e mar,
Do mar estejam libertos.
Fogo e ar,
Tragam tudo o que é propício.
Em todos os lados,*

O círculo está fechado.

Formalmente organize o círculo no quarto que você usará para os rituais. Cante e eleve o poder a fim de encher a casa de proteção. Agradeça, então, à Deusa, encerre o poder e abra o círculo.

Você pode reforçar um círculo protetor visualizando-o. Faça isto antes de um trabalho mágico ou de dormir.

O círculo está organizado; o ritual teve início. Criamos o espaço sagrado, um espaço à altura de receber os deuses. Nós nos purificamos e nos centramos; nossas restrições mentais foram abandonadas. Livres do medo, podemos nos abrir para a luz das estrelas. Em perfeito amor e perfeita confiança, estamos preparados para invocar a Deusa.

Notas

¹ Este conjunto de invocações foi escrito e parafraseado por mim a partir de invocações tradicionais das fadas.

² Mary Daly, *Beyond God the Father* (Boston: Beacon Press, 1973), p. 40.

³ Daly, p. 41.

⁴ Helen Diner, *Mothers and Amazons* (Nova York: Anchor Press, 1973), p. 169

⁵ Robert Graves, *The White Goddess* (Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1966), cap's 10-11

⁶ Como uma boa referência geral a respeito de materiais tradicionais e um excelente livro de consulta para feitiçaria diânica, ver Z. Budapest, *The Feminist Book of Lights and Shadows* (Venice, Califórnia: Luna Publications, 1976), republicado por Wingbow Press, Berkeley, Califórnia.



Entre os Mundos

OS ENCARGOS DA DEUSA¹

Ouçá as palavras da grande mãe, que, em tempos idos, era chamada de Ártemis, Dione, Melusina, Afrodite, Ceridwen, Diana, Arionrhod, Brígida e por muitos outros nomes:

“Quando necessitar de alguma coisa, uma vez no mês, e é melhor que seja quando a lua estiver cheia, deverá reunir-se em algum local secreto e adorar o meu espírito que é a rainha de todos os sábios. Você estará livre da escravidão e, como um sinal de sua liberdade, apresentar-se-á nu em seus ritos. Cante, festeje, dance, faça música e amor, todos em minha presença, pois meu é o êxtase do espírito e minha também é a alegria sobre a terra. Pois minha lei é a do amor para todos os seres. Meu é o segredo que abre a porta da juventude e minha é a taça do vinho da vida, que é o caldeirão de Ceridwen, que é o gral sagrado da imortalidade. Eu concedo a sabedoria do espírito eterno e, além da morte, dou a paz e a liberdade e o reencontro com aqueles que se foram antes. Nem tampouco exijo algum tipo de sacrifício, pois saiba, eu sou a mãe de todas as coisas e meu amor é derramado sobre a terra.”

Atente para as palavras da deusa estelar, o pó de cujos pés abrigam-se o sol, a lua, as estrelas, os anjos, e cujo corpo envolve o universo:

“Eu que sou a beleza da terra verde e da lua branca entre as estrelas e os mistérios da água, invoco seu espírito para que desperte e venha até a mim. Pois eu sou o espírito da natureza que dá vida ao universo. De mim todas as coisas vêm e para mim todas devem retornar. Que a adoração a mim esteja no coração que rejubila, pois, saiba, todos os atos de amor e prazer são meus rituais. Que haja beleza e força, poder e compaixão, honra e humildade, júbilo e reverência, dentro de você. E você que busca conhecer-me, saiba que a sua procura e ânsia serão em vão, a menos que você conheça o mistério: pois se aquilo que busca, não se encontrar dentro de você, nunca o achará fora de si. Saiba, pois, eu estou com você desde o início dos tempos, e eu sou aquela que é alcançada ao fim do desejo.”

O simbolismo da Deusa tem assumido um poder eletrizante para as mulheres modernas. A redescoberta de uma antiga civilização femeocentrada trouxe profundo

sentido de orgulho na capacidade de a mulher criar e sustentar uma cultura. Ela expôs as falsidades da história patriarcal e propiciou modelos de força e autoridade femininas. Novamente, no mundo atual, reconhecemos a Deusa, antiga e primitiva: a primeira das deidades; padroeira da Idade da Pedra e suas caçadas e dos primeiros semeadores; sob cuja orientação os rebanhos foram domesticados, as ervas curativas logo descobertas; a partir de cuja imagem as primeiras obras de arte foram criadas; para quem as pedras foram levantadas; que era a inspiração para canções e poesia. Ela é a ponte, pela qual podemos cruzar os abismos dentro de nós mesmos, que foram criados pelo condicionamento social, e nos colocar em contato, novamente, com os nossos potenciais perdidos. Ela é o navio, no qual navegamos nas águas do *self* profundo, explorando os mares desconhecidos dentro de nós. Ela é a porta, através da qual passamos para o futuro. Ela é o caldeirão, no qual, os que fomos puxados de um lado para outro, podemos cozinhar em fogo brando, até que sejamos novamente um todo. Ela é a passagem vaginal, através da qual renascemos.

Uma análise comparativa geral, histórica e/ou cultural, da deusa e de seus símbolos exigiria, por si só, vários volumes e eu não farei tal tentativa no espaço limitado deste livro, tendo em vista, especialmente, que muito material de boa qualidade já é disponível.² Pelo contrário, limitar-me-ei a debater a deusa como é vista na Feitiçaria e concentrar-me em sua função e significado para as mulheres e homens da atualidade.

As pessoas, com frequência, perguntam-me se eu *acredito* na Deusa. Eu respondo: “Você acredita em pedras?” É extremamente difícil, para a maioria dos ocidentais, captar o conceito de uma deidade manifesta. A frase “acreditar *em*” implica que não podemos *conhecer* a Deusa, que ela é, de alguma maneira, inalcançável, incompreensível. Mas, nós não *acreditamos* em pedras, podemos vê-las, tocá-las, cavá-las de nosso jardim ou impedir que crianças atirem-nas umas nas outras. Nós as conhecemos; ligamo-nos a elas! Na Arte, não *acreditamos* na Deusa: ligamo-nos a Ela, através da lua, das estrelas, do mar, da terra, das árvores, animais e outros seres humanos, através de nós mesmos. Ela está aqui. Ela está dentro de todos nós. Ela é o círculo pleno: terra, ar, fogo, água e essência; corpo, mente, espírito, emoções, transformações.

A Deusa é a primeira em toda a terra, o mistério, a mãe que alimenta e dá toda a vida. Ela é o poder da fertilidade e geração; o útero e também a sepultura que recebe, o poder da morte. Tudo vem dela, tudo retorna para ela. Sendo terra, também é a vida vegetal; as árvores, as ervas e os grãos que sustentam a vida. Ela é o corpo e o corpo é sagrado. Útero, seios, barriga, boca, vagina, pênis, osso e sangue; nenhuma parte do corpo é impura, nenhum aspecto dos processos vitais é maculado por qualquer conceito de pecado. Nascimento, morte e decadência, são partes igualmente sagradas do ciclo. Se estamos comendo, dormindo, fazendo amor ou eliminando excessos do corpo, estamos manifestando a deusa.

A Deusa da Terra é também o ar e o céu, a celestial Rainha do Céu, A Deusa Estelar, regente de todas as coisas sensíveis mas invisíveis: do conhecimento, da mente e da intuição. Ela é a musa, que desperta todas as criações do espírito humano. Ela é a amante cósmica, a estrela da manhã e do entardecer, Vênus que surge nos momentos de amor. Bela e irradiante, ela jamais pode ser dominada ou penetrada; a mente é conduzida cada vez mais adiante na ânsia de conhecer o desconhecido, de falar o inexprimível. Ela é a inspiração que vem no momento da introspecção.

A Deusa Celestial é vista como a lua, que está associada aos ciclos mensais de sangramento e fertilidade das mulheres. A mulher é a lua terrena; a lua é o ovo celestial, vagando no útero do céu, cujo sangue menstrual é a chuva que fertiliza e o orvalho que refresca; aquela que governa as marés dos oceanos, o primeiro ventre da vida na terra. Portanto, a lua é também a Senhora das Águas: das ondas do mar, correntes, nascentes, dos rios que são as artérias da Mãe Terra; dos lagos, poços profundos e lagoas escondidas, dos sentimentos e emoções, que nos tomam como ondas do mar.

A Deusa da Lua possui três aspectos: crescente é a donzela; cheia, é a Mãe; minguante, é a anciã. Parte do treinamento de cada iniciado implica períodos de

meditação sobre a Deusa em seus vários aspectos. Não disponho de espaço para incluir todos eles, mas exemplificarei aqui com as meditações dos três aspectos da lua:

EXERCÍCIO 39: MEDITAÇÃO DA LUA CRESCENTE

Concentre-se e centre-se. Visualize uma lua crescente cor de prata, que se curva para a direita. Ela é o poder daquilo que inicia, do crescimento e geração. Ela é tempestuosa e indomada, como as ideias e planos antes de serem equilibrados pela realidade. Ela é a página em branco, o campo não semeado. Sinta as suas próprias possibilidades escondidas e potenciais latentes; seu poder para iniciar e crescer. Veja-a como uma menina de cabelos prateados correndo livremente pela floresta sob a lua delgada. Ela é virgem, eternamente não penetrada, a ninguém pertencendo, exceto ela mesma. Invoque seu nome, “Nimuê!”, e sinta o seu poder dentro de você.

EXERCÍCIO 40: MEDITAÇÃO DA LUA CHEIA

Concentre-se e centre-se e visualize uma lua cheia. Ela é a mãe, o poder da realização e de todos os aspectos da criatividade. Ela nutre aquilo que foi iniciado pela lua nova. Veja-a abrindo os braços, os seios abundantes, o ventre desabrochando em vida. Sinta seu próprio poder de nutrir, dar, tornar manifesto o que é possível. Ela é a mulher sexual; seu prazer na união é a força motriz que sustenta toda a vida. Sinta o poder em seu próprio prazer, no orgasmo. Sua cor é o vermelho do sangue, que é vida. Invoque seu nome “Mari!” e sinta sua própria capacidade de amar.

EXERCÍCIO 41: MEDITAÇÃO DA LUA MINGUANTE

Concentre-se e centre-se. Visualize uma lua minguante, que se curva para a esquerda, envolta pelo céu escuro. Ela é a anciã, a velha que ultrapassou a menopausa, o poder de terminar, da morte. Todas as coisas devem terminar a fim de suprir os seus inícios. O grão que foi plantado deve ser cortado. A página em branco deve ser destruída, para que a obra seja escrita. A vida se alimenta da morte; a morte conduz à vida e, nesse conhecimento, encontra-se a sabedoria. A velha é a mulher sábia, infinitamente velha. Sinta a sua própria idade, a sabedoria da evolução armazenada em cada célula do seu corpo. Conheça o seu próprio poder para terminar, para perder assim como ganhar, para destruir aquilo que está estagnado e decadente. Veja a velha em seu manto negro sob a lua minguante: invoque seu nome “Anu!” e sinta seu poder em sua própria morte.

A tríade da lua transforma-se na estrela quádrupla do nascimento, iniciação, amor, paz e morte. A Deusa manifesta-se no ciclo total da vida. As mulheres são valorizadas e respeitadas na idade avançada, assim como na juventude.

Nascimento e infância, obviamente, são comuns a todas as culturas. Mas, até muito recentemente, nossa sociedade não conceituou o estágio da iniciação, da exploração pessoal e autodescoberta, como sendo necessário para as mulheres. Esperava-se que as meninas passassem diretamente da infância para o casamento e maternidade, do controle de seus pais para o controle de seus maridos. Uma iniciação exige coragem e autoconfiança, características que as meninas não eram estimuladas a desenvolver. Atualmente, o estágio de iniciação pode implicar em estabelecimento de uma carreira, na exploração de relacionamentos ou no desenvolvimento de nossa própria criatividade. Mulheres que pularam esse estágio em suas juventudes, com frequência acham necessário retornar a ele mais adiante. Os estágios posteriores da vida só podem ser plenamente vividos após a completude da iniciação e da formação de um *self* individualizado.

O estágio do amor também é chamado de *consumação* e é o estágio da criatividade plena. Relacionamentos se aprofundam e ocorrem como um ato de entrega. Uma mulher pode escolher ser mãe ou cuidar de uma carreira, um projeto ou uma causa. Um artista ou escritor atinge seu estilo maduro.

Criações, independentemente de serem crianças, poemas ou organizações, assumem vida própria. À medida que se tornam autônomas e as exigências diminuem, o estágio de tranquilidade é alcançado. Com a idade vem uma nova iniciação, reflexiva, menos ativa fisicamente porém mais profunda devido aos *insights* da experiência. A idade avançada, em Feitiçaria, é vista muito positivamente, como o tempo em que a atividade evolui para a sabedoria. Esta conduz à iniciação final, que é a morte.

Esses cinco estágios estão incorporados a nossas vidas, mas também podem ser percebidos em cada novo empreendimento ou projeto criativo. Cada livro, cada pintura, cada novo trabalho nasce como ideia. Ela é submetida a um período iniciatório de exploração que, às vezes, é assustador, pois somos obrigados a aprender coisas novas. À medida que nos sentimos confortáveis diante de uma nova habilidade ou conceito, o projeto pode ser consumado. Ele existe independentemente; enquanto o deixamos em suspenso, outras pessoas podem ler o livro, apreciar o quadro, saborear a comida ou aplicar o conhecimento que ensinamos. Finalmente, ele termina; ele morre e nós passamos para algo novo.

O pentagrama, todas as folhas de cinco lóbulos e flores de cinco pétalas são sagradas para a Deusa como uma estrela quíntupla. A maçã é especialmente seu emblema, pois quando é partida no sentido de uma cruz, suas sementes formam um pentagrama.

A natureza da Deusa jamais é uma coisa só. Onde quer que ela apareça, corporifica ambos os pólos da dualidade – vida na morte, morte na vida. Ela possui mil nomes, mil aspectos. Ela é a vaca leiteira, a aranha que tece, a abelha com penetrante picada. Ela é o pássaro do espírito e a porca que come o próprio filhote. A cobra que troca sua pele e se renova; o gato que enxerga no escuro; o cão que uiva para a lua. Ela é todos. Ela é a luz e a escuridão, a padroeira do amor e da morte, que manifesta *todas* as possibilidades. Ela tanto traz conforto quanto dor.

É mais fácil responder ao conceito da Deusa enquanto musa ou mãe, inspiração, alimento e poder curativo. É mais difícil compreender a Deusa como destruidora. A dualidade judeu-cristã condicionou-nos a pensar sobre a destruição como sinônimo do mal. (Apesar de que, a Deusa sabe, o Jeová do Antigo Testamento estava longe de ser suave e arauto da luz.) A maioria de nós vive afastada da natureza, isolada das experiências que constantemente lembram às pessoas mais “primitivas” que todo ato de criação é um ato de agressão. Para plantar um jardim, você deve retirar as ervas daninhas, eliminar as lesmas, podar as plantas à medida que se esticam em direção à luz. Para escrever um livro, você deve destruir rascunho após rascunho de seu próprio trabalho, dividindo parágrafos e retirando palavras das frases. A criação postula transformação; qualquer mudança destrói aquilo que veio antes.

A criadora-destruidora manifesta-se no fogo, que destrói tudo aquilo que o alimenta a fim de produzir calor e luz. Fogo é a lareira aconchegante, o fogo criativo da forja, a alegre fogueira da celebração. Mas a deusa é também o fogo furioso da ira.

O poder da ira é difícil de ser encarado. Identificamos a ira com violência e as mulheres foram condicionadas a sentir que sua raiva é errada e inaceitável. No entanto, a raiva é uma manifestação de força vital. É uma emoção de sobrevivência, um sinal de alerta de que algo em nosso ambiente é ameaçador. O perigo desencadeia uma resposta física, psíquica e emocional, que mobiliza nossa energia para mudar a situação. Sendo humanos, respondemos a ataques verbais e emocionais como se fossem ameaças, que suscitam a raiva. Mas, quando não somos capazes de admitir a nossa própria raiva, ao invés de reconhecermos a ameaça do ambiente, vemo-nos como errados. Em lugar de fluir para fora, a fim de mudar o ambiente, nossa energia fica presa em esforços internos, como a repressão e o controle.

A Deusa liberta a energia de nossa ira. Ela é vista como sagrada e seu poder é purificado. Como o fogo numa floresta na imensidão imperturbável, ela varre para longe a vegetação rasteira para que os brotos de nossa criatividade possam receber a luz do sol que os alimenta. Controlamos nossas ações; não tentamos controlar nossos

sentimentos. A raiva torna-se uma força de ligação que incita confrontações e comunicações honestas com os outros.

Referi-me à Deusa como símbolo psicológico e, também, como realidade manifesta. Ela é ambos. Ela existe e nós a criamos. Os símbolos e atributos associados à Deusa falam com o *self* mais jovem e, através dele, com o *self* profundo. Eles nos ocupam emocionalmente. Sabemos que a Deusa não é a lua, mas ainda nos maravilhamos com a sua luz brilhando através dos ramos das árvores. Sabemos que a Deusa não é uma mulher, mas respondemos com amor como se ela o fosse e, portanto, associamo-nos emocionalmente a todas as qualidades abstratas por trás do símbolo.

Várias formas e símbolos representam a Deusa. Olhos que esquematicamente são também seios, simbolizam seus poderes nutrientes e o dom da visão interior. O crescente representa a lua: uma meia-lua que cresce e minguia, costas contra costas, torna-se a acha-d'armas, a arma das culturas da Deusa. Triângulos, ovais e losangos, as formas dos órgãos genitais femininos, são também seus símbolos. Como parte do treinamento de um iniciado, ele é ensinado a visualizar símbolos, a meditar e brincar sobre e com eles, em sua imaginação, até que revelem seus significados diretamente. Qualquer símbolo ou aspecto da deusa pode ser a base para a meditação, mas como tenho espaço para somente um exemplo, escolhi a espiral dupla:

EXERCÍCIO 42: A ESPIRAL DUPLA

Concentre-se e centre-se. Visualize uma espiral dupla. Ao vê-la nitidamente, deixe-a crescer até que possa ficar de pé nela e siga-a para dentro, movimentando-se para a esquerda. Ela se transforma em um caminho confuso de altas cercas vivas e, então, um labirinto com paredes de pedra; suas curvas sinuosas são a passagem para um segredo escondido. À medida que você se movimenta pela espiral, o mundo se dissolve, a forma se dissolve, até que você se encontra no cerne recôndito onde nascimento e morte formam uma só coisa. O centro da espiral brilha; é a Estrela do Norte e os braços da espiral são a Via Láctea, uma miríade de estrelas girando lentamente ao redor do ponto central imóvel. Você está no Castelo da Espiral, às costas do Vento Norte. Explore-o em sua imaginação. Veja as pessoas que você encontra, aquilo que você aprende. Você está no ventre da Deusa, flutuando livremente. Agora, sinta-se sendo empurrado e apertado, movendo-se para fora da espiral, que agora é a passagem vaginal do renascimento. Movimente-se em sentido horário através da espiral dupla do seu ADN (ácido desoxirribonucleico, DNA em inglês). Agora ela se transforma em um redemoinho; voe com ela. Deixe que ela se torne a gavinha entrelaçada de uma planta – um cristal – uma concha – elétron em órbita. O tempo é uma espiral – os ciclos se repetindo eternamente, mas, no entanto, sempre em movimento. Conheça a espiral como a forma fundamental de toda energia. Enquanto você volta, deixe que ela retorne para a sua forma pequena, abstrata e simbólica. Agradeça e deixe que ela desapareça.

Os Encargos da Deusa, apresentado na abertura deste capítulo, reflete a interpretação da Arte da Deusa. Começa com uma longa lista de nomes da Deusa, retirados de várias culturas, os quais não são entendidos como seres isolados, mas como diferentes aspectos do mesmo ser, que é todos os seres. Os nomes usados podem mudar de acordo com as estações ou preferências do orador: por exemplo, a Deusa pode se chamar “Kore” na primavera, em virtude do aspecto de donzela da Deusa grega. Uma bruxa de origem judaica poderá chamar a antiga Deusa hebraica de Ashimah ou Asherah; uma bruxa afro-americana poderá preferir Iemanjá, a deusa da África Ocidental, do mar e do amor.³ Na maioria das tradições da Arte, o nome interno da Deusa é reconhecido por incorporar maior poder e, portanto, é mantido em segredo, revelado somente para iniciados. Os nomes externos frequentemente utilizados são Diana, para a deusa da lua e Aradia, sua filha, que, segundo as lendas, foi enviada à terra para libertar as pessoas através dos ensinamentos das artes da magia.⁴

“Necessidade de alguma coisa” refere-se tanto às necessidades espirituais quanto materiais. Em bruxaria não há essa separação. A Deusa manifesta-se na comida que comemos, nas pessoas que amamos, no trabalho que realizamos, nas casas onde moramos. Não é considerado ignóbil pedir por bens ou confortos necessários.

“Trabalhe para si e verá que o *self* está em toda parte”, é um ditado da tradição das fadas. É através do mundo material que nos abrimos para a Deusa. Mas, a Feitiçaria também reconhece que quando as necessidades materiais são atendidas, necessidades e anseios mais profundos podem permanecer. Estes somente podem ser satisfeitos através da associação com as forças interiores, que alimentam e dão a vida, a que chamamos de *Deusa*.

O *coven* encontra-se na lua cheia, em homenagem à Deusa que está no auge de sua glória. As marés de poder sutil são consideradas como sendo as mais fortes quando a lua está cheia. A Deusa é identificada à frutificante energia lunar que ilumina a escuridão secreta; o poder feminino, pulsante e mareante, que aumenta e diminui em harmonia com o fluxo menstrual da mulher. O sol é identificado aos *self* masculino e polar, o deus, cujos festivais são celebrados em oito pontos de poder no ciclo solar.

A Deusa é a libertadora e já foi dito que o “seu ofício é a liberdade total”,⁵ Ela é a libertadora, pois manifesta-se em nossos anseios e emoções mais profundos que, sempre e inevitavelmente, ameaçam sistemas elaborados para contê-los. Ela é amor e ira, os quais recusam adaptação confortável à ordem social. Ser “livre da escravidão” significava, anteriormente, que dentro do círculo ritual todos eram iguais, independentemente de serem camponeses, servos ou nobres no mundo exterior. Escravidão, hoje, pode ser mental e emocional, como também física: a escravidão das percepções fixas, das ideias condicionadas, de crenças cegas, do medo. A Feitiçaria requer liberdade intelectual e coragem para confrontarmos nossas próprias suposições. Ela não é um sistema de crenças; é uma atitude de constante autorrenovação de alegria e encanto para com o universo.

O corpo nu representa a verdade, a verdade que é mais profunda que os costumes sociais. As bruxas realizam seus cultos nuas por várias razões: como uma maneira de estabelecer intimidade e de deixar cair as máscaras sociais, pois o poder é mais facilmente evocado deste modo e porque o corpo humano, em si, é sagrado. A nudez é um sinal de que a lealdade de uma bruxa é para com a verdade, antecedendo qualquer ideologia ou quaisquer ilusões reconfortantes.

Rituais são alegres e prazerosos. Bruxos cantam, festejam, dançam, riem, brincam e divertem-se no decorrer dos rituais. A Feitiçaria é séria, mas não é, no entanto, pomposa e solene. Como no judaísmo hassidim ou na bhakti yoga, alegria e êxtase são percebidos como caminhos para o divino. O “êxtase do espírito” não é separado da “alegria na terra”. Um leva ao outro; um não pode ser verdadeiramente concebido sem o outro. Alegrias terrenas, não vinculadas ao profundo e sensível poder da Deusa, tornam-se mecânicas, sem sentido, meras sensações que, em pouco tempo, perdem seu encanto. Mas êxtases espirituais que tentam fugir dos sentidos e do corpo tornam-se igualmente áridos e sem fundamentos, sugando a vitalidade em lugar de alimentá-la.

A lei da Deusa é o amor: o apaixonado amor sexual, a carinhosa afeição entre amigos, o feroz e protetor amor da mãe pelo filho, o profundo companheirismo do *coven*. Não há nada amorfo ou superficial em relação ao amor da religião da Deusa; ele é sempre específico, direcionado a indivíduos reais e não a um vago conceito de humanidade. O amor inclui os animais, plantas, a terra, “todos os seres”, não somente os humanos. Ele inclui a nós mesmos, assim como todas as nossas falíveis qualidades humanas.

Ceridwen é uma das formas da Deusa celta e seu caldeirão é o caldeirão-útero do renascimento e da inspiração. Na mitologia celta primitiva, o caldeirão da Deusa revivia guerreiros mortos. Ele foi roubado e levado para o inferno e os heróis que guerrearam, a fim de que fosse recuperado e retornasse, foram os cavaleiros originais do rei Artur e sua Távola Redonda, que buscavam sua encarnação posterior, o Santo Gral. O outro mundo celta é denominado de Terra da Juventude e o segredo que abre a sua porta é encontrado no caldeirão: o segredo da imortalidade reside no fato de perceber a morte como parte integral do ciclo da vida. Nada, jamais, se perde no universo: o renascimento pode ser compreendido na própria vida, onde todo fim conduz a um novo início. A

maioria das bruxas acreditam, de fato, em alguma forma de reencarnação. Isto não se deve à doutrina, mas ao entranhado sentimento que cresce a partir de uma visão de mundo que percebe todos os eventos como sendo processos contínuos. A morte é entendida como uma das pontas da roda em constante movimento e não o derradeiro final. Continuamente nos renovamos e renascemos toda vez que bebemos plena e destemidamente da “taça do vinho da vida.”

O amor da Deusa é incondicional. Ela não exige sacrifícios – humano ou animal – nem tampouco é sua vontade que sacrifiquemos nossos desejos e necessidades normais e humanos. A Feitiçaria é *inerente* à vida, que sofre mudanças constantes que geram perdas constantes. Oferendas: um poema, uma pintura, uma pitada de algum grão, podem expressar nossa gratidão por suas dádivas, mas somente quando estas são realizadas espontaneamente e não como uma espécie de obrigação.

Na passagem da Deusa Estelar, percebemos as imagens do entorno celestial, a lua, as águas, a terra verde, de onde tudo vem e para onde tudo retornará. Ela é o “espírito da natureza”, que vivifica todas as coisas.

Qualquer ato baseado no amor e no prazer é um ritual da Deusa. Seu culto pode tomar qualquer forma e ocorrer em qualquer lugar; não exige liturgia, catedrais ou confissões. Sua essência é a identificação, no cerne do prazer, de sua fonte mais profunda. O prazer, deste modo, não é superficial e transforma-se em uma expressão profunda da força vital; um poder de ligação que nos une aos outros, não a mera sensação de satisfazer nossas necessidades isoladas.

A Feitiçaria reconhece que qualquer virtude torna-se um vício a menos que seja contrabalançada por seu oposto. A beleza, quando não sustentada pela força, é insípida, sem vida. O poder é intolerável quando não mediado pela compaixão. A honra, enquanto não equilibrada pela humildade, transforma-se em arrogância; e a alegria, quando não colorida pela reverência, torna-se mera superficialidade.

Finalmente, compreendemos o mistério: a não ser que busquemos a Deusa dentro de nós, jamais a encontraremos no lado de fora. Ela é interior e exterior; sólida como uma rocha, mutável como a imagem interna que dela fazemos. Ela é manifesta em cada um de nós. Portanto, por que procurar em outros lugares?

A Deusa é o “fim do desejo”, sua meta e sua realização. Em bruxaria, o desejo é visto como uma manifestação da Deusa. Não tentamos dominar ou fugir de nossos desejos: buscamos realizá-los. O desejo é a ligadura do universo; une o elétron ao núcleo, o planeta ao sol e, desta maneira, cria a forma, cria o mundo. Realizar o desejo significa unir-se ao que é desejado, tornar-se uno, unido à Deusa. Já estamos unidos à Deusa, ela está conosco desde o início. Portanto, a satisfação não é autoindulgência, mas *auto percepção*.

Para as mulheres, a Deusa é o símbolo daquilo que é mais íntimo nas pessoas e o poder benéfico, nutritivo e libertador que existe dentro de cada uma. O cosmos é modelado conforme o corpo feminino, que é sagrado. Todas as fases da vida são sagradas: a idade é uma benção, não uma praga. A Deusa não limita as mulheres ao seu corpo; ela desperta a mente, o espírito e as emoções. Através dela, podemos conhecer o poder de nossa raiva e agressividade, assim como o poder do nosso amor.

Para um homem, a Deusa, além de ser a força da vida universal, é o seu próprio e recluso *self* feminino.* Ela incorpora todas as qualidades que a sociedade lhe ensina a não reconhecer em si mesmo. Sua primeira experiência com a Deusa pode, conseqüentemente, ser um tanto estereotipada; ela será a amante cósmica, o ser que alimenta, o outro eternamente desejado, a musa, tudo aquilo que ele não é. À medida que ele se torna um todo e se conscientiza de suas próprias qualidades “femininas”, ela parece mudar, mostrando-lhe uma nova face, sempre segurando o espelho que reflete para ele aquilo que ainda é inalcançável. Ele pode persegui-la para sempre e ela o iludirá, mas através desta tentativa ele crescerá, até que também aprenda a encontrá-la dentro de si.

Invocar a Deusa é despertar a Deusa que existe dentro de nós, é tornarmo-nos, durante um período, aquele aspecto da Deusa que invocamos. Uma invocação canaliza

poder através da visualização de uma imagem da divindade. Em alguns *covens*, uma sacerdotisa é escolhida para representar a Deus manifesta para o restante. Em nossas assembleias, ela é invocada para estar presente em cada membro do círculo.

Uma invocação pode ser um determinado trecho de poesia ou música, cantada ou falada por um indivíduo ou pelo grupo. Em nossos *covens*, normalmente cantamos em grupo, algumas vezes sem palavras e espontaneamente, outras usando uma frase específica que é repetida várias vezes. Um cântico interpretado por múltiplas vozes em algumas ocasiões envolve uma sacerdotisa, que repete uma linha simples em surdina. “Tudo que é destemido é livre”, por exemplo, enquanto outra canta um ciclo repetitivo – “ Verde folha do broto/Folha do broto brilhante”, e assim por diante (veja a seguir) – e uma terceira declama um longo trecho poético, enquanto que todo o *coven* suavemente entoa os sons das vogais. É impossível reproduzir o efeito em uma folha de papel, mas as palavras são fornecidas, a seguir. Quando você fizer uso das invocações dadas aqui, por favor brinque com elas, experimente-as com melodias e encantamentos simples, rearrume-as, combine-as, misture-as, transforme-as e inspire-se nelas para criar as suas próprias:

CÂNTICOS DE REPETIÇÃO (À DEUSA)

LUA Mãe Brilho Luz de Todos Terra Céu INVOCAMOS Você.

LUNA Mamãe Luz Irradiante VENHA.

SALVE Velha Lua SÁBIA SALVE Velha Lua SÁBIA.

Ela BRILHA Para Todos Ela FLUI Através de Todos.

Tudo Que é DESTEMIDO e Livre Tudo Que é DESTEMIDO é Livre.

CICLO DE REPETIÇÃO: “ O DESABROCHAR”

(Este desenvolveu-se a partir de um transe de associação de palavras, como no exercício 8. As palavras devem ser enfatizadas de maneira uniforme, sem quebras entre os grupos, que são separados para facilitar a memorização. Todo o ciclo é repetido várias vezes.)

Verde Broto Folha/Broto Folha Brilhante/Folha Brilhante Flor/
Brilhante Flor Cresça/Flor Cresça Fruta/Cresça Fruta Madura/
Fruta Madura Semente/Madura Semente Morra/Semente Morra Terra/
Morra Terra Escura/Terra Escura Desperte/Escura Desperte Verde/
Desperte Verde Broto...

CÂNTICO SUMERIANO

(Metade é cantada em duas ou três notas – repita todo o cântico)

NAMmu NAMmu O NamMU AE EE AE EE O NamMU
NINmah NUNmah O NinMAH AE EE AE EE O NinMAH
MAmi MAmi O MaMI AE EE AE EE O MaMI
MAma MAma O MaMA AE EE AE EE O MaMA
MAH MAH O MAH MAH AE EE AE EE O MAH MAH...

INVOCÇÃO À LUA ORVALHADA

Ó grnante, orvalhada lua a navegar pelos céus,
Que brilha para todos,
Que flui através de todos.
Luz do mundo.
Donzela, mãe, anciã,
Ser Criativo Ser Refrescante
Ísis Astartéia Ishtar
Aradia Diana Cibebe
Kore Ceridwen Levanah
Luna Mari Ana
Rhiannon Selena Demeter Mah
Olhe com nossos olhos, ouça com nossos ouvidos,
Toque com nossas mãos, respire com nossas narinas,
Beije com nossos lábios, abra nossos corações,
Penetre em nós!
Toque-nos, transforme-nos, faça-nos um todo.

HOMENAGEM À DEUSA, SENHORA DE MUITOS NOMES À DEMETER, SER INCOMENSURÁVEL, E À DONZELA

Por KAREN LYND CUSHEN

‘Tome, coma, este é o meu corpo
Que ascenderá em Você
Em toda a sua plenitude’

‘Tome, beba, este é o meu sangue
A taça vazia será
Reenchida’

Deusa da Colheita,
O fruto de cuja alegria no retorno de sua filha,
Sustenta-nos mesmo quando Você torna árida a terra
Em sua partida.

A terra em fendas se abre
E Perséfone
A donzela cujo nome não pode ser dito
É engolida pela terra dos mortos.

Ela retornará,
Em cujas pegadas brotam flores e grãos
Levando para ela
Memórias misteriosas de onde ela veio

Deméter
Conhecedora de nosso sofrimento
Pois todos os anos vemos a sua própria tristeza
Assolar a face da terra
E a Sua Filha
Próxima à hora de nossa morte
Pois todos os anos a morte a invoca
Conhecemos a esperança porque lembramos
Vez após outra
Perséfone curando-Se
E você com ela, subindo

Deméter, mãe
Nós que já descansamos em seus joelhos
E adormecemos em seus braços, reverenciamos você,
Unja-nos e coloque-nos à noite
No coração vermelho do seu fogo;

Nós não recuaremos
E jamais diante do medo
Fugiremos do seu aconchego.
Fortaleça-nos em inegável calor
E conceda-nos o suave frescor
Para que amorosos retornemos
Sempre vivos com a primavera

Nós, seu grão sagrado,
Reverenciamos você não no abate
Mas ao semearmos, plantarmos nossos pés, espalhando sua semente
Nos passos de sua filha que retorna
E na colheita.

Nós a eira
Solo de seu ser
Onde você sorri com feixes e papoulas em sua mão
Observando o joeirar

No calor da manhã acordamos
Nossas gargantas secas sedentas pela taça de Eleusis
Brisa refrescante do ceifeiro
Nossos membros ansiosos por balouçar novamente ao vento
Em suas antigas danças

Dos nossos sonhos, nossos mitos, nossos contos infantis
Dos guetos onde sobrevive a sua memória
Nós contemplamos você
Conhecemos a canção por você cantada,
Canção do corpo sagrado
Seu e nosso
E homenageamos você, senhora de muitos nomes,
Donzela e Ser Incomensurável.

CÂNTICO KORE: EQUINÓCIO DA PRIMAVERA E DO OUTONO

Seu nome não pode ser dito,
Sua face jamais esquecida,
Seu poder está prestes a desabrochar,
Sua promessa jamais rompida.

(Primavera)

Todas as sementes adormecidas ela desperta,
O arco-íris é o seu símbolo,
Agora o poder do inverno se encerra
No amor, todas as correntes são desfeitas.

(Outono)

Todas as sementes ela profundamente enterra,
Ela tece o fio das estações.
Seu segredo, a escuridão carrega,
Ela ama acima das razões.

Ela transforma tudo o que toca, e
Tudo o que ela toca, transforma-se. (Repetir – cantar.)
Transformação é, tocar é; Tocar é, transformação é.
Transforme-nos! Toque-nos! Toque-nos! Toque-nos!

Tudo que é perdido novamente é encontrado

Em uma nova forma, em uma nova maneira.
Todo mal é novamente curado,
Em uma nova vida, em um novo dia.

(Repita quaisquer e todos os versos.)

INVOCÇÃO À DEUSA COMO MÃE

por SUSAN STERN

Mama!
Do meu coração,
Do meu sangue, mama
Eu invoco você...

Meu coração do seu calor
Membro do seu vento norte
Água de sua água
Gruta de sua colina
Broto de sua primavera
Olhos de suas estrelas
Mama
Olhos do seu sol,
Mama
Do seu sol, mama
Meu espírito do seu sol
Mama
Venha, mama!
Venha para o nosso círculo
Nosso ventre
Esteja conosco agora, mama
Faça-se presente agora!

MÃE LUA

por LAUREL

Mãe lua
Sou seu fruto da inocência
Seu filho natural
Nenhuma lei somente a sua pode me dominar
Nenhum amor a não ser o seu

Infinito
Sempre mutável
Multifacetado
Seus olhos são asas tremeluzentes
Seu pé é espuma dançante
Sou seu dançarino
Você é a dança
Canção sem fim
Música e melodia
Toda a orquestra
Do seu amor
Eu poderia seguir
Seu caminho dourado
Direto para o sol
Dançando pelo caminho
Para o seu coração

Ó leve-me para longe
Deixe-me balançar em sua estrela
Murmúrio inconstante
Correnteza lago lagoa
Oceano
Remoinho
Ó estrondosa
Ser que alimenta
O único e verdadeiro amor
Por onde passa deixa tesouros
Dólares de areia
Pedras lisas
Seu comestível cabelo verde

Esta é a nossa vida mama
Sua e minha
Todos os poderes vibrantes
Todas as luzes brilhantes
Correntes alternadas
E diretas
Eu posso Ter o refreio
Mas você é a corrente
O circuito
O interruptor
A célula de reserva
Loucura a meia-noite
Orações ao amanhecer
Êxtase ao calor do meio-dia
Miragem que aponta
Para o real esplendor
Ouro e açafraão
Rubi e vermelho
Nascente
Pôr-da-lua
A única canção entre todas
Que é
Foi
E sempre será

Abençoada seja.

INVOCAÇÃO À RAINHA DO VERÃO

Rainha do Verão
Abelha Rainha
Doce perfumada
Florescente
Néctar do Mel
Fonte transbordante
Rosa desabrochada
Dançarina inebriante
Vento murmurante
Cantora
Ser encantado
Flor e espinho
Rhianon
Arianrhod
Afrodite
Ishtar

Cibele
Penetre-nos
Leve-nos daqui!

Notas

¹ O Papel da Deusa foi escrito por Doreen Valiente. Ele aparece sob diversas formas; nesta versão, fiz alterações ligeiras na linguagem. Ele é muitíssimo apreciado pelos bruxos por expressar perfeitamente nosso conceito da Deusa.

² Uma das melhores fontes históricas recentes sobre a Deusa é Marlin Stone, *When God Was a Woman* (Nova York, Dial Press, 1976). Ver também a bibliografia atualizada de estudos publicados nos dez anos após a primeira edição deste livro.

³ Existem muitos livros disponíveis que exploram a religião da Deus ahistoricamente e através de comparações culturais. A obra clássica ainda é a de Robert Graves, *The White Goddess* (Nova York: Farrar, Straus & Giroux, 1966).

⁴ Charles Leland, *Aradia, Gospel of the Witches* (Nova York: Weiser, 1974).

⁵ “Era dito da Deusa coroada de lótus nos mistérios coríntios, muita antes de a expressão ser aplicada ao idealmente benigno Deus-Pai: ‘Seu ofício é a liberdade total’” (Graves, p. 484).



Entre os Mundos

INVOCAÇÃO AO DEUS

O sacerdote se dirige para o centro do círculo e toma o tambor. Batendo forte e ritmicamente, ele inicia o cântico:

Semeador, grão que renasce,
Galhudo, Vinde!

Outras vozes unem-se à dele. Com as mãos, que bate em suas coxas nuas, ele define o ritmo; pés acompanham com batidas no chão. Há um forte grito:

"Io! Evoé!"

Silêncio. Um suave tenor começa a cantar:

Sol brilhante, morte escura,
Senhor dos ventos, senhor da dança,
Filho do Sol, rei nascido no inverno,
Ser suspenso,
Indômito! Indômito!
Veado e garanhão, bode e touro,
Navegante do último mar, guardião do portal,
Senhor das duas terras,
Sempre morrendo, sempre vivendo, esplendor!
Dioniso, Osíris, Pã, Dumuzi, Artur,
Robin, Janicot, Hou!
Movimente-nos! Toque-nos! Sacuda-nos!
Salve-nos!

Tudo está quieto. O sacerdote deita o tambor ao chão e diz simplesmente: "Ele está aqui". O coven ecoa: "Ele está aqui!" "Abençoado seja!"

Envelheci... Envelheci...
Vestirei calças com os fundilhos amassados.

Repartirei meus cabelos ao meio? Ousarei comer um pêssego?
Vestirei brancas calças de flanela e pelas praias andarei.
Ouvi as sereias cantarem, umas para as outras.

Não creio que cantarão um dia para mim.

T.S.Eliot¹

*"Está muito em voga, atualmente, incitar os homens a sentir.
Todavia, esta ânsia é parcialmente uma reminiscência da provocação de
colocar um homem aleijado para correr."*

Herb Goldberg²

A imagem do Deus Galhudo em Feitiçaria é radicalmente diferente de qualquer outra imagem de masculinidade em nossa cultura. Ela é difícil de ser compreendida, pois ele não se encaixa em nenhum dos estereótipos esperados, nem aqueles referentes ao homem "macho" nem às imagens invertidas daqueles que, deliberadamente, buscam a efeminação.³ Ele é suave, carinhoso e encorajador, mas é também o Caçador. Ele é o Deus Moribundo, mas a sua morte está sempre a serviço da força vital. Ele é sexualidade indomada, mas sexualidade como um poder profundo, sagrado e unificador. Ele é o poder do sentimento e a imagem do que os homens poderiam ser, se estivessem libertos das correntes da cultura patriarcal.

A imagem do Deus Galhudo foi deliberadamente pervertida pela igreja medieval para a imagem do diabo cristão. As bruxas não acreditam ou cultuam o diabo – elas o consideram como um conceito próprio do cristianismo. O Deus das Bruxas é sexual, mas a sexualidade é percebida como sagrada, não como obscena ou blasfema. Nosso deus possui chifres, mas estes são as meias-luas que crescem e minguam da Deusa da Lua e o símbolo da vitalidade animal. Em alguns aspectos, ele é negro, não por ser horrendo ou assustador, mas porque a escuridão e a noite são períodos de poder e parte dos ciclos temporais.⁴

Sempre existiram tradições da Arte nas quais ao deus é concedido reconhecimento limitado.⁵ Na Arte, os mistérios femininos e os mistérios masculinos podem ser desempenhados separadamente.⁶ Mas, na maioria das tradições de bruxas, o Deus é visto como a outra metade da Deusa e muitos dos ritos e festividades são dedicados a ele e a ela.

No culto medieval das bruxas, o Deus alcançou maior proeminência que a Deusa durante certo período. Grande parte das confissões das bruxas falam "do diabo", segundo a transcrição das palavras das bruxas realizadas pelos padres cristãos, que se referiam ao seu deus não cristão. Poucas fazem menção à Deusa, que geralmente era chamada Rainha de Elfame. Todavia, os interrogadores das bruxas buscavam indícios do culto ao diabo e não do culto à Deusa. Eles registravam aqueles que sustentavam suas acusações relativas a satanismo e ignoravam ou torciam outro indicio. Suspeitos que eram torturados, e que chegavam ao limite de sua resistência, frequentemente recebiam declarações já prontas para assinarem, as quais expressavam aquilo que os padres cristãos desejavam acreditar, em lugar da verdade.

Uma prática comum na Arte medieval era o sacerdote e a sacerdotisa representarem os papéis do Deus e da Deusa, os quais, acreditava-se, encarnavam fisicamente durante os ritos.* Uma antiga passagem citada por Margaret Murray expressa a importância desse costume para camponeses analfabetos, para os quais ver era crer: o sacerdote zombava daqueles que "escolhiam crer em Deus, o que os deixava infelizes no mundo, e nem ele ou seu filho, Jesus Cristo, jamais apareciam para quando invocados, como ele havia feito, ele que jamais os enganaria."⁷ Para a maioria das bruxas, "aquele sabá terreno era o verdadeiro paraíso, o qual continha mais prazer do que lhe era possível expressar; ela acreditava, também, que a alegria por ele proporcionado era somente o prelúdio de uma glória muito maior, pois seu deus penetrara de tal maneira em seu coração que nenhum outro desejo encontraria ressonância".⁸

No movimento feminino, a Feitiçaria diânica/separatista⁹ tornou-se moda e algumas mulheres podem ter dificuldades em compreender porque uma feminista se preocuparia com o Deus Galhudo*. No entanto, existem poucas mulheres – se, de fato, existem – cujas vidas não estão ligadas aos homens, senão sexual e emocionalmente, então economicamente. O Deus Galhudo representa qualidades masculinas poderosas e positivas que derivam de fontes mais profundas que estereótipos e o aleijamento emocional e violento dos homens em nossa sociedade.

Se o homem tivesse sido criado à imagem do Deus Galhudo, estaria livre para ser indomado sem ser cruel, irado sem ser violento, sexual sem ser coercivo, espiritual sem ser assexuado e capaz de amar verdadeiramente. As sereias, que são a Deusa, cantariam para ele.

A Deusa é aquela que tudo envolve, o solo do ser; o Deus é aquele que é dado à luz, a sua imagem espelhada, o seu outro pólo. Ela é a terra; ele é o grão. Ela é o céu que tudo abarca; ele é o sol, sua bola de fogo. Ela é a Roda; ele o Viajante. Dele é o sacrifício da vida pela morte, a fim de que a vida possa continuar. Ela é a mãe e Destruidora; ele é tudo que nasce e é destruído.*

Para os homens, o Deus é a imagem do poder interior e da potência que vai além do sexual. Ele é o *self* não dividido, no qual a mente não é cindida do corpo, nem o espírito da carne. Unidos, ambos podem funcionar ao máximo do poder criativo e emocional.

Em nossa cultura, ensina-se aos homens que a masculinidade exige ausência de sentimentos. Eles são condicionados a agir de maneira militar; a castrar as emoções e ignorar a mensagem de seus corpos; a negar o desconforto físico, a dor e o medo, a fim de lutar e dominar com maior eficácia. Isso assume foros de verdade independentemente de o campo de batalha ser o da guerra, um quarto ou um escritório.*

Tornou-se uma espécie de clichê afirmar que os homens foram treinados para serem agressivos e dominadores, e as mulheres ensinadas a serem passivas e submissas, que aos homens é permitido demonstrar sua raiva e às mulheres não. Na cultura patriarcal, ambos, homens e mulheres, aprendem a funcionar dentro de uma hierarquia, onde aqueles que se encontram no topo dominam os que estão abaixo. Um aspecto dessa dominância é o privilégio de expressar a raiva. O general repreende o sargento; ao soldado não é permitido fazer a mesma coisa. O chefe é livre para ficar furioso, mas não o seu assistente. A mulher do chefe grita com sua empregada, mas não vice-versa. Visto que as mulheres têm, geralmente, estado na parte inferior das hierarquias, do mundo dos negócios à família tradicional, elas vêm suportando o ímpeto

de uma grande quantidade de fúria masculina e têm sido as principais vítimas da violência. A raiva pode ser vista como resposta a um ataque; poucos homens encontram-se em posições onde podem se dar ao luxo de confrontar diretamente seus atacantes.

A raiva masculina, portanto, torna-se distorcida e pervertida. É ameaçador reconhecer a fonte verdadeira de sua ira, pois, deste modo, ele seria obrigado a reconhecer o desamparo, a impotência e a humilhação de sua posição. Ao invés disso, ele pode voltar a sua raiva para alvos mais seguros, mulheres, crianças ou, até mesmo, homens menos poderosos. Ou sua raiva pode transformar-se em autodestruição: doenças, depressão, alcoolismo ou qualquer variedade de vícios disponíveis.

Patriarcado significa, literalmente, "lei dos pais", mas em um patriarcado, a poucos homens é permitido desempenhar o papel de "pai" fora da esfera limitada da família. A estrutura de instituições hierárquicas é piramidal: um homem ao alto controla muitos abaixo. Os homens competem por dinheiro e pelo poder sobre os outros; a maioria, que não alcança o topo da corrente de comando, é forçada a permanecer imatura, desempenhando o papel de filho rebelde ou cumpridor de seus deveres. Os filhos zelosos buscam agradar eternamente ao pai através da obediência; os maus filhos buscam derruba-lo e tomar o seu lugar. De qualquer maneira, eles não estão em contato com seus próprios desejos e sentimentos.

Nossas religiões, portanto, refletem um cosmos no qual o Deus-Pai exorta seus "filhos" a obedecer às normas e a fazer aquilo que lhes é pedido, a menos que queiram tomar o partido do grande rebelde. Nossa psicologia é a da guerra entre pais e filhos, que constantemente disputam a posse exclusiva da mãe, que, como todas as mulheres sob o patriarcado, é o prêmio máximo do sucesso. E a política progressista reduz-se às atitudes de filhos rebeldes, os quais destronam o pai somente para instituir as suas próprias hierarquias.

O Deus Galhudo, todavia, nasce de uma mãe virgem. Ele é um modelo de poder masculino que está livre da rivalidade entre pai e filho e dos conflitos edipianos. Ele não tem pai; é o seu próprio pai.* À medida que cresce e atravessa as mudanças da Roda, permanece relacionado à força nutrente primordial. Seu poder é extraído diretamente da Deusa: ele é parte dela.

O Deus incorpora o poder do sentimento. Seus chifres animais representam a verdade da emoção não mascarada, a qual não busca agradar a nenhum senhor. Ele é indômito. Mas, sentimentos indomados são muito diferentes de violência sancionada. O deus é a força da vida, o ciclo da vida. Ele permanece dentro da órbita da deusa; seu poder está sempre a serviço da vida.

O Deus das Bruxas é o Deus do amor. Esse amor inclui a sexualidade, que também é plenamente selvagem e indomada, assim como suave e carinhosa.* Sua sexualidade é plenamente *sentida*, em um contexto onde o desejo sexual é sagrado, não somente por ser o meio pelo qual a vida é procriada mas, também, porque ele é o meio através do qual nossas próprias vidas são mais profundas e extaticamente realizadas. Em Feitiçaria, o sexo é um sacramento, sinal externo de uma graça interior. Essa graça é a profunda ligação e o reconhecimento da totalidade da outra pessoa. Em essência, não se limita ao ato físico, é uma troca de energia, um alimentar sutil entre as pessoas. Através da ligação com o outro, ligamo-nos ao todo.

Na Arte, o corpo masculino, como o corpo feminino, é tido como sagrado, que não deve ser violado. É violação do corpo masculino utilizá-lo como arma, do mesmo modo que é uma violação do corpo feminino usá-lo como objeto ou campo de experimentação

a serviço da virilidade do homem. Fingir desejo, quando inexistente, viola a verdade do corpo, assim como a repressão do desejo, o qual é totalmente sentido mesmo quando não satisfeito. Mas, *sentir* desejos e anseios é admitir a necessidade, o que é ameaçador para muitos homens em nossa cultura.

Sob o patriarcado, os homens, enquanto estimulados a esperar muitos cuidados por parte das mulheres, também são ensinados a não admitir a necessidade de serem alimentados, a necessidade de, às vezes, serem passivos, fracos, de se apoiar em outra pessoa. O Deus, em Feitiçaria, personifica o anseio e o desejo pela união com a força primordial e nutriente. Em lugar de buscar cuidados maternos ilimitados de mulheres reais e vivas, os homens, na Feitiçaria, são encorajados a se identificarem com o Deus e, através dele, atingirem a união com a Deusa, cujo amor de mãe não tem limites. A Deusa é tanto uma força externa quanto interna: quando sua imagem penetra a mente e o coração de um homem, torna-se parte dele. Ele pode aliar-se às suas próprias qualidades nutritivas, com a Musa interior, que é uma fonte de inspiração indelével.

O Deus é Eros, mas também é logos, o poder da mente. Em bruxaria, não existe oposição entre estes. O desejo corporal pela união e o desejo emocional pela ligação são transmutados no desejo intelectual pelo conhecimento, que também é uma forma de união. O conhecimento pode ser tanto analítico quanto sintético; pode separar as coisas e observar as diferenças ou formar um padrão a partir de partes não integradas e enxergar o todo.

Para as mulheres educadas em nossa cultura, o deus começa como símbolo de todas as qualidades que foram identificadas como masculinas e que não fomos estimulados a possuir.* O símbolo do Deus, como o da Deusa, é interno e externo. Através da meditação e do ritual, a mulher que invoca o Deus cria a sua imagem dentro de si e liga-se às qualidades das quais carece. Uma vez que a sua compreensão vai além das limitações culturalmente impostas, sua imagem do Deus transforma-se, aprofunda-se. Ele é a criação, que não é simplesmente uma réplica de nós mesmos, mas algo diferente, de natureza diferente. A verdadeira criação implica a separação, visto que o próprio ato de nascimento é de renúncia, de abandono. Através do Deus a mulher conhece este poder em si mesma. Seu amor e desejo distendem-se através do abismo da separação, retesados como a corda de uma harpa, cantarolando uma nota que se transforma na única canção – o uni-verso – de todos. Essa vibração é energia, a verdadeira fonte do poder interior. E, portanto, o Deus, como a Deusa, dá poderes à mulher.

Para ambos, homens e mulheres, o Deus é também o Deus Moribundo. Como tal, ele representa o cessar que sustenta a vida: morte a serviço da força da vida. A vida é caracterizada por muitas perdas e, a menos que a dor de cada uma seja plenamente sentida e trabalhada, ela permanece enterrada na psique, onde como uma ferida purulenta que nunca sara, ela exsuda o veneno emocional.¹⁰ O Deus Moribundo incorpora o conceito de perda. Nos rituais, quando representamos a sua morte repetidas vezes, liberamos as emoções que cercam as nossas próprias perdas, lancetamos as feridas e vencemos as dificuldades em direção à cura prometida pelo renascimento. Essa purificação psicológica era o verdadeiro objetivo da tragédia teatral, que se originou na Grécia, a partir dos ritos do agonizante deus Dioniso.

Em Feitiçaria, a morte é sempre seguida do renascimento, a perda pela restituição. Após a escuridão da lua, o novo crescente surge. A primavera vem após o inverno; o dia depois da noite. Nem todos os bruxos creem na reencarnação literal; muitos, como Robin Morgan, percebem-na como "uma *metáfora* daquela transição misticamente

celular, na qual os dançarinos ADN e ARN (ácido ribonucleico) entrelaçam-se imortalmente".¹¹ Mas, em uma visão de mundo que compreende tudo como sendo cíclico, a morte em si não pode ser o derradeiro final, mas um tipo de transformação desconhecida para alguma nova forma de ser. Na encenação e reencenação da morte do Deus, preparamo-nos para enfrentar essa transformação, para vivermos o último estágio da vida. O Deus transforma-se no confortador e consolador de corações, ensinando-nos a compreender a morte através de seu exemplo. Ele personifica o carinho, o aconchego e a compaixão que são os verdadeiros complementos da agressividade masculina.

O Deus Moribundo adquire chifres e torna-se o Caçador, que paulatinamente acerca-se da morte. Poucos de nós, atualmente, participamos dos processos vitais; não criamos ou caçamos nossa própria carne, mas a adquirimos plasticamente embalada no supermercado. É difícil, para nós, compreender o conceito de Caçador Divino. Mas, em uma cultura de caçadores, a caçada significava *vida*, e o caçador era o propiciador da vida da tribo.* A tribo identificava-se com seus alimentos animais; caçar exigia tremenda habilidade e conhecimento dos hábitos e psicologia da presa. Animais nunca eram abatidos desnecessariamente e nenhuma parte era desperdiçada. A vida jamais era tomada sem reconhecimento e reverência para com o espírito da presa.

Hoje, a única coisa que a maioria de nós caça regularmente são vagas para estacionar. Mas, o caçador possui outro aspecto: de buscar, de procurar. Ele personifica todas as jornadas, sejam elas físicas, espirituais, artísticas, científicas ou sociais. Sua imagem é poemagógica: ela tanto simboliza como desencadeia o processo criativo, que é em si uma jornada. O Deus busca a Deusa, como o rei Artur buscou o Santo Graal, como cada um de nós busca aquilo que perdemos e tudo o que ainda não foi encontrado.

Como a Deusa, o Deus une todos os opostos. Como na invocação no início deste capítulo, ele tanto é o sol brilhante, a força energizante e fornecedora da lua, como a escuridão da noite e da morte. Ambos os aspectos, como disse anteriormente, são complementares, não contraditórios. Não podem ser identificados como "bons" ou "maus": ambos fazem parte do ciclo, o equilíbrio necessário da vida.

Como Senhor dos Ventos, o Deus é identificado com os elementos e o mundo natural. Como Deus da Dança, ele simboliza a dança espiral da vida, as energias rodopiantes que unem a existência em eterno movimento. Ele personifica o movimento e a mudança.

A Criança do Sol nasce no solstício de inverno quando, após o triunfo da escuridão da noite mais longa do ano, o sol levanta-se novamente.* Em bruxaria, as celebrações da Deusa são lunares; as do Deus acompanham o padrão mitológico da Roda do Ano.

No solstício de inverno, ele nasce como a encarnação da inocência e da alegria, de um prazer infantil pelas coisas. Dele é o triunfo da luz que retorna. Na celebração de Brígida ou Candelária (2 de fevereiro)¹² seu crescimento é festejado, à medida que os dias se tornam visivelmente mais longos. No equinócio da primavera, ele é o jovem, viçoso e florescente, que dança com a Deusa em sua forma de donzela. Nos festejos de Beltane (1º de maio, o antigo dia dos celtas para a festa da primavera), seu casamento é celebrado com paus-de-fita enfeitados e fogueiras e no solstício de verão ele é consumado, em uma união tão completa que ela se transforma em morte. Ele é nomeado rei coroadado do verão, em lugar de nascido inverno e a coroa é de rosas: a perfeição da culminância casada com os espinhos pontiagudos. Ele é velado em Lughnasad (1º de agosto) e, no equinócio de outono, adormece no útero da Deusa,

navegando através do mar sem sol, que é o seu ventre. Na celebração Samhain (Dia das Bruxas, 31 de outubro), ele chega à Terra da Juventude, a Terra Brilhante onde os espíritos dos mortos tornam-se jovens novamente, enquanto esperam pelo renascimento. Ele abre os portões para que possam retornar e visitar os seus bem-amados e reina na Terra dos Sonhos à medida que se torna mais jovem, até que no solstício de inverno novamente renasce.¹³

Este é o mito: a afirmação poética de um processo que é sazonal, celestial e psicológico. Ao encenarmos o mito no ritual, representamos nossas próprias transformações, o constante nascimento, crescimento, culminância e transmissão de nossas ideias, planos, trabalho, relacionamentos. Cada perda, cada mudança, mesmo uma que seja feliz, representa uma reviravolta na vida. Cada um de nós transforma-se no Ser Suspenso: a erva pendurada para secar, a carne secando ao sol, o Enforcado do Tarô, cujo significado é o sacrifício que nos permite passar para um novo nível de ser.

A associação de amor e morte é muito forte na mitologia de várias culturas. Em Feitiçaria, o amor nunca é associado à violência física real e nada poderia ser mais antiético ao espírito da Arte que a atual febre de pornografia violenta. O Deus não perpetra atos de sadomasoquismo com a Deusa ou prega para ela o "poder da renúncia sexual". É Ele que se abandona ao poder de seu próprio sentimento.

Em nenhuma parte, a não ser no amor, vivemos tão completamente no presente que se consome; e em nenhum outro período, a não ser quando estamos apaixonados, tornamo-nos tão marcadamente conscientes de nossa própria mortalidade. Pois, mesmo que o amor seja duradouro – e ambas, as canções populares e a experiência pessoal, asseguram-nos o contrário – ou se transforme em uma forma mais doce e profunda, e menos fogosa, mais cedo ou mais tarde um dos amantes morrerá e o outro ficará só. A Arte não busca resolver esse dilema, mas intensifica-lo, pois somente através da compreensão do agridoce, pelo abraço de Pã, cujas coxas cabeludas, ao se esfregarem contra as nossas deixam-nas em carne viva, mesmo ao levar-nos ao êxtase, podemos aprender a ser plenamente viventes.

E, portanto. O Deus é o veado orgulhoso que habita o coração da floresta mais profunda, a do *self*. Ele é o garanhão, veloz como o pensamento, cujas patas em meia-lua deixam marcas lunares mesmo quando lançam fagulhas do fogo solar. Ele é o bode-Pã, luxúria e medo, as emoções animais que são também os poderes estimuladores da vida humana; ele é a lua-touro, com seus chifres em meia-lua, sua força e suas patas que retumbam sobre a terra. Estes são apenas alguns dos seus aspectos animais.

No entanto, ele é indomado. Ele é tudo aquilo dentro de nós que jamais será domesticado, que se recusa a fazer concessões, ser moderado, tornar-se seguro, moldado ou adulterado. Ele é livre.

Como deus do ano que se extingue, ele navega o último mar da terra dos sonhos, o outro mundo, o espaço interno no qual a criatividade é gerada. A mítica ilha Brilhante é a nossa própria fonte interna de inspiração. Ele é o *self* viajando pelas águas escuras da mente inconsciente. Os portões por ele guardados são os portais que dividem o inconsciente do consciente, os portões da noite e do dia os quais atravessamos para irmos além da ilusão da dualidade, os portões da forma através dos quais entramos e saímos da vida.

Enquanto ele é o eterno moribundo, também é o que eternamente renasce. No momento da sua transformação, torna-se imortal, como o amor é imortal mesmo que os seus objetos possam esmaecer. Ele brilha com o esplendor que irradia a vida.

O Deus, assim como a Deusa, possui muitos nomes. Ele surge, ligado a ela, através dos tempos, das cavernas paleolíticas aos touros de Creta antiga, aos contos medievais de Robin Hood e seus homens.¹⁴ Qualquer um de seus nomes ou aspectos pode ser utilizado como um enfoque para a meditação.

Apesar de existirem muitos homens na Feitiçaria moderna, em geral, eles são menos imediatamente atraídos para a Arte, como o são as mulheres. À parte de quão simplista ou supersticiosamente a Arte seja compreendida, ela oferece às mulheres um modelo de força feminina e poder criativo; nesse ponto, notadamente ela sofre pouca competição por parte de outras religiões. Mas, para os homens, ela exige que abram mão de formas tradicionais de poder e conceitos tradicionais de religião. O que ela oferece aos homens é algo mais sutil e, nem sempre, fácil de ser compreendido.

Os homens não são subservientes ou relegados a uma cidadania espiritual de segunda classe em bruxaria.¹⁵ Mas, tampouco são imediatamente elevados a um *status* mais alto que o das mulheres, como ocorre em outras religiões. Homens na Arte devem interagir com mulheres fortes e poderosas que não fingem ser nada menos do que são. Muitos homens acham essa perspectiva desconcertante.

A Arte exige, também, novo relacionamento em relação ao corpo feminino. Ele não pode mais ser entendido como um objeto ou difamado como algo sujo. O corpo de uma mulher, seus cheiros, secreções e sangue menstrual, é sagrado, digno de reverência e celebração. Os corpos das mulheres pertencem somente a elas; nenhuma autoridade espiritual apoiará a tentativa de um homem em possuí-lo ou controlá-lo.

O corpo não é para ser festejado em isolamento. Os homens na Arte devem entrar em um acordo quanto ao poder da mulher: o poder de uma mulher completa, a mulher realizada, cuja mente, espírito e emoções estão plenamente despertados. O homem também deve conhecer e aceitar o poder do seu próprio *self* feminino interno; saber gerar uma fonte de alimentação e inspiração dentro de si, em lugar de busca-la exclusivamente no exterior.*

Feitiçaria significa, também, perder o modelo de espiritualidade do "grande homem". Jesus, Buda, Krishna, Moisés e toda a horda de pregadores, profetas, gurus e líderes grupais que afirmam ensinar em seus nomes ou em nome de seus descendentes seculares, perdem as suas auréolas. Em bruxaria, não existem figuras paternas reconfortantes e que tudo sabem, que prometem respostas para tudo ao preço de nossa própria autonomia pessoal. A Arte exorta cada um de nós para que sejamos nossa própria autoridade, e esta pode ser uma posição desconfortável.

Na realidade, não existe mais um Deus, o Pai. Na Arte, o cosmo não é mais modelado a partir do controle masculino externo. A hierarquia é dissolvida; a cadeia celestial de comando é rompida; os textos divinamente revelados são vistos como poesia, não verdades. Em vez disso, o homem deve entrar em contato com a Deusa, que é imanente ao mundo, na natureza, na mulher, em seus próprios sentimentos, em tudo aquilo que as religiões de sua infância ensinaram-no como sendo necessário superar, transcender, dominar, a fim de ser amado por Deus.

Mas, os próprios aspectos da Feitiçaria que parecem ameaçadores também oferecem aos homens uma nova e vibrante possibilidade espiritual: a da totalidade, união e liberdade. Homens corajosos acham estimulantes os relacionamentos com mulheres poderosas. Eles acolhem a chance de conhecerem o feminino dentro de si, de crescerem para além das limitações culturalmente impostas e tornarem-se um todo.

Tentativas para viver o modelo do Deus-Pai isolam os homens em situações de vida emocionalmente rígidas. Muitos homens recebem com alegria a liberdade do fim

do eterno conflito pai-filho do patriarcado. Eles se comprazem em um modelo de poder masculino que é não hierárquico, em que não é nem escravo e nem senhor. Enquanto alguns indivíduos talvez não escapem da autoridade externa em suas próprias vidas, eles as veem como são: um conjunto arbitrário de regras de um jogo complexo. Eles podem jogar ou recuar, mas suas identidades e autoestima não dependem mais do lugar que ocupam na pirâmide do poder.

Na Arte, a cisão entre mente e corpo, carne e espírito, é curada. Os homens são livres para serem espirituais sem serem assexuados, pois Deus e Deusa incorporam a força profundamente tocante da sexualidade apaixonadamente vivida. Eles podem unir-se a seus sentimentos verdadeiros, suas necessidades, suas fraquezas, assim como a suas forças. Os rituais são vigorosos, físicos, energéticos e catárticos. O êxtase e a energia selvagem e indomada são revestidos de um valor espiritual, não relegados ao campo de futebol ou ao bar da esquina.

É incômodo ser a nossa própria autoridade, mas é o único estado sob o qual o verdadeiro poder pessoal pode desenvolver-se. Homens e mulheres não se contentam mais em serem submissos ou bodes expiatórios, de colocarem decisões de vida e morte nas mãos de um "líder destemido", um papa ou um Jim Jones. A autoridade pessoal exige integridade e responsabilidade, mas sem ela não podemos ser livres.

Nos *covens*, os homens podem ter apoio do grupo e a afeição de outros homens, bem como das mulheres. Eles podem interagir em situações que não são competitivas ou antagônicas. Homens em *covens* podem tornar-se amigos de outros homens.

Finalmente, a Feitiçaria é divertida. Ela oferece aos homens uma oportunidade para brincar, agir totalmente, de deixar a criança que existe dentro de nós sair. Não existem posições a serem sustentadas, nenhuma dignidade masculina que deva permanecer intacta. Através de tolices e brincadeiras nasce a criatividade.

O Deus está dentro e fora. Como a Deusa, ele é invocado de várias maneiras: com canções, cânticos, tambores, danças, um poema sussurrado, um grito selvagem. De qualquer maneira que o invocamos, ele desperta dentro de nós:

CÂNTICOS DE REPETIÇÃO (AO DEUS)

Semente Semeador GRÃO Renasce GALHUDO VINDE!

BRILHANTE Sol ESCURO Morte Senhor dos Ventos VINDE
HAR HAR HOU HOU
DANCE Ici DANCE Lá!
JOUÉ Ici JOUÉ Lá!
HAR HAR HOU HOU!
DANCE Aqui DANCE Lá!¹⁶

O SOL Filho do REI Nascido no Inverno
(ou) O SOL Filho do REI Coroado do Verão

IO! EVOÉ IO! EVOÉ!

Evoé é um dos nomes do Deus, derivado de um antigo nome de Dioniso e citado como um brado das bruxas nos registros da época das fogueiras.¹⁷

CICLO DE REPETIÇÃO

Sol Brilhante Dia/ Brilhante Dia Sempre/ Dia Sempre Noite/ Sempre Noturno Céu/
Noturno Céu Estrela/ Céu Estrela Luz/ Estrela Luz Sol/ Luz Sol Brilhante/

INVOCAÇÃO DO EQUINÓCIO DE ASPECTO MASCULINO

Por ALAN ACACIA

Deus galhudo, domado pelo amor, feroz com paixão
Esteja conosco agora

Ser suave, partilhador, sem posses
Esteja conosco agora

Amante dos homens e das mulheres, criança, ancião
Esteja conosco agora

Forte na luta, orgulhoso da terra da qual você
brota, e para onde você quedará
Esteja conosco agora

Filho leal, pai carinhoso, irmão amoroso, lutador contra as violações
Esteja conosco agora

Rebelde, semeador, tímido, aquele que nos dá apoio,
Precisamos de sua energia, invocamos sua presença
Esteja conosco agora.

INVOCAÇÃO AO DEUS DO VERÃO

Senhor das cores do dia
Despertador indômito dos corações
Consolador das tristezas
Aquele que nomeia
Dançarino clarividente
Filho da manhã
Semente amadurecida da videira
Ser de muitas joias
Caçador besta selvagem
Guie-nos
Venha
Você é a bebida que sacia a nossa sede!
Nós somos as flores orvalhadas
Que se abrem para o seu feixe dourado de luz.

INVOCAÇÃO À DEUSA E AO DEUS

Por VALERIE

Semeador de Kouros, *Kore* subterrâneo,
Brilho das folhas, sanguinária, grão renascido,
Girando a Roda não esquecemos de você,
Luz do amor, esplendor da vida, flor e espinho.

Tecendo a teia invocamos você,
Girando a Roda com amor perene.

Terra seu corpo, ar seu fôlego,

Fogo seu espírito, água seu fluxo,
Transformados nos corredores da morte,
Vida contínua vida nós chegamos e partimos.

Tecendo a teia nós invocamos você,
Girando a Roda com amor sempre renovado.

Kouros galhudo, Kore acima,
Luz das estrelas, alegria do coração, júbilo original,
Tecendo a teia nós invocamos você,
Girando a Roda com amor sempre renovado.

INVOCÇÃO AO FUNDAMENTO DO SER*

Inefável	de muitos nomes
Eterno	e sempre mutável
Que não é encontrado nenhures	mas que está em toda parte
Além	e dentro de tudo
Atemporal	círculo das estações,
Mistério incognoscível	conhecido por todos.
Senhor da Dança,	Mãe de toda a vida,
Seja feliz dentro de nós,	Envolve-nos com o seu amor,

Veja com nossos olhos, ouça com nossos ouvidos, respire com nossas narinas,
toque com nossas mãos, beije com nossos lábios,
Abra nossos corações!
Que possamos viver, enfim, livres,
Alegremente na única canção
De tudo que é, foi ou sempre será!

INVOCÇÃO A PÃ

Por MARK SIMOS

Se o corvo seus cabelos tingir
E sentar-se um rei escarlate
Na escada inclinada do coração
Então, oh, os espetáculos que lá você verá...
O cristal se quebrando
Sob um penetrante olhar verde-escuro,

Um penetrante olhar verde-escuro, de olhos fogosos,
De lagoas do mais profundo âmbar...
Cerque seu castelo de urze branca,
Ainda assim Pã encontrará seus aposentos.

Encha-o até a borda, não diga quando,
Beba até fartar-se e beba novamente,
Ouça o mar tonitruando.
Encha-o até a borda, não diga quando,
É Pã que continua servindo...

Mãos de nozes, os olhos de um urso...
Aquele que busca as suas tristezas
Poderá achar a parte do leão.
Com o mesmo fôlego ele atrai e avisa...
O fogo que mantém o frio à distância
É o mesmo fogo que queima.

A chama que arde, a canção que mata,
Quando você ouve o que ela está dizendo...
Deixe o pânico perseguir-vos no labirinto,
Pois Pã está somente se divertindo.

Encha-o até a borda, não diga quando,
Beba até fartar-se e beba novamente,
Ouça o mar tonitruando.
Encha-o até a borda, não diga quando,
É Pã que continua servindo.

Observador misterioso com sobranças emaranhadas
Põe seu dedo em seus lábios,
Não mais ouviremos juras,
De promessas que jamais guardaremos,
Nem do sonho secreto
Que foge quando despertamos do sono.

Quando do sono despertamos,
E os nossos olhos esfregamos,
Para impedir que as lágrimas salgadas escorram,
Você pode cobrir os seus ouvidos para abafar os seus brados...

Entretanto é Pã que continua simplesmente chamando.

Notas

¹ T.S.Eliot, *The Waste Land, and Other Poems* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1958), p. 8.

² Herb Goldberg, *The Hazards of Being Male* (Nova York: New American Library, 1977) p. 58.

³ Em San Francisco, certos grupos de travestis e transexuais veem a efeminação deliberadamente adotada como uma identificação consciente e política com o princípio de vida feminino. O Deus Galhudo, no entanto, embora compartilhando do feminino, é, em essência, a imagem do masculino, não a negação da masculinidade em favor da feminilidade.

⁴ Como foi observado por vários líderes e pensadores negros, a constante identificação de "negro" com "mal" encontra-se enraizada no racismo e é perpetuada pelo imaginário religioso judeu-cristão. A Arte sempre valorizou o escuro, assim como o claro: ambos, Deusa e Deus, possuem aspectos nos quais são vistos como negros, os quais são aspectos de poder e encantamento, e não de terror.

⁵ Todas as tradições da Arte reconhecem a Deusa, e todas, exceto algumas tradições lesbiofeministas que tiveram origem poucos anos atrás, reconhecem o Deus de alguma maneira. Mas existem grandes variações quanto à atenção e tempo ritual dedicados ao Deus. Em alguns covens ele nunca é invocado; em outras, ele pode ser invocado somente nos solstícios de verão ou inverno ou, então, unicamente em outras celebrações solares. Outras tradições, todavia, concedem-lhe "tempo igualitário"; ele governa os meses do inverno enquanto a Deusa rege o verão, ou ele simplesmente pode ser invocado em todos os rituais. Em nossa tradição, ele normalmente é invocado em rituais onde há homens presentes, e com frequência, mas nem sempre, em rituais só de mulheres.

⁶ Atualmente, existem muitos covens só de mulheres que se dedicam à prática dos mistérios femininos. Existem poucas assembleias só de homens; as que conheço são de homossexuais e mais dedicadas à Deusa do que ao Deus Galhudo. "Mistérios" masculinos abundam na

sociedade americana, mas o conceito de tais grupos em um contexto espiritual que honre o princípio feminino está aberto para investigações.

⁷ Margaret Murray, *The Witch Cult in Western Europe* (Nova York: Oxford University Press, 1971), p. 30.

⁸ Murray, p. 15.

⁹ Nem todas as tradições diânicas são separatistas: na tradição de Morgan McFarland, por exemplo, os covens aceitam homens, mas o Deus Galhudo é considerado como sendo subordinado à Deusa e é invocado somente nos solstícios de verão e inverno.

¹⁰ Minha interpretação do conceito de perda deriva de discussões pessoais com minha mãe, durante o decorrer da pesquisa e redação de seu livro. Ver Dra. Bertha Simos, *A Time to Grieve: Loss as a Universal Human Experience* (Nova York: Family Service Association, 1979).

¹¹ Robin Morgan, *Going Tão Far* (Nova York: Randon House, 1977), p. 306.

¹² As festividades começam na véspera das datas fornecidas (exceto a Festa das Bruxas, Halloween, a qual indiquei a data comumente conhecida).

¹³ Existem muitas variações desse mito que são conhecidas na Arte; em algumas, o Deus transforma-se em gêmeos rivais; em outras tradições, aspectos dessa transformação podem ser celebrados em outras datas. Quaisquer que sejam as diferenças superficiais, a verdade poética subjacente permanece a mesma.

¹⁴ Uma explicação mais completa da identificação de Robin Hood com o Deus Galhudo das bruxas é fornecida por Margaret Murray em *The God of the Witches* (Nova York: Oxford University Press, 1970), pp. 41-42.

¹⁵ Alguns covens, é claro, não aceitam homens; refiro-me à Arte como um todo, à parte das tradições separatistas.

¹⁶ Murray, *The God of the Witches*, p. 40.

¹⁷ Em relatos da época das fogueiras, ele aparece com frequência como "um menino" (a boy), uma desvirtuação óbvia de Evohe. Ver Margaret Murray, *The God of the Witches*, p. 141. O verdadeiro significado do nome está associado aos significados esotéricos das vogais. Cante-o – e veja o que acontece.



Entre os Mundos

JOGO DE PALAVRAS

i/imagem mág/ica mágico imaginação mago mag/neto imágico magnético imagnético imagênese

Imágico – a imagem é o coração da mágica que é desenvolvida pela imaginação – aquilo que vemos no olho da mente faz mágica – torna-nos mágicos – o mago – que lança a rede – o *magneto* – magneto mágico – rede de poder sutil banhada da corrente da vida – brilhando no escuro – uma teia que circunda a terra seu corpo – campo magnético – *imagnético* – como somos atraídos pela magia – ela nos seduz – somos peixes pegos em uma rede mágica – *imagenético* – porque nossos genes lembram, nossas células lembram, a fonte, a origem, o início – *imagênese* – criação a partir da imagem – criação da imagem – da imagem tudo nasce – tudo é magia – *imagnose* – isto, através daquilo que imaginamos.

Pedra lisa com um buraco no centro / velas azuis, verdes, douradas / almíscar / prata / um espelho redondo / mirra / estrela de sete pontas / fio de seda / roda de oito raios / o número do aumento / o fio vermelho / seda / ouro / chumbo / os símbolos planetários / tambores / o formato das letras / o formato dos olhos / o formato do coração / o formato do som / a forma da magia.

“Você conhece a língua antiga?
Eu não conheço a língua antiga.
Você conhece a língua da antiga crença?”

Robert Duncan¹

“Você acredita em uma realidade invisível por trás das aparências?”

Dion Fortune²

“Nenhuma ideia, a não ser nas coisas.”

William Carlos Williams

“Magia branca é poesia, magia negra é qualquer coisa que realmente funcione.”

Victor Anderson (sacerdote da tradição das fadas)

“Negro é lindo”

Aforismo do Movimento para o Poder Negro

“São nossas limitações que nos mantêm sãos.”

Dra. Bertha Simos (mãe de Starhawk)

A magia é o ofício da Feitiçaria e poucas coisas são, de imediato, tão assustadoras e incompreensíveis. Trabalhar a magia é tecer as forças invisíveis para uma forma; voar para além da visão; explorar o desconhecido reino dos sonhos da realidade escondida; impregnar a vida de cor, movimento e estranhos aromas que inebriam; saltar além da imaginação para o espaço entre os mundos onde a fantasia torna-se real; ser simultaneamente animal e deus. Mágica é o ofício de moldar, a arte dos sábios, estimulante e perigosa, a aventura máxima.

O poder da magia não deve ser subestimado. Ela funciona, com frequência, de maneiras que são inesperadas e difíceis de serem controladas. Mas, tampouco, o poder da magia deve ser superestimado. Ela não funciona simplesmente ou facilmente; ela não confere onipotência. “A arte de transformar a consciência pela vontade” é exigente, necessitando de um longo e disciplinado aprendizado. Meramente movimentar um bastão, acender uma vela e cantarolar um encantamento em rima nada fazem por si sós. Mas, quando a força de uma percepção treinada está por trás deles, tornam-se muito mais do que gestos vazios.

Aprender a trabalhar a magia é o processo de criação de um novo padrão neurológico, de mudar a maneira como utilizamos o nosso cérebro. O mesmo ocorre com o aprendizado para tocar piano: ambos os processos envolvem o desenvolvimento de novos caminhos por onde os neurônios possam passar, ambos requerem prática e levam tempo e ambos, quando dominados, podem ser canais espirituais e emocionais de grande beleza. A magia exige, primeiramente, o desenvolvimento, e então, a integração do hemisfério direito, da percepção espacial, intuitiva, holística e criadora de padrões. Ela abre os portões entre as mentes inconsciente e consciente, entre a visão da luz das estrelas e da luz fugidia. Ao fazê-lo, ela influencia profundamente o crescimento, a criatividade e a personalidade do indivíduo.

A língua da antiga crença, a língua da magia, é expressada em símbolos e imagens. As imagens preenchem o vazio entre os tipos de percepção verbal e não-verbal; elas permitem que ambos os lados do cérebro se comuniquem, despertando as emoções e o intelecto. A poesia – em si uma forma de magia – é um discurso mágico.

Feitiços e encantamentos trabalhados por bruxas são, verdadeiramente, poesia concreta.

Um feitiço é um ato simbólico realizado em um estado alterado de consciência, a fim de gerar a mudança desejada. Fazer um feitiço é projetar energia através de um símbolo. Mas os símbolos são frequentemente confundidos com feitiço. “Acenda uma vela verde para atrair dinheiro”, dizem para nós. A vela sozinha, todavia, nada realiza; ela é meramente uma lente, um objeto em foco, um mecanismo mnemônico, a “coisa” que incorpora a nossa ideia. Acessórios podem ser úteis, mas é a mente que trabalha a magia.

Objetos, formas, aromas, cores e imagens específicas funcionam, na realidade, mais que outras para incorporar ideias específicas. Correspondências entre cores, planetas, metais, números, plantas e animais perfazem um grande corpo do saber mágico. Incluí alguns grupos de correspondências no final deste livro (Tabela de Correlações). Mas os feitiços mais poderosos são frequentemente improvisados a partir de materiais que achamos que são bons, ou que simplesmente estão mais próximos.

Feitiços constituem importante aspecto do treinamento mágico. Requerem a combinação das capacidades de relaxamento, visualização, concentração e projeção (vide exercícios no capítulo 3) e, portanto, propiciam a prática em coordenar essas habilidades e o crescente desenvolvimento.

Fazer feitiços também nos força a entrar em acordo com o mundo material. Muitas pessoas, atraídas pelo caminho espiritual da Feitiçaria, mostram-se incomodadas diante da ideia de utilizar mágica para fins práticos ou para objetivos materiais. De alguma maneira parece ser errado trabalhar para nós mesmos, querer as coisas e obtê-las. Mas, essa atitude é resquício da visão de mundo que compreende o espírito e a matéria em separado e que identifica a matéria ao mal e à corrupção. Em bruxaria, a carne e o mundo material não estão separados da Deusa; eles são a manifestação do divino. A união com a Deusa ocorre através da aceitação do mundo material. Em Feitiçaria, não lutamos contra os interesses pessoais; nós os acompanhamos, mas com a consciência que os transformam em algo sagrado.

“Trabalhe para si e, em breve, verá que o *self* está em toda parte”, é um ditado da tradição das fadas. O paradoxo é que com feitiços podemos começar com o *self* pessoal, mas a fim de fazer funcionar a magia, somos forçados a expandir e a reconhecer o *self* que está presente em todos os seres. A magia envolve deliberada autoidentificação com outros objetos e pessoas. Para realizar uma cura, devemos nos *transformar* no curandeiro, naquele que está sendo curado e na energia da cura. Para atrair amor, temos que nos tornar o amor.

Fazer feitiços é magia menor, não a maior; mas a magia maior é construída a partir da menor. Feitiços são instrumentos psicológicos extremamente sofisticados, que têm efeitos sutis, mas importantes, no crescimento interno de uma pessoa.

Um feitiço pode ressaltar outros complexos escondidos. Ima pessoa que tem conflitos em relação ao sucesso, por exemplo, terá grande dificuldade em concentrar-se num feitiço de dinheiro. Os resultados práticos podem ser menos importantes que os *insights* psicológicos que surgem durante o trabalho mágico. A descoberta dos nossos bloqueios e medos internos é o primeiro passo para a superação dos mesmos.

Feitiços também dão um passo adiante à maioria das formas de psicoterapia. Eles permitem que ouçamos e interpretemos o inconsciente, assim como falar-lhe, numa linguagem por ele entendida. Símbolos, imagens e objetos utilizados em feitiços comunicam diretamente com o *self* mais jovem, que é o centro de nossas emoções e

que permanece praticamente intocado pelo intelecto. Com frequência, entendemos nossos sentimentos e comportamento, mas descobrimos que somos incapazes de muda-los. Através de feitiços, podemos obter o poder mais importante, o poder de nos transformarmos.

A prática da magia também exige o desenvolvimento daquilo que é conhecido como a *disposição* mágica. A disposição é muito afim ao que os preceptores vitorianos chamavam de “caráter”: honestidade, autodisciplina, dedicação e convicção.

Aqueles que desejam praticar a magia devem ser escrupulosamente honestos em suas vidas pessoais. De certa maneira, a magia trabalha sobre o princípio de que “assim é porque eu afirmo que é”. Uma sacola de ervas adquire poder curativo porque eu o afirmo. Para que a minha palavra se revista de tal poder, devo estar profunda e completamente convencida de que ela está identificada à verdade, da maneira em que eu a percebo. Se tenho o hábito de mentir para os meus amantes, roubar do meu chefe, pilhar supermercados ou simplesmente deixar de cumprir minhas promessas, não posso carregar essa convicção.

A menos que eu tenha bastante poder pessoal para manter os compromissos de minha vida diária, serei incapaz de exercer o poder mágico. Para trabalhar a magia, necessito acreditar basicamente em minha capacidade de fazer as coisas e em provocar que coisas aconteçam. Essa crença é gerada e sustentada pelos meus atos cotidianos. Se digo que terminarei um relatório até quinta-feira, e cumpro essa determinação, fortaleci a minha consciência de que sou uma pessoa que faz aquilo que declara que irá fazer. Se deixo o relatório prolongar-se por uma semana, a partir da próxima segunda-feira, eu abalei essa crença. Obviamente, a vida é repleta de erros e desacertos. Mas, para uma pessoa que pratica a honestidade e mantém compromissos, “se eu determino, que assim seja feito” não é somente uma frase bonita; é uma declaração de princípios.

Feitiços funcionam, basicamente, de duas maneiras. A primeira, que até mesmo os cétricos mais ferrenhos não terão problemas em aceitar, é através da sugestão. Símbolos e imagens implantam certas ideias no *self* mais jovem, na mente inconsciente. Somos, então, influenciados a pôr em prática essas ideias. Obviamente, feitiços psicológicos e muitos feitiços curativos trabalham sobre este princípio. Ele também funciona em outros feitiços. Por exemplo, uma mulher faz um feitiço para conseguir um emprego. Logo em seguida, enche-se de nova autoconfiança, aborda seu entrevistador com segurança e cria impressão tão boa que é contratada.

Feitiços, no entanto, também podem influenciar o universo externo. Talvez o caçador de empregos “simplesmente entre” no escritório certo, na hora certa. O paciente canceroso, sem saber que um feitiço curativo foi realizado, tem melhora espontânea. Este aspecto da magia é mais difícil de ser aceito. O modelo teórico que as bruxas utilizam para explicar o funcionamento da magia é claro e coincide, em vários pontos, com a nova “física”. Entretanto, não forneço este dado como “prova” de que a magia funcione, nem tampouco desejo convencer alguém que tenha dúvidas sobre o assunto. (Céticos são os melhores mágicos.) É, simplesmente, uma metáfora elaborada, mas extremamente útil.

Esta metáfora está baseada na visão de mundo que vê as coisas não como objetos fixos, mas como espirais de energia. O mundo físico é formado por esta energia, assim como as estalactites são formadas por água gotejante. Se causamos mudanças nos padrões de energia, eles, por sua vez, causarão mudanças no mundo físico, do mesmo modo que, se mudarmos o curso de um rio subterrâneo, novas séries de estalactites se formarão em novos veios de rocha.

Quando a nossa própria energia é concentrada e canalizada, ela pode movimentar correntes mais amplas de energia. As imagens e objetos usados em feitiços são os canais, os veículos através dos quais nosso poder é extravasado e pelos quais é moldado. Quando a energia é direcionada para as imagens que visualizamos, ela gradualmente se manifesta numa forma física e toma corpo no mundo material.

Direcionar energia não é, simplesmente, agir de maneira exagerada, emocionalizada. É de bom tom, em alguns círculos ocultistas, proclamar piamente que “pensamentos são coisas, e conseqüentemente, devemos pensar somente pensamentos positivos, pois as coisas negativas que pensamos poderão acontecer”. É difícil imaginar uma filosofia que pudesse, rapidamente, produzir paranoia tão extrema. Caso fosse verdade, a taxa de mortalidade subiria de maneira fenomenal. A superpopulação seria a última de nossas preocupações; nenhum político eleito sobreviveria tempo o suficiente para ser empossado. Se pensamentos e emoções, por si só, pudessem causar que as coisas acontecessem, milhares de minhas contemporâneas teriam casado com os Beatles em 1964. E eu não estaria escrevendo nesta mesa; estaria me bronzeando no Taiti, onde as multidões seriam, indubitavelmente, ameaçadoras.

A emoção é uma luz estroboscópica; energia direcionada é um raio *laser*.* Não importa quanto ódio, inveja e fúria possamos dirigir contra pessoas pegajosas, competidores aos nossos negócios, ex-amantes e relacionamentos íntimos, pois não afetaremos esotericamente a sua saúde física nem mental, embora possamos afetar a nossa.

Mesmo o poder concentrado é um pequeno riacho comparado às vastas ondas de energia que nos cercam. A bruxa mais fervorosa não pode ter êxito em todos os seus feitiços; as correntes opostas, são, frequentemente, fortes demais. Como afirma John C. Lilly, “é muito fácil pregar ‘siga a correnteza’. O problema principal é identificar o que esta corrente é, aqui e agora”.³ A feitiçaria nos ensina, primeiro, a identificar a corrente e, a seguir, se está indo, ou não, para onde queremos ir. Se não, podemos tentar nos desviar dela ou, talvez, tenhamos que mudar o nosso curso.

Desfigurando nossa metáfora ligeiramente, fazer um feitiço é como comandar um barco. Devemos levar em consideração as correntezas, que são as nossas motivações inconscientes, nossos desejos e emoções, nossos padrões de ações e os resultados cumulativos de nossos atos passados. As correntes são também as forças sociais, econômicas e políticas mais amplas que nos circundam. Os ventos que tocam as nossas velas são as forças do tempo, clima e estação; o curso dos planetas, da lua e do sol. Algumas vezes, todas as forças estão conosco; simplesmente soltamos as velas e corremos com o vento. Em outras épocas, o vento pode correr contra a corrente ou a nossa direção e podemos ser forçados a mudar de rumo ou enrolar as velas e esperar.

Sentir o clima da energia é uma questão de intuição e experiência. Alguns bruxos fazem detalhado estudo de astrologia, num esforço para planejar seus trabalhos mágicos para épocas boas. Pessoalmente, prefiro trabalhar, simplesmente, quando sinto que a hora é certa. De todos os planetas, a influência da lua sobre as energias sutis é a mais forte. O poder sutil cresce à medida que a lua cresce, portanto, o período da lua crescente é o melhor para feitiços que envolvam crescimento ou aumento, como em feitiços de dinheiro. O poder chega ao seu auge quando a lua está cheia, e esta é a melhor hora para trabalhos de culminância e amor. Durante a lua minguante, o poder aquietar-se e volta-se para dentro: o período minguante é usado para a expulsão, fechar um feitiço e descobrir segredos escondidos.

Feitiços podem ser adaptado à época. Por exemplo, se você está obcecado com a necessidade de fazer um feitiço de dinheiro na lua minguante, concentre-se em expulsar a pobreza. Um amigo meu, cujos negócios estavam caminhando com dificuldade durante dois anos, fez precisamente isto e percebeu, logo depois, que a maioria dos seus problemas advinham de erros de cálculo e ausência de gerenciamento de seu sócio. Simultaneamente, o sócio resolveu sair do negócio. A lua minguante fizera o seu trabalho. Já na próxima lua cheia, os negócios começaram a dar uma virada.

A energia persegue o caminho de menor resistência. Resultados materiais são mais facilmente alcançados através de ações físicas que com trabalhos mágicos. É mais simples trancar a sua porta do que proteger a casa com fechos psíquicos. Nenhuma invocação mágica irá produzir resultados a não ser que sejam abertos canais no mundo material. Um feitiço de emprego é inútil, a menos que você saia, também, procurando trabalho. Um feitiço curativo não é um substituto para o cuidado médico.

A visualização que criamos em um feitiço deve ser aquela do objetivo desejado, não necessariamente o meio pelo qual ele ocorrerá. Nós imaginamos a vítima do acidente correndo na praia, não os ossos partidos. Mantemos a nossa atenção sobre o nosso propósito, sem tentar mapear cada movimento que faremos ao longo do caminho. Feitiços, geralmente, funcionam de maneiras inesperadas. A fim de garantir que o poder não cause, inadvertidamente, prejuízos, fechamos o feitiço. Nós “fixamos” a forma que criamos para que a energia permaneça restrita ao padrão desejado.

EXERCÍCIO 43: ASSEGURANDO A INVOCAÇÃO

Quando tiver terminado o feitiço, visualize-se dando um nó em um cordão que circula o símbolo ou imagem sobre o qual você se concentrou. Diga para si mesmo que está fixando a forma do feitiço, como um pote de cerâmica é moldado quando vai para o forno. Diga

*Por todo o poder
De três vezes três,
Este feitiço que foi fechado
Assim será.
Que não cause nenhum mal,
Nem para mim retorne.
Assim eu desejo,
Assim será feito!*

Feitiços que influenciam outra pessoa dependem de um elo psíquico. O poder flui através de você para o outro, mas para que a conexão seja realizada, você deve estar, pelo menos parcialmente, identificado com aquela pessoa. Você *torna-se* o outro, como também a energia que você envia. Por essa razão, “aquilo que você envia, retorna ao triplo”. A energia que você projeta para outra pessoa, afeta a *você* com mais força que ao outro, pois você a gerou, você tornou-se essa energia e tornou-se o seu objeto. Se você envia energia curativa, é, por sua vez, curado. Se enfeitiçar ou amaldiçoar, será amaldiçoado.

Consequentemente, as bruxas mostram-se extremamente relutantes em enfeitiçar qualquer pessoa.⁴ Algumas tradições proíbem, terminantemente, enfeitiçar, amaldiçoar ou até mesmo curar outra pessoa sem o seu consentimento. Outras bruxas acreditam firmemente que “uma bruxa que não pode amaldiçoar, não pode curar”. Com isso, querem dizer que o uso da magia para a destruição não é sinônimo de utilizá-la para o mal. O câncer deve ser destruído para que a cura se dê. Uma pessoa que ameaça a

segurança das outras deve ser contida. Isso é mais seguramente realizado com um feitiço de fechamento, concentrado na imagem de impedir que ele ou ela façam mal. A energia que retorna, portanto, será basicamente protetora. Se você fecha um feitiço contra um estuprador, você pode estar se prevenindo de vir a cometer um estupro, mas se isso interfere em suas atividades diárias então, de qualquer maneira, o seu negócio não é praticar Feitiçaria. O feitiço pode trabalhar de várias maneiras diferentes: o estuprador pode ser preso e condenado, ou pode tornar-se impotente, ou sofrer uma conversão religiosa. *Como* o feitiço não é da sua alçada, desde que cumpra o seu objetivo.

Mesmo o fechamento de feitiços não deve ser realizado de maneira leviana. É melhor discutir o assunto extensivamente no *coven* e prosseguir somente quando todos estejam de acordo. *Jamais* amaldiçoe alguém porque ele lhe causa irritação, ou porque não gosta dele ou porque lhe é inconveniente, ou a fim de tirar algum proveito à sua custa. Tais abusos são degradantes, perigosos e autoaniquiladores. Prejudicarão muito mais a você que qualquer outra pessoa.

A magia não deve ser utilizada para se obter poder sobre os outros; ela deve ser percebida como parte da disciplina de desenvolvimento do “poder interior”. Feitiços que buscam controlar outra pessoa devem ser evitados. Isto se refere, particularmente, aos feitiços de amor concentrados em uma pessoa. Mais do que qualquer outra forma de feitiços, estes funcionam com uma intensidade muito maior na pessoa que o realiza que no objeto intencionado. Eles inevitavelmente contra-explodem, complicando nossa vida além do que se possa imaginar. Obviamente que, se você sente que se tornou emocionalmente complacente, e precisa levar uma boa sacudidela... vá em frente. Considere isto como uma “experiência de aprendizagem”.

Feitiços gerais para atrair o amor criam menos problemas, apesar de eles serem mais eficazes para atrair sexo do que amor. O amor em si é uma disciplina, que exige prontidão interior. A menos que você esteja aberto para o amor, nenhum feitiço o trará para a sua vida. Ele pode, no entanto, propiciar-lhe muito divertimento.

As pessoas preocupam-se, com frequência, em serem atacadas pela magia. Na realidade, ataques psíquicos ocorrem muito raramente e são até mais raramente eficazes. A paranoia é um perigo muito mais premente que a guerra psíquica. No entanto, as pessoas podem ser atacadas de várias maneiras sutis. A inveja e a hostilidade não precisam ser enfocadas em um feitiço para criar um clima emocional incômodo. Meditações e feitiços protetores podem ser úteis em muitas situações comuns (vide capítulo 4). A meditação a seguir é eficaz toda vez que a energia negativa estiver dirigida para você:

EXERCÍCIO 44: FILTRO PROTETOR

Concentre-se e centre-se. Visualiza-se cercado por uma rede de luz branca brilhante. Veja-a como um campo energético semiporoso. Qualquer força que bater nessa barreira é transformada em energia criativa pura. Qualquer raiva ou hostilidade que é enviada para você somente alimenta o seu próprio poder. Acolha esse poder; absorva-o; brilhe com ele. Mantenha o filtro ao seu redor à medida que o dia transcorre.

Nos feitiços a seguir, eleve o poder através da respiração ou cânticos, como nos exercícios previamente citados. Você pode proceder à organização formal do círculo ou simplesmente visualizando-o. Não se esqueça de encerrar o poder e abrir o círculo ao

final. Os nomes dos materiais utilizados são fornecidos em letras maiúsculas, para facilitar a referência.

Fazer um feitiço é magia menor, mas as imagens e os símbolos também são usados na magia maior dos rituais, onde se tornam as chaves para a autotransformação e os elos que nos ligam ao divino dentro e fora de nós.

FEITIÇO DA RAIVA

Visualize um círculo de luz à sua volta.

Segure uma PEDRA NEGRA em suas mãos e eleve-a até a sua fronte.

Concentre-se e projete toda a sua raiva na pedra.

Com toda a sua força, arremesse-a para fora do círculo, em um lago, córrego, rio ou o mar. Diga:

*Com esta pedra
A raiva irá.
Água contenha-a,
Ninguém a achará.*

Encerre o poder.

Dispense o círculo.

(Para ser feito somente ao lado de água corrente.)

FEITIÇO DE AUTO-REMISSÃO

(Para a autoaceitação quando você cometeu um erro ou está cheio de culpa ou pesar.)

Faça a disposição do círculo.

Sente-se de frente para o norte e acenda uma VELA BRANCA ou NEGRA.

Segure com ambas as mãos a sua TAÇA, cheia de ÁGUA LÍMPIDA. Você deve ter à sua frente uma IMAGEM DA DEUSA e uma PLANTA VERDE, na terra.

Visualize todas as coisas negativas que está sentindo sobre si mesmo, os erros que cometeu, as coisas incorretas que fez. Converse consigo e admita que está se sentindo mal. Diga para si, em alto e bom som, exatamente aquilo que fez de errado e porquê. Deixe que a sua emoção libere energia e projete-a toda na taça. Respire sobre a água.

Eleve o poder.

Visualize a Deusa como a mãe que perdoa. Imagine as suas mãos cobrindo as suas. Ouça-a dizendo,

*Eu sou a mãe de todas as coisas,
Meu amor é vertido sobre a terra.
Eu absorvo você com amor total,
Seja purificado. Seja curado. Seja transformado.*

Despeje a água sobre a planta e sinta seu ódio escoando para fora de você

(É possível que este ritual mate a planta.)

Encha a TAÇA com LEITE ou SUCO.

Eleve mais poder e visualize-se como gostaria de ser, livre de cula e tristeza, mudado, para que não mais repita os mesmos erros. Carregue a taça com a força e o poder de ser a pessoa que deseja ser.

Novamente, visualize a deusa, cujas mãos cobrem as suas. Ela diz,

*Minha a taça e minhas as águas da vida.
Beba plenamente!*

Beba o suco ou o leite. Sinta-se cheio de força. Saiba que você mudou, que é desde este exato momento, uma nova pessoa, livre dos padrões e erros do passado.

Feche o feitiço.

Encerre o poder.

Abra o círculo.

FEITIÇO PARA A SOLIDÃO

Organize o círculo.

Eleve a energia.

Sente-se de frente para o norte e acenda uma VELA CINZA.

Em um ALMOFARIZ com PILÃO moa um DENTE DE TUBARÃO (ou outro osso afiado) até que vire pó. Diga

*Você
Não tem ossos
E jamais adormece.
Você
Nada sempre
Dentro de mim.*

Permita que a solidão lhe preencha e projeta-a no pó. Cante,

*Fogo leve você!
Fogo tenha você!
Fogo liberte você!*

Grite: “Agora vá!” e transfira o sentimento para o pó.

Cuspa três vezes no pó e queime-o em uma TIGELA DE BRONZE, com ALOÉ, URTIGA e ACÚLEO.

Apague o fogo com ÁGUA SALGADA.

Encerre o poder.

Feche o feitiço.

Dispense o círculo.

Você se sentirá com o coração leve e livre da solidão.

FEITIÇO PARA PERÍODOS INFECUNDOS

No primeiro dia de escuridão da lua, comece a plantar algumas sementes de trigo, cevada, centeio ou alfafa.

Mantenha-as no escuro por três dias e, então, três dias na luz.

Na manhã do sétimo dia, levante ao amanhecer e banhe-as em água com infusão de TREVO-AZEDO, MANJERICÃO e PÉTALAS DE ROSA.

Vista-se de branco ou fique nu.

Disponha o círculo.

Eleve energia.

Sente-se de frente para o leste e acenda uma VELA BRANCA. Diga

*Enquanto o grão cresce,
Enquanto o sol cresce,
Enquanto a lua cresce.*

Cante,

*Eu cresço,
Eu colho,
Eu recebo.*

Visualize cada estágio concentrando e projetando a imagem para os BROTOS.
Coma os brotos. Diga

*Brote em mim,
Floresça em mim,
Frutifique em mim.*

Diga cada linha três vezes, visualizando e concentrando.
Guarde SETE BROTOS e embrulhe-os em uma SEDA NEGRA.
Feche o feitiço.
Encerre o poder.
Dispense o círculo.

Nesta noite, enterre os brotos com uma MOEDA de PRATA (também pode ser usada moeda comum).

FEITIÇO PARA UM LUGAR SEGURO

(Pode ser feito em um domingo, segunda ou sexta-feira)

Disponha o círculo.

Eleve energia.

Sente-se de frente para o sul e acenda uma VELA VERDE, AZUL ou AMARELA.

Segure com ambas as mãos uma TAÇA de LEITE misturado com AÇÚCAR e AÇAFRÃO.

Visualize, um após o outro, todas as pessoas e os lugares que fizeram com que você se sentisse seguro e confiante. Concentre-se e projete o sentimento no leite.

Eleve a taça até a sua boca e respire o sentimento de segurança para ela.

Olhe para a chama da vela e visualize três mulheres, uma vestida de negro, uma de branco, outra de vermelho. Elas andam em sua direção e fundem-se em uma só figura. Imagine que ela coloca as mãos sobre as suas e levanta a taça para os seus lábios.

Diga

“Eu estou com você desde o início”.

Beba o leite.

Encerre o poder e sinta o espaço seguro dentro de você.

Feche o feitiço.

Dispense o círculo.

FEITIÇO PARA CONHECER A CRIANÇA DENTRO DE NÓS

Organize o círculo.

Sente-se de frente para o sul e acenda uma VELA VERDE ou AZUL.

Você deve ter consigo uma BONECA de criança ou um ANIMAL de PELÚCIA. Tome-o em suas mãos e borrife-o com ÁGUA SALGADA.

Diga

Eu nomeio você _____.
(Use seu nome ou apelido de infância.)

Segure-o em seus braços, cantarole para ele, nine-o e converse com ele. Diga-lhe tudo o que gostaria de ter ouvido quando era criança. Deixe que ele converse e lhe conte como se sente e o que quer. Deixe a sua voz alterar-se. Brinque.

Eleve energia e visualize que você a está despejando na boneca, que é o seu próprio *self* infantil. Crie uma imagem do seu eu infantil, como gostaria que tivesse sido, e projete-a na boneca. Continue até que a boneca esteja irradiando luz branca e amor.

Beije a boneca. Embrulhe-a em um PANO BRANCO e deite-a para que descanse em seu altar.

Feche o feitiço.

Encerre o poder.

Abra o círculo.

(Repita quantas vezes você precisar ou desejar.)

FEITIÇO PARA ESTAR EM HARMONIA COM O ÚTERO

(Para ser feito na primeira noite de sua menstruação. Especialmente útil para as mulheres que sofrem de cólicas ou sangramento irregular ou excessivo.)

Organize um círculo.

Acenda uma VELA VERMELHA. Sente-se de frente para o sul.

Com o terceiro dedo de sua mão esquerda, esfregue algumas gotas de seu sangue menstrual na vela.

Eleve o poder. Sinta a essência do sangue absorvida pela chama. Deixe que a luz aqueça e encha você. Sinta o seu próprio sangue como a essência da força da vida.

Absorva a luz da vela para dentro de seu útero. Deixe que ela encha você e se espalhe lentamente através de todo seu corpo, começando pelo centro do seu ventre, carregando você de energia e calor.

Feche o feitiço.

Encerre o poder.

Abra o círculo.

FEITIÇO PARA A CURA DA IMAGEM

Crie sua boneca (uma boneca de pano ou cera) para representar a pessoa que você deseja ajudar, já completamente curada e inteira. Não represente o problema; em seu lugar, crie a imagem de sua solução. Concentre-se enquanto você faz a boneca.

Disponha o círculo.

Acenda uma VELA AZUL.

Borrife sua BONECA com ÁGUA SALGADA. Diga

Abençoada seja, ó criatura feita pela arte. Pela arte feita, pela arte transformada. Você não é de cera (tecido, madeira, etc.), mas de carne e sangue, eu nomeio você _____ (nomeie a pessoa que você deseja curar). Você está entre os mundos, em todos os mundos. Abençoada seja.

Segure a boneca em suas mãos. Respire sobre ela e carregue-a com energia. Visualize seu amigo(a) completamente curado, totalmente bem. Carregue partes específicas da boneca, com ênfase especial, correspondentes às partes de seu amigo que estão machucadas ou enfermas.

Visualize seu amigo completamente carregado com uma luz branca, bem, feliz e cheio de energia.

Feche o feitiço.

Encerre o poder.

Abra o círculo.

Mantenha a sua boneca sobre o seu altar até que o seu amigo esteja curado. Então, organize outro círculo, novamente pegue a boneca, borrife-a com água e diga

*Abençoada seja, criança da luz. Pela arte transformada, pela arte desfeita.
Eu retiro de você seu nome _____ (o nome de seu
amigo) e nomeio você boneca, criatura de cera (ou pano ou que quer que seja).
Entre os mundos, em todos os mundos, que assim seja feito. O elo está rompido.
Abençoada seja.*

Abra o círculo. Se a boneca contiver elos físicos, queime-a em um fogo aberto. Caso contrário, faça da maneira que desejar ou a dê para o seu amigo como lembrança.

AMULETOS DE ERVAS

Amuletos de ervas, como eu os faço, são pequenas bolsas cheias de ervas e outros objetos simbólicos. São feitos de um simples quadrado ou círculo de tecido da cor adequada, amarrado com o fio adequado e, então, carregado de energia. Podem ser usados na pessoa ou mantidos em casa, a fim de atrair aquilo que se deseja. Se quiser, podem ser feitos de seda ou veludo e elaboradamente bordados com símbolos, ou podem ser de simples algodão, amarrado com barbante. Você pode criar os amuletos de ervas que atendam às suas necessidades. A seguir, algumas sugestões de combinações:

PARA ATRAIR DINHEIRO

Use um quadrado de tecido verde, cheio de forragem, lavanda e açafraão (ou quaisquer outras quatro ervas apropriadas), alguns cristais de sal-gema e três moedas de prata. (As moedas comuns, apesar de não serem mais de prata pura, parecem funcionar bem.) Amarre com um fio de ouro e prata em oito nós.

PARA ATRAIR AMOR

Use um círculo de tecido rosa ou vermelho (para o amor mais sexualmente apaixonado). Encha-o com flores de acácia, murta, pétalas ou brotos de rosas, flores de jasmim e alfazema. Adicione um coração de feltro vermelho e um anel ou moeda de cobre. Amarre-o com uma fita ou fio azul, em sete nós.

PARA CURAR UM CORAÇÃO PARTIDO

Use um círculo de tecido azul, cheio de valeriana, brotos de abeto balsâmico, matricária, murta e pétalas de rosa (branca). Pegue um coração de feltro branco cortado em dois pedaços, costure as duas partes com fio azul enquanto carrega o amuleto e adicione ao mesmo as ervas. Coloque uma moeda de cobre para atrair um novo amor. Amarre-o com um fio branco.

PARA PROTEÇÃO

Use um círculo de tecido azul, cheio de nove ervas protetoras. Adicione uma moeda de prata, ou melhor, uma lua crescente de prata (talvez um brinco). Amarre-o com um fio branco ou prateado.

PARA CONSEGUIR UM EMPREGO

Use um quadrado de tecido verde. Encha-o com louro e alfavaca. Adicione quatro outras ervas regidas por:

- Mercúrio – para um emprego que envolva comunicação
- Lua – para um emprego que envolva a cura, saúde ou trabalho de mulheres ou psicologia
- Júpiter – para um emprego que envolva liderança e responsabilidade ou a lei
- Marte – para um emprego que exija ação agressiva e positiva
- Sol – para um emprego ao ar livre, em agricultura, ou na natureza, ou trabalho agradável e calmo
- Saturno – para arquitetura, história ou qualquer outro emprego onde você estará limitando a ação ou a liberdade de outros (trabalho policial, por exemplo)

Adicione uma moeda de prata, para a fortuna, e retratos de quaisquer instrumentos importantes que você possa usar em seu trabalho. Amarre-o com um fio roxo.

PARA PODER INTERIOR

Use um quadrado de tecido carmesim, cheio de folha de louro, sangue-de-dragão, flores de sabugueiro, rosmaninho, verbena, folha de carvalho, folha de azevinho ou baga e visco. Amarre com um fio azul e borde ou desenho o seu próprio símbolo pessoal.

PARA ELOQUENCIA

Use um círculo de tecido amarelo ou iridescente. Encha-o com erva-doce, avelã, mandrágora e valeriana. Adicione uma moeda de prata e amarre com um fio alaranjado e violeta.

PARA GANHAR UMA CAUSA

Use um quadrado de tecido azul, cheio de louro, erva-de-são-joão e verbena. Se você está sendo perseguido por um inimigo, adicione uma pinha ou parte de um estróbilo, algum tabaco e um pouco de sementes de mostarda. Ponha um pequeno retrato de um olho aberto, para que a justiça seja favorável a você. Amarre com fio roxo.

Sinta-se livre para improvisar sobre esses amuletos, para adicionar símbolos próprios ou tentar outras combinações de ervas. O que lhe parecer melhor, funcionará melhor.

PARA CARREGAR UM AMULETO DE ERVAS

Reúna todos os seus materiais em seu altar.

Disponha o círculo.

Acenda uma VELA de uma cor adequada. Se você quiser, queime incenso.

Eleve energia.

No ALMOFARIZ COM PILÃO moa, juntas, todas as ervas de seu amuleto. Visualize a imagem ou a emoção que deseja e projete-a nas ervas enquanto você as mói. Desenhe ou crie quaisquer outros símbolos que quiser.

Junte as ervas e outros objetos no tecido. Torça a parte de cima e amarre-a uma só vez com o fio.

Respire sobre o amuleto e carregue-o com ar.

Passe-o pela chama da vela e carregue-o com fogo.

Borrife algumas gotas de ÁGUA sobre ele e carregue-o com água.

Mergulhe-o no SAL ou toque-o com seu PENTAGRAMA e carregue-o com terra.

Segure-o em suas mãos, respire sobre ele e carregue-o totalmente com toda a energia que você possa elevar, concentrando-a em sua visualização.

Sente-se no chão, relaxe e encerre o poder.

Feche o feitiço, amarrando-o ao fazê-lo.

Abra o círculo.

PARA PEGAR UM INIMIGO

Disponha o círculo.

Acenda uma VELA NEGRA. Queime INCENSO de Saturno.

Borrife sua boneca com ÁGUA SALGADA. Diga

Abençoada seja, ó criatura feita pela arte. Pela arte feita, pela arte transformada. Você não é de cera (pano, etc.), mas de carne e sangue. Eu nomeio você _____ (a pessoa para a qual o feitiço está sendo feito). Você está entre os mundos, em todos os mundos, que assim seja feito.

Segure a boneca em suas mãos. Visualize uma rede prateada caindo sobre ela e prendendo a pessoa que ela representa.

Tome uma FITA VERMELHA e passe-a ao redor da boneca, amarrando-a firmemente e fechando todas as partes do corpo que, supostamente, prejudicam os outros. Carregue o fechamento com poder. Diga

*Por ar e terra,
Por água e fogo,
Que você seja preso,
Como eu desejo.
Por três e nove,
Seu poder eu encerro.
Pela lua e pelo sol,
Minha vontade será feita.
Céu e mar
Afastem o mal de mim.
Cordão atado,
Poder encerrado,
Luz revelada,
Seja agora selada.*

Encerre o poder.

Abra o círculo.

Enterre a boneca durante uma lua minguante, longe da sua casa, sob uma pedra pesada.

Notas

¹ Robert Duncan, "The Fire: Passages 13", em Hayden Carruth, ed., *The Voice That is Great Within Us* (Nova York: Bantam Books, 1971)

² Dion Fortune, *Moon Magic* (Nova York: Weiser, 1972), p. 117.

³ John C. Lilly, *The Center of the Cyclone* (Nova York: Julian Press, 1972), p. 218.

⁴ A palavra amaldiçoar (hex), na verdade, derivou da palavra latina six (seis) e identificou-se com feitiços devido às formas simbólicas de seis lados usadas em magia, adotada na Alemanha e na Pensilvânia, por imigrantes alemães. Nestas tradições, ela não tem uma conotação negativa, mas para o uso geral ela é identificada com praguejar ou enviar energia negativa ou má sorte.*

8 *Energia:* *O Cone de Poder*



Entre os Mundos

O cântico começa com um cantarolar baixo, uma vibração profunda quase inaudível. Uma por uma, as vozes juntam-se:

“Aaaaaaaaah...”

“Ooooooooooh...”

“Eeeeeeeeeee...”

O cântico se eleva, uma estranha desarmonia. O ar parece tornar-se denso, dançando com faíscas elétricas que começam a voar, circular e girar desenfreadamente no centro do círculo.

“Eeeeeeeeoooooooooh...”

O ar brilha, uma nuvem luminosa que vibra, ardendo com um calor negro. O cântico solta-se, com toda sua força, uma corda ressoante...

A luz começa a girar, uma brilhante roda de ar, rodando e rodando. As vozes se tornam mais altas. A luz se direciona para o alto em espiral, cada vez mais rapidamente, à medida que se estreita para o topo. O som é indescritível; as vozes são o vento sibilante, o uivar dos lobos, os sons agudos de pássaros tropicais, o zunido de abelhas, o suspiro de ondas sumindo de vista. O cone cresce, uma espiral vibrante, o chofre do unicórnio, raro e maravilhoso. Sua ponta não pode ser vista. Ele está inundado de cor: vermelho, azul, verde, luz do sol, luz da lua. Ele se eleva...

– Agora! – uma voz brada. Um grito final. O cone voa, uma flecha disparada que irá realizar seu trabalho, sugando o ar de suas impurezas. O coven cai por terra, exaurido, espalhado pelo chão. Todos sorriem, deliciosamente relaxados.

Eles enviaram o cone do poder.

“Quatro leis da ecologia: (1) tudo está associado ao todo, (2) tudo deve ir para algum lugar, (3) a natureza sabe melhor, e (4) não existe algo como um almoço grátis.”

Barry Commoner¹

O princípio básico da magia é a associação. O universo é um padrão fluido de energia em constante transformação e não uma coleção de coisas fixas e separadas. Aquilo que afeta uma coisa, de alguma maneira afeta todas as coisas: tudo está entrelaçado no tecido do contínuo do ser. Sua urdidura e trama são energia, que é a essência da magia.

Energia é êxtase. Quando deixamos cair as barreiras e permitimos que o poder nos perpassasse, ele inunda o corpo, pulsando através de cada nervo, despertando cada artéria, seguindo como um rio que purifica à medida que corre. No coração da tempestade, cavalgamos ventos tonitruantes através da mente e do corpo, soluçando uma nota líquida enquanto a voz verte mel resplandecente em ondas de luz dourada, e solicitamos que, ao passarem, tragam a paz. Nenhuma droga pode arrebatá-nos de tal maneira, nenhuma emoção penetrar-nos tão profundamente, pois entramos em contato com a essência de todo o prazer, o cerne da alegria, o fim do desejo. Energia é amor e amor é magia.

De todos os preceitos da magia, a arte de energia em movimento é a mais simples e natural. Ela vem tão facilmente quanto a respiração, como produzir um som. Imagine o poder em movimento e ele se move. Sinta-o fluindo e ele flui, purificando, curando, renovando e revitalizando enquanto passa.

As bruxas concebem as energias sutis como sendo, para uma percepção treinada, tangíveis, visíveis e maleáveis. Elas são, segundo Dion Fortune, “mais tangíveis que a emoção, menos tangíveis que protoplasma”. Podemos aprender a senti-las e a moldá-las numa forma.

As leis da ecologia são as leis da energia. Tudo é interligado; toda ação, cada movimento de forças, transforma o universo. “Não se deve mudar uma coisa sequer, um seixo, um grão de areia, até que se saiba o mal e o bem que advirão desse ato. O mundo está em harmonia e em equilíbrio. O poder do mago de transformar e concentrar pode alterar o equilíbrio do universo. É perigoso esse poder. É por demais arriscado. Ele deve seguir a sabedoria e servir às necessidades. Acender uma vela é projetar uma sombra.”²

O equilíbrio do universo, todavia, não é estático, mas dinâmico. A energia está em constante movimento. Ela não pode ser interrompida. Novamente, utilizando a água como nossa metáfora, quando bloqueamos o seu fluxo ela estagna e torna-se fétida. Quando flui livremente, limpa e purifica. Os rituais, feitiços e meditações da arte concentram-se em auxiliar a energia a fluir.

A energia flui em espirais. Seu movimento é sempre circular, cíclico, ondulado. O movimento espiralado é revelado na forma das galáxias, conchas, remoinhos, ADN. Som, luz e radiação viajam em ondas, que são, elas mesmas, espirais quando vistos em uma superfície plana.³ A lua cresce e minguia, assim como as marés, a economia e a nossa própria vitalidade.

As implicações do modelo espiral são muitas. Essencialmente, significa que nenhuma forma de energia pode ser posta em ação em uma só direção indefinidamente.

Ela sempre alcançará um auge, um clímax e então voltará. Em termos pessoais, a atividade é contrabalançada pela passividade. O esforço deve ser seguido pelo descanso; criatividade por quietude. Os homens não podem viver inteiramente segundo um modelo ativo, nem as mulheres por um passivo – como espera a cultura patriarcal – e serem completos. Ninguém pode ser constantemente criativo, constantemente sexual, constantemente enfurecido ou constantemente *qualquer* coisa que exija energia. Reconhecer essa alternância pode nos ajudar a manter um equilíbrio dinâmico e saudável.

Social e politicamente, movimentos por maior liberdade são, geralmente, acompanhados por movimentos por maior segurança. A expansão é seguida da contração. Os sábios podem aprender a tirar vantagem dessa alternância, em lugar de serem estorvados por ela e privados de ganhos durante cada período de reação. Liberdade e segurança não são metas excludentes.

Ações políticas podem ser mais eficazes se forem conscientemente compreendidas como funcionamentos energéticos. O poder pode movimentar-se através de um grupo ou por um indivíduo, renovando e revitalizando a energia do grupo. Um aspecto importante desse movimento é concentrar a energia depois que ela for elevada, reconhecendo, conscientemente, sua queda, assim com seu auge, e devolvendo-a para a terra, sua fonte elemental. Quando a energia não é concentrada, o grupo permanece “carregado”, como um quarto cheio de eletricidade estática, o que logo se transforma em tensão e ansiedade. Ao invés de gerar uma corrente útil, tais grupos entram em curto-circuito e seus membros “se queimam”.

Comícios, reuniões, conferências e manifestações elevam o poder mas, raramente, os organizadores pensam em depois concentrá-lo. A concentração não precisa ser elaborada; lembrar, simplesmente, de fechar formalmente cada sessão de trabalho ajudará a encerrar o poder. Membros do grupo podem se dar as mãos em um círculo e sentar em silêncio por um instante. Recentemente, há uma tendência crescente no movimento feminista de incorporar o ritual às conferências e manifestações, com o propósito específico de concentrar e canalizar o poder elevado. A seguir, o relato de um ritual de várias mulheres⁴ e eu criamos, em novembro de 1978, como parte de uma conferência sobre violência e pornografia, sob o tema “Devolvam a Noitel”. O clímax do fim de semana foi uma caminhada na parte norte da praia de San Francisco, o coração dos locais de nudismo e massagens. O ritual foi realizado no Washington Square Park, ao final da caminhada.*

As mulheres afluem das ruas. Demora muito mais que imaginávamos. Eu não tinha ideia do que fosse uma multidão de 3.000 mulheres...

As Bruxas, à frente da marcha, aspergem a praia Norte com água salgada. Elas cantam as coplas de Laurel:

*Limpe a lousa com um banho,
Sonhe um novo sonho!*

Na esquina de Broadway com Columbus, as artistas criam um mini ritual ao redor do flutuador. À frente, há uma madona gigante iluminada por velas; atrás, pedaços de carne morta e revistas pornográficas. Um forte símbolo de imagens que reduzem as mulheres a papéis limitados e dolorosos. Elas trazem o flutuador, cantam, rasgam a pornografia até que vire confete. Holly Near Canta.

Esperamos no parque, nervosas demais para sairmos e arriscarmos não estar de volta a tempo. As bruxas chegam na entrada do parque, formando uma linda dupla, um canal de nascimento. Seguram velas acesas e incenso; borrifam as mulheres com água salgada enquanto entram:

*De uma mulher vocês nasceram para este mundo,
Por mulheres você é nascida para este círculo.*

Nós estamos no palco (a traseira do caminhão de Anne). Nosso pano de fundo é a fachada acesa da igreja: uma ironia. Lennie Schwendinger, da *Lighten Up*, criou uma bela iluminação para nós. É a primeira vez que realizo um ritual tão teatralmente, onde luzes fortes nos separam da multidão, que se transforma em “plateia”. Nosso lago de luz parece ser o único mundo – e não estou certa se gosto dele. Atrás de nós, nas árvores, um grupo de acrobatas mulheres, *Fly By Night*, desenvolvem uma lenta, etérea dança.

Nina conduz o cântico:

*Estamos tomando de volta a noite,
A noite é essa!*

As mulheres não dançam, como esperávamos. A imagem da plateia-atriz é forte demais; elas nos olham. Sinto-me desconfortável, insegura sobre o que fazer. O cântico lentamente morre – no entanto, multidões continuam enchendo o parque...

Toni Marcus começa a tocar o seu violino. O som toma conta do parque, elétrico, mágico...

Não podemos adiar mais o início. Tomo o microfone e digo que devemos nos virar, por um instante, e olhar, uma para a outra, verificando como somos belas, como somos reais...

– Ensina-nos que os corpos das mulheres são impuros, que nossa sexualidade nos degrada, que devemos ser virgens ou prostitutas. Mas não aceitamos nenhuma dessas imagens! Ao contrário, levantamos a bandeira da Deusa nua, cujo corpo é a verdade, que está dentro de nós, no espírito humano.

– Afirmamos que nossos corpos são sagrados, pois eles produzem a vida, pois eles são a vida, pois eles *nos* dão prazer, pois com eles realizamos, construímos, pensamos, rimos, criamos e fazemos...

Lee e eu conduzimos o cântico responsivo:

*Nossos corpos são sagrados,
Nossos seios são sagrados,
Nossos ventres são sagrados,
Nossas mãos são sagradas...*

O cântico prossegue em crescendo.

*Nossas vozes são sagradas,
Nossas vozes carregam poder!
O poder de criar!
O poder de transformar o mundo!
Solte-se – deixe que elas se tornem sons –
Cante sem palavras – que elas sejam ouvidas!*

As vozes bradam através da noite! Não um cone – é forte demais, amorfo demais – uma onde gigantesca que varre o parque.

As vozes param. Tranquilamente, conduzo um cântico baixo, suave. Um murmúrio – o zunido de duas mil abelhas, uma vibração profunda...

A partir do murmúrio, Hallie desenvolve a meditação:

– Suavemente, suavemente, comecem agora a sentir a energia da terra sob os seus pés enquanto ela dança conosco...

– Fechem os olhos... sintam a sua força fagulhando através do seu corpo e das mulheres ao redor. Este é o poder que foi gerado pela nossa caminhada, nosso cântico, nossa dança, nossa destruição dos símbolos da violência... Saibam que cada um de nós, e todas nós juntas, temos o poder de transformar o universo. Sintam os efeitos de suas ações derramando-se sobre o mundo... reflitam sobre como suas vidas serão diferentes...

– Abram os olhos e olhem à volta de vocês... vejam nossa força estampada no rosto de cada uma... saibam que somos fortes. Saibam o que as mulheres antigas sabiam... que a noite deve pertencer a nós. Saibam que somos mulheres que retomamos a noite. Saibam que a noite é nossa!

Aplausos, risos, gritos, beijos. Algumas de nós tocam a terra. As mulheres fazem o mesmo. O ritual está terminado.

A natureza sabe melhor. A magia é parte da natureza; ela não contraria as leis naturais. É através do estudo e da observação da natureza, da realidade física e visível, que podemos aprender a compreender o funcionamento da realidade subjacente.

A magia nos ensina a penetrar em fontes de energia que são ilimitadas e infinitas. Não obstante, não há nenhum “almoço grátis”. Para elevar energia devemos despender energia. Não podemos obter sem dar. No trabalho mágico, despendemos nossa própria energia física e emocional e devemos lembrar de nos reabastecermos. A magia é uma arte e uma disciplina, que exige trabalho, prática e esforço antes que possa ser aperfeiçoada. Toda mudança acarreta consequências; algumas visíveis e algumas invisíveis.

Em rituais de *covens*, a energia elevada é, com frequência, moldada para a forma de um cone, o cone do poder. A base do cone é o círculo dos membros do *coven*; seu ápice pode concentrar-se em um indivíduo, objeto ou imagem coletivamente visualizada. Às vezes, é permitido ao cone elevar-se e cair naturalmente como no cântico de poder descrito no capítulo 3. Ele também pode ser enviado em um arroubo de força, direcionado por uma pessoa, que pode estar presente no círculo ou no seu centro. Quando o grupo conhece os exercícios que foram fornecidos no capítulo 3, os seguintes prepararão membros para trabalhos energéticos mais avançados:

EXERCÍCIO 45: CONE DE PODER*

Todos concentram-se e centram-se. De pé ou sentado em um círculo, deem-se as mãos. Comecem com a respiração em grupo e, gradualmente, desenvolvam um cântico de poder sem palavras.

À medida que a energia crescer, visualize-a girando, em sentido horário, ao redor do círculo. Veja-a como uma luz branco-azulada. Ela gira em espiral e toma a forma de um cone – uma concha vertical, uma cornucópia. Retenha a visualização até que brilhe.

As formas de energia que desenvolvemos possuem uma realidade própria. Enquanto o poder se eleva, as pessoas intuitivamente sentirão a forma que ele está assumindo. Quando o auge é alcançado, o cântico torna-se um tom só. Se se tem uma imagem que representa o objetivo do trabalho, concentre-se nela. Algumas vezes, palavras ou frases escapam. Deixe que o poder se movimente até que baixe, repentina ou gradualmente.

Deixe que a energia se vá, caia por terra, relaxe completamente, permitindo que o cone voe até o seu objetivo. Respire profundamente e deixe que o resíduo de poder retorne à terra, para que ela se cure.

Ritmo, tambores, palmas e movimentos de dança, também podem ser usados para desenvolver o cone. Os *covens* devem fazer experiências e sentirem-se livres para tentar vários métodos. Outras palavras, nomes, nomes da Deusa ou do Deus ou encantamentos simples podem ser usados para elevar o poder. A energia também pode ser moldada para outras formas: por exemplo, uma fonte, que sobe e flui de volta para os membros do *coven*, uma forma de onda ou uma esfera brilhante. As possibilidades são infinitas.

EXERCÍCIO 46: CÂNTICO DO VENTRE

(Membros do *coven* deitam-se de costas formando uma roda, com as cabeças para o centro.)

Estique os braços e toque o ventre da pessoa ao lado. Se for homem, coloque a mão no ponto em que deveria haver um útero, o qual é o núcleo do seu centro de energia. Cada um deve pressionar, com as mãos, o ventre do outro.

Concentre-se e centre-se. Comece com a respiração em grupo e o cântico do poder. Enquanto respira, imagine que está respirando pelo útero. Veja-o brilhando, branco, como a lua, enquanto você aspira poder. Veja-o brilhando vermelho com sangue, com fogo criativo. Sinta o poder do útero para criar – não somente o útero físico – mas o útero interior, onde ideias e visões são geradas. Deixe que a sua respiração se transforme em um som que ressoa no útero.

A cada respiração – sinta seu poder – sinta o homem ou a mulher ao seu lado – sinta seu poder – sinta como estamos unidos – como somos fortes quando estamos unidos – respire o poder da visão – respire o poder de criação do útero – e deixe que sua voz transporte esse poder...

O cântico irá em crescendo e morrerá naturalmente. Encerre o poder e termine.

EXERCÍCIO 47: CONCENTRAÇÃO FORMAL

(Este é para ser utilizado em rituais e trabalhos grupais.)

Todos dão-se as mãos. Querendo, todos podem segurar o bastão do *coven*. Elevem-nas bem alto e visualizem o poder fluindo para baixo, através das mãos. Concentrem-se e centrem-se; o líder diz os versos e os membros da assembleia os repetem:

*De fonte para a fonte,
Flua através de mim
Acima e abaixo,
Voltear para revolutear,
Claramente
Esmaeça para crescer.
Pois o desejo,
Que assim seja feito.
Feitiço faça seu trabalho!*

Abaixe as mãos enquanto fala, até que elas (o bastão) toquem o chão. Expire e sinta o poder fluir para baixo.

As bruxas concebem a energia sutil como sendo de três tipos básicos. Repetindo, isso é compreendido como modelo conceitual, não uma doutrina. Cada pessoa também é percebida como um campo energético, com corpos sutis que a circundam e interpenetram o corpo físico.

O primeiro tipo de energia é “elemental” ou energia *raith*, também conhecida como *substância etérea* e *ectoplasma* por alguns ocultistas. Ela é a força sutil dos elementos:

terra, ar, água e fogo, das plantas e animais. A vitalidade elemental sustenta o corpo físico. Alimentamo-nos dela e seu movimento através dos nossos corpos “faz a máquina funcionar”, por assim dizer, atraindo formas mais aprimoradas de poder.

Raith, a energia elemental do corpo, também é chamada de corpo etéreo e corpo vital, pois através dela recebemos vitalidade, energia emocional e física. Ela é o corpo do *self* mais jovem, que a compreende através da consciência da luz das estrelas do hemisfério direito. Suas percepções são, com frequência, mais precisas que as nossas percepções conscientes, mas sua capacidade de expressá-las em palavras é limitada. A *raith* estende-se para fora do corpo físico cerca de apenas um centímetro e aparece, para a maioria dos médiuns, como uma luminosidade azul-acinzentada.

Animais, plantas, água e ar limpos, exercício físico e sexo, aumentam a energia vital. Quando a energia *raith* está baixa, as pessoas tornam-se fisicamente doentes, cansadas e emocionalmente deprimidas. A magia faz uso de grande quantidade de energia vital e qualquer pessoa que pratica regularmente a magia deve tomar cuidado para não se esgotar. Exercício físico regular é um dos melhores métodos para aumentar a energia vital. Estar ao ar livre, entrando, conscientemente, em contato com a natureza e os elementos, também restaura a vitalidade. Tradicionalmente, bruxos também têm animais de estimação especiais, “familiares”⁵, em parte como fonte de energia elemental.

Concentrar-se antes de cada trabalho mágico ou exercício psíquico impede a exaustão. Em lugar de esgotar a nossa própria vitalidade, penetramos diretamente nas fontes ilimitadas de energia elemental da terra. O poder flui através de nós e não a partir de nós.

O segundo tipo de energia pode ser visto como a energia da consciência, dos pensamentos, dos sonhos, fantasias, da mente: energia astral ou áurica. O corpo astral, como é chamado pelos ocultistas, pode ser percebido como o corpo do *self* discursivo. Ele é a força que forma o “plano astral”, a realidade escondida por trás das aparências, o reino dos sonhos, algumas vezes chamado de o Outro Lado. *Raith* e corpo astral, juntos, forma a aura da pessoa⁶ ou campo energético. O corpo astral é menos denso que a *raith* e se estende para fora do corpo físico cerca de vinte e dois centímetros. Se a verdade fosse conhecida, acredito que cada médium a veria de maneiras um tanto diferentes. Para mim, ela aparece como uma nuvem brilhante e nebulosa, algumas vezes ocultando os traços da pessoa. Cores, diferentes das que são vistas pelos olhos físicos, movimentam-se e brincam dentro da aura. Ela é mais forte ao redor da cabeça e mais fácil de ser vista numa luz difusa, contra um fundo simples, especialmente quando eu ou o sujeito estivermos em leve transe.

O corpo astral pode ser projetado para fora do corpo físico. A consciência não é restringida pelas limitações dos sentidos físicos. Experienciais fora do corpo podem ser fortemente sexuais ou podem, simplesmente, envolver a percepção sem que haja visões ou sons. A região da viagem pode ser astral ou material; puramente subjetiva, puramente objetiva ou a mistura de ambos.

O terceiro tipo de energia é a do *self* profundo, dos deuses. É a mais refinada das vibrações e, no entanto, a mais poderosa. Quando invocamos a Deusa e Deus nos rituais, nos associamos a essa energia. Essa associação é o cerne da magia maior, do êxtase místico.

Geralmente, o *self* mais jovem percebe muito mais a energia sutil que o *self* discursivo. Todos somos médiuns, inconscientemente. A dificuldade é descobrir maneiras para traduzir a percepção em termos que a mente consciente a compreenda.

Yogues e ocultistas orientais falam a respeito de abrir o “terceiro olho”, o centro psíquico localizado na glândula pineal, no centro da fronte. Para mim, isso é secundário em relação à abertura dos centros de energia no ventre e no plexo solar, que se ligam diretamente ao *self* mais jovem. Falando em termos menos esotéricos, quando as mentes consciente e inconsciente podem se comunicar livremente, em um corpo físico saudável e altamente vital, a consciência mais elevada despertará naturalmente, em seu próprio tempo. Um instrumento útil para estabelecer esta comunicação é o pêndulo.

EXERCÍCIO 48: EXERCÍCIO DO PÊNDULO

(Um pêndulo pode ser um colar, anel, chave, relógio ou um cristal preso a um fio ou cordão; qualquer coisa que balance livremente e que seja emocionalmente atraente.)

Concentre-se, centre-se e respire profundamente, com o diafragma e a barriga. Segure o pêndulo, levemente, pela ponta da corrente, de modo que fique pendurado cerca de cinco centímetros acima da palma aberta de sua outra mão.

Relaxe e diga para si mesmo que o pêndulo começará a balançar no sentido horário, refletindo a energia em sua mão. Espere tranquilamente. Para algumas pessoas, ele logo começará a girar. (Enquanto ele aparenta mover-se por vontade própria, na realidade movimentos involuntários de sua mão fazem com que se mova. Não tente controlá-lo conscientemente; o objetivo é deixar que o seu inconsciente fale com você através de movimentos musculares refletidos no pêndulo.

Se ele não se mexer, faça o girar algumas vezes, deliberadamente, mostrando ao *self* mais jovem aquilo que você deseja. Algumas pessoas necessitarão de várias sessões antes que o pêndulo funcione.

EXERCÍCIO 49: SENTINDO A AURA: MÉTODO DO PÊNDULO

(Duas pessoas são necessárias para executar este exercício, um transmissor e um receptor. Ambos devem ter tido êxito no exercício 48.)

O transmissor senta-se numa posição relaxada, respirando profundamente com a barriga. O receptor segura o pêndulo de modo que ele balance cerca de 61 centímetros acima da cabeça do transmissor. Ambos concentram-se e centram-se.

Lentamente, o receptor baixa o pêndulo, dizendo para si que ele irá girar quando atingir a aura do transmissor. Pratique até que você sinta a borda ou coroa da aura. Quando o pêndulo reagir uniformemente, explore o perfil do corpo astral. Busque as áreas de tensão e observe vórtices de energia.

Alternar posições e repetir.

EXERCÍCIO 50: SENTINDO A AURA: MÉTODO DIREITO

Mais uma vez, o transmissor senta-se numa posição relaxada, respirando profundamente. Ambos concentram-se e centram-se. O receptor abaixa a mão, palma virada para o transmissor, para dentro do capô da aura. Pára quando sente a borda brilhante e mais extremamente sutil: um ligeiro formigamento, calor, uma diferença quase imperceptível, talvez, apenas, súbita ânsia de parar. Explore o corpo astral com as mãos, de novo buscando áreas de tensão, que podem se manifestar como frio, ausência de energia ou, simplesmente, como inquietação. Sinta os centros de poder do corpo também. Divida as impressões com o transmissor e compare os resultados com o método do pêndulo.

Alternar posições e repetir.

EXERCÍCIO 51: ENFRAQUECIMENTO E PROJEÇÃO DE ENERGIA

(O transmissor senta-se em uma posição relaxada. O receptor pode fazer uso do método do pêndulo ou do método direto de perceber a aura.)

Concentre-se e centre-se. O receptor localiza a aura do transmissor, acima da coroa de sua cabeça. Pede ao transmissor que faça a Meditação da Árvore da Vida e, à medida que a energia se eleva, que a visualize como uma forte corrente de água fluindo, jorrando de sua cabeça como uma fonte. O receptor observa o balanço do pêndulo tornar-se mais forte e rápido com o aumento da energia ou sente a diferença através de sua mão.

O receptor pede ao transmissor que enfraqueça a energia; visualiza-se enfaixado com ataduras ou sufocado em um purê de batatas. Sente a mudança; vê o movimento do pêndulo diminuir.

Pratique até que o transmissor torne-se perito em projetar e enfraquecer a energia e o receptor torne-se versado em perceber a mudança. Faça um teste consigo pedindo que o transmissor enfraqueça ou projete poder sem, antes, informar ao receptor, o qual deve ser capaz de sentir o que está acontecendo. Alterne as posições e pratique, também, a projeção e o enfraquecimento de energia através de outros centros de poder que descobriu.

EXERCÍCIO 52: VENDO A AURA

(Este exercício é melhor quando feito em grupo. Cada um dos membros pode trabalhar alternadamente, assumindo o papel de sujeito. Todos devem ser capazes de perceber a aura.)

Monte um fundo simples, um tecido preto ou um lençol branco. O médium deve ficar de pé à frente ou nele deitado, e se possível, nu. Todos devem concentrar-se, centrar-se e relaxar com um dos exercícios do capítulo 3, o qual produzirá um estado de transe leve. A iluminação deve ser fraca.

Respire profundamente, com o diafragma e deixe que os olhos relaxem. Explore ligeiramente o espaço ao redor do paciente. Você poderá ver uma fina e brilhante linha à volta do seu corpo, a *raith*. Ao redor dela, procure o corpo astral – que parece uma névoa – que pode aparecer brilhando ou como uma sombra, estranhamente mais clara que o fundo. Para alguns, o corpo astral aparecerá, simplesmente, como uma tênue diferença entre o primeiro plano e o fundo – uma oscilação, como ondas de calor num radiador. Ela pode surgir e se apagar, mudar, movimentar-se e se transformar, mas, gradualmente, se tornará mais estável à medida que você se acostuma à visão astral.

As cores na aura possuem várias interpretações. Em lugar de seguir uma regra determinada, “sinta e veja” por si mesmo. A qualidade da cor é extremamente esclarecedora – é ela nítida e vívida ou obscura e fosca? Que pensamentos desencadeia em você? O que sente? Sente-se atraído ou repellido por ela? Quais as associações que produz em você? Partilhe suas percepções e regenerações; com tempo e experiência, você será capaz de interpretar aquilo que vê.

O médium pode exercitar projeção e enfraquecimento da energia e os vedores podem aprender a enxergar a energia se movimentando. Em sessões posteriores, os médiuns podem, também, praticar a projeção de cores e formas de energia. Quanto mais os membros do grupo praticarem, mais aguçadas suas percepções serão.

Quando tiver aprendido a perceber ou a ver a energia nas pessoas, você será mais sensível às formas e níveis de poder nos rituais. Objetos inanimados podem também armazenar certa quantidade de poder sutil. (Ver capítulo 4.) Examine seus utensílios mágicos e perceba a aura do poder.

Ter consciência da energia é ter consciência da grande dança do universo. Aparentemente intangível, ela sustenta tudo aquilo que podemos tocar. É o único fluxo eterno e constante, apesar de ser a mudança constante. A consciência de sua própria

energia é a consciência de que a carne e o espírito são uma só entidade, que você é a Deusa, eternamente ligado, associado, em uníssono com o espírito que tudo move.

Notas

¹ Barry Commoner, *The Closing Circle* (Nova York: Knopf, 1971), p. 18.

² Ursula K LeGuin, *A Wizard of Earthsea* (Nova York: Bantam Books, 1975), p. 44.

³ Uma maneira fácil de visualizar isso é examinando uma mola de criança: uma espiral formada de anéis de metal. Estique-a e observe-a de lado: ver-se-á formas onduladas.

⁴ Além de mim, Hallie Iglehart, Nina Wise, Ann Hershey, Lee Schwing, Helen Dannenberg, Diane Broadstreet, Lennie Schwendinger e Toni Marcus, assim como outros, participaram do planejamento e execução deste ritual.

⁵ “Familiares” podem ter vários usos. Eles podem adivinhar; um gato pode apontar ervas para feitiços ou cartas de tarô com a pata, por exemplo. Eles podem “concentrar” energia negativa; gatos são especialmente bons quanto a isso e não saem prejudicados. Cães porejam vitalidade e não é possível esgotá-los ou exceder sua energia. Durante rituais e trabalhos mágicos, no entanto, animais, muitas vezes, tentarão entrar no círculo e absorver o poder. Animais, às vezes, tornam-se agitados quando as pessoas entram em transe e deixam seus corpos e tentarão “trazê-las de volta” pulando em suas barrigas, mordendo seus pés e lambendo seus rostos. Animais devem ser extremamente bem treinados ou excluídos do quarto durante o trabalho de transe.

⁶ Alguns sistemas ocultistas postulam uma outra hierarquia de corpos “mentais” e “espirituais”. Esforcei-me em apresentar um sistema conceitual que é simples o suficiente para ser apreendido com facilidade e viável e consistente com a tradição da arte e a minha própria experiência. Repito que se trata de uma metáfora elaborada, não uma verdade sagrada. Se outras metáforas trabalham melhor para você, use-as!



Entre os Mundos

Eu digo: – Relaxe, respire profundamente e olhe para dentro do poço – o poço além do fim do mundo... invoque a sombra que você viu no sonho.

Valerie mergulha profundamente no transe. Sua aura brilha; seu rosto desaparece sob ela. Ela suspira; uma sombra turva o brilho.

– Ela está aqui... agora eu a vejo – a mesma sombra que vi há meses – é a mulher que apareceu em meu sonho ontem à noite e roubou meu trabalho de mim.

– Com quem ela se parece?

– Alta, gelada. Sua face é feita de lâminas, girando ruidosamente.

– Como você se sente?

– Com medo.

– O que você deve fazer?

– Lutar com ela... derrotá-la.

– Pergunte seu nome.

Aguardamos. A sombra torna-se mais escura.

– Ela recusa-se a dizer.

– Exija que ela o diga.

– Não posso; não consigo pegá-la.

– O que precisa para pegá-la?

– Poder.

– Onde está o poder?

– Em meu bastão.

Silenciosamente atravesso o quarto, tomo seu bastão do altar e o coloco em sua mão flácida. Seus dedos apertam o bastão. Centelhas que saem de uma batalha interior dançam em volta de sua cabeça.

– Seu nome é ira – diz Valerie, baixinho.

– Quem é ela?

– Sou eu.

– O que você deve fazer?

- Tornar-me ela, absorvê-la.
- Como você se sente?
- Com medo. As lâminas me cortarão.
- Sim.
- Não serei forte o bastante.
- Você o é.
- Como posso ter certeza?
- Porque você foi capaz de conhecer seu nome.

Ela inspira o ar. Sua aura explode em fogos vermelhos e violetas. Seu corpo treme; ela soluça, grita, arfa.

- Ela está me sufocando.
- Continue respirando – profundamente – relaxe.

Ela ofega. O rosto está suado. Delicadamente, enxugo sua face. Há um clarão branco sobre sua cabeça; ela suspira, relaxando. Seu rosto está desanuviado novamente.

- Consegui. Eu a absorvi. Eu sou ela.
- Como se sente?
- Forte. Em paz.

“Aqueles que buscam novos estados da mente – devotos do controle da mente, entusiastas de grupos de encontro, os que tomam drogas, médiuns, os que meditam – todos estão em uma viagem para o universo interior tentando romper os limites da mente socialmente condicionada. Se é aceitável ou inaceitável, moral ou imoral, sábia ou tola, a mente do homem está se movimentando em direção a uma nova evolução.”

Dra. Barbara Brown¹

O universo é uma dança de energias, um uni-verso, uma canção única de ritmos e harmonias em constante transformação. Sustentando a melodia do mundo físico existe rica interação de contrapontos e composições harmônicas. Vemos somente uma fração de faixa de radiação que forma o espectro; ouvimos apenas reduzindo número de possíveis frequências do som. Comumente, tomamos consciência de uma melodia isolada; ouvimos exclusivamente o flautim em uma orquestra infinita. Entrar em transe é mudar e expandir a nossa percepção: captar a batida dos tambores, os violinos soluçantes, o lamento dos saxofones, conhecer as harmonias entrelaçadas que são tocadas em novos tons e nos emocionarmos com a extraordinária sinfonia.

Estados de transe, estados de consciência incomuns, têm sido nomeados de várias maneiras: expansão da percepção, meditação, hipnose, “ficando alto”. Técnicas de transe são encontradas em todas as culturas e religiões – do cântico rítmico de um xamã siberiano às associações livres no divã de um analista freudiano. A ânsia em romper os limites da mente socialmente condicionada parece ser uma necessidade humana profundamente enraizada. Existe infinita variedade de possíveis estados de transe. Todos experimentamos o transe leve toda vez que entramos em um devaneio; concentramo-nos profundamente; assistimos a uma peça, filme ou programa na TV; quando voltamos a nossa atenção para dentro e esquecemos o mundo sensorial. Em estados profundos, podemos ter experiências como a descrita por John C. Lilly:

“Penetrei numa região de estranhas formas de vida, nem acima e nem abaixo do nível humano, mas seres estranhos, de estranhos formatos, metabolismos, formas de pensamento e assim por diante. Tais seres lembravam-me alguns dos desenhos que havia visto, de deuses e deusas tibetanos, de antigas representações gregas de seus deuses e alguns monstros de olhos arregalados da ficção científica.”²

Níveis mais profundos de transe podem revelar sentidos paranormais, percepção mediúnica e pré-cognição. Podemos ter empatia e entrar em contato com outros seres e outras formas de vida; em Bali, a palavra para *transe* significa “tornar-se”.

Ocultistas e metafísicos deleitam-se em tentar classificar, definir e ordenar os vários estados de consciência, processo algo semelhante ao de tentar medir uma nuvem com uma régua. Não entrarei em detalhes sobre este assunto, pois sinto que posso criar a errônea impressão de que conhecemos mais sobre esses estados do que na realidade. Quando impomos uma ordem linear, do cérebro esquerdo para um padrão complexo do cérebro direito, ficamos inclinados a acreditar que adquirimos controle sobre o fenômeno; no entanto, nada mais fizemos que apontar para algumas estrelas com o raio de luz de nossa lanterna. Classificar a consciência estimula, também, os jogos de isolamento do tipo “sou mais elevado do que tu”. Pessoas despendem energia definindo em qual estado se encontram, como se a consciência fosse uma escola secundária cósmica, onde os terceiranistas estivessem autorizados a tratar com superioridade as crianças do jardim de infância. A questão não é o nível em que nos encontramos, mas o que estamos aprendendo.

Compartilhar e comparar experiências de transe e ler a respeito de descrições de estados alterados de percepção podem, todavia, propiciar *insights* valiosos. Uma das coisas mais importantes a ser compreendida é que os estados de transe tanto são subjetivos quanto objetivos. Há uma série contínua de experiências, parte da qual é relevante somente para o universo interior do indivíduo e parte que pode ser dividida e reconhecida pelos outros. Aquilo que tem início na imaginação torna-se real, mesmo que essa realidade seja de natureza diferente da realidade dos sentidos físicos. É a realidade das correntes de energia subjacentes que molda o universo.

A percepção comum é um processo dos sentidos físicos. Aquilo que vemos, ouvimos, sentimos, cheiramos ou provamos é posteriormente condicionado pela linguagem, o conjunto de símbolos culturais que nos permite nomear aquilo que percebemos. O nome dá forma a um estímulo sensorio amorfo transformando-o em algo reconhecível e familiar, guiando a nossa resposta. Mas, a percepção no estado de transe não é limitada pelos sentidos físicos. “Cores astrais” não são visas pelos olhos físicos; sons são “ouvidos” apenas em nossa mente. As correntes de energia sutil não se encaixam em modelos sensoriais. Nossa linguagem não as nomeia e não possui palavras que as descrevam adequadamente.

A percepção do transe deve ser traduzida para as modalidades que conhecemos. O que fazemos, basicamente, é construir um elaborado mundo metafórico para representar a realidade daquilo que é chamado de *astral*. Se formos competentes o bastante no assunto, criaremos sentidos metafóricos que “veem”, “ouvem”, “sentem”, “cheira” e “provam”. Essas percepções pseudossensoriais são, então, mais extensamente interpretadas por um sistema simbólico que atende às nossas expectativas. Por exemplo, Lilly descreve o encontro com dois prestimosos “guias”, que “podem ser dois aspectos da minha própria prática em nível de superego. Eles podem ser entidades em outros espaços, em outros universos além da nossa realidade consensual. Eles podem ser constructos e conceitos úteis que utilizo para a minha

própria evolução futura. Eles podem ser representantes de uma escola esotérica oculta. Eles podem ser conceitos operando em meu próprio biocomputador humano em nível supra-humano. Eles podem ser membros de uma civilização há milhares de anos à frente da nossa.”³ Um cristão devoto, no entanto, poderá chamar as mesmas entidades de “anjos” ou, talvez, “santos abençoados” e vê-los com asas, harpas, auréolas e toda a indumentária apropriada. Um bruxo poderá chama-las de as duas partículas associadas da consciência que se encontram no interior do *self* profundo e “vê-las” sob a forma de formas masculinas e femininas que brilham com uma luz azul.

A visão astral é sempre uma mistura do subjetivo com o objetivo. Formas sensoriais e interpretações simbólicas são subjetivas, aquilo que encobre as entidades e energias objetivas. Se essas entidades são forças internas ou seres externos depende de como definimos o *self*. É mais romântico e excitante (e, provavelmente, mais verdadeiro) vê-las pelo menos parcialmente externas; é psicologicamente mais saudável, e provavelmente mais inteligente, vê-las como internas. Uma coisa pode ser interna e ainda assim ser objetiva, ser real. Uma neurose, ou conflito, por exemplo, pode ser certificada como real por terceiros antes mesmo de ser percebida pela pessoa. E nada externo pode ser admitido na psique a menos que uma força interna, correspondente, o permita. Nenhuma “entidade” pode possuir um espírito que nega sua entrada.

Energias astrais podem ser moldadas em formas que serão duradouras e percebidas por mais de uma pessoa. Crenças e imagens coletivas também moldam energias astrais e criam “espaços” e seres. Céu, inferno e terra da juventude existem todos no campo astral. As formas de energia que criamos coletivamente, por sua vez, nos moldam e ao mundo em que vivemos.

Formas astrais podem ser “estabelecidas” em objetos físicos. Quando povos antigos afirmavam que ídolos *eram* os seus deuses, queriam dizer que a forma astral do deus encontrava-se instalada na estátua. Em *Moon Magic*, Dion Fortune descreve o estabelecimento de uma forma de energia em um local de trabalhos mágicos, o qual “tem que ter o seu templo astral construído sobre ele e esta é a parte realmente importante; e isto foi o que fizemos – sentamo-nos e imaginamos – nada mais – *mas* – trata-se da imaginação de uma mente treinada!

“Assim sendo, nos sentamos, minha amiga e eu... e visualizamos o templo de Ísis como o havíamos conhecido, próximo ao vale dos reis, nos grandes dias de culto. Imaginamos seus amplos contornos, e então o imaginamos detalhadamente, descreve do aquilo que víamos, até que cada uma de nós pudesse vê-lo cada vez mais nitidamente. Imaginamos a chegada através da avenida de esfinges; o grande pilono; dos têmenos cercado; o pátio com seu lago de lótus; suas colunatas ensombradas e o grande corredor com seus pilares... E, enquanto fazíamos isso, alternadamente olhando e descrevendo, as cenas fantasiadas começaram a tomar o perfil de uma realidade objetiva e nos encontrávamos nelas; não olhávamos para elas como o olho da mente, mas andávamos nelas. Depois disso, inexistiu esforço de concentração, pois a visão astral tomara o controle.”⁴

A consciência pode viajar no campo astral de várias maneiras diferentes. A “projeção astral”, descrita por vários ocultistas, envolve a separação do corpo astral de seu alojamento físico, mantendo apenas um fio de energia etérea à guisa de conexão. Em outras palavras, é a criação de um estado metafórico completo, vívido e sensorial, através do qual todas as percepções podem ser compreendidas. O corpo astral pode movimentar-se através do universo físico, embora com dificuldades. Mais

frequentemente, ele permanece dentro da área de energia e formas de pensamento que são o campo astral.

Também é possível projetar somente a consciência, sem a construção de um “corpo”. A “sensação” física diminui e muita prática pode ser necessária a fim de se alcançar a nitidez e a aprendizagem para interpretar percepções, porém esse método suga menos energia e é menos perigoso.

O corpo astral, quando projetado, “alimenta-se” da *raith* e a prática pode ser desvitalizante se exercitada com muita frequência. É comum voltar sentindo frio extremo e muita fome. Quando aprendendo a entrar em estados de transe, é importante proteger a saúde do corpo físico comendo bem, dormindo o suficiente e fazendo exercícios regulares.

Um trabalho de transe de qualquer tipo deve ser levado a cabo somente em local reservado e seguro, onde se possa permanecer sem ser perturbado. Como o transe diminui, temporariamente, suas percepções em relação ao mundo externo e seus perigos, parques, praias públicas, ruas, ônibus, onde se pode ser assaltado, agredido ou molestado, não são locais adequados. Organize um círculo protetor ao redor de seu corpo antes de deixá-lo, mediante ritual elaborado ou visualização simples. Isso criará uma barreira de energia, garantindo segurança no plano astral do mesmo modo que se a assegurou no terreno físico.

Estados de transe oferecem várias possibilidades além da projeção astral. O transe libera o tremendo potencial inerente à nossa consciência inaproveitada. Podemos ampliar nossa sensibilidade, crescimento e criatividade.

No transe, somos mais sugestionáveis, um fato que sustenta os usos mais comuns da hipnose. A sugestionabilidade pode ser assustadora se a percebermos como sendo uma abertura para que pessoas controlem e explorem outras. Na realidade, o *self* ignora quaisquer sugestões que contradigam princípios éticos e morais ou desejos pessoais profundamente arraigados. A sugestão, por si só, não transformará a pessoa honesta em ladrão, nem tampouco alguém, contra sua vontade, em assassino. A Arte ensina o uso da sugestão para ajudar-nos, conscientemente, a direcionar nossas próprias mentes, não a mente de outros. À medida que aumentamos nossa percepção em relação ao funcionamento da sugestão, e aprendemos a usá-la deliberadamente em nós mesmos, nossa sugestionabilidade, no que concerne os outros, parece diminuir. O inconsciente não está mais isolado e sim em constante comunicação com a mente consciente e não pode ser programado com facilidade sem consentimento consciente.

Podemos fazer uso de nossa sugestionabilidade para a cura emocional e física. Mente e corpo estão unidos e o nosso estado emocional contribui para a doença, independentemente se esta for puramente física ou psicossomática. A sugestão pode auxiliar na aprendizagem, aumento da concentração e maior criatividade. Ela pode, também, estimular novas formas de percepção e despertar sentidos mediúnicos.

O transe estimula a visão e a imaginação e revela novas fontes de criatividade. Quando as barreiras entre inconsciente e consciente são ultrapassadas, ideias, imagens, planos e soluções para problemas brotam livremente. Como a visão holística do hemisfério direito é despertada, ela torna-se uma rica fonte de *insights* de novas e originais abordagens em relação às situações.

As capacidades psíquicas também aumentam sob o transe. Todos somos médiuns, inconscientemente. O *self* mais jovem percebe os fluxos de energia, comunica sem palavras, sente as correntes do futuro e sabe como canalizar o poder. No transe,

podemos nos tornar conscientes dessa consciência e perceber e moldar as correntes que movimentam nossas vidas.

Finalmente, no transe descobrimos a revelação. Invocamos e nos tornamos Deusa e Deus, ligados a tudo aquilo que é. Experimentamos união, êxtase, abertura. Os limites de nossa percepção, a fixação em uma única nota da canção, são dissolvidos: além de ouvirmos a música, dançamos a rodopiante e alegre dança espiral da existência.

O transe, no entanto, pode ser perigoso, pela mesma razão que pode torná-lo valioso: porque ele abre os portões da mente inconsciente. Para atravessar os portões, devemos enfrentar aquilo que foi chamado pelos ocultistas de Guardiã ou Sombra do Portal: a corporificação de todos os impulsos e qualidades que jogamos no inconsciente pois a mente consciente considera-os inaceitáveis. Tudo aquilo que somos e sentimos que não deveríamos ser – sexistas, irados, hostis, vulneráveis, masoquistas, culpados, sentindo ódio de nós mesmos e até mesmo, talvez, poderosos ou criativos – posta-se na passagem entre o *self* mais jovem e o *self* discursivo, não permitindo que entremos até que o encaremos de frente e reconheçamos a nossa essencial humanidade. Nenhum medo é maior do que o temor de nossa própria sombra e nada é mais destrutivo do que as defesas que adotamos a fim de evitar o confronto.*

Os verdadeiros perigos da magia não brotam do Guardiã ou da Sombra, nem de entidades ou forças externas. Elas brotam de nossas estratégias de defesa, que podem se tornar mais intensas e rígidas pelo transe e magia, bem como pelo fanatismo e drogas. A magia pode nos ajudar, também, a dissolver essas estratégias, enfrentar o Guardiã – um processo que, na atualidade, nunca é tão assustador quanto o seu pressentimento –, e ganharmos limpamente. Mas, a menos que as pessoas estejam dispostas a encarar o medo e a enfrentar as suas próprias qualidades negativas, serão derrotadas por aquilo que o bruxo yaqui, Dom Juan, denominou de “o primeiro de seus inimigos naturais: medo! Um inimigo terrível, traiçoeiro e difícil de ser superado. Ele fica escondido em cada curva do caminho, espreitando, esperando”.⁵

Existem muitas maneiras de correr da Sombra. Algumas pessoas simplesmente a negam e jamais entram em confronto. Outras tentam destruir a sombra através da destruição de si mesmas, por meio de drogas ou álcool.

Uma estratégia de defesa apreciada por várias pessoas “espirituais” é uma elaborada forma de negação, a alegação de que o indivíduo “está além” das qualidades sombrias da sexualidade, ira, paixão, desejo e egoísmo. Muitas religiões trabalham exclusivamente nessa estratégia. Padres, pastores, gurus e “mestres iluminados”, que adotam a postura de superioridade transcendental, produzem forte atração nas pessoas com sistemas de defesa similares, que são capazes de escapar de seus confrontos pessoais através de identificação com membros de um grupo “iluminado” de elite. Desse modo, cultos nascem e se perpetuam.

Mas, essa estratégia de evitação é acompanhada por tremenda ansiedade. Não importa o quanto afirmemos nossa transcendência e desprendimento, a sombra permanece. Podemos tentar ser mais humanos – até mesmo alcançar um grande sucesso, quase milagres – mas permanecemos falíveis, vulneráveis. Essa pode nos conduzir a atos espúrios de autossacrifício e masoquismo ou ao martírio espontâneo, tal como desesperada tentativa para controlarmos o medo da sombra.

Victor Anderson, um sacerdote da tradição das fadas, conta a história de quando era jovem, começando a estudar a Arte, e do seu encontro com dois guias brilhantes e belos no campo astral, que lhe disseram deveria fazer uma escolha. Se desejasse

grande poder mágico, deveria desistir de duradouro amor em sua vida. Sua resposta foi “poderes do mal, fora daqui! Caiam em escuridão exterior! Eu terei tanto poder quanto amor”.

– Como você sabia que eram maus? – perguntei.

– Nenhum ser verdadeiramente prestimoso exigirá que se abra mão de algo que é natural e belo – respondeu.

“Espíritos maus” não são, necessariamente, entidades externas: podem ser elementos da mente inconsciente. Grupos que reforçam sentimentos de superioridade, separação da corrente principal da vida e supressão das fraquezas e falibilidades, reforçam as defesas de seus membros e interrompem seu crescimento pessoal.

O lado leviano da estratégia de superioridade gera a doença e a fraqueza. Em lugar de negar e fingir transcender as qualidades da sombra, esse tipo de pessoa as admite, mas as interpreta como sendo doenças físicas ou mentais. A sedução da doença é que ela absolve o indivíduo da responsabilidade e permite que ela ou ele deleite-se na passividade. Com muita frequência, a autodefinição da doença é amparada por terapeutas e “profissionais prestativos”, que têm interesse dissimulado em ver os outros como doentes.

A doença como defesa é caracterizada pela culpa. Tais pessoas, em regra, sentem-se responsáveis por coisas que, na realidade, não estão sob seu controle. Sua sombra é o seu próprio e temido poder, o qual percebem de maneira ampla e onipotente. Se o exercício da magia for usado incorretamente, para reforçar sentimentos de onipotência, os efeitos podem ser devastadores para essas pessoas.

A projeção é outra estratégia favorita. Quando as qualidades negativas do Guardiã são percebidas, é fácil simplesmente impulsioná-las para fora e transferi-las para alguma outra pessoa ou grupo. O apelo especial dessa estratégia é que a projeção cria conflito, que é dramático, excitante e distrai. Em uma forma extremada, no entanto, ela degenera em paranoia. Tais pessoas nunca se sentem completamente seguras ou aceitas. Visto que projetam raiva e hostilidade para fora, sentem hostilidade em todos os lugares que as cercam.

Obviamente, todos fazemos uso de muitas estratégias, mas a maioria prefere um tipo específico. Ninguém pode ser forçado a um confronto com a sombra, nem tampouco o processo pode ser apressado. Ele deve acontecer em seu próprio tempo. Como, por exemplo, a confrontação do transe que abre este capítulo é o registro de uma sessão real, ocorrida entre mim e um dos membros do meu *coven*. Ela foi, no entanto, a culminância de vários meses de trabalho e treinamento. Em sessões anteriores, Valerie havia conseguido chamar a sombra, mas não fora capaz de obter o seu nome. Ela ainda não estava pronta para confrontá-la e absorvê-la. Se tivéssemos forçado a confrontação, poderia ter sido extremamente destrutivo ou simplesmente inútil. Mas, quando chegou a hora certa, ela viu-se apta a aceitar as qualidades que, anteriormente, lhe pareceram tão ameaçadoras. O processo provocou uma profunda integração de sua personalidade e o florescimento do seu poder pessoal e criativo, a tal ponto que fui levada a “passar o bastão” da assembleia para ela, que agora é sacerdotisa de *Compost*.*

Uma das funções de um *coven* é apoiar e orientar cada um no(s) confronto(s) com o guardião. Nem sempre isso acontece de maneira tão direta, como no exemplo precedente; na realidade, membros não treinados não devem trabalhar entre si desse modo, que pode ser tão prejudicial quanto a psicanálise amadora. Membros da assembleia prestam melhor ajuda recíproca simplesmente não sendo seduzidos pelas

estratégias de defesa do outro. “Transcendentes” jamais devem ser idolatrados ou colocados em um pedestal (mesmo se for uma sacerdotisa). O que eles mais precisam é serem amados por suas fraquezas, seus erros e sua humanidade, assim como por sua força.

Visionários, às vezes, têm, literalmente, que lutar para resolver seu confronto com outra pessoa. O processo pode destruir o *coven*, a menos que seja compreendido corretamente. Outros membros do grupo devem evitar tomar partido ou prestar atenção à causa externa da discórdia. É igualmente importante resistir à tentação de jogar um ou ambos para fora do grupo, exceto como último recurso. Numa verdadeira batalha da sombra, as emoções serão muito mais fundas do que os eventos parecem indicar. Ela é caracterizada por declarações como “não suporto a maneira como ela me faz sentir” ou “ela provoca o que há de pior em mim”. O grupo não deve acatar as projeções das partes envolvidas. Se forem dedicadas ao grupo e ao seu próprio crescimento, irão, eventualmente, confrontar a sombra de sua raiva.

É uma grande tentação amar, mimar e encobrir as pessoas que se definem como doentes. Também é uma tentação perder a paciência com as mesmas, de estimulá-las a se “animarem”, pararem de choramingar e começar o dia com um sorriso. Nenhuma das abordagens ajuda. Tais pessoas necessitam ter o seu poder reconhecido por aquilo que é e também precisam ter os seus limites reconhecidos. Precisam de apoio para lutar e funcionar, não para recuar de volta à doença ou à culpa incapacitante. Elas precisam ser amadas pelo seu poder.

Na aprendizagem do transe, estamos, na verdade, aprendendo a “mudar a consciência pela vontade”, o que implica controle. Drogas que alteram a mente não são utilizadas em magia (pelo menos não pelos sábios), pois elas destroem este controle.* Nenhuma droga pode forçar uma confrontação com o Guardião; na melhor das hipóteses, ela pode eliminar a defesa, que pode ser a única coisa que se encontra entre o *self* e o terror absoluto. Com mais frequência, ela simplesmente reforça as defesas existentes em um nível mais profundo e destrutivo. A superioridade torna-se complexo de salvador; a doença pode transformar-se em psicose; a projeção pode vir a ser uma verdadeira paranoia. Em sociedades tradicionais, onde drogas são utilizadas para estimular visões e êxtase religioso, a experiência é controlada e solidamente estruturada sob bases mitológicas. Xamãs e sacerdotisas possuem profunda compreensão dos vários estados que a mente pode alcançar e sabem como orientar as pessoas através desses estados. Entretanto, não vivemos em uma sociedade tradicional. Vivemos em uma sociedade baseada sobre produtos, onde até mesmo a iluminação, não é verdadeiramente magia. O trabalho, treinamento e disciplina da magia pode levar a um transe sensual parecido com o que é produzido pela maconha e o objetivo do ritual é a visão extática e a sensação elevada de encantamento como as encontradas nas viagens com LSD. Mas, a magia também revela estados infinitamente mais sublimes e sutis, ensinando-nos não apenas a atravessar o portão mas, também, como retornar. A consciência não é, como declara Timothy Leary, um fenômeno químico. A química é um fenômeno da consciência.

A melhor proteção, quando se aprende a entrar em transe – ou ao se aprender qualquer outra coisa –, é ter senso de humor. Nada daquilo sobre o qual você é capaz de rir a respeito, independentemente de ser um demônio, espírito, OVNI, anjo, guia, guru, professor, visão, entidade desincorporada ou algum aspecto de você mesmo, pode possuí-lo. Ninguém pode ser completo se for incapaz de rir de si próprio.

A expansão da consciência tem início com os sonhos. “É o que chamamos de porta sem chave, que é também a porta dos sonhos; Freud encontrou-a e usou-a à luz do dia; nós, que somos iniciados, usamo-la à noite.”⁶ Muitos volumes foram escritos sobre a “revelação à luz do dia”: o trazer para a consciência desperta o material dos sonhos do inconsciente. Aqui, me restringirei a apontar aspectos interpretativos que são especialmente pertinentes à magia.

Os sonhos, enquanto a linha mais direta de contato com os processos subjetivos do *self* mais jovem, também podem conter elementos objetivos. Alguns sonhos refletem, através da linguagem simbólica, conhecimento direto das correntes astrais. Eles podem fornecer *insights* dos motivos, planos ou emoções ou de determinadas informações sobre eventos externos das pessoas. Imagens de sonhos nem sempre são um aspecto do indivíduo: às vezes, elas são a pessoa ou coisa que parecem ser, apesar de geralmente existir algo no indivíduo que ressoa com a força externa.

Quando começamos a trabalhar conscientemente com mitologia e símbolos mágicos, nossos sonhos refletem essas imagens e devem ser interpretados sob esta luz. Para uma bruxa, por exemplo, uma cobra é muito mais do que um símbolo fálico freudiano: ela é o símbolo da Deusa, da renovação e regeneração.

Manter um diário de sonhos, lembrar dos sonhos, partilhá-los no *coven* e retornar a eles quando em transe ou fantasia orientada, são maneiras de abrir a porta sem usar a chave. Aprender a assumir o comando ativo de nossos sonhos, sugerir temas, mudar sonhos enquanto acontecem, de enfrentar atacantes e derrotar inimigos, são maneiras de “revelar-se à noite.”⁷

Existem muitos métodos de indução ao transe, mas todos parecem funcionar sobre um, ou mais, dos quatro princípios relacionados: relaxamento, redução sensorial, ritmo e tédio. A tensão física obstrui o estado de transe. A maioria das induções tem início com um relaxamento deliberado, como no exercício 9. Quando o transe vem após uma atividade vigorosa, por exemplo sucedendo-se à elevação do cone do poder, o relaxamento pode ocorrer naturalmente.

A redução sensorial foi investigada em uma pesquisa descrita por Robert Ornstein em *The Psychology of Consciousness*. Quando sujeitos fitavam uma imagem fixa, depois de um certo tempo ela parecia desaparecer. Simultaneamente, ondas alfa eram registradas em seus eletroencefalogramas. O ritmo alfa tem sido apresentado como característico da meditação e relaxamento profundo. Ornstein conclui que “uma consequência da maneira em que o nosso sistema nervoso central está estruturado parece ser que, se a percepção é restrita a uma fonte imutável de estimulação, segue-se um ‘desligamento’ da consciência do universo externo. As instruções habituais para a meditação concentrada enfatizam isto.”⁸

Pouco se conhece a respeito da neurofisiologia da percepção. Mas, as antigas técnicas de transe e contemplação de cristais sempre envolviam a redução da percepção sensorial, com frequência para uma fonte imutável de estimulação: a chama de uma vela, uma bola de cristal, um espelho negro, uma tigela escura com água ou uma espada brilhante.

O ritmo, independentemente de ser experimentado em movimento, canção, bater de tambores, cântico ou métrica poética, induz, também, a um estado de percepção aumentada.* Religiões afro-americanas dependem grandemente das danças e tambores rítmicos para induzir o estado de transe no qual os cultuadores tornam-se “montados” ou possuídos pelos orixás, os Deuses e Deusas. O ritmo métrico da poesia, segundo Robert Graves, induz ao transe de aguçada sensibilidade. Na tradição da Arte,

acreditava-se que certos ritmos poderiam induzir a estados emocionais específicos. Tamborileiros acompanhavam, originalmente, os exércitos porque seus ritmos faziam com que os homens lutassem loucamente. (Esse segredo, pelo que sei, foi perdido por ambos, militares e *covens* de bruxas, somente para ser redescoberto pelos produtores de música para discoteca.) Induções de transe faladas são sempre suaves, monótonas e rítmicas.

O tédio pode também provocar o transe, conforme gerações de crianças em idade escolar descobriram através de seus devaneios. Quando não somos estimulados sensorial, emocional ou mentalmente, a percepção volta-se para outro lugar. A repetição é importante na indução do transe; ele cria um estado de segurança e familiaridade. A mente “desliga-se” do estímulo repetido e “sintoniza-se” em outro canal.

O estado de transe é mais facilmente aprendido em grupo, com a ajuda de outros. Mais adiante, é fácil usar os mesmos exercícios sozinho. Apresentarei os próximos exercícios como se um líder estivesse falando para um grupo. Um círculo deve ser organizado antes dos exercícios e as advertências devem ser repetidas depois que todos estiverem relaxados.

EXERCÍCIO 53: ADVERTÊNCIAS*

– Você está prestes a ingressar em um estado mental muito profundo e muito confortável, onde estará perfeitamente seguro e perfeitamente protegido.

– Você estará consciente de qualquer perigo no mundo exterior e despertará de imediato, perfeitamente alerta e capaz de reagir e funcionar.

– Você permanecerá lúcido e consciente todo o tempo, capaz de concentrar-se completamente.

– Você se recordará de tudo o que experimentar.⁹

– A qualquer momento que precisar ou desejar, poderá despertar total e completamente.

– Quando despertar, você se sentirá revigorado, renovado e cheio de energia.

Induções variam extensamente. Use qualquer imagem que funcione para você: mergulhar na água, descer um elevador, cair na toca do coelho na história de Alice, descer uma escada em espiral ou o que você quiser inventar. Aqui está minha indução oral preferida:

EXERCÍCIO 54: ARCO-ÍRIS: INDUÇÃO AO TRANSE*

(Comece com o exercício 9, relaxamento. Todos devem estar deitados, confortavelmente relaxados.)

– Respire profundamente – você estará flutuando para baixo... para baixo... em uma bela nuvem vermelha, todo seu corpo é vermelho – enquanto você segue solto e flutuando... balançando suavemente... cada vez mais fundo... mais fundo... para baixo...

(Repita, uma vez cada, com uma nuvem

Alaranjada

Amarela

Verde

Azul

E violeta.)

– Aterrisse muito suavemente... muito calmamente... no centro de uma pérola branca e redonda. Veja-a brilhando, calmamente, suavemente...

– Agora vire-se e fique de frente para o leste...

E para o sul...

E para o oeste...

E agora para o norte.

– Abra todos os seus sentidos interiores.

O primeiro exercício de transe é para criar um local de poder interno, um espaço seguro que serve como a “base” para todas as viagens de transe. Após a indução, continue:

EXERCÍCIO 55: O LOCAL DE PODER

– Em breve, você ingressará em um novo espaço, um local onde estará completamente seguro e protegido, onde mantém o controle e o contato com suas fontes mais profundas de força. Pode ser ao ar livre ou do lado de dentro; ele pode conter qualquer coisa ou pessoa que você queira. Ele é completamente seu. Onde quer que esteja, em qualquer estado de consciência que possa estar, você pode voltar para o seu local de poder, simplesmente visualizando-o.

– Agora, vire-se e fique de frente para a direção que for a mais confortável para você. Na parede da pérola, desenhe um pentagrama de invocação. Se quiser, pode usar um símbolo seu, que será a chave secreta para o local de poder. Veja o símbolo brilhar com chama azul-escuro. Respire profundamente – aspire – expire. Veja a parede se abrindo e entre para o seu local de poder.

– Você se encontra em seu local de poder. Vire-se e fique de frente para o leste. Preste atenção ao que vê, ouve, sente e percebe. (Pausa.)

– Vire-se e fique de frente para o sul. Preste atenção ao que você vê, ouve, sente e percebe. (Pausa.)

– Vire-se e fique de frente para o oeste. Preste atenção ao que você vê, ouve, sente e percebe. (Pausa.)

– Vire-se e fique de frente para o norte. Preste atenção ao que você vê, ouve, sente e percebe. (Pausa.)

– Agora, vire-se e fique de frente para o leste e diga adeus. (Pausa.)

– Vire-se e fique de frente para o sul e diga adeus. (Pausa.)

– Vire-se e fique de frente para o oeste e diga adeus. (Pausa.)

– Vire-se e fique de frente para o norte e diga adeus. (Pausa.)

– Agora, procure seu símbolo. Veja-o brilhando. Veja-o se abrindo. Respire profundamente – aspire – expire – e ande de volta para a pérola.

Sair de um transe é tão importante quanto entrar.* Disponha de tempo para emergir lenta e suavemente, revertendo cada processo da indução. Ficar de freio para as direções é importante, pois você é forçado a orientar-se no espaço interno, a *estar* nos cenários, não simplesmente vê-los, como no cinema. Isso também reforça o círculo protetor, e a repetição a cada transe, reforça a profundidade do estado.

EXERCÍCIO 56: O ARCO-ÍRIS: EMERSÃO

– Na pérola, prepare-se para despertar. Quando acordar, você se sentirá revigorado, alerta, renovado e cheio de energia. Você se recordará de tudo o que experimentou. Agora, vire-se e fique de frente para o leste... depois para o sul... depois para o oeste... depois para o norte. Respire profundamente... aspire... expire...

– Você está flutuando para cima... para cima... em uma bela nuvem violeta e todo o seu corpo é violeta enquanto você flutua suavemente para cima...

– Numa bela nuvem azul... para cima... para cima... todo o seu corpo é azul e você está começando a despertar suavemente e flutua suavemente para cima...

- Numa bela nuvem verde... todo o seu corpo é verde... enquanto você flutua suavemente... para cima... para cima...
- Numa bela nuvem amarela... cada vez mais acordado... todo o seu corpo é amarelo... enquanto você flutua suavemente... para cima... para cima...
- Numa bela nuvem alaranjada... cheio de energia e vitalidade... todo seu corpo é alaranjado... enquanto você flutua para cima suavemente...
- Numa bela nuvem vermelha... quase inteiramente acordado agora... e todo o seu corpo é vermelho enquanto você flutua suavemente... lembrando-se de tudo...
- E, num instante, você contará até três e despertará totalmente e voltará a si sentindo-se revigorado, renovado e cheio de energia... respire profundamente... aspire... e expire... um... dois... três...
- Abra seus olhos e acorde.

Ocasionalmente, médiuns não saem do transe. Não há motivo para se alarmar; simplesmente significa que passaram do transe para o sono. Desperte-os delicadamente, tocando-os ou chamando-os por seus nomes.

A cristalomancia envolve concentração num objeto: uma bola de cristal, uma tigela com tinta ou uma tigela escura com água, ou um espelho pintado de preto a fim de se ver mediunicamente.

EXERCÍCIO 57: CRISTALOMANCIA

Organize o círculo. Concentre-se e centre-se. Sente-se numa posição confortável e contemple o seu cristal ou objeto de atenção. Algumas pessoas preferem que o quarto esteja completamente às escuras; outras, acendem uma vela. A iluminação nunca deve ser forte.

Relaxe e espere tranquilamente. Não force que nada venha. Muitas pessoas sentem medo e insegurança: “isso não funcionará para mim”; “eu não estou fazendo corretamente”. Reconheça os temores, relaxe-os e deixe que se dissolvam.

Depois de um tempo – e isso pode exigir uma prática regular durante várias sessões – a superfície do cristal pode “enevoar-se” com energia *raith*. Para algumas pessoas, as nuvens se tornam límpidas e imagens aparecem no cristal. Outras fecham os olhos e veem as imagens com o olho interior. Ambos os métodos são válidos; escolha aquele que vier mais facilmente.

Para encerrar, deixe as nuvens voltarem e, então, disperse-as. Veja o cristal como o objeto sólido que é. Cubra-o e abra o círculo.

EXERCÍCIO 58: SUGESTÃO

Visto que a sugestão funciona através do *self* mais jovem, ela é mais eficaz com a linguagem da imagística e dos símbolos. A sugestão pode ser incorporada no transe. Em lugar de afirmações verbais, crie uma cena mental mostrando os resultados que deseja. Se quer superar a timidez, veja-se em uma grande festa comportando-se com encanto e elegância. Se quer ser mais rico, veja-se ganhando dinheiro. Se deseja ser curado, veja-se saudável e ativo.

Organize um círculo, entre em transe e vá par ao seu local de poder. Oriente-se nas quatro direções.

Crie a sua sugestão em seu local de poder. Faça com que ela seja a mais vívida, real e sensual quanto possível. Leve o tempo que for necessário para fazê-la.

Deixe a sugestão em seu local de poder. Ela criará raízes e crescerá e tornar-se-á a sua realidade.

Despeça-se das quatro direções e saia do transe.

EXERCÍCIO 59: MEMÓRIA

Organize um círculo, entre em transe e oriente-se no local de poder. Fique de frente para a direção na qual você se sentir mais confortável.

À sua frente, existe um caminho. Procure-o e ache-o. Agora siga-o, olhando ao redor, prestando atenção ao que vê e ouve, sente e percebe. Continue seguindo-o, cada vez mais adiante.

O caminho conduz a uma colina. Suba a colina e comece a descer, indo para baixo... para baixo... circulando pelos lados da colina.

Na descida, você verá a entrada de uma caverna que conduz para dentro... para as profundezas da colina. Encontre a caverna e fique de pé diante da entrada.

Dentro da caverna encontram-se todas as suas memórias, desta vida e de todas as existências prévias. Em breve, você entrará na caverna. Você será capaz de nela adentrar o quanto desejar, explorar qualquer túnel, qualquer gruta. Se tiver alguma recordação específica que queira experimentar, retenha-a em sua mente e será conduzido ao local certo. Se existe uma lembrança que não está preparado para enfrentar, o caminho estará obstruído.

Respire profundamente, inspire, expire e, enquanto você conta até três, entre na caverna de suas memórias. Leve o tempo que for necessário para a sua exploração. (Conceda-se, no mínimo, dez minutos.)

Agora, prepara-se para voltar de suas memórias. Faça-o lentamente. Retorne para a entrada da caverna.

Respire profundamente – inspire e, enquanto você expira, conte até três e saia da caverna. Expire; conte um, dois, três.

Saia da caverna e suba novamente a colina. Suba para o topo, seguindo o caminho de volta para o seu local de poder.

Despeça-se das quatro direções e saia do transe.

EXERCÍCIO 60: TRANSE DO SONHO

Organize o círculo, entre em transe e oriente-se em seu local de poder. Fique de frente para a direção na qual sinta-se mais confortável.

Você vê um novo caminho, um caminho secreto e tortuoso que conduz a um rio. Vá até ele. Percorra-o. Olhe ao redor, prestando atenção ao que vê, ouve, sente e percebe ao longo do caminho.

Pare à beira do rio. Do outro lado está o reino dos sonhos. Quando penetrar nele, poderá explorar ou mudar seus sonhos ao bel-prazer. Enfrentará e poderá derrotar os inimigos; aprenderá com os amigos. Agora, imagine o sonho em que deseja penetrar e veja a sua paisagem se formar do outro lado do rio.

Respire profundamente, novamente. Inspire. Ao expirar, atravesse o rio. Sinta a água fria em seus pés e repare em seus movimentos e brilho.

Respire profundamente, novamente. Inspire. Ao expirar, alcance a outra margem, para dentro do reino dos sonhos. Expire. Sinta novamente o chão firme sob seus pés.

Você se encontra, agora, no reino dos sonhos. Leve o tempo que for necessário para a sua exploração, para mudar e descobrir seus sonhos.

Agora, prepare-se para deixar o reino dos sonhos. Despeça-se de quaisquer seres que tenha encontrado e complete a sua exploração. Volte para o rio.

Novamente, respirando profundamente três vezes e dando três passos, atravesse o rio. Entre, ande por ele e saia do outro lado. Sinta as pedras sob seus pés; ouça e veja a água.

Siga o caminho de volta para o seu local de poder.

Despeça-se das quatro direções e saia do transe.

Sonhos também podem ser explorados através da contemplação de cristais. Um grupo pode visualizar a imagem de um sonho num cristal ou tigela de água e explorá-

la. Por exemplo, aqui está o relato parcial do transe grupal das imagens de um sonho de Holly, no qual um grupo de mulheres idosas olhava para a foto de uma foca num jornal. Uma delas diz: “A foca trará a juventude eterna.”

Estamos em uma praia – ondas – música ao longe vinda de um carrossel – Holly está no lago – seu pai diz que ela nada como um peixe...

Agora há um farol – uma buzina de nevoeiro, espuma à volta das rochas – o som de focas...

Holly está na água, seu cabelo flutuando atrás dela como os cabelos de uma sereia – todos nadamos debaixo das rochas, a água é cristalinamente azul – as rochas são feitas de cristal...

Há uma caverna debaixo das rochas – Valerie a reconhece de um sonho que teve há tempos – algumas pessoas queriam mergulhar dentro da caverna; ela advertiu-as para que não fossem, mas elas foram. Elas não puderam sair. A caverna está cheia de ossos.

Cruzamos a caverna e chegamos a uma cidade de vidro. Torreões e torres de cristal brilhante elevam-se sob o mar... peixes coloridos andam nas paredes de vidro translúcido... descemos um longo corredor através de passagens góticas com arcos transparentes...

A cidade está girando – somos arremessados dela, rodopiando de volta para a caverna.

Na caverna há uma foca. A foca vigia uma fonte. “A foca trará a juventude eterna.” Bebemos da fonte.

Uma vez que esteja familiarizado com as técnicas de transe, poder-se-á criar imagens próprias e fazer uso do estado de transe para vários tipos de experiências. Pode-se invocar uma parte negativa de si, como Valerie na abertura deste capítulo, ou chamar seu *self* profundo para seu local de poder e receber ajuda, ensinamentos e conselhos. Pode-se buscar respostas para perguntas, beber da fonte da inspiração, morrer e renascer.

Nos rituais, todos os elementos de indução ao transe (com exceção, espero, do tédio), estão presentes. A liberação de energia com o cone de poder cria o relaxamento. O espaço é escuro e a atenção pode ser concentrada nas chamas das velas ou no caldeirão central. Cânticos, invocações e movimentos são rítmicos e repetitivos. Induções ao transe são um elemento belo e natural do ritual em si. Com frequência, envolvem múltiplas vozes, um efeito difícil de ser reproduzido numa página impressa. Na indução a seguir, imagine as linhas agrupadas sendo lidas simultaneamente, como uma partitura musical.

EXERCÍCIO 61: INNDUÇÃO RITUAL

1ª Voz: Seus dedos estão se dissolvendo em água, e seus

2ª Voz: (Pausa) Seus dedos estão se dissolvendo em

3ª Voz: Du-uuu-ur-ma pro-fu-um-da-ame-een-te, e

1ª Voz: dedos do pé estão se dissolvendo em água, e seus pulsos

2ª Voz: água, e seus dedos do pé estão se dissolvendo em água

3ª Voz: so-oo-oo-nhe em tornar-se,

1ª Voz: estão se dissolvendo em água, e seus calcanhares estão

2ª Voz: e seus pulsos estão se dissolvendo em água, e

3ª Voz: so-oo-nhe proo-fuun-uun-daa-meem-te,

1ª Voz: dissolvendo em água, e suas mãos estão se dissolvendo

2ª Voz: seus calcanhares estão se dissolvendo em água, e seus

3ª Voz: e du-uu-uuu-uur-maa,

1ª Voz: em água, e seus pés estão se dissolvendo em água,

2ª Voz: mãos estão se dissolvendo em água, e seus pés estão

3ª Voz: Du-uuu-uuuu-ur-ma proo-fuun-daa-meen-te, e

1ª Voz: e seus antebraços estão se dissolvendo em água, e suas

2ª Voz: dissolvendo em água, e seus antebraços estão se dissolvendo

3ª Voz: so-oo-oo-nhe em tornar-se,

1ª Voz: suas panturrilhas estão se dissolvendo em água, e suas

2ª Voz: solvendo em água, e suas panturrilhas estão se dissolvendo

3ª Voz: Re-ee-ees-pii-ii-re proo-fuun-daa-meen-te,

1ª Voz: cotovelos estão se dissolvendo em água, e seus joelhos

2ª Voz: em água, e seus cotovelos estão se dissolvendo em

3ª Voz: e du-uu-uu-uur-ma.

Continue com essa indução até que todo o corpo esteja relaxado. Outra voz pode então retomar e prosseguir orientando o transe e, posteriormente, despertar os componentes. Quando os membros do *coven* trabalham bem juntos, a orientação também pode ser dividida entre vários membros, os quais, por sua vez, criam parte das imagens.

Rituais de mistérios, como os da Feitiçaria, seguem um padrão de indução e revelação. Mistérios são ensinamentos que não podem ser apreendidos apenas pelo intelecto, mas só pela mente profunda que se torna acessível através do transe. Eles podem ser transmitidos por um objeto – um feixe de trigo, como nos mistérios eleusínios –, por uma fase-chave ou um símbolo. O segredo em si pode ser insignificante, quando fora de contexto; somente na estrutura do ritual adquire o seu poder iluminador.

A predição, através da quiromancia, cartas de tarô, astrologia e interpretação de oráculos, é outro método para despertar a mente profunda. Não disponho de espaço, nem mesmo para dar início a uma discussão que fizesse justiça a tão vasta prática, exceto destacar que todas as técnicas divinatórias trabalham, em essência, para enfocar a consciência e empregar a intuição e a percepção aguçadas que são possíveis no transe. Atualmente, essas técnicas não são utilizadas para a “leitura da sorte”, mas como métodos de aconselhamento espiritual e psicológico.

FESTEJANDO*

Após o transe, o processo de retornar ao mundo e finalizar o ritual começa com a divisão de alimentos, que podem ser, na realidade, qualquer coisa desde suco a biscoitos e leite. Algumas vezes, uma refeição completa é partilhada; outras vezes, um *coven* pode preferir frutas e suco de maçã ou champanhe e caviar. Os gostos e recursos dos membros são as únicas limitações.

A sacerdotisa e o sacerdote (ou outros membros) elevam um prato de comida e um copo e dizem uma benção que é simples e, com frequência, espontânea:

BENÇÃO DE BOLOS E VINHO

Toda a vida é sua,
Todas as frutas da terra
São frutos do seu ventre,
Sua união, sua dança.
Deusa (e Deus)
Agradecemos pelas bênçãos e abundância.
Junte-se a nós, festeje conosco, divirta-se conosco!
Abençoada seja.

Uma pequena libação pode ser despejada no fogo ou no caldeirão. A taça é passada ao redor do círculo e cada membro agradece pelas coisas boas que aconteceram desde o encontro anterior. Enquanto comem, os membros relaxam, riem, brincam e conversam, ou falam sobre o ritual e planejam encontros futuros. O aspecto social do ritual é parte essencial do fortalecimento e preservação dos laços do grupo. Dividir alimentos é partilhar um símbolo tangível de amor e carinho. É importante que essa parte do ritual seja divertida, uma recompensa para o *self* mais jovem por ter se submetido a todo o trabalho sério de ritual e magia.

É de vital importância encerrar formalmente a reunião e romper o círculo. Tendo penetrado entre os mundos quando começamos o ritual, devemos, deliberada e conscientemente, voltar para nosso espaço e tempo habituais. Somente dessa maneira podemos preservar a integridade do espaço e tempo do ritual. Jamais se deve permitir que as pessoas saiam antes de o círculo ser aberto e a transição de volta para a consciência comum estiver concluída.

DESPEDIDA DA DEUSA E DO DEUS*

O poder do ritual deve ser concentrado, caso isto já não tenha sido feito. A sacerdotisa (ou quem quer que tenha desempenhado as invocações) vai até o altar e posta-se de frente para a assembleia, na posição do pentagrama. Ela diz,

*Deusa e Deus
Agradecemos a vocês
Por sua presença,
Pelo seu círculo,
Pela luz e amor,
Pela noite e transformação,
Pedimos a bênção
Quando vocês nos deixarem.
Salve e adeus! Abençoados sejam.*

ABRINDO O CÍRCULO*

A sacerdotisa vai a cada uma das quatro direções, alternadamente, e desenha o pentagrama da expulsão (vide ilustração do exercício 15), dizendo

*Guardiões do leste (sul, oeste, norte), poderes do ar (fogo, água, terra)
agradecemos a vocês
Por terem se juntado ao nosso círculo
E pedimos a sua bênção
Quando nos deixarem.
Que haja paz entre nós
Agora e sempre. Abençoados sejam.*

Ela eleva sua *athame* para o céu e toca a terra com ela; a seguir, abre seus braços e diz

*O círculo está aberto, mas não rompido,
Possa a paz da deusa
Estar em seus corações,
Feliz encontro e feliz partida.
E feliz encontro novamente. Abençoados sejam.*

Notas

¹ Barbara Brown, *New Mind, New Body* (Nova York: Harper & Row, 1974), p. 17.

² John C. Lilly, *The Center of the Cyclone* (Nova York: Julian Press, 1972), p. 49.

³ Lilly, p. 39.

⁴ Dion Fortune, *Moon Magic* (Nova York: Weiser, 1972), pp. 81-82.

⁵ Carlos Castaneda, *A Erva do Diabo* (Record/Nova Era, 1970), p. 79.

⁶ Fortune p. 76.

⁷ Para uma investigação adicional sobre a ação dos sonhos, ver Patricia Garfield, *Creative Dreaming* (Nova York: Simon & Schuster, 1975).

⁸ Robert E. Ornstein, *The Psychology of Consciousness* (San Francisco: W. H. Freeman, 1972), p. 126.

⁹ A visão tradicional do transe e da hipnose é a de que o sujeito esquece a experiência, presumivelmente para que o médico ou psiquiatra encarregado possa trazer à tona informações do inconsciente que o paciente ainda não está preparado para enfrentar. O trabalho do transe na Arte, no entanto, é direcionado para ensinar o médium a controlar o seu próprio estado de consciência e, portanto, a memória torna-se de vital importância. Se ele não estiver pronto para encarar certas informações, não entrará em contato com as mesmas. É considerado incorreto intrometer-se nos segredos do outro.



Entre os Mundos

A DEUSA NO REINO DA MORTE*

Neste mundo, a Deusa é vista na lua, a luz que brilha na escuridão, aquela que traz a chuva, que move as marés, senhora dos mistérios. E, enquanto a lua cresce e mingua, e anda três noites do seu ciclo de escuridão, diz-se que a Deusa, certa vez, passou três noites no reino da morte.

Pois, no amor, ela sempre busca seu outro self e, uma vez, no inverno do ano em que ele havia desaparecido da terra verde, ela o seguiu e chegou, finalmente, aos portões além dos quais os vivos não entram.

O guardião do Portão desafiou-a e ela desnudou-se de suas roupas e joias, pois nada pode ser levado para aquela terra. Por amor, ela estava confinada como todos os que ali penetram, e foi conduzida à morte.

Ele a amava e ajoelhou-se aos seus pés, deitando diante dela sua espada e coroa, deu-lhe o beijo quántuplo e disse,

– Não retorne ao mundo dos vivos, mas permaneça aqui comigo e tenha paz, descanso e conforto.

Mas ela respondeu:

– Por que você faz com que todas as coisas que amo e prezo murchem e morram?

– Senhora – disse ele –, é destino de tudo aquilo que vive morrer. Tudo passa, tudo se esvai. Eu trago conforto e consolo para aqueles que cruzam os portões, para que possam juvenescer. Mas você é o desejo do meu coração, não volte, fique aqui comigo.

E ela ficou com ele durante três dias e três noites e, ao final da terceira noite, Ela tomou sua coroa, que se tornou o diadema que ela colocou em seu pescoço, dizendo:

– Eis o círculo do renascimento. Através de você todos saem da vida, mas através de mim todos podem nascer novamente. Tudo passa, tudo muda. Mesmo a morte não é eterna. Meu é o mistério do ventre, que é o caldeirão do renascimento. Penetre em

mim e me conheça e estará liberto de todo medo. Pois se a vida é somente uma viagem para a morte, a morte é somente uma passagem de volta para a vida e, em mim, o círculo sempre gira.

Amorável, ele penetrou-a e, assim, renasceu para a vida. No entanto, ele é conhecido como o senhor das sombras, o confortador e o consolador, aquele que abre os portões, rei da terra da juventude, o que dá paz e descanso. Mas, ela é a mãe graciosa de toda a vida; dela todas as coisas nascem e para ela devem retornar novamente. Nela estão os mistérios da morte e do nascimento; nela encontra-se a realização de todo amor.

Mito Tradicional da Arte

A iniciação é a morte e renascimento simbólicos, um rito de passagem que transforma cada pessoa que passa por essa experiência. Na arte, ela indica a aceitação para o *coven* e a lealdade profunda e pessoal à Deusa. Ela é uma dádiva de poder e amor que os membros do *coven* oferecem um ao outro: a experiência dos segredos interiores que não podem ser ditos, pois vão além das palavras. Para o indivíduo, ela se torna uma transformação que causa revelação e compreensão e estimula maior crescimento e mudança.

O tempo certo de uma iniciação é importante. Tradicionalmente as bruxas aprendizes eram solicitadas a estudar durante “um ano e um dia” antes que pudessem ser iniciadas. Essa regra nem sempre é seguida nos *covens* atuais, mas, não obstante, é uma boa norma. O treinamento mágico não ocorre da noite para o dia. Ele é, conforme já foi dito, um processo de remodelagem neurológica, que exige tempo. A não ser que uma iniciada seja capaz, até certo ponto, de canalizar energia e entrar em estados alterados de consciência, ela não se beneficiará profundamente do ritual.

Existe, ainda, outro aspecto mais sutil quanto ao tempo certo. Iniciação significa também “começo” e aquilo que é iniciado é o processo de confrontar o guardião do portal. Uma recém-iniciada[†] pode não ter ainda enfrentado a sombra, mas deve guardar o compromisso de fazê-lo. A regra do guardião – “melhor cair sobre a minha lâmina e perecer do que tentar com medo em seu coração” – não significa que se deva ser destemida, mas que se esteja disposta, apesar do medo, de seguir adiante e não fugir, de enfrentar suas defesas, apesar de o processo poder ser doloroso. “Você está disposta a sofrer a fim de aprender?”, lhe perguntam, pois a aprendizagem e o crescimento sempre envolvem dor.

Quando um aprendiz é capaz de confrontar outras pessoas no grupo, encarar problemas, assumir responsabilidade pelos seus sentimentos e ato, e espera e deseja influenciar o desenvolvimento do grupo, provavelmente está pronto para a iniciação. Ele deve solicitar a iniciação, pois não se está preparado até que perceba, ele e mais ninguém, que controla o andamento do seu progresso na arte. A iniciação cria forte ligação emocional e profundo laço astral entre os membros do *coven*, portanto considere muito cuidadosamente quem você irá iniciar.

Morte e renascimento são os temas da iniciação. A morte é a raiz de nossos medos mais profundos e a verdadeira face da sombra. Ela é o terror por trás da vulnerabilidade, o horror do aniquilamento que tememos que a nossa ira ou poder provoquem. Como no mito, o que nos leva a arriscar tal confronto é o desejo e a ânsia

[†] Um iniciado pode ser mulher ou homem; ao longo do livro faço uso alternado dos termos.

por aquelas partes separadas de nós mesmos que se encontram do outro lado do abismo, sendo que somente elas podem nos completar e liberar para podermos amar. Pois, onde não há coragem, não há amor: o amor exige honestidade, que é assustadora, caso contrário não passa de fingimento. Ele requer vulnerabilidade, ou ele é vazio. Ele faz uso do nosso poder mais profundo ou, então, carece de força. Ele nos leva a confrontar a tristeza, perda e morte.

E, desse modo, aprendemos o mistério: a temida sombra, o Guardião do Portal, é ninguém menos que o Deus, que é chamado de Guardião dos Portões, em sua aparência de morte.

Devemos nos livrar de nossas defesas, pretensões, máscaras, papéis, de nossas “roupas e joias”, tudo o que assumimos e vestimos, a fim de cruzar o portal e ingressar no reino interior. A porta abre somente para o corpo desnudo da verdade, livre de correntes, nosso reconhecimento da mortalidade.

A morte é sedutora, pois, uma vez que o assustador portal é atravessado, não mais existe medo. O medo e a esperança são dissolvidos; tudo o que resta é o descanso, repouso, alívio, abençoado vazio, o nada. Mas, como torna-se o diadema do renascimento, e os laços de ligação transformam-se no elo umbilical da vida. A morte faz parte da vida e aprendemos o grande mistério, não como doutrina, não como filosofia, mas como experiência: não há aniquilamento.

Tradicionalmente, os rituais de iniciação são secretos, mesmo que somente para preservar o elemento surpresa. Meus sentimentos são algo ambíguos quanto à publicação de uma de nossas iniciações, mas sinto que o livro não seria completo sem ela. Omiti material secreto das fadas e concentrei-me em vários dos elementos criativos do ritual, que geralmente são reescritos para cada novo membro. O que se segue não deve ser entendido como um roteiro imutável, mas como um esquema para que você possa criar os seus próprios rituais.

Uma iniciação começa com um ciclo de morte, a encenação de uma dissolução, destruição simbólica e purificação. Um elemento de testificação é, às vezes, incluído. Quando no campo, uma aprendiz pode ser levada a um caminho desconhecido e solicitada a achar a direção ao longo dele. A intervalos, guias revelarão segredos ou apontarão o rumo. Na praia, a uma aprendiz com os olhos vendados, poder-se-á pedir-lhe que ache o seu caminho através de aromas, sons e, finalmente, que despreze o medo e ande confiantemente em direção às ondas, onde mãos protetoras a conduzirão de volta. Quando em interiores, um aprendiz pode ser solicitado a manter silêncio solene e deitar-se quietamente, enquanto uma máscara de gesso é moldada em seu rosto e, enquanto isso, meditando até que a mesma seque. Na iniciação de Paul, lhe foi pedido que fechasse os olhos e, a seguir, conduzido ao jardim. A intervalos, lhe era permitido que abrisse os olhos; uma luz piscava a revelações eram feitas; por exemplo, mostraram-lhe uma espiga de milho e lhe foi dito “eis *Kore*, a donzela”. Mostraram-lhe uma rosa e lhe foi dito “sinta a flor e o espinho”. Mostraram-lhe uma folha rendilhada, comida por insetos, e lhe foi dito “veja como a vida se alimenta da vida”.

Ele, então, foi deixado a sós para que meditasse sobre o céu, enquanto retornamos para dentro, dispomos o círculo e preparamos o banho ritual.

O mar, ou água corrente, é o local ideal para o banho ritual, mas a maioria usa banheiro comum. Os membros do *coven* fazem a Purificação da Água Salgada; sal é adicionado à água do banho e é carregada com o poder de purificar e renovar. Ervas e óleos apropriados são utilizados: eu uso pétalas de rosas, folhas de louro, visco, verbena, arruda, algumas gotas de óleo da sacerdotisa ou Deusa e água de Delfos.

Incenso e velas são acesos. O aprendiz, com os olhos vendados, é levado para a banheira, lavado por outros membros do *coven*, enquanto cânticos são entoados. Pedem-lhe que medite, purifique-se, resolva quaisquer dúvidas e busque um novo nome. É deixado a sós.

Membros do *coven* finalizam os preparativos para o ritual e invocam a Deusa, Deus e seres poderosos da Arte. Um membro, que age como responsável pela aprendiz, volta-se para ela, enxuga-a e assegura-se de que esteja pronta para ingressar no círculo. Ela amarra, frouxamente, fino cordão de algodão nos pulsos da aprendiz, dizendo: “Ela foi atada como deve ocorrer com todos os seres vivos que penetram no reino da morte.” E também amarra o cordão em um dos tornozelos, acrescentando: “Pés nem atados nem livres”, como reconhecimento de que a adesão à Arte é uma escolha espontânea, mas, uma vez que a pessoa trilha esse caminho, movimenta correntes que a impulsionarão para a frente. O responsável pergunta à aprendiz seu novo nome e a conduz até o círculo, onde um portal foi aberto na direção leste.

Um membro do *coven*, escolhido para ser o desafiador, avança com uma espada ou *athame* e pergunta:

– Quem vem a este portal?

A aprendiz, instruída de antemão, responde:

– Sou eu, _____ (seu novo nome), filha da terra e do céu estrelado.

Desafiador: – Quem responde por você?

Responsável: – Sou eu, _____, que falo por ela. – O desafiador coloca a ponta da lâmina no coração da aprendiz e diz:

– Você está prestes a entrar em um vórtice de poder, um lugar além da imaginação, onde nascimento e morte, escuridão e luz, alegria e dor, se encontram e são uma só coisa. Você está prestes a dar um passo entre os mundos, além do tempo, fora dos domínios da vida humana.

– Você, que está postada no portal dos temíveis seres poderosos, possui coragem para realizar essa prova? Pois, saiba, é melhor tombar sobre a minha lâmina e perecer, que tentar com medo em seu coração!

A aprendiz responde:

– Entro neste círculo em perfeito amor e perfeita confiança.

O desafiador toca a terra com a ponta de sua lâmina, dá-lhe um beijo e leva-a para o interior do círculo dizendo:

– Deste modo todos são trazidos para o círculo.

A sacerdotisa e/ou sacerdote, agora, conduzem a aprendiz para cada um dos quatro cantos, no sentido do sol, dizendo:

– Salve, guardiões das torres de observações do leste (sul, oeste, norte) e todos os seres poderosos da Arte. Eis _____ (novo nome), que agora será feita sacerdotisa e bruxa.

A aprendiz retorna ao altar. A sacerdotisa ajoelha e dá-lhe o beijo quádruplo, nas partes do corpo nomeadas, dizendo:

Abençoados são seus pés, que conduziram você a estes caminhos.

Abençoados são seus joelhos, que se ajoelham no altar sagrado.

Abençoado é o seu sexo, sem o qual não existiríamos.

Abençoados são os seus seios, formados em força e beleza.

Abençoados são os seus lábios, que falarão os nomes sagrados.

A aprendiz é, então, medida com um cordão fino, da cabeça aos pés. O cordão é cortado; ela é medida ao redor da cabeça e do tórax. Nós são feitos para marcar as medidas. A sacerdotisa enrola o cordão e pergunta à aprendiz:

– Você está disposta a prestar o juramento?

Aprendiz: – Sim, estou.

Sacerdotisa: – Você está disposta a sofrer para aprender?

Aprendiz: – Sim.

A sacerdotisa toma a mão da aprendiz e, com uma agulha corretamente purificada pelo fogo e água (isto é, esterilizada), espeta seu dedo, derramando algumas gotas de sangue nas medidas.

Sacerdotisa: – Repita depois de mim:

‘Eu, _____, espontânea e solenemente juro proteger, ajudar e defender minhas irmãs e irmãos da Arte.

Sempre manterei em segredo tudo o que não deve ser revelado.

Juro pelo ventre de minha mãe e pelas minhas esperanças de vidas futuras, ciente de que minhas medidas foram tiradas, na presença dos seres poderosos.’

A aprendiz é solicitada a se ajoelhar, colocar a mão sobre a cabeça e a outra sob o calcanhar, e diz:

– Tudo que está entre minhas duas mãos pertence à Deusa.

Assembleia: – Assim seja!

Membros do *coven* agarram-na subitamente, levantam-na (se possível) e carregam-na três vezes ao redor do círculo, rindo e gritando. Eles viram seu rosto para baixo diante do altar e a impelem para o chão. Gradualmente, a força que usam transforma-se em carícia. Cantam o seu novo nome, elevando um cone de poder sobre ela, dando-lhe poder para abrir sua percepção e trabalhar a magia. A venda é removida e lhe é dito:

– Saiba que as mãos que lhe tocaram são as mãos do amor.

O Papel da Deusa é proferido e outros mitos, mistérios e segredos são revelados. Geralmente, à recém-iniciada é concedido algum tempo para contemplar o cristal, para descobrir as suas fontes pessoais de poder e inspiração. Ela é informada dos nomes usados, nos *covens*, pelos demais membros, o nome interno e símbolos do *coven*.

O responsável consagra-a nos seios e na fronte, com óleo e com o símbolo do *coven*. A sacerdotisa devolve-lhe as medidas, dizendo:

– Na época das fogueiras, quando cada membro do *coven* mantinha as vidas dos outros em suas mãos, isto teria sido guardado e usado contra você, caso colocasse em perigo os outros membros. Entretanto, nestes tempos mais afortunados, o amor e a confiança devem prevalecer; assim, leve isto, guarde-o ou queime-o e esteja livre para permanecer ou ir, de acordo com o que diz seu coração.

A neófito é, então, aparelhada com um conjunto de instrumentos, os quais foram feitos ou reunidos por outros membros do *coven*. Um por um, lhe são entregues, seu uso explicado e, por fim, são consagrados e carregados. (Ver exercício 36, embora o processo seja, com frequência, reduzido durante o ritual de iniciação.)

Comes e bebes são partilhados e os membros do *coven* relaxam e brincam. Uma iniciação é uma ocasião alegre.

Antes que o círculo seja aberto, a neófito é levada às quatro direções para finalizar o ritual. A sacerdotisa diz:

– Guardiões do leste (sul, oeste, norte) e seres poderosos da Arte, eis _____, que agora foi feita sacerdotisa e feiticeira e membro do *coven* _____.

Deusa, Deus e guardiões recebam agradecimentos e as despedidas são feitas; o círculo é aberto.

11 *Rituais da Lua**



Entre os Mundos

ESBATS

O coven reúne-se nas lunações, nova, cheia ou minguante. Os rituais são rituais de cura, trabalhos mágicos, épocas de crescimento, inspiração, insight. Eles mudam constantemente, jamais são estáticos. Nós os renovamos, reescrevemos, recriamos, mas sempre no mesmo padrão: a criação do espaço sagrado, as invocações, a utilização de símbolos mágicos, a elevação do cone de poder, transe, divisão de comes e bebes e risos, e o retorno formal ao espaço e tempo comuns. O ritual pode ser formal ou informal; obedecendo a um roteiro ou espontâneo; estruturado ou livre, desde que vivo. Desde que se cante.

“O primeiro e mais importante efeito de um símbolo mitológico vivo é despertar e fornecer orientação às energias da vida.”

Joseph Campbell¹

Os rituais apresentados neste capítulo e no próximo são roteiros feitos para serem mudados, retrabalhados, melhorados ou usados como são. Se você usar a palavra escrita, ela deve ser memorizada e não lida em voz alta. Falar palavras memorizadas pode, por si só, criar um estado de transe; a leitura nos aprisiona no cérebro esquerdo, na mente da lanterna. Se não é capaz de memorizar, improvise. Não se preocupe com a qualidade literária; diga, simplesmente, o que sente. Ou, melhor ainda, deixe seus rituais acontecerem sem palavras.

RITUAL DA LUA CRESCENTE

(Para ser feito após o primeiro crescente visível.)

Sobre o altar, coloque uma tigela de sementes. Encha o caldeirão central com terra e coloque uma vela ao centro.

Quando o *coven* se reunir, comece com uma meditação de respiração. Uma sacerdotisa diz:

– Este é o tempo do início, a semeadura da criação, o despertar após o sono. Agora, a lua emerge, crescente saído do escuro; aquela que dá à luz retorna da morte. A maré muda; tudo é transformado. Esta noite somos tocados pela donzela que a todos se entrega e, no entanto, por ninguém é penetrada. Ela muda tudo aquilo em que toca; que ela nos abra para as transformações e o crescimento. Feliz encontro.

Purifique, disponha o círculo e invoque a Deusa e o Deus.

Um membro do *coven*, escolhido para representar o papel de sacerdotisa semeadora, tira a tigela de grãos do altar, dizendo:

– Abençoada seja, criatura da terra, semente lunar da mudança, início resplandecente de um novo círculo de tempo. Poder para começar, poder para crescer, poder para renovar estejam nestas sementes. Abençoada seja.

Caminhando no sentido do sol, ao redor do círculo, oferece a tigela a cada pessoa, perguntando:

– O que você plantará com a lua?

Cada pessoa responde o que pretende iniciar ou espera desenvolver no mês vindouro.

– Que a bênção da lua nova recaia sobre seus planos – responde a sacerdotisa.

Cada pessoa visualiza imagem nítida do que deseja que se desenvolva, carregando as sementes com a imagem. Uma por uma, elas plantam as sementes na terra no caldeirão central.

Juntas, elas elevam o cone de poder para carregar as sementes e a terra com energia, e fortalecer os projetos que elas representam. O cone é centrado no caldeirão.

Trabalhamos de transe ou contemplação de cristais podem concentrar-se na claridade de visão dos projetos então iniciados.

Festeje e abra o círculo.

RITUAL DA LUA CHEIA

(Para ser realizado na véspera da lua cheia.)

O círculo se reúne, faz uma meditação da respiração e uma sacerdotisa diz:

– Este é o período da plenitude, a maré-cheia do poder, quando a senhora com seu círculo completo e iluminado atravessa o céu noturno, elevando-se com o surgimento da escuridade. Esta é a época das frutas, das mudanças realizadas. A Grande Mãe, nutriz do universo, que é Ela própria, derrama seu amor e suas dádivas em abundância. O caçador aproxima-se do ser iluminado, Ela, que desperta o desejo no coração e que é o fim do desejo. Nós, que miramos o seu rosto brilhante, somos cumulados de amor. Feliz encontro.

Purifique, disponha o círculo e invoque a deusa e o deus.

Um membro do *coven* dirige-se ao centro do círculo e fala seu nome. Os demais o repetem, cantando-o, elevando o cone de poder enquanto o tocam, concentrando-se nele e preenchendo-o com o poder e a luz da lua. Ele retorna ao círculo e outra pessoa toma o seu lugar, até que cada um tenha sido o foco do poder. Enquanto cantam, os demais membros do *coven* reconhecem que cada indivíduo é, na verdade, a Deusa/Deus.

Um cone final pode ser elevado para toda a assembleia. Concentre o poder, entre em transe ou contemple um cristal; depois, festeje e abra o círculo.

RITUAL DA LUA MINGUANTE

(Para ser feito durante a lua minguante. Um cristal ou tigela par contemplação deve ser colocada no centro do círculo.)

Os membros se reúnem e meditam numa respiração grupal. Uma sacerdotisa diz:

– Este é o fim antes do início, a morte que antecede nova vida. Agora, na vazante da maré os segredos do litoral são revelados pelas ondas que recuam. A lua está escondida, porém a mais esbatida das estrelas mostra-se e aqueles que têm olhos para ver podem ler o destino e conhecer os mistérios. A Deusa, cujo nome não pode ser dito, nua, penetra no reino da morte. No mais completo silêncio e quietude, tudo é possível. Encontramo-nos na era da anciã, para tocarmos o profundo poder da escuridão.

Purifique e faça a disposição de um círculo, mas não acenda a vela do altar. Invoque a Deusa e o Deus.

O líder dá início a um cântico antifônico, versos repetidos, cantados em timbre de baixo, com versos espontâneos inseridos entre eles.

Líder: – Ela está em todos, ela a tudo cobre.

Todos: – Ela está em todos, ela a tudo cobre. (Repita várias vezes.)

Membro do coven: – Ela é a mestra dos mistérios.

Todos: – Ela está em todos, ela a tudo cobre.

Membro do coven: – Ela é o movimento por trás da forma.

Todos: – Ela está em todos, ela a tudo cobre.

Membro do coven: – (verso improvisado)

Todos: – Ela está em todos, ela a tudo cobre.

Continue enquanto houver energia e inspiração. (Esse tipo de canto requer sensibilidade e abertura, tanto para a inspiração pessoal quanto para os outros. Enquanto, de início, poderá haver algumas hesitações, silêncios e colisões, em um grupo coeso ele logo fluirá naturalmente. Esta é uma maneira poderosa de revelar a voz interior.)

Prossiga até desenvolver um cântico de poder sem palavras e concentre o cone da tigela ou cristal de contemplação. Contemplem juntos, dividindo aquilo que for visto.

Festeje e abra o círculo.

Notas

¹ Joseph Campbell, *Myths to Live By* (Nova York: Bantam Books, 1973), p. 89.

12 *A Roda do Ano*



Entre os Mundos

OS SABBATS^{1*}

Inverno, primavera, verão, outono – nascimento, crescimento, decadência, morte – a roda gira, continuamente. Ideias nascem; projetos são realizados; planos mostram-se impraticáveis e morrem. Apaixonamo-nos; sofremos perdas; encerramos relacionamentos; damos à luz; ficamos velhos; decaímos.

Os sabbats são oito pontos aos quais ligamos os ciclos interno e externo: os interstícios onde o sazonal, o celestial, o comunal, o criativo e o pessoal se encontram. Quando encenamos cada drama em seu tempo, nos transformamos. Somos renovados; renascemos mesmo quando decaímos e morremos. Não estamos isolados uns dos outros, do mundo mais amplo que nos circunda; estamos unidos à deusa, ao deus. Quando o cone de poder é elevado, e a estação muda, despertamos o poder interior, o poder para curar, o poder para transformar a nossa sociedade, o poder para renovar a terra.

NATAL (SOLSTÍCIO DE INVERNO, 20-23 DE DEZEMBRO)²

O altar é decorado com visco e azevinho. Uma fogueira de raízes de carvalho é preparada, mas não acesa. O aposento está às escuras.

O círculo se reúne. Todos meditam juntos, unindo suas respirações. A sacerdotisa diz:

– Esta é a noite do solstício, a noite mais comprida do ano. Agora, a escuridão triunfa: no entanto, recua e transforma-se em luz. O fôlego da natureza está em suspenso: todos aguardam, enquanto dentro do caldeirão o rei da escuridão é transformado em criança da luz. Aguardamos a chegada do amanhecer, quando a grande mãe dará à luz novamente a divina criança do sol, que é o portador da esperança e a promessa de verão. Esta é a quietude atrás do movimento, quando o próprio tempo

para; o centro que também é a circunferência de tudo. Estamos todos acordados na noite. Giramos a roda para que ela traga a luz. Invocamos o sol do ventre da noite. Abençoados sejam!

Purifique, disponha o círculo, mas não acenda as velas. Invoque a Deusa e o Deus. Todos sentados, comecem o cântico antifônico.

Todos:

Morrer e renascer,
A roda está a girar,
O que se deve relegar à noite? (Repita.)

Membro do coven: – Medo.

Todos:

O medo é relegado à noite.
O medo é relegado à noite.
Morrer e renascer,
A Roda está a girar,
O que se deve relegar à noite?

Prossegue-se inserindo linhas e repetindo-as, até que a energia esmoreça. Fiquem de pé e se deem as mãos. O sacerdote[†] posta-se diante do altar, segurando o crânio de um animal cheio de sal. A sacerdotisa lidera uma lenta procissão em espiral, que serpenteia para fora a fim de que cada membro fique de frente para o sacerdote. Eles cantam:

*A luz nasceu,
E a luz morreu. (Continue repetindo.)*

Outra sacerdotisa sussurra,

*Tudo passa,
Tudo se extingue.*

O sacerdote coloca uma pitada de sal na língua de cada membro, dizendo:

*Meu corpo é sal,
Prove o hálito da morte.*

A sacerdotisa conduz a espiral para dentro, até que os membros estejam agrupados. Inicia uma indução ao transe improvisada, lentamente sugerindo que caiam por terra e adormeçam. Quando todos estão deitados, são conduzidos para um transe profundo mediante a indução de vozes múltiplas. Quando as vozes diminuem, se lhes diz:

– Você está penetrando em um espaço de liberdade perfeita.

Tempo é concedido para o transe em estado de suspensão antes do nascimento.

[†] Os papéis podem ser desempenhados por quaisquer membros: sacerdote e sacerdotisa são aqui utilizados por uma questão de simplificação.

A sacerdotisa aborda um dos membros do *coven*, fica de pé perto de sua cabeça, com as pernas separadas, e puxa-a, simbolicamente fazendo com que nasça. Ela torna-se parte do canal de nascimento; o processo continua com os demais membros do *coven*, o canal de nascimento tornando-se mais comprido. Um dos membros do *coven* pega os recém-nascidos, um por um, e os põe novamente para dormir, dizendo:

– Durma o sono dos recém-nascidos.

Quando todos mergulham novamente no transe, são guiados para uma visualização de suas esperanças, para a nova vida que virá. Sacerdotisas lambuzam mel na língua de cada um, dizendo:

– Prove a doçura da vida.

Um novo cântico se inicia, suavemente, prossegue em crescendo de poder, à medida que gradualmente desperta os adormecidos, que se unem às linhas que são repetidas:

Navegue, navegue,
Siga o crepúsculo até o ocidente,
Onde possa descansar, onde possa descansar sua mente.

Navegue, navegue,
Volte sua face para onde o sol se apaga,
Para além da margem, para além da água.

Navegue, navegue,
Uma coisa torna-se outra,
Na mãe, na mãe.

Navegue, navegue,
Faça de seu coração um fogo ardente,
Torne-o mais forte, torne-o mais forte.

Navegue, navegue,
Num relance atravesse o portão aberto,
Ele não esperará, ele não esperará.

Navegue, navegue,
Sobre a escuridão do mar sem sol,
Você está livre, você está livre.

Navegue, navegue,
Guiando a nave do sol levante,
Você é o número um, você é o número um.

Navegue, navegue,
Para dentro da tempestade e do vento enlouquecidos,
Para renascer, para renascer.

Navegue, navegue,
Sobre as ondas onde a espuma branca jaz,
Para trazer a luz, para trazer a luz.

Todos:

Estamos todos acordados na noite!
Giramos a roda para que ela traga a luz!
Invocamos o sol do ventre da noite!

Sacerdotisa:

Ele volta sua face para o oeste, mas no leste se levanta!

Todos: Quem é esse?

Sacerdotisa: Que se põe na escuridão?

Todos: Quem é esse?

S: Que navega?

T: Quem é esse?

S: O renovador.

T: Quem é esse?

S: Aquele que traz os frutos dourados.

T: Quem é esse?

S: Imaculado.

T: Quem é esse?

S: Cujas mãos estão abertas?

T: Quem é esse?

S: Cujos olhos são brilhantes!

T: Quem é esse?

S: Cujas face é resplandecente?

T: Quem é esse?

S: A esperança da manhã!

T: Quem é esse?

S: Que atravessa o portal?

T: Quem é esse?

S: Que retorna em luz?

T: Quem é esse?

S: Um fulgor entre os pilares gêmeos.

T: Quem é esse?

S: Um clamor entre as coxas!

Todos: – Io! Evoé! Io! Evoé! Io! Evoé!

Sacerdotisa: (conduzindo, todos repetindo):

Rainha do sol!

Rainha da lua!

Rainha dos chifres!

Rainha dos fogos!

Traga até nós a criança da promessa!

É a grande mãe

Que a ele dá à luz,

É o senhor da vida,

Que nasceu novamente!

Escuridão e lágrimas

São abandonados,

Quando o sol se levanta novamente!

*Sol dourado,
Das montanhas e dos campos,
Ilumine a terra!
Ilumine os céus!
Ilumine as águas!
Ilumine os fogos!*

(Cântico tradicional.)

Todos: – Io! Evoé! Io! Evoé! Io! Evoé!
A sacerdotisa acende a fogueira e as velas e todos começam a cantar:

*Eu que morri estou vivo hoje novamente,
E este é o aniversário do sol! (Repita.)*

*Este é o aniversário da vida, amor e asas,
E o grande e alegre acontecimento da ilimitada terra.³*

*Nascemos novamente, viveremos novamente!⁴ (Repita.)
O filho do sol, o rei nascido no inverno!*

Desenvolva em cântico de poder, centrado no novo despertar da vida. Partilhe os festejos e a amizade, idealmente, até o amanhecer. Antes de terminar, a sacerdotisa diz:

*O deus da escuridão cruzou o portal,
Ele renasceu através da Mãe,
Com Ele renascemos nós!*

Todos:

*A maré mudou!
A luz voltará novamente!
Em um novo amanhecer, em um novo dia,
O sol está se levantando!
Io! Evoé! Abençoado seja!*

Abra o círculo.

BRÍGIDA (CANDELÁRIA, 2 DE FEVEREIRO)*

Este ritual é dedicado a Brígida, a deusa do fogo e da inspiração; na Irlanda, a deusa tripla da poesia, da ferraria e da cura.

O caldeirão central é enchido de terra. Velas apagadas – uma para cada membro do *coven* e convidados – são deitadas ao lado. Uma vela é colocada no centro do caldeirão.

O círculo se reúne e faz a meditação da respiração. A sacerdotisa diz:

– Esta é a festa da luz que cresce. Aquilo que nasceu durante o solstício começa a se manifestar e nós, que fomos parteiras do ano novo, agora presenciamos o filho do sol crescer com vitalidade, à medida que os dias tornam-se visivelmente mais longos.

Este é o tempo da individuação: dentro dos limites da espiral, cada um de nós acende a sua própria luz e nos tornamos unicamente nós mesmos. É a época da iniciação, do começo, quando as sementes que, posteriormente, irão brotar e crescer, começam a se espreguiçar no seu sono escuro. Encontramo-nos para dividir a luz da inspiração, que crescerá com o ano que cresce.

Purifique, disponha o círculo e invoque a Deusa e o Deus. A sacerdotisa conduz um cântico de invocação e resposta:

*Fogo do coração,
Fogo da mente,
Fogo do lar,
Fogo do vento,
Fogo da Arte,
Fogo fora do tempo!*

Todos: – Ele brilha para todos, ela arde em todos!

(Repita. Linhas espontâneas podem ser inseridas.)

Quando o poder tiver sido elevado, acenda a vela central. Comece a dança espiral, cantando,

*Eu rodopio e rodopio,
Nos limites da Terra.
Usando minhas longas asas de penas enquanto voo.⁵*

(A dança espiral: todos voltados para fora. O líder começa se movimentando no sentido anti-horário, com um simples e discreto passo. À medida que o círculo se desenrola, ele gira ficando de frente para a pessoa ao seu lado e conduz a espiral para dentro, no sentido horário. Quando os membros do *coven* se cruzam, cara a cara, beijam-se.)*

Quando a dança se desembaraça e volta para o círculo, os tamborileiros adiantam-se e começam uma batida mais forte e frenética. Um por um, cada membro do *coven* sai do círculo, apanha uma vela e acende-a no centro e, então, dança com ela acesa, elevando poder e concentrando-se na inspiração e criatividade que desejam para a próxima estação. Depois, um por um, colocam suas velas no caldeirão central de terra. Um cone de poder é elevado e concentrado no caldeirão.

Dê tempo para o transe, abrindo-se à inspiração.

Divida bolos e bebida. Membros do *coven* partilham seu trabalho criativo, poesia, canções, trabalhos de arte, narrativas, artesanias. Aqueles que não possuem dons artísticos podem dividir algo sobre seus trabalhos, um plano que se materializou, uma boa ideia, um feito especial. A Deusa recebe agradecimentos por sua inspiração.

Abra o círculo.

Cada membro do *coven* leva para casa um pouco de terra para espalhar em seu jardim ou manter sobre o altar para a concentração dos trabalhos.

RITUAL “EOSTAR” (EQUINÓCIO DE PRIMAVERA, 20-23 DE MARÇO)*

Decore o altar com flores de primavera. Coloque o elemento certo em cada um dos quatro pontos: terra ao norte, incenso fumegante a leste, fogo ao sul e uma tigela com água a oeste. Coloque, também, flores de uma cor adequada em cada ponto.

Reúna os membros e faça uma meditação da respiração. A sacerdotisa diz:

– Esta é a época do retorno da primavera; tempo de alegria, o tempo da semente, quando a vida brota da terra e as correntes do inverno são rompidas. Luz e escuridão são iguais: é um tempo de equilíbrio, quando todos os elementos dentro de nós devem ser conduzidos para uma nova harmonia. O príncipe do sol estende sua mão e Kore a donzela da escuridão, retorna da Terra dos Mortos, com seu manto de chuva fresca, com o doce aroma do desejo em seu hálito. Onde Eles pisam, flores silvestres aparecem; quando dançam, o desespero torna-se esperança, a tristeza em alegria, a necessidade em abundância. Que os nossos corações se abram com a primavera! Abençoada seja!

Purifique, disponha o círculo e invoque a Deusa e o Deus.

O sacerdote toma uma meada de lã preta e dirige-se a cada membro do *coven*, alternadamente, perguntando:

– O que prende você?

Quando respondem – dizendo, por exemplo, “culpa” – prende-lhes os pulsos, ligeiramente, repetindo:

– A culpa prende você; a culpa prende você.

Outras iniciadas começam o cântico “Kore”[†]. Todos repetem suavemente:

*Ela transforma tudo o que toca,
E tudo o que ela toca, se transforma.*

A sacerdotisa, acompanhando o sacerdote, pergunta a cada membro preso “onde você deve ir para ser livre?” Cada um responde ser uma das quatro direções – aquela que incorpora as qualidades que sente ser a que mais carece – o leste, por exemplo. A sacerdotisa responde:

– Vá para o leste e liberte a sua mente.

(Continue, usando espírito para o sul, emoções para o oeste, corpo para o norte.)

Cada membro do *coven* se dirige para a direção certa, medita sobre as suas qualidades (ainda cantando suavemente) e passa as ataduras através da fumaça, chama, água ou terra.

O cântico cresce lentamente para um cone de poder sem palavras. Em seu auge, a sacerdotisa brada:

– Agora! – Todos rompem as ataduras, gritando, e começam a dançar livremente, cantando, dançando ou o que quer que se sintam inspirados a fazer.

Quando tudo está novamente calmo, e o círculo se reúne outra vez, tempo é concedido para transe e meditação. Sacerdote e sacerdotisa juntam as flores dos pontos e vão até cada membro do *coven*, dizendo:

– Tome aquilo que lhe for necessário.

Cada um toma a cor ou cores da direção que sentem mais necessitar.

Partilhe alimentos e bebida e abra o círculo.

[†] Ver “Cântico Kore: Equinócio da Primavera e do Outono” no capítulo 5.

BELTANE (ANTIGA FESTA CELTA): VÉSPERA DO DIA DA PRIMAVERA*

Um pau-de-fita, corado de flore se com faixas multicoloridas penduradas, é montado em um local ao ar livre. Frutas, flores, pães redondos, biscoitos e roscas são pendurados, em arbustos e galhos de árvores. Uma fogueira é montada ao sul, dentro dos limites do círculo.

O grupo se reúne e respiram juntos. A sacerdotisa diz:

– Este é o tempo no qual o doce desejo se casa com o prazer selvagem. A Donzela da Primavera e o Senhor do Ano Crescente encontram-se nos campos verdejantes e se comprazem sob o sol tépido. O bastão da vida está entrelaçado na tela espiral e toda a natureza é renovada. Encontram-nos no período do florescimento para dançarmos a dança da vida.

Purifique, disponha o círculo e invoque a Deusa e Deus.

Um por um, cada membro do *coven* escolhe uma fita da cor adequada, dizendo em voz alta qual o seu fim:

- Escolho o vermelho do sangue para a minha saúde.
- Escolho o azul-celeste para voos da imaginação.
- Escolho o verde para crescer. (Etc.)

A música começa (se não se dispõe de músicos no *coven*, ensine ao grupo uma cantiga folclórica simples, que todos possam cantar juntos.) Membros do *coven* dançam a dança do pau-de-fita da primavera, dando voltas para dentro e para fora, concentrando-se em tecer aquilo que escolheram para as suas vidas. À medida que as fitas se enrolam mais apertadamente, o poder cresce, até se tornar um cone de poder sem palavras. Quando o cone é solto, os membros podem continuar dançando e pulando sobre a fogueira, gritando seu desejo específico cada vez que pulam. Pular as chamas é um ato de purificação e traz sorte. Enamorados devem pular a fogueira, juntos, para purificar seu relacionamento de discórdias insignificantes. Aqueles que desejam se livrar de alguma coisa – insegurança, por exemplo – devem pular, dizendo “deixo minha insegurança nas chamas!”

Quando a agitação arrefece, eleve um cone para a cura, mais tranquilo e solene, para membros ou amigos ausentes. Abençoe os bolos e a bebida e abra o círculo.

Festeje com as frutas e a comida que estavam penduradas nas árvores.

LITHA (SOLSTÍCIO DO VERÃO, 20-23 DE JUNHO)*

O altar e o círculo são decorados com rosas e outras flores de verão. Uma fogueira é acesa no centro do círculo. O sacerdote carrega uma figura do Deus feita de pedaços de pau entrelaçados. Um pão (cuidadosamente embrulhado em várias camadas de folha de alumínio) é escondido em seu centro. Uma grinalda de rosas e flores-do-campo é colocada sobre o altar. Membros do *coven* e convidados também usam flores.

Reúna o grupo, faça uma meditação da respiração e acenda o fogo. A sacerdotisa diz:

– Este é o tempo da rosa, florescência e espinho, fragrância e sangue. Agora, neste dia mais longo, a luz triunfa e, no entanto, começa a declinar para a escuridão. O Rei Sol amadurecido abraça a Rainha do Verão no amor que é morte, pois ele é tão completo que tudo se dissolve na única canção de êxtase que move os mundos. Portanto, o Senhor da Luz morre para si mesmo e navega através dos mares misteriosos do tempo, buscando a ilha da luz que é o renascimento. Giramos a roda e partilhamos

seu destino, pois plantamos as sementes de nossas próprias transformações e, a fim de crescermos, devemos aceitar até mesmo a partida do sol.

Purifique, disponha o círculo e invoque a Deusa e o Deus.

Dance a dança espiral, cantando:

*Ela é luminosa
Ela é branca
Ela é resplandecente
Coroada de luz!*

*Ele é radiante
Ele é brilhante
Ele está subindo
Ele alça voo!*

Quando o poder é elevado, o cântico, gradualmente, muda. (Os versos que se seguem são cantados repetidamente; diferentes membros cantam diferentes versos, simultaneamente:)

*ELA que está ao CENTro, ELA QUE FLORESCE!
Ser FOLHADO Ser VIVO Ser FOLHAdo Ser VIVO...
Ela que é COROADA, ela que ABRAÇA!*

O sacerdote dança com a figura do Deus, no centro do círculo. Ainda cantando, membros do *coven* colocam flores sobre a figura, entrelaçando-as com os paus, até que, enquanto o poder cresce, a figura esteja coberta com flores. O círculo se espalha: o cântico transforma-se em um cone de poder sem palavras, à medida que sacerdote e sacerdotisa dançam mais próximos ao fogo. Quando o cone chega ao seu máximo, a sacerdotisa estende os braços e clama:

– Para mim! Para mim!

O sacerdote lança a figura às chamas. Todos estão em silêncio meditando sobre as flores que murcham e queimam.

Enquanto as flores morrem, membros podem cantar, suavemente, “Navegue” (vide ritual para o solstício de inverno). Um membro do *coven* carrega a grinalda em volta do círculo, segurando-a próximo ao rosto da pessoa para que esta possa ver as chamas através dela. Ele diz:

– Veja com a visão límpida.

Ela suspende a grinalda, e prossegue:

– E conheçam o mistério do círculo contínuo!

Sacerdote e sacerdotisa retiram o pão do fogo e o abrem. A sacerdotisa eleva-o.

Sacerdotisa: – Vejam, o deus penetrou o grão!

Todos: – Ele nos alimentará!

Sacerdotisa: – O sol está sobre a água!

Todos: – Ele saciará nossa sede!

Sacerdotisa: – O Deus está no milho!

Todos: – E este crescerá viçoso!

Sacerdotisa: – O Deus está sobre a árvore e a vinha!

Todos: – Ele amadurecerá no tempo certo!

Sacerdotisa: – O sol não está perdido!

Todos: – Ele nascerá novamente!

Sacerdotisa: – O sol está dentro de nós!

Todos: – Veja como brilhamos!

Todos cantam “veja como brilhamos”, enquanto pão e bebida são passados ao redor do círculo.

Partilhe alimentos e abra o círculo.

LUGHNASAD (1º DE AGOSTO)*

Decore o altar com feixes de trigo e cereais. Uma grande figura do Deus, feita de pão de milho, está sobre o altar e pequenos homens e mulheres feitos de pão estão empilhados em cestas. Outras cestas contêm bolos ou biscoitos em forma de estrela. Um fogo é aceso no centro do círculo.

Reúna o grupo, meditem e respirem juntos. A sacerdotisa diz:

– Esta é a ressurreição de Lugh, o Rei do Sol, que morre com o ano que se vai, o Rei do Milho que perece quando o grão é colhido. Encontramo-nos, agora, entre a esperança e o medo, em tempo de espera. Nos campos, o grão está maduro mas ainda não foi ceifado. Trabalhamos muito para que várias coisas se realizassem, mas as recompensas ainda não são certas. Agora, a mãe torna-se a ceifeira, o ser implacável que se alimenta da vida para que uma nova vida possa crescer. A luz diminui, os dias encurtam, o verão passa. Reunimo-nos para girar a roda, sabendo que, para colher, devemos sacrificar e o calor e a luz devem ceder lugar ao inverno.

Purifique, disponha o círculo e invoque a Deusa e o Deus.

A sacerdotisa carrega as cestas com as figuras de pão até cada membro da assembleia, perguntando:

– O que você teme?

O membro responde, dizendo, por exemplo, o “fracasso”. A sacerdotisa repete a resposta, estimulando a pessoa a cantá-la: “fracasso, fracasso, fracasso...” Um cântico brota de todos os temores coletivos, enquanto estes são canalizados para as figuras de pão.

À medida que o cântico cresce, a sacerdotisa conduz uma dança em forma de procissão, serpenteando, indo contra o sol e passando pelo fogo. Cada pessoa lança sua figura de pão ao fogo, concentrando-se em se livrarem dos seus medos. A sacerdotisa canta:

*Neste fogo, possa ele ir além de mim e dos meus!
Possa ele ir, possa ele ir,
Possa ele ir no fluxo da maré
E queimar sob o sol vermelho
Enquanto o ano se esvai
E se extingue
Enquanto tudo se extingue,
Enquanto tudo passa,
Tudo se extingue... (Repetir as duas últimas linhas.)*

Quando todos tiverem passado pelo fogo, um cone sem palavras é elevado para purificar o grupo de seus medos. Os membros do *coven* agora carregam as cestas de estrelas, dando uma para cada pessoa e perguntando:

– O que você espera colher?

Um cântico é desenvolvido a partir das respostas e um novo cone é elevado para carregar as estrelas com o poder de fazer a esperança manifestar-se. Quando o poder é encerrado, a sacerdotisa eleva uma estrela, dizendo:

– Que a estrela da esperança esteja sempre conosco.

Todos comem as estrelas.

O sacerdote eleva o Deus de pão, dizendo:

– Eis a semente da vida!

Ele o leva até cada pessoa e, enquanto cada um parte um pedaço e o come, diz:

– Coma da vida que sempre morre e renasce.

Festeje e abra o círculo.

“MABON” (EQUINÓCIO DO OUTRONO, 20-23 DE SETEMBRO)*

Decore o altar com frutas, flores e cereais. Membros do *coven* devem trazer oferendas de agradecimento em formas de brotos, grãos ou tecidos. Cestas de fios, vagens de sementes, conchas e pequenas pinhas são colocados ao lado do altar. Um fogo é aceso.

Reúna o grupo, faça uma meditação de respiração. A sacerdotisa diz:

– Este é o tempo de colheita, de agradecimento e de alegria, de despedida e tristeza. Agora, dia e noite são iguais, em equilíbrio perfeito, o que nos leva a pensar sobre o equilíbrio e o fluxo de nossas próprias vidas. O Rei Sol transformou-se no Senhor das Sombras, navegando para o oeste: seguimo-lo na escuridão. A vida entra em declínio; a estação da aridez está conosco. No entanto, agradecemos o que colhemos e juntamos. Encontramo-nos para girar a roda e tecer o fio da vida que nos sustentará através da escuridão.

Purifique e disponha o círculo. Invoque a Deusa e o Deus.

Comece com a Dança da Expulsão, movimentando-se no sentido anti-horário. Uma pessoa grita uma frase, algo que a machucou ou a tolheu, evitando que fosse o que poderia ser. Os outros participam e a repetem, até que o seu poder enfraqueça. Então outra pessoa grita uma frase, que é repetida pelo restante. Continue até que um cone purificador e de expulsão possa ser elevado e encerrado.

Todos sentam-se no círculo e as cestas de fios, sementes, conchas etc., passam ao redor do círculo. Cada pessoa trança ou tece um fio, entrelaçando com símbolos naturais, concentrando no que quer tecer para a sua vida. Enquanto o trabalho prossegue, todos cantam o cântico “Kore”.[†]

Quando os fios estiverem tecidos, a sacerdotisa amarra cada um em volta do pescoço de seu criador, dizendo:

*Eis o círculo do renascimento,
O fio da vida.
Você jamais se extinguirá.*

Um cone é elevado para carregar os fios. É concedido tempo para transe e meditação. A seguir, o sacerdote se levanta, eleva um feixe de trigo e diz:

– O grão do outono é a semente da primavera.

Lança-o ao fogo e verte uma libação de água, dizendo:

[†] Ver “Cântico Kore: Equinócio da Primavera e do Outono” no capítulo 5.

*Abençoada seja a mãe de toda a vida.
Abençoada seja a vida que dela brota e a ela retorna.*

Ele passa a taça para a sacerdotisa, que diz:

*Nós semeamos, nós cuidamos,
Nós crescemos, nós colhemos,
Nós ceifamos uma boa colheita.
Deusa, agradecemos a você por suas dádivas.
Deus, agradecemos a você por sua generosidade.
Agradeço a você por _____. (Algo pessoal.)*

Ela derrama uma libação e lança sua oferenda no fogo. Enquanto a taça passa pelo círculo, cada pessoa agradece por algo e queima a sua oferenda.

Partilhe comes e bebes e abra o círculo.

SAMHAIN (DIA DAS BRUXAS, 31 DE OUTUBRO)*

(O encerramento do ano do Dia das Bruxas (*Halloween*) é o Ano-Novo das bruxas. E, desse modo, terminamos no início, como deveríamos, e a roda continua girando.)

Antes de sair de casa para o ritual, cada membro do *coven* prepara um prato com bolos e bebida e uma vela acesa, como oferenda para os seus mortos queridos, e passa algum tempo recordando a memória de amigos e parentes que se foram.

O altar é decorado com folhas de outono. Uma maçã e uma romã são colocadas no altar e, no centro do círculo, encontra-se um cristal ou tigela de contemplação.

O círculo se reúne, faz uma meditação de respiração e a sacerdotisa diz:

– Esta é a noite em que o véu que divide os mundos torna-se tênue. Este é o Ano-Novo na hora da morte do ano, quando a colheita foi feita e os campos estão vazios. Pois, esta noite, o rei do ano que se encerra navegou para o mar sem sol, que é o ventre da mãe, e aporta na Ilha Resplandecente, o luminoso ovo do universo, tornando-se a semente de seu próprio renascimento. Os portões da vida e da morte são abertos; o Filho do Sol é concebido; os mortos andam e, para os vivos, o mistério é revelado: cada fim é apenas um novo início. Encontramo-nos no tempo fora do tempo, em todos e em nenhum lugar, aqui e lá, para saudarmos o Senhor da Morte que é o Senhor da Vida e a Deusa Tripla que é o círculo do renascimento.

Purifique, disponha o círculo e invoque a Deusa e o Deus.

Todos se dão as mãos e começam um cântico antifônico:

*É o grande frio da noite, é a escuridade.⁶ (Repita.)
A mulher vive, ela passa, ela morre.
É o grande frio da noite, é a escuridade.
O medo vive, ele passa, ele morre.
É o grande frio da noite, é a escuridade.
(Continue com versos improvisados.)*

Enquanto o cântico prossegue, sacerdote e sacerdotisa colocam uma venda sobre os olhos de cada membro. Um por um, eles são conduzidos para fora do círculo, girados e organizados em forma de “navio”, alinhados num longo triângulo, com as mãos sobre

os ombros dos outros, balançando-se para a frente e para trás. O sacerdote enrola um cordão em seus pulsos, unindo-os. Os membros do *coven* cantam, suavemente:

*Tecendo o fio do navio prateado
Da alvura translúcida
Navega nas ondas
Do mar escuro
Tecendo (Etc. repita.)*

Quando cada pessoa embarca no “navio”, recebe uma palavra ou frase para repetir: “tecendo, tecendo, tecendo” ou “navega nas ondas, navega nas ondas”, por exemplo, de modo que um ritmo complexo e hipnótico se desenvolva. Continue até que os membros do *coven* entrem em transe. O cântico altera-se para:

*Guerreiro pérola-acinzentado, procura fantasmagórica;
Príncipe do crepúsculo, navegando para o oeste!*

Desenvolva o poder, aguarde pelo silêncio. O sacerdote avança e diz:

*Enxergamos o contorno da margem longínqua.
Veja a luz sobre as ondas, um manto,
Um caminho para ser seguido.
Caminhe sobre as ondas, desembarque em terra firme.
Retire suas amarras e seja livre!*

Os membros do *coven* rompem suas ataduras.

*Pois aqui todos os olhos se abrem!
Vocês, guerreiros, aqui suas batalhas acabaram.
Vocês, trabalhadores, aqui suas tarefas foram realizadas!
Você, que foi ferido, aqui encontre cura!
Você, que está cansado, aqui encontre repouso.
Você, que está velho, aqui se rejuvenesça!
Pois esta é a terra da juventude,
A terra resplandecente, a ilha das maçãs,
Aqui os bosques jamais se extinguem; aqui há uma árvore, o cerne da luz,
Em um poço de silêncio.
Entregue-se, entregue-se ao sono, ao lado daquele profundo e verde poço.*

Membros do *coven* deitam-se, mirando o cristal de contemplação. Dão início de transe com vozes múltiplas, enquanto o sacerdote prossegue:

*E siga-O – Ele está aqui...
O confortador, o consolador
O descanso do coração, o fim da tristeza.
Ele é o guia: o portão está aberto.
Ele é o guia: o caminho está livre.
Ele é o guia: a morte não é uma barreira...
Pois ele é o senhor da dança das sombras...
Rei no reino dos sonhos.*

Todos contemplam juntos, silenciosamente, ou dizendo o que veem. Permita um longo período: esta é a melhor noite do ano para a contemplação.

Quando todos tiverem retornado, o sacerdote e a sacerdotisa dirigem-se para o altar. Ela toma a romã e eleva-a, dizendo “eis a fruta da vida...”

Ele enterra sua *athame* nela e parte a fruta, prosseguindo: “... que é a morte!”

Alimentam-se mutuamente, bem como os membros, com as sementes, enquanto dizem, “provem as sementes da morte...”

Ela a corta em forma de uma cruz, dizendo “... que é a vida!” e a eleva para mostrar o pentagrama formado pelas sementes e diz “vejam a estrela quádrupla do renascimento!”

Todos recebem um pedaço de maçã e um gole de bebida, enquanto dizem “prove a fruta do renascimento e beba da taça da bebida da vida”.

Todos se dão as mãos e as erguem. A sacerdotisa diz:

– Eis o círculo do renascimento. Através de você (ao sacerdote) tudo passa para fora da vida, mas através de mim tudo pode renascer novamente. Tudo passa, tudo se transforma. A semente torna-se fruta; a fruta torna-se semente. Nascendo, morremos; com a morte, nos alimentamos. Conheça-me e liberte-se de todo medo, pois meu ventre é o caldeirão do renascimento. Em mim, o círculo sempre gira.

Todos: – Abençoada seja!

Festeje e abra o círculo.

Notas

¹ Os rituais de nossa tradição estão em constante mudança e evolução. Nós os reescrevemos e recriamos a cada ano, preservando os elementos que mais apreciamos, e acrescentando novos aspectos que brotam do mito e estação. Algumas festividades parecem evocar palavras, cânticos e liturgia; outros, estimulam a ação e o simbolismo concreto. Os rituais aqui fornecidos estão necessariamente condensados, uma estrutura básica sobre a qual novas cerimônias podem ser desenvolvidas. Os leitores podem se sentir impelidos e representar os rituais tais como foram escritos, mas também devem ficar à vontade para muda-los, descartar partes e adicionar outras. Geralmente, existem pessoas presentes às cerimônias que não estão familiarizadas com a estrutura do ritual e com as respostas que devem ser dadas. Deve-se repassar o esboço do ritual com os convidados e membros do *coven* antes de o iniciarmos. Em um ritual complicado, como o do solstício de inverno, ensinamos-lhes as respostas simples ligadas à palavra-chave. Por exemplo, “siga!” pode significar “repita as linhas depois de mim”; “agora!” pode ser a deixa para gritar “lo! Evoé!” etc. Iniciados podem memorizar as respostas mais complicadas de antemão e os outros se juntam a eles, à medida que o cântico for se desenvolvendo. Para os cânticos antifônicos, geralmente preparamos alguns versos “espontâneos” anteriormente, o suficiente para dar início ao processo, para que a genuína espontaneidade possa aflorar. Algumas pessoas não gostam de memorização e rituais “prolixos”; elas devem se sentir à vontade para ignorar os cânticos e falas “determinadas” e devem improvisar os seus próprios. Apesar de os rituais serem escritos, visando a sua simplificação, embora sendo desempenhados pela sacerdotisa e pelo sacerdote, diferentes membros do *coven* podem conduzir uma parte do ritual, o que reduz, consideravelmente, o volume de memorização necessária.

² As datas dos solstícios e equinócios variam a cada ano. Confira as mesmas numa tábua astronômica ou calendário astrológico.

³ e. e. cummings, de "i thank you God", Poems 1923-1954 (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1954)

⁴ Canção da Dança Fantasma dos Nativos Americanos. Jerome Rothenberg, ed Technicians of the Sacred (Nova York: Doubleday & Co., 1969), p. 99.

⁵ Idem, p. 99.

⁶ Adaptado dos pigmeus do Gabão, "Death Rites II", Rothenberg, op. cit., p. 171.

13 Criando a Religião: Rumo ao Futuro



Entre os Mundos

SAMHAIN, AMANHECER

As mulheres escalam Twin Peaks (“Picos Gêmeos”), que se elevam como seios sobre a baía de San Francisco. Elas formam círculos. Suas vozes cavalgam o vento. No topo, deixam presentes para a Deusa: uma pena, uma concha, um ninho de passarinho. Elas estão recuperando as alturas.

NOITE

As oradoras da Conferência sobre Violência e Pornografia estão de pé diante da imagem da Deusa da Noite, com as mãos erguidas e os cabelos ondulantes.

Três mil mulheres marcham pelas ruas onde os bares de topless e espetáculos de sexo chamam a atenção pela intensidade do néon. No parque, onde terminam, elas cantam, dançam, borrifam-se água salgada purificante:

“Limpe a lousa com um banho; sonhe o seu próprio sonho!”

“Nossos corpos são sagrados; nossos seios são sagrados.”

“Retome a noite; a noite é nossa!”

Elas estão retomando a noite.

NOVEMBRO DE 1978

É a baixa-mar do ano, a lua minguante antes do solstício de inverno. Escrevo este capítulo final. Os jornais estão repletos de cadáveres; “suicídios” em massa, mortes súbitas. Assassinato na Prefeitura – o revólver na nuca, disparado delicadamente. Na Guiana, ouvimos, mães levam uma taça de veneno aos lábios de seus filhos. Horrores seguem-se a horrores. Uma por uma, espécies abandonam a terra. Os lugares sagrados são saqueados para mineração. Pense: pesticidas em leite materno; a bomba de

nêutrons. Pense: estou tentando escrever sobre coisas para as quais não mais existem palavras na língua, e os significados das palavras que utilizei foram distorcidos e podem distorcer os meus significados. A religião passou a significar a deposição de nossa confiança fora de nós mesmos, permanecendo como crianças que seguem uma longa sucessão de figuras paternas, professores, pregadores, políticos. E como saberemos, visto que não confiamos mais em nós mesmos, se são deuses ou psicopatas?

Estaremos nós, enquanto espécie, nos preparando para ingerir uma bebida envenenada?

Witch (bruxa em inglês) – wicca, de wic, “flexível”. Poderemos infletir os significados das palavras de volta? Poderemos fazer com que “religião” signifique “re-ligar”? E poderemos fazer com que “espiritualidade” se refira ao espírito humano?

– A Deusa está despertando – digo a Laurel, num momento de otimismo desvairado, provavelmente.

– O que quer dizer com isso? – perguntou ela.

– Um tipo de consciência adormecida há milhares de anos está agora surgindo; começamos a ver holisticamente como o nosso modelo do cosmo mudou; estamos começando a valorizar o feminino, o princípio que gera a vida, a valorizar a humanidade e o universo existente – respondo.

Olho para o que escrevi.

“Em círculos, em cidades, em pequenos bosques, em rios, ao sonhar acordados ou adormecidos, em palavras, em movimentos, fluir da música, em poesia, numa arte que se abre, num dia e numa noite, em batalhas, na fome, na alegria, na inspiração, no leite, no vinho, num piscar de olhos, num sopro, no amor uma semente é plantada.”

Mas sou forçada a considerar a pergunta: “Terá ela tempo para criar raízes e crescer?”

De início, penso nela em termos de fé, que o credo qui absurdum – “acredito porque é absurdo” – da Feitiçaria é a crença na continuidade da vida e a possibilidade de uma cultura que sirva, verdadeiramente, à vida.

Os cachorros pedem para sair. Levo-os para o outro lado da rua, onde há um terreno baldio, e vejo-os brincando de brigar, rolando na lama, barriga para cima, os dentes batendo como taças de champanha. Percebo, subitamente, que não se trata de uma questão de fé, mas de vontade. É a minha vontade que a vida prossiga.

Criamos, coletivamente, os cultos da morte. Podemos, coletivamente, criar uma cultura de vida.

Mas, para fazê-lo, temos que estar dispostos a seguir o nosso próprio caminho, a renunciar ao conforto de deixar que outras pessoas tomem decisões por nós. Ter vontade significa tomar as nossas próprias decisões, guiar as nossas vidas, comprometer o nosso tempo, o nosso trabalho, a nossa energia e nós mesmos para atuarmos a favor da vida.

Ter vontade é recuperar o nosso poder, o nosso poder para recuperar o futuro.

Do meu livro das sombras

“Eu lhe afirmo: estamos realizando o impossível. Estamos ensinando a nós mesmos a sermos humanos.”

Martha Courtot¹

E quando tivermos vencido limpamente
Devemos retornar para o círculo

Retornar
À caçada
Ao compasso da dança.

Diane Di Prima²

Kevyn, um dos membros do meu *coven*, teve, recentemente, um sonho no qual uma poderosa figura feminina apareceu para ela e lhe disse:

– Quando uma bruxa adquire o olhar acróstico, ela se transforma.

Ambas pensamos muito a respeito do significado de “olhar acróstico”. Um acróstico, é claro, é um tudo de palavras cruzadas, em que tudo possui vários significados. Olhando da maneira em que normalmente o fazemos, horizontalmente, as letras formam certas palavras, mas se mudamos nossa visão para ângulos retos, tudo se altera. A essência da Feitiçaria, e do feminismo político, é uma visão acróstica: olhamos nossa cultura e nossos condicionamentos de outro ângulo e lemos uma mensagem completamente diferente. O olhar acróstico é desconfortável; ele nos coloca contra tudo aquilo que fomos ensinados. Somos forçados a validar nossa própria experiência, visto que nenhuma autoridade externa o fará para nós.

Quando pensamos sobre o futuro da religião e da cultura, é necessário olhar para o presente através do olho acróstico. Essa visão ligeiramente fora de esquadro revela aqueles padrões mentais subjacentes, que percebo como a escabiose da consciência, pois eles nos causam extremo desconforto e, no entanto, normalmente, não podemos vê-los. Eles estão embutidos em nós, sob a nossa pele. Neste capítulo, desejo examinar as forças destrutivas, assim como as forças criativas, que estão influenciando a direção de nossa evolução enquanto sociedade. Somente quando compreendermos as correntes do presente, poderemos ter uma previsão clara do futuro.

Se aceitamos a responsabilidade de reivindicar o futuro para a vida, devemos, então, nos dedicar à exigente tarefa de recriar a cultura. É necessária profunda mudança em nossa atitude em relação ao mundo e à vida nele existente, diante de cada um e em nossas concepções sobre o que é humano. De alguma maneira, devemos nos livrar dos papéis que nos foram ensinados, das censuras sobre a mente e o *self* que foram apreendidas antes da fala e permanecem tão profundamente enterradas que não podem ser vistas. Atualmente, as mulheres estão criando novos mitos, cantando uma nova liturgia, pintando seus próprios ícones e retirando força dos símbolos novos-antigos da deusa, da “legitimidade e beneficência do poder feminino”.³

Uma mudança nos símbolos, no entanto, não é o suficiente. Devemos mudar também o contexto no qual respondemos aos símbolos e as maneiras em que são utilizados. Se figuras femininas são inseridas, simplesmente, em estruturas antigas, elas também funcionarão como agentes da opressão e essa perspectiva é duplamente assustadora, pois seriam privadas do poder libertador com o qual, hoje, estão impregnadas.

A Feitiçaria é, de fato, a antiga religião, mas está sofrendo tantas transformações e desenvolvimentos presentemente que, em essência, está sendo recriada em lugar de ressuscitada. A religião feminista do futuro está, agora, sendo formada. Aquelas de nós que estamos envolvidas nesta re-formação, devemos olhar com atenção para o contexto

cultural no qual nossas próprias ideias sobre religião foram formadas e examinar as várias tendências regressivas presentes na sociedade hoje. Caso contrário, a nova encarnação da Deusa será sutilmente moldada sobre as mesmas formas que estamos trabalhando para transcender.

Uma tendência regressiva é aquilo que chamo de *absolutismo*, que brota a partir da intolerância da ambiguidade. Nossa cultura é altamente presa a símbolos e trazemos conosco a suposição inconsciente de que os sistemas simbólicos são as realidades que descrevem. Se a descrição é a realidade – e as descrições diferem – somente uma pode ser verdadeira. *Ou Deus criou Adão e Eva ou eles evoluíram à lá Darwin. Ambos os conflitos inconscientes não resolvidos são a causa final da nossa infelicidade ou das nossas condições econômica e material.* Podemos mudar de ideologias, mas não examinamos a ideia básica de que existe o Único, Certo e Verdadeiro Caminho – o Nosso! – e todos os outros estão errados.

O absolutismo divide. Cria falsos conflitos, por exemplo, entre a política e a espiritualidade. Em um artigo intitulado “Feminismo Radical e a Espiritualidade da Mulher: Olhando Antes de Saltar”, Marsha Lichtenstein escreve que “a contradição, que é a semente do distanciamento e desconfiança entre espiritualidade e política, é que cada qual percebe a consciência de maneiras *antiéticas* (grifo meu)... Uma análise da consciência que parte da espiritualidade busca causas finais em categorias de pensamento *a priori*, como na descoberta de arquétipos, como na mitologia de Eva sendo o repositório do mal... processos de mudança enfatizam uma viagem interior... O feminismo radical analisa as condições materiais históricas sob as quais a consciência da mulher se desenvolveu... a orientação para a mudança social é direcionada para fora, direcionada para transformar aquelas condições sociais que moldam as nossas vidas.”⁴

A palavra-chave nessa citação é *antiética*. Uma espiritualidade feminista baseada na Deusa imanente no mundo compreenderá essas análises como sendo complementares e não oposicionistas. Ambas são verdadeiras. *Obviamente*, categorias de pensamento *a priori* influenciam a consciência e, *obviamente*, condições materiais afetam a nossa capacidade como um todo. Necessitamos de mudanças internas e externas; uma somente não é o suficiente.

A herança judeu-cristã deixou-nos com uma visão do universo composta de guerreadores rivais, que são valorizados como bons ou maus. Eles não podem coexistir. Um importante *insight* da Feitiçaria, partilhada por várias religiões baseadas na terra, é a de que as polaridades encontravam-se em equilíbrio e não em guerra. A energia se movimenta em ciclos. Às vezes, flui para fora, estimulando-nos a mudar o mundo; outras, flui para dentro, transformando a nós mesmos. Ela não se manifesta indefinida e exclusivamente numa só direção; ela deve sempre ir e vir, empurrar e puxar e, desse modo, se renovar. Se rotulamos cada extremidade do ciclo como “errado” ou desnecessário, isolamo-nos de qualquer possibilidade de renovação ou do exercício de poder sustentado. Devemos nos livrar da tendência de associar religião e espiritualidade com o afastamento do mundo e do campo de ação. A Deusa somos nós e o universo; ligarmo-nos a ela significa nos envolvermos ativamente com o mundo e todos os seus problemas.

O dualismo conduz àquilo que chamo de “síndrome da correção”. Quando existe o Único, Certo e Verdadeiro Caminho – o Nosso! – e todos os outros estão errados, os errados estão amaldiçoados e os amaldiçoados são maus. Escusamo-nos de reconhecer-lhes a humanidade e a trata-los de acordo com a ética que adotamos para

nós. Geralmente, o correto se incumbe da tarefa de se purificar quanto a qualquer contato com os mensageiros do mal. Quando alcançam o poder, instituem inquisições, caça às bruxas, massacres, execuções, censura e campos de concentração.

Grupos oprimidos e impotentes também podem ter a tendência para se verem como os corretos.* Visto que não se encontram numa posição que lhes permita eliminar os indesejáveis da sociedade, somente podem ser “puros” retirando-se da comunidade maior. No movimento feminista, isso deu lugar ao separatismo.

Costumo fazer uma distinção entre separação e separatismo. As mulheres precisam de espaços femininos, especialmente a esta altura da história, quando muitas de nós estamos nos recuperando das feridas infligidas por homens. Existe especial intensidade nos mistérios femininos e intimidade sem igual em *covens* de mulheres. Mulheres que amam outras mulheres, ou que vivem virgens, pertencendo somente a si mesmas, alcançam um poder muito especial. Mas, essa não é a *única* forma de poder inerente à espiritualidade feminista, nem tampouco é a melhor forma para todas. A Deusa é mãe, anciã, amante, como também virgem; ela está ligada ao nascimento, amor e morte dos homens, assim como das mulheres. Se ela é imanente nas mulheres e no universo, então, ela também é imanente nos homens.

Uma cultura femeocentrada, baseada na natureza, celebra a diversidade, pois a diversidade assegura a sobrevivência e a evolução contínuas. A natureza cria milhares de espécies, não somente uma; e cada uma é diferente, adaptada a diferentes nichos ecológicos. Quando uma espécie torna-se superespecializada, muito limitada em suas possibilidades de adaptação, é mais provável que se extinga. Quando os movimentos espirituais e políticos tornam-se muito limitados, provavelmente também definharão. A força do movimento das mulheres está na sua diversidade, na medida em que mulheres jovens e idosas, lésbicas ou não, mães felizes e ambiciosas presidentes de bancos descobrem interesses comuns, necessidades comuns e uma irmandade comum. Se a nossa cultura, como um todo, deve evoluir para a vida, precisamos amparar a diversidade, criar e manter um amplo leque de diferenças em estilos de vida, teorias e táticas. Precisamos nos livrar da hipocrisia que advém de nos vermos como o povo escolhido, e precisamos criar uma religião de heréticos, que se recusem a sustentar qualquer linha ideológica ou serem leais a quaisquer doutrinas exclusivistas.

Outro conflito espúrio criado pelo absolutismo é aquele entre a religião e a ciência.* Quando Deus é sentido como estando separado do mundo físico, a religião pode separar-se da ciência e ser limitada ao reino das coisas relacionadas com Deus. Mas a Deusa é manifesta no mundo físico, e quanto mais compreendemos o seu funcionamento, melhor a conhecemos. Ciência e religião são, ambas, explorações para a verdade, diferindo somente na metodologia e no grupo de símbolos que utilizam para descrever seus achados. O campo de investigação é o mesmo.

“Compreender uma coisa é chegar a uma metáfora para aquela coisa, a fim de substituí-la por algo que seja mais familiar a nós”,⁵ escreve Julian Jaynes (em *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*); “afirmamos que conhecemos um aspecto da natureza quando podemos dizer que ele é similar a algum modelo teórico familiar.”⁶ O conhecimento científico, como o conhecimento religioso, é um conjunto de metáforas para uma realidade que jamais pode ser completamente descrita ou compreendida. A religião se torna dogmática quando confunde a metáfora com a coisa em si. Metáforas não são contraditórias ou antitéticas; muitas podem ser imediatamente verdadeiras. Elas apontam para algo que está além de nós; são luzes separadas iluminando o mesmo ponto.

Metáforas científicas se esforçam para serem consistentes e verificáveis. Espera-se que elas conformem a uma realidade objetiva. Os mitos e símbolos das religiões orientadas para a natureza também começaram como metáforas da realidade observável: o movimento do sol e da lua, o crescimento e a morte das plantas, o comportamento animal e as mudanças das estações. Elas ressoam em vários níveis, ocupando tanto a nossa percepção verbo-analítica quanto a nossa percepção holisto-imagística. Elas tocam as nossas emoções, determinando não somente aquilo que conhecemos mas, também, como nos sentimos em relação à natureza. Se descrevemos a vagina como uma flor, sentimo-la de outro modo, do que se a chamássemos de “um pedaço de carne” ou “orifício genital”. Se chamamos o oceano “nossa mãe, o ventre da vida”, talvez tenhamos mais cuidado em não enchê-lo de venenos do que se víssemos o oceano simplesmente como “uma massa de H_2O ”.

Eu gostaria de ver a religião da Deusa do futuro firmemente sedimentada na ciência, como os construtores de Sonehenge – templo, observatório astronômico, calendário e calculadora – sabiam bem. A Feitiçaria sempre foi uma religião empírica; ervas, feitiços e práticas eram constantemente testados e os resultados comparados nos encontros dos *covens*. Hoje, quando introduzimos um novo ritual, exercício ou invocação, a pergunta sempre é “será que funciona?” Os testes são mais subjetivos do que os usados em ciência: sentimos alguma coisa? Algo em nós mudou? Alcançamos os resultados esperados? Estávamos animados? Extáticos? Ansiosos? Entediados? Por quê?

Os símbolos antigos foram retirados dos padrões recorrentes da natureza. Alguns têm sido meramente aprofundados devido ao nosso maior conhecimento daqueles padrões. Por exemplo, a espiral era o antigo símbolo da morte e do renascimento. Agora reconhecemos como a forma da molécula do ADN, que estabelece o padrão de crescimento de um organismo e, portanto, reveste-se de outro nível de significado. A galáxia é uma espiral, “como acima, é abaixo”.

Outros mitos e símbolos podem mudar para refletir novos conhecimentos. Muitos dos antigos mitos sazonais são baseados na percepção experimental de que o sol se movimenta ao redor da Terra. Até mesmo nossa linguagem revela esse equívoco; dizemos “o sol se levanta”, apesar de sabermos intelectualmente que ele não faz e jamais fez isto; ao contrário, a Terra gira. Visto que a nossa filosofia e psicologia evoluíram a partir de o sol, aparentemente, nascer e se pôr, os antigos mitos “funcionam” para ligar nossos ciclos internos àqueles do mundo externo e não podem, simplesmente, serem descartados. No entanto, talvez exista um significado esotérico no movimento da Terra: não esperamos meramente a luz; nós viajamos em direção a ela.

Na religião da Deusa, futura ou contemporânea, uma fotografia da Terra vista no espaço poderá vir a ser a nossa mandala. Talvez meditemos sobre a estrutura do átomo, assim como sobre os ícones de antigas Deusas; e ver os anos que Jane Goodall passou observando chimpanzés à luz de uma disciplina espiritual. Física, matemática, ecologia e bioquímica cada vez mais se aproximam do místico. Novos mitos podem tomar seus conceitos e se tornarem numinosos, a fim de que impregnem nossas atitudes e atos de encanto diante da riqueza da vida.

A espiritualidade dá saltos onde a ciência ainda não é capaz de caminhar, pois a ciência deve sempre testar e medir, e grande parte da realidade e experiência humana são incomensuráveis. Sem descartarmos a ciência, podemos reconhecer as suas limitações. Existem vários tipos de consciência que ainda não foram confirmados pelo racionalismo científico ocidental, em especial aquilo a que chamo de “percepção da luz

das estrelas”, a forma de intuição holística e intuitiva do hemisfério direito dos nossos cérebros. Enquanto cultura, estamos experimentando uma virada em direção ao intuitivo, ao mediúnico, os quais foram negados durante muito tempo. Astrologia, tarô, quiromancia, todas as antigas formas de predição estão sendo ressuscitadas. As pessoas buscam a expansão de suas consciências em tudo, desde a yoga até drogas e caros seminários de finais de semana e não veem nenhum valor numa religião que é, meramente, um conjunto de doutrinas ou um insípido entretenimento nas manhãs de domingo. Qualquer religião viável que se desenvolve hoje, estará, inevitavelmente, preocupada com alguma forma de magia, definida como “a arte de mudar a consciência pela vontade”.

A magia sempre foi um elemento da Feitiçaria, mas na Arte suas técnicas eram praticadas dentro de um contexto comunitário e de conexão. Eram meios de união extática com o *self* da Deusa, não fins em si mesmos. A fascinação com o psíquico – ou o psicológico – pode ser um desvio perigoso em qualquer caminho espiritual. Quando visões internas começam a se tornar uma maneira de evitar contato com os outros, ficaremos melhor simplesmente ficando em casa assistindo televisão. Quando uma consciência maior não aprofunda nossos laços com as pessoas e com a vida, é pior do que se fosse apenas inútil: torna-se uma autodestruição espiritual.

Se não desejamos que a religião da deusa se transforme em uma imbecilidade negligente, devemos nos livrar da tendência de tornar a magia uma superstição. A magia – entre as suas ramificações, inclui a psicologia como forma de expressão para descrever e modificar a consciência – é uma arte. Como outras artes, sua eficácia depende muito mais daquele que a pratica do que da teoria na qual ela se baseia. A pintura dos túmulos egípcios é organizada sobre princípios estruturais bastante diferentes dos que são utilizados pelo surrealismo do século XX; no entanto, ambas as escolas produziram importantes obras. A música balinesa possui escala e estrutura rítmicas diferentes da música ocidental mas, não obstante, não é menos bela. Os conceitos de Freud, Jung, Melanie Klein e do xamanismo siberiano podem ajudar na cura ou perpetuação da doença, dependendo de como forem aplicados.

Sistemas mágicos são metáforas altamente elaboradas, não verdade. Quando afirmamos que “existem doze signos no zodíaco”, o que realmente queremos dizer é que “veremos a infinita variedade de características humanas através dessa tela mental, pois com ela poderemos vir a alcançar intuições”; da mesma maneira quando dizemos “existem oito notas na escala musical”, queremos dizer que, além da ampla gama de variações possíveis de sons, estamos nos concentrando naqueles que representam estes relacionamentos específicos, pois só assim estaremos criando música. Mas, quando esquecemos que os signos são agrupamentos arbitrários de estrelas e começamos a acreditar que são grandes leões, escorpiões e caranguejos que estão no céu, estamos em apuros. O valor das metáforas mágicas é o de que, através delas, podemos identificar e entrar em contato com forças maiores; participamos dos elementos, do processo cósmico, dos movimentos das estrelas. Mas, se a usamos como explicações prontas e categorizações baratas, elas estreitam a mente ao invés de expandi-la e reduzem a experiência a um conjunto de fórmulas que nos separam uns dos outros e do nosso próprio poder.

A ânsia pela expansão da consciência levou muitos de nós a uma “viagem espiritual ao oriente”; conceitos hindus, taoístas e budistas estão impregnando a cultura ocidental com novas interpretações.* O diálogo oriente-ocidente tornou-se influencia relevante para a evolução de uma nova visão de mundo. As religiões orientais oferecem

abordagem radicalmente diferente à espiritualidade comparativamente à da tradição judeu-cristã. Elas são experimentais em lugar de intelectuais; oferecem exercícios, práticas e meditações, ao invés de catecismos. A imagem de Deus não é o do deus-pai antropomórfico, de barbas, que está no céu, mas o terreno abstrato e desconhecido da consciência em si, o Tao, o fluxo. Sua meta não é *conhecer* deus, mas *ser* deus. De muitas maneiras, suas filosofias se aproximam às da Feitiçaria.

Como mulheres, todavia, é necessário examinar com atenção essas filosofias e nos perguntarmos, realista e criticamente, se “existe algo nelas para *mim*? O que esse sistema espiritual faz para as mulheres?” Obviamente, os gurus, professores e mestres superiores nos dirão que, ao fazermos tal pergunta, continuamos, simplesmente, escravizadas aos senhores da mente; que isso é, meramente, outro subterfúgio do ego na sua resistência à dissolução no todo. A verdade é que, enquanto os homens, em nossa sociedade, são estimulados a terem egos fortes para funcionarem de maneira competitiva, agressiva e intelectualizada, que pode vir a causar-lhes dor, para a maioria das mulheres o ego é como uma frágil violeta africana, nascida em segredo de uma semente, cuidadosamente tratada, fertilizada e abrigada do sol excessivo. Antes de jogar o meu ego no lixo coletivo, quero ter a certeza de que terei algo em troca. Não me sinto qualificada para discutir a maneira pela qual as religiões orientais funcionam em suas próprias culturas. Mas, se olharmos para as mulheres ocidentais que abraçaram esses cultos, verificamos, de modo geral, que elas se encontram em um cativeiro. Uma escravidão extática, talvez, mas não obstante, uma escravidão.

As religiões orientais podem ajudar os homens a se tornarem mais inteiros, em contato com os sentimentos intuitivos, receptivos e suaves que foram condicionados a ignorar. Todavia, as mulheres não podem se tornar mais completas tornando-se ainda mais passivas, ternas e submissas do que já são. Tornamo-nos um todo através do conhecimento da nossa força e criatividade, nossa agressividade, nossa sexualidade, afirmando o *self* e não o negando. Não podemos obter a iluminação através da identificação com a esposa do Buda ou dos seguidores de Krishna. Enquanto a Índia possui fortes tradições da Deusa – do tantra ou culto a Kali – estas são menos popularizadas no ocidente, pois não atendem à nossa expectativa cultural de que a verdade é fornecida através de imagens masculinas, de machos carismáticos. Se examinarmos cuidadosamente esses símbolos, a estrutura hierárquica, a negação da sexualidade e da emoção que são passadas pelos gurus, que atraem cultos populares no ocidente, somos forçados a concluir que, embora usem instrumentos diferentes, estão tocando a mesma e antiga melodia.

Outra dimensão do absolutismo é a nossa tendência em pensar que a verdade é, de alguma forma, mais genuína se expressa de modo extremado; que uma teoria para ser válida deve explicar tudo. Por exemplo, um psicólogo descobre que ratos podem ser condicionados a responder certos estímulos de maneiras previsíveis e conclui que toda a aprendizagem nada mais é do que respostas condicionadas. Isto alimenta todos os pronunciamentos retumbantes e infundáveis discussões nas publicações especializadas – afinal, como podemos *provar* aquilo que sentimos congenitamente? – de que em algum lugar no vazio entre o rato em seu labirinto e Marakova aprendendo a dançar, alguns outros fatores entram. Mas, se os psicólogos afirmassem simplesmente “*alguma* aprendizagem é uma questão de condicionamento”, quem daria ouvidos? Uma declaração como esta não impressiona; ela não soa como nova ou original; não propicia material para comunidades utópicas experimentais e não conduz a nenhum reconhecimento internacional ou lucrativas viagens para proferir conferências. Ela

parece monótona, óbvia. Sua única virtude é que ela é verdadeira, coisa que a pretenciosa generalização não é.

Afirmações absolutistas são, com frequência, extremamente atraentes. Algo em nós deseja que a vida seja organizada de maneira concisa, baseada em princípios claros, sem aparas a serem feitas. Queremos, desesperadamente, que divisões de grandes números só operem com números inteiros e não com frações. Mas, se estamos interessados em resolver problemas ao invés de manipularmos modelos agradáveis, temos de aceitar que eles não são assim. Somente quando nos encontramos preparados para enfrentar a complexidade e a incerteza da realidade é que podemos esperar transformá-la.

Nos últimos anos, uma enxurrada de gurus seculares tem se ocupado ostensivamente de nossa expectativa cultura por princípios organizacionais simples sobre os quais desejamos estruturar as nossas vidas. A base de muitos dos movimentos de “crescimento” e de potencial humano é o conceito absolutista “eu crio a minha própria realidade”. De certa forma, é reconfortante acreditar nisso; em outras, é uma ideia aterrorizante. Parece ser verdade que, de fato, criamos, em nossas vidas, oportunidades e saúde física mais do que admitimos ser de nossa responsabilidade. Se inculpo o sistema, a minha mãe ou a má sorte pela minha infelicidade, continuarei sendo infeliz ao invés de agir a fim de mudar a minha situação. Depende apenas de mim obter um trabalho que seja significativo, dinheiro para a subsistência e relacionamentos importantes; nada fora de mim impede que eu os tenha. Eu sou, é claro, como a maioria dos membros desses movimentos, branca e de classe média. Se a minha pele fosse de outra cor, se eu fosse mentalmente retardada em virtude de uma desnutrição anterior ou incapaz, duvido que seria tão exultante quanto à minha capacidade para criar realidade. Será que a vítima do estupro cria o ataque? Será que as crianças do Vietnã criaram o *napalm*? Obviamente, não.

Grande parte da realidade – a previdência social, a guerra, os papéis sociais determinados às mulheres e aos homens – é criada coletivamente e somente pode ser mudada coletivamente. Uma das instituições mais lúcidas do feminismo é a de que as nossas lutas não são somente individuais e a nossa cultura trata as mulheres como classe. Sexismo, racismo, pobreza e acidentes inevitáveis moldam as vidas das pessoas e não são criados por suas vítimas. Se a espiritualidade deve atender, verdadeiramente, à vida, deve enfatizar que somos todos responsáveis uns pelos outros. Seu enfoque não deve ser a iluminação individual, mas o reconhecimento da ligação e cometimento de uma para com o outro.

A religião feminista não faz promessas falsas. Ela não engana as pessoas em relação à dor e desilusão que advêm quando o seguidor esbarra contra uma realidade que não pode ser mudada. A noite sucederá o dia e não há o que você, eu ou Werner possamos fazer para alterar isso.

O paradoxo, é claro, é que somos a Deusa: somos cada qual uma parte da realidade interligada e interpenetrante que é tudo. E, enquanto não somos capazes de fazer com que a Terra pare de girar, podemos escolher experimentar cada revolução tão profunda e completamente, que até mesmo a escuridão se tornará luminosa. Ter *vontade* não significa que o mundo funcionará conforme nossos desejos; significa que *nós* temos vontade: faremos nossas próprias escolhas e agiremos para que aconteçam, mesmo sabendo que poderemos fracassar. A espiritualidade feminista valoriza a coragem de arriscar, de cometer erros, de ser a sua própria autoridade.

Precisamos nos livrar da crença de que somente poucos indivíduos na história tiveram uma participação direta na verdade; que Jesus ou Buda ou Maomé ou Freud ou Werner Erhard sabem mais sobre nossas almas que nós. Podemos, certamente, aprender com nossos professores, mas não podemos nos dar ao luxo de abrir mão de nosso poder para que direcionem as nossas vidas. Uma religião feminista não necessita de messias, mártires ou santos para mostrarem o caminho. Pelo contrário, ela deve convalidar-nos na descoberta e divisão de nossas experiências, interiores e exteriores. Sua meta deve ser a tarefa impossível de ensinarmos a nós mesmos – pois não temos modelos e professores para indicar o caminho – a sermos humanos, pulsantes com todas as paixões e desejos, faltas, limitações e infinitas possibilidades do ser humano.

Atualmente, muitas forças estão formando a gênese de novos mitos. Tenho discutido as mudanças que a ciência introduziu na religião, assim como o impacto do diálogo oriente-ocidente. Nossa crescente percepção sobre a ecologia, o iminente apocalipse ambiental, forçou-nos a atentar para a interligação com todas as formas de vida, que é a base da religião da Deusa. Nossa atitude cultural em transformação, em relação à sexualidade, também está influenciando a nossa espiritualidade.

Feministas, muito acertadamente, observaram que a chamada revolução sexual tem significado, com muita frequência, a abertura do mercado para o corpo feminino e a objetificação das mulheres. Isso ocorre porque ainda não somos sexualmente livres. Pornografia, estupro, prostituição e sadomasoquismo simplesmente trazem à tona o tema subjacente ao ascetismo, celibato e castidade cristã – de que o sexo é sujo e mau e, por associação, também o são as mulheres. Sob o patriarcado, a sexualidade fornece a base racional para a violência contra as mulheres – o apedrejamento de adúlteras, a queima de bruxas, a investigação inescrupulosa na conduta das vítimas de estupro.

A religião da Deusa identifica a sexualidade como sendo a expressão da força criativa da vida do universo. Ela não é suja nem, tampouco, meramente “normal”; ela é sagrada, a manifestação da Deusa. Felizmente, isso não significa que se tenha que ser ordenado, antes, para que se possa fazer uso dela. Na espiritualidade feminista, algo que é sagrado também pode ser afetuoso, alegre, prazeroso, apaixonado, engraçado ou puramente animal. “Todos os atos de amor e prazer são meus rituais”, afirma a Deusa. A sexualidade é sagrada por ser um ato de partilhar energia, um abandono apaixonado ao poder da Deusa, imanente em nosso desejo. No orgasmo, dividimos a força que move as estrelas.

A força mitogênica mais poderosa funcionando presentemente, no entanto, é o feminismo. As mulheres ousaram olhar através do olho acróstico e os modelos se partiram. O processo de transformação cultural é longo e difícil. As leis, a linguagem, o sistema econômico e social ainda não refletem a nossa visão. Estamos descobrindo e criando mitos, símbolos e rituais para fazê-lo. Precisamos de imagens que nos levem para além da linguagem, leis e costumes; que nos arremessem para além dos limites das nossas vidas, para aquele espaço entre os mundos, onde possamos enxergar com clareza.

O movimento feminista é um movimento mágico-espiritual, assim como um movimento político. É espiritual pois se dirige à liberação do espírito humano, para a cura da nossa fragmentação, para que nos tornemos inteiros. É mágico porque muda a nossa consciência, expande a nossa percepção e nos dá uma nova visão. E também é mágico por outra definição: “a arte de causar mudanças de acordo com a própria vontade”.

Se queremos recuperar a nossa cultura, não podemos nos permitir definições limitadas.

E, quando tivermos vencido, “devemos retornar ao círculo”. O círculo é o círculo ecológico, o círculo da interdependência de todos os organismos vivos. A civilização deve retornar à harmonia com a natureza.

O círculo também é o círculo da comunidade.* As antigas estruturas familiares, as redes de apoio e carinho estão ruindo. A religião sempre foi uma fonte básica de comunidade e uma das funções vitais da espiritualidade feminista é a de criar novas redes de envolvimento. A comunidade também implica questões mais amplas de quanto equitativamente o poder, a riqueza e as oportunidades estão sendo divididas entre os diferentes grupos, bem como quanto a de quem cuida das crianças, dos idosos, dos doentes e dos incapazes. Quando o divino se torna imanente no mundo, todas estas áreas são de interesse espiritual.

O círculo também é o círculo do *self*. Nossa visão do *self* – o que é, como vê, de que maneira funciona – mudou muito. A espiritualidade feminista é também uma viagem interior, uma exploração da visão pessoal, um processo de autocura e autoinvestigação.

Retornar ao círculo não significa, necessariamente, abraçar especificamente a Feitiçaria. Espero que a religião do futuro seja multifacetada, brotando de várias tradições. Talvez vejamos um novo culto à Virgem Maria e o renascimento da deusa hebraica. Tradições dos índios americanos e tradições afro-americanas podem florescer em um clima no qual ser-lhes-ão dadas o respeito que merecem. As religiões orientais, inevitavelmente, sofrerão transformações à medida que crescerem no ocidente; parte dessa mudança pode ser a dos papéis que determinarem para as mulheres.

Mas existem conceitos básicos que são valiosos na Feitiçaria, nos quais outras tradições feministas podem se inspirar. O mais importante é a interpretação da Deusa, a divina, como imanente no universo, manifesta na natureza, nos seres humanos, na comunidade humana. O todo que é um, não está e jamais esteve separado do mundo físico existente. Ela está aqui, agora, é cada um de nós no presente eternamente em transformação; não é ninguém além de você, não está em nenhuma parte a não ser com você e, no entanto, é todas as pessoas. Cultuá-la é afirmar que, mesmo em face do sofrimento e, frequentemente, contra todas as evidências, a vida é boa, uma grande dádiva, uma constante oportunidade de êxtase. Se a vemos transformar-se num fardo de miséria para os outros, temos a responsabilidade de mudá-la.

Por ser a Deusa manifesta em todos os seres humanos, não tentamos fugir da nossa humanidade, mas buscamos ser plenamente humanos. A tarefa da religião feminista é ajudar a ensinar aquelas coisas que parecem ser tão simples e, no entanto, são muito mais exigentes que as mais severas disciplinas do patriarcado. É mais fácil ser celibatário do que estar vivo plena e sexualmente. É mais fácil se afastar do mundo do que viver nele; é mais fácil ser eremita que criar uma criança; é mais fácil reprimir emoções do que senti-las e expressá-las; é mais fácil submeter-se à autoridade do outro do que confiar em si próprio. Não é fácil ser uma bruxa, aquela que se curva, aquela que molda, um dos sábios; como também não é seguro, confortável, “relaxado”, suave, animador ou uma garantia de paz de espírito. Ela exige abertura, vulnerabilidade, coragem e trabalho. Ela não fornece resposta: somente tarefas a serem cumpridas e questões a serem consideradas. A fim de transformarmos, verdadeiramente, a nossa cultura, necessitamos dessa orientação em relação à vida, ao corpo, à sexualidade, ao ego, à vontade, a todas as rudezas e aventuras do ser humano.

A Feitiçaria oferece o modelo de uma religião de poesia, não teologia. Ela apresenta metáforas, não doutrinas, e deixa em aberto a possibilidade da reconciliação da ciência e da religião, dos vários saberes. Ela funciona através de modos profundos de conhecimento, negados pela nossa cultura e pelos quais ansiamos.

A visão de mundo da Feitiçaria é cíclica, espiral. Ela dissolve dualidades e vê os opostos como complementos. A diversidade é valorizada, pois entre eles flui a pulsação positiva/negativa da energia polar que sustenta a vida. Este ciclo é o ritmo da dança, para a qual o caçador, aquele que busca, é sempre atraído.

Finalmente, a Arte fornece um modelo estrutural: o *coven*, o círculo de amigos, no qual há uma liderança, mas não uma hierarquia, pequena o suficiente para criar uma comunidade sem perda da individualidade. A forma do ritual é circular: ficamos de frente para o outro, não para um altar, pódio ou capela sagrada, pois é em cada um de nós que a Deusa é encontrada. Cada bruxa é sacerdotisa ou sacerdote: não existem hierofantes, messias, encarnações, gurus. A Deusa diz: “Se aquilo que você busca, não encontra dentro de você, jamais encontrará no exterior. Por isso, estou com você desde o início.”

Quando retornarmos ao círculo, quando tivermos vencido, o que seremos? Tenho fragmentos de visões; talvez sejam memórias de vidas futuras:

As crianças acordam no meio da noite para ver a lua nascer. Elas nada aprendem a respeito da lua até que tenham vivido com ela durante um ciclo, levantando com seu surgimento, dormindo quando ela se vai. Elas nada aprendem sobre o sol até que o tenham observado durante um ano, seguindo seus movimentos no horizonte. Seus professores estimulam-nas a criar desenhos, histórias e canções sobre a lua e o sol.

Quando estão um pouco mais velhas, são apresentadas a um modelo do sistema solar. Nada lhes é dito; elas simplesmente ficam com ele um certo tempo a cada dia, para observá-lo, com a mente aberta. Para algumas delas, a compreensão virá em um instante de iluminação. Para outras, não virá. Não importa. Depois de certo tempo, elas são encorajadas a perguntar. Depois de certo tempo, elas são respondidas.

Quando estão um pouco mais velhas ainda, fazem uma peregrinação à lua. Algumas podem viver um período no santuário do rosto resplandecente, olhando a terra crescer e minguar. Algumas talvez prefiram o santuário da escuridão, que está sempre de frente para as estrelas.

O caminho é, às vezes, íngreme, mas não difícil de acompanhar. Aradia sabe que seu desconforto advém somente dela estar só. Como todas as outras crianças, já viajou e acampou nas montanhas várias vezes. Mas, jamais, sozinha.

Ela para, por um momento, em uma campina elevada, para absorver o sol. Três dias. Ela viverá da terra ou jejuará. Já a Festa do Primeiro Sangue, a celebração, os pratos cerimoniais de comidas vermelhas, os presentes embrulhados em papel vermelho, são memórias de uma vida passada. Agora ela está passando. Deu suas bonecas e brinquedos. Ao longo do cume, ela segue a trilha para o Lago das Mulheres.

Anna aguarda à beira do lago. Ela encontra-se no vazio das montanhas como uma lágrima na palma da mão. Ela bebe o silêncio: após todos os anos de barulho, crianças, trabalho, demandas. Após dez anos de desenhar projetos para edifícios, é bom olhar para as árvores e as pedras, tirar seu ano de repouso. Quando as jovens chegarem, ela e as outras mulheres lhes ensinarão coisas sobre os seus corpos, sobre o vento e as rochas, sobre o fogo e a água. Elas aprendem a fiar e a tecer, a fazer chamas sem fósforos, a compreender a fala dos animais. À noite, aprendem os mistérios e as canções que as mulheres lembram. E fazem mágica...

É a noite do solstício de inverno. Em San Francisco, há fogueiras por toda parte: espalhadas ao longo das praias, brilhando em *Twin Peaks*, em todos os lugares altos. Nos parques e nos telhados, pequenos grupos se reúnem ao redor de caldeirões. Não há grandes encontros, somente círculos.

Eles começam com um costume muito antigo: andando sobre a terra e procurando papéis ou objetos estranhos. Os anciãos debateram a descontinuidade do costume: ele está ultrapassado. Nunca há lixo para ser achado. Nada é feito para ser jogado fora; nada não é aproveitado.

Do alto das montanhas, a cidade é um mosaico colorido encravado no verde. Em toda parte há jardins. Os últimos raios do sol cintilam tons róseos em milhares de coletores solares.

As bruxas se dão as mãos ao redor do fogo. O vento sopra mais forte, balançando os galhos dos eucaliptos. Na cidade, milhares de moinhos de vento alegremente pintados giram para a vida, irradiando as luzes coloridas com as quais são decorados no meio do inverno. As velas se apagam; os altares são virados. Ninguém se importa. Eles têm tudo o que precisam para fazer mágica: suas vozes, sua respiração, um ao outro.

Pela longa noite, eles cantam seus nomes. Cantam hinos para o sol recém-nascido, para a Deusa eternamente girando. Vertem libações e agradecem, especialmente os idosos, que se lembram de quando tudo era diferente:

- Estou agradecido, pois nesta cidade ninguém passa fome.
- Estou agradecido, pois nesta cidade ninguém morre sozinho.
- Agradeço porque posso andar nas ruas escuras sem medo da violência.
- Agradeço pelo ar limpo, pela vida que voltou às águas da baía, por estarmos em paz.
- Agradeço, pois todos têm trabalho.

Pela manhã, desfiles descem pela Market Street e grupos de bairros e sindicatos apresentam suas balsas elaboradas, criação dos melhores artistas da cidade. Imagens da Virgem, magnificamente enfeitadas, chegam do distrito de Mission, acompanhadas de resplandecente roda de luzes do sindicato dos Eletricitários e um Filho do Sol feito de flores amarelas da Associação das Parteiras. Há palhaços, malabaristas, bandas marchando; as pessoas saem de suas casas para dançar nas ruas. Mais tarde, haverá concertos, festas, bailes à fantasia e apresentações teatrais especiais.

O último dia de celebração é calmo e tranquilo. As pessoas se visitam em suas casas, trocando alimentos e presentes simples. Famílias e *coven* comem juntos.

À noite, retornam às montanhas e reacendem os fogos. Unem-se para concentrar o poder da estação e passarem para entre os mundos. Além do tempo, em contato com o futuro e o passado simultaneamente, com todas as possibilidades, elas falam conosco. Podemos ouvi-las. Elas dizem para nós:

– Desperte! Você é o auge. Você é parte do círculo dos sábios. Não há nenhum mistério que já não lhe tenha sido revelado. Não há poder que você já não tenha. Você partilha todo o amor que existe.

“Quando retornarmos ao círculo
Teremos sem dúvida vencido.
Retornaremos à dança para a emoção da caçada.”⁷

A Deusa desperta em formas infinitas e milhares de disfarces. Ela é encontrada onde é menos esperada, surge do nada e de tudo para iluminar o coração aberto. Ela está cantando, chorando, resmungando, lamentando, gritando, murmurando para nós: despertem, entreguem-se à vida, sejam amantes no mundo e do mundo, unam suas vozes na única canção da criação e transformação constantes. Pois sua lei é o amor acima de todos os seres e ela é a taça da bebida da vida.

Que a vida floresça, agora e sempre!
O círculo está sempre aberto, jamais rompido.
Que a Deusa desperte em cada um de nossos corações.
Feliz encontro e feliz partida. E abençoados sejam.

Notas

¹ Martha Courtot, "Tribes", Lady-Unique-Inclination-of-the-Night, Ciclo 2, verão de 1977, p. 13.

² Diane Di Prima, "Now Born in Uniqueness, Join the Common Quest". Loba (Berkeley: Wingbow Press, 1978), p. 188.

³ Carol P. Christ, "Why Women need the Goddess" em Carol P. Christ e Judith Plaskow, eds., Womanspirit Rising (San Francisco: Harper & Row, 1979), p. 278.

⁴ Marsha Lichtenstein, "Radical Feminism and Women's Spirituality: Looking Before You Leap", Lady-Unique, Ciclo 2, verão de 1977, pp. 37-38.

⁵ Julian Jaynes, The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind (Boston: Houghton Mifflin, 1976), p. 52.

⁶ Jaynes, p. 53.

⁷ Di Prima, p. 189.

Dez Anos Mais Tarde: *Comentários Sobre os Capítulos 1 a 13*

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO UM

PÁGINA 20 – Quando escrevi, originalmente, *A Dança Cósmica das Feiticeiras*, meus *covens* sempre invocavam a Deusa e o Deus. Na década posterior, os *covens* com os quais trabalho tornaram-se mais soltos em nossas interpretações quanto ao relacionamento às imagens de divindades ou, talvez, mais francos em relação ao entendimento de que essas coisas são mistérios que jamais compreenderemos completamente. Agora, invocamos quaisquer aspectos das deidades que sentimos serem apropriadas ou que paira sobre nós, independentemente da época. Quase sempre invocamos alguma forma da Deusa, apesar de não ser, em geral, um aspecto nomeado e específico. Por exemplo, se estamos realizando um ritual com pessoas que não são pagãs, talvez durante um ato político, simplesmente e podemos invocar os elementos ou chamar o/a Deus(a) pelos nomes das pessoas presentes. Se sentimos que algum aspecto do Deus requer nossa atenção, nós o invocamos.

PÁGINA 20-22 – A história aqui apresentada é uma mistura de tradição oral, interpretação completa, documentada, e com notas de rodapé exigiria volumes, muitos dos quais já foram escritos por outras pessoas. Em *Truth or Dare*, apresentarei uma exploração mais completa do Oriente Médio e a transição para o patriarcado. No apêndice de *Dreaming the Dark*, forneço um relato muito mais elaborado das perseguições europeias às bruxas. É rico o material disponível sobre a Deusa, mas há dez anos ainda não havia sido publicado. Ver bibliografia atualizada para referências.

Relendo essa história, impressionou-me seu caráter eurocêntrico. Obviamente, estou investigando a história de uma tradição europeia; no entanto, é importante saber que culturas femeocentradas na Deusa também fundamentam as ricas culturas da Ásia, das Américas, África e Polinésia. Raízes africanas e asiáticas também alimentaram a tradição europeia. Em muitas áreas essas tradições sobrevivem até hoje. Os trabalhos de Paula Gunn Allen e Luisa Teish, como também a antologia de Carl Olsen, são bons pontos de partida para a exploração de outras tradições.

O xamanismo tornou-se uma palavra da moda nos últimos dez anos. O interesse em tradições espirituais que oferecem encontros diretos com dimensões que vão além do cotidiano cresceu enormemente, gerando uma pequena indústria de *workshops* e viagens exóticas. Mas o verdadeiro crescimento espiritual ocorre no contexto de uma cultura. Pessoas de herança europeia, que anseiam por aquilo que a cultura carece, podem, inconscientemente, tornar-se predadores espirituais, destruindo outras culturas através de tentativas superficiais para descobrir seus tesouros místicos.

Compreender que devemos nos conter e nos concentrarmos no conhecimento sobrevivente das tradições europeias pode ajudar as pessoas com antepassados europeus a evitar o afluxo para a triste tribo dos “que querem ser”... querem ser índios, querem ser africanos, querem ser qualquer coisa menos aquilo que são. E, é claro, qualquer poder espiritual real que adquirimos de qualquer tradição traz consigo responsabilidades. Se aprendemos com os ritmos dos tambores africanos ou nas cabanas de Lakota, incorremos na obrigação de não romantizar as pessoas que nos ensinaram, mas de participarmos das batalhas reais que estão sendo empreendidas pela liberação, terras e sobrevivência cultural.

Leitores cuja própria herança preserva uma espiritualidade viva e baseada na terra podem encontrar aqui interessantes paralelos e comparações.

PÁGINA 22 – “Nas terras uma vez cobertas...” O poder das linhas “retas” e das pedras postas de pé talvez não tivesse sido recém-descoberto, nem necessariamente o norte da Europa o local onde foram achadas. Pedras e alinhamentos similares são encontrados em todo o mundo, das rodas mágicas da América do Norte aos monólitos da ilha de Páscoa.

PÁGINA 23-24 – “... de um número estimado em nove milhões de bruxos...” Na verdade, as estimativas variam entre um mínimo de cem mil e esse número, que é, provavelmente, alto. Na realidade, ninguém sabe exatamente quantas pessoas morreram nas perseguições. Muitas morreram nas prisões e não foram computadas nos registros dos executores. Mas o efeito das perseguições na psique da Europa, e especialmente sobre as mulheres, foi de um trauma coletivo. No apêndice a *Dreaming the Dark*, exploro essa questão mais detalhadamente do que me é possível aqui.

PÁGINA 27 – “Visto que as mulheres dão à luz os homens...” Não tenho mais tanta certeza de que há um “lado feminino” na natureza do homem ou um “lado masculino” na natureza da mulher. Atualmente, acho mais proveitoso considerar toda a gama das possibilidades humanas – agressividade, ternura, compaixão, crueldade, criatividade, passividade, etc. – como acessíveis a todos nós, sem divisões de gêneros, tanto internos quanto externos.

PÁGINA 27 – “A Feitiçaria moderna...” A Arte cresceu enormemente nos últimos dez anos e seu maior crescimento, provavelmente, tem ocorrido entre grupos que começaram sozinhos, funcionando como uma cooperativa, a maioria com autotreinamento e ecléticos.

PÁGINA 30 – “A bruxaria não é uma religião das massas...” Além dos *covens* existem muitas bruxas que são solitárias, que escolheram praticar sozinhas, tanto por não conseguirem encontrar companheiros em sua área ou porque preferem que assim seja, da mesma maneira que algumas pessoas preferem viver sozinhas.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO DOIS

PÁGINA 34 – “Nossos semelhantes são os magos negros...” Hoje, não usaria essa citação, pois sinto que a utilização de “negro” e “escuro” para significar o “mal” perpetua o racismo. Além disso, nesses anos intermediários, a obra de Castaneda tem sido considerada mais ficção do que antropologia. Não obstante, ela ainda possui valiosos *insights*.

PÁGINA 35 – “Talvez a maneira mais convincente...” As pesquisas dos hemisférios cerebrais esquerdo e direito, tão estimulante no final da década de 1970, atualmente deixa-nos menos entusiasmados. Outras culturas sempre souberam que existem vários diferentes estados de consciência e a eles têm dado valor. Somente nos últimos séculos da cultura ocidental é que temos negado terminantemente qualquer tipo de consciência, a não ser a linear e racional, que afirma que necessitamos de uma metáfora científica elaborada como “prova” de que alguma outra coisa existe. Uma vez que aceitamos que a consciência tem várias dimensões, saber exatamente onde estas se localizam no cérebro parece ser pouco relevante, a não ser que tenhamos sofrido um acidente na cabeça ou planejemos praticar a neurocirurgia.

PÁGINAS 36-39 – Discussão sobre os três *selves*. Eliminei desta discussão comparações com termos freudianos, jungianos ou da análise transacional, tais como id, ego, inconsciente coletivo, pai, filho, etc. Nenhum dos *selves*, como aqui são discutidos, corresponde exatamente a quaisquer desses termos, e fazer as comparações, acredito, é mais confuso do que esclarecedor.

PÁGINAS 39-43 – O mito da criação e a questão da polaridade. O mito da criação que abre este capítulo, e sobre o qual esta discussão é baseada, foi-me passado como um ensinamento oral da tradição Wicca das fadas, por Victor Anderson. Na Arte, os mitos não são vistos como dogmas. Cada um revela a nós outra faceta de compreensão, mas nenhum mito revela a única e total verdade. O teste de um verdadeiro mito é aquele em que, cada vez que se retorna para ele, novos *insights* e interpretações surgem.

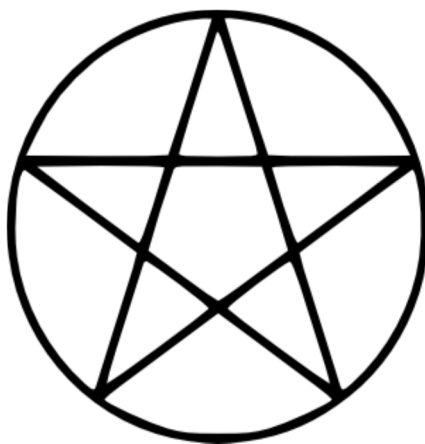
Anteriormente, compreendia este mito como m ensinamento sobre *polaridade*, a atração magnética dos opostos, a tensão dinâmica da diferenciação e percebia a diferenciação básica como sendo feminina/masculina. O modelo não examinado por mim, à época, acredito agora, foi o da atração erótica entre mulheres e homens como o padrão básico para compreender a dinâmica da energia do universo.

A polaridade pode existir entre mulheres e homens, feminino e masculino, e, quando ocorre, é uma força poderosa. Várias tradições da Arte, e tradições espirituais fora da Arte, ligam-se a essa força e trabalham com ela. É uma maneira válida de entender a energia, mas não é o único caminho.

Hoje, percebo o mito como ensinando outra coisa. O que chamamos de “mulher” e “homem” são uma espécie de designação arbitrária de pontos que se estendem ao longo de uma série contínua, de estações sobre uma roda. Polaridade, desejo e atração podem surgir entre e dentro de quaisquer de suas combinações. A polaridade não é simplesmente uma linha reta entre dois pólos; é uma rede de forças na multiplicidade de pontos de uma esfera, os quais contêm, cada um, o seu próprio oposto.

Se esta discussão estiver se tornando tão mística, a ponto de se tornar incompreensível, desenhe dois pontos e ligue-os com uma linha reta. Imagine-a como uma linha de forças reverberantes fluindo para a frente e para trás simultaneamente, e você pode refletir sobre como o poder pode ser gerado. Agora, desenhe um círculo maior e marque um certo número de pontos, cinco, digamos, um para cada personagem da história: a Deusa Primitiva, Miria, o Deus Azul, o Deus Verde e o Deus Galhudo. Agora, ligue-os com linhas de todas as maneiras possíveis. Você se verá desenhando o pentagrama dentro do círculo: o símbolo da Arte e da magia, um poder que é sutil e complexo em suas interações.

Agora, considere que o Deus Galhudo, o aspecto mais “masculino” (ou talvez deveríamos dizer “macho”) do Deus, está agora mais próximo da Deusa Primavera neste *continuum*. Considere que, se ele é a morte, ele é também a vida, o animal que alimenta a tribo, o desejo para buscar, encontrar e saber. Considere que, se a Deusa Primitiva é a criadora, ela é também a destruidora, pois qualquer ato de criação desfaz o que havia anteriormente. Considere que o amor gera a criação, como também a perda do bem-amado, que é levado embora e sofre uma mudança de sexo diante dos olhos da Deusa.



Algo está acontecendo aqui, que é muito mais complicado do que “mulher precisa do homem e o homem deve ter sua parceira”. O mito parece estar dizendo, agora, que o desejo, a ligação erótica que une os mundos, não depende da diferenciação sexual, que ele surge de maneiras únicas dentro e entre qualquer e todos os seres que são completos em si mesmos, significando que a disposição para integrar um amplo espectro de qualidade varia do nascimento à morte e depois volta novamente para o início. Interpretado desta maneira, o mito revela possibilidades muito mais interessantes e diversificados do poder e fornece um modelo que dá validade cósmica para todas as referências sexuais.

Hoje, também temos mitos da criação relatados por cientistas que investigam as origens do universo. Estes, não necessariamente, conflitam com nossas novas narrativas míticas. Na história que abre *Truth or Dare*, fiz uma experiência escrevendo uma versão mítica da verdade dos cientistas, como eu a conheço através do físico Brian Swimme, meu colega no Institute for Culture and Creation Spirituality. O mito da criação aqui apresentado também pode ser interpretado como uma nova narrativa poética da história original da bola de fogo que explode em galáxias e estrelas.

PÁGINAS 43-47 – O mito da roda do ano. Os mitos na Arte não são esculpidos na pedra. As lendas tradicionais têm muito para nos ensinar e devemos ser cautelosos quanto à muda-las. Mas, quando trabalhamos com elas e refletimos sobre elas, talvez possamos compreendê-las em novas imagens e linguagens que reflitam nossas próprias transformações. Presentemente, muitas pessoas estão trabalhando com o mito da roda. Dentro da minha própria comunidade, que se ampliou, vários grupos e indivíduos têm retrabalhado o mito a fim de refletir sobre outros modelos do ciclo das mudanças, além daquele do amor heterossexual. Não que haja algo de errado com o desejo entre mulheres e homens, mas este parece ser um esquema bastante limitado para uma comunidade e um universo, que também contém o desejo renovador e gerador da vida entre mulheres e mulheres e homens e homens, como também energia que é erótica, em seu sentido mais amplo, entre seres humanos e árvores, rochas, flores e montanhas.

Em parte, a regeneração da Arte como uma religião viva está ligada a uma tentativa maior de criar uma cultura da vida. Neste esforço, em um tempo em que a política de gêneros e a política sexual são calorosamente debatidas, não podemos aceitar, simplesmente, a determinação de certos papéis ou aspectos do cosmo como “masculinos” ou “femininos”. Na realidade, quase todas as imagens de poder que nos dermos o trabalho de nomear têm sido vistas como femininos em algumas culturas e masculinas em outras.

Ao mesmo tempo, a Deusa, os deuses, são reais, isto é, medite sobre o Deus Galhudo e algo começa a acontecer que é muito diferente daquilo que ocorre quando você medita sobre a Grande Mãe. Cada qual é uma entrada ou canal para o poder. E não podemos reconstruí-los, simplesmente, de acordo com os estilos políticos do momento. Parte do propósito de uma espiritualidade viva é fazer com que ampliemos nossa imaginação e percepções para além daquilo que achamos ser correto.

O que podemos fazer é meditar profundamente sobre o mito, ouvir a nossa intuição e emoções e aquilo que podemos aprender dos eventos verdadeiros que o mito representa. O que acontece à medida que o ano avança do inverno até o verão e depois de volta, novamente? O que muda, dentro de nós e ao nosso redor?

O mito não é criado, meramente, para alimentar os psicólogos de material sobre os quais possam ponderar. O mito é a narrativa da história coletiva sobre o que realmente acontece na contraparte espiritual do mundo físico. Quando penetramos em um mito, através do ritual, processos similares se manifestam em nós. Nosso elo com os processos do universo e a nossa ligação com a comunidade são fortalecidos.

Eis, portanto, a minha reflexão sobre a roda do ano como uma viagem do que é potencial através da promessa e do desejo à realização, e da realização que é consumada em seu auge através da descida e da dissolução à renovação.

A Roda do Ano

Nascimento, crescimento, morte, renascimento: a roda que gira é um círculo, assim como o ano é uma viagem circular que fazemos em volta do sol.

Começo na escuridão do ano, quando há um hiato no tempo, um momento em que o véu é tênue e aqueles que partiram antes de nós e aqueles que virão depois de nós não estão separados de nós. Nesse momento fértil, quando presente, passado e

futuro se encontram, a criança do ano é concebida. O que é concebido são as possibilidades, pois a criança não está ainda formada.

Dizemos que o céu noturno é o ventre da Deusa, pois ele é escuro como o útero que nos contém, e dentro dele bilhões de estrelas vivas são pontos de luz, como os espíritos dos mortos nadando no caldeirão escuro do ventre, em direção ao renascimento. Dizemos que no solstício de inverno a Grande Mãe dá à luz o sol. Mas o que realmente nasce? Não o sol físico, a flamejante bola de gás. É o espírito do sol que nasce no espírito da noite, é a criança da promessa que desperta dentro de nós, lembrando-nos que podemos ser mais que somos. E, enquanto o ano cresce, a criança ainda não formada começa a criar uma personalidade, a crescer na forma e na configuração que o ano apresenta, a perguntar-nos pelas promessas que o ano exige.

O que existe em potencial começa a criar raízes, brotando e dando folhas e frutos. O espírito do sol penetra as sementes da primavera. Invoque a filha semeadora do sol, pois ela crescerá e amadurecerá e dará à luz a si própria. Invoque o filho semeador do sol, pois ele surgirá e se derramará e cairá novamente. Ou invoque a semente a criança do Equilíbrio, pois nela todos os opostos se encontram. Escuridão e luz, fogo e água, terra e ar, dia e noite, são necessários para o seu crescimento.

Onde há equilíbrio, existem igualdade e diferença e, destas, nasce o desejo. O desejo surge forte e firme como o pau-de-fita da festa da primavera, e o desejo rodopia, dança, em um arco-íris de cores como fitas balouçantes, e o desejo faísca e emite calor que oscila como as chamas do caldeirão. E, quando nos entregamos às marés altas da vida, elas nos carregam na crista da onda; a criança amadurece; o potencial se realiza; a semente brota e do seu troco surgem frutos, que devem cair.

A roda gira. Dizemos que o solstício de verão é o tempo da distribuição do sol. Chame o sol de nossa mãe, pois ela nos alimenta do seu próprio corpo. Chame o sol de deus que se entrega, pois ele se consome para gerar calor e luz. Invoque o tempo do sol.

Aquilo que sobe deve cair para derramar sua semente. O que amadurece deve cair sobre a terra e apodrecer. Portanto, o sol torna-se o viajante, aquele que desce, aquele que conhece o outro lado e, dessa maneira, nos conduz a um novo equilíbrio à época da colheita quando, para vivermos, devemos nos transformar nos ceifeiros da vida. Chame a colheita de filha do sol, pois cada fruta e grão maduros é um novo ventre. Chame a colheita de filho do sol, pelas sementes que se espalham sobre a terra.

Desça, junto com as sementes que penetram no chão. Entre no outro mundo, no tempo dos sonhos, o espírito do mundo. Chame o espírito do sol de seu navio e navegue os oceanos que são imunes à luz do sol e da lua, libertos do tempo. Na distância, algo brilha. É um ponto de luz; é uma ilha solitária onde o presente, passado e futuro se encontram. Transporte consigo as cargas do passado até que você alcance o ponto principal da espiral, onde a morte e a vida são uma só coisa, onde o que foi consumado pode ser renovado e todas as possibilidades são apressadas para uma nova vida ao lado daquilo que já foi. O ciclo termina e começa novamente e a Roda do Ano gira, continuamente.

PÁGINA 44 – “... Robert Graves...” Não creio mais que Graves foi a maior força em relação ao renascimento do interesse pela Deus.a Esta honra cabe ao movimento feminista como um todo, o qual tem conduzido muitas mulheres e homens a buscarem novas dimensões d esuas espiritualidade.s Graves foi um dos primeiros e mais

influentes autores a fornecer informações sobre as deusas primitivas, o que me foi recomendado quando comecei a estudar a Arte há vinte anos. Os últimos dez anos, felizmente, viram o florescimento de estudos e escritos sobre a Deusa e a espiritualidade feminista.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO TRÊS

PÁGINA 49 – Estrutura do *coven*. Hoje, vários grupos que estão começando formam *círculos* ao invés de *covens*. Na verdade, um *círculo*, um grupo mais solto de pessoas que praticam o ritual juntas, é a única maneira pela qual uma nova assembleia pode, de fato, iniciar. Os laços do *coven* são poderosos e kármicos, e não devem ser considerados superficial ou apressadamente. Com frequência, é necessário trabalhar em círculo com novas pessoas durante longo período, no mínimo um ano e um dia, antes de sabermos se o laço é ou não adequado.

Por “kármico” quero dizer várias coisas: que a ligação estabelecida tem repercussões que vão além das circunstâncias imediatas, que ela permanece em algum nível mesmo quando relacionamentos pessoais deterioram, que relacionamentos no *coven* têm a tendência a revelar aspectos de nós mesmos que mais precisamos transformar. Isto significa que assembleias não são sempre um refúgio de paz e apoio. Elas geram conflitos e confrontos, como ocorrem em quaisquer relações verdadeiramente íntimas. Em *covens*, como nas famílias, temos uma inclinação para desempenhar diferentes papéis e revelar os medos dos outros. Ao longo dos anos, quando o trabalho do *coven* se aprofunda e intensifica, as pessoas podem atingir limiares de mudanças em escalas diferentes. Alguns grupos, como alguns relacionamentos, parecem ter um ciclo de vida natural, conduzindo os membros até que o grupo como um todo alcança os limites de sua capacidade para crescer junto. Outros duram durante anos e vidas.

Além de *covens* e círculos, outros tipos de grupos podem ser desenvolvidos. Por exemplo, em San Francisco trabalho com um grupo que se chama Reclaiming (“recuperando”), uma organização de mulheres e homens oriundos de vários *covens* (e algumas bruxas solitárias), que começaram quando muitas do meu *coven* de mulheres começamos a lecionar juntas. Atualmente, o Reclaiming oferece aulas sobre a religião da Deusa, rituais públicos, *workshops*, cursos intensivos de verão e publica um boletim informativo trimestral. (Ver Informações Adicionais.) Ele também funciona como o núcleo de uma rede mais solta ou comunidade de pessoas envolvidas com a espiritualidade baseada na terra e que trabalham em prol de mudanças sociais e políticas.

Em outras partes do país, grupos parecidos organizam festivais, desenvolvem programas de treinamento, coordenam boletins informativos e realizam redes de ligações pagãs ou projetos similares. À medida que a comunidade pagã cresce, precisamos cada vez mais desses grupos de trabalho para aumentar os recursos e serviços que podem sustentar o nosso movimento.

As bruxas também já foram legalmente incorporadas como igrejas reconhecidas. Provavelmente, o maior grupo seja a Convenção da Deusa, uma liga de *covens* de várias diferentes tradições de Wicca, com conselhos locais em muitas áreas dos EUA, Canadá e Inglaterra. Recentemente, entre as igrejas unitárias, foi constituída a Convenção dos Pagãos Universalistas Unitários, que funciona como um fórum para

peessoas interessadas em se encontrarem e explorarem o ritual pagão dentro da igreja unitária. (Ver Informações Adicionais.)

PÁGINA 50 – “... poucas assembleias só de homens...” Hoje, mais homens parecem estar interessados em *covens* de homens, círculos rituais ou grupos parecidos que nasceram de outras tradições como as dos índios americanos. Tais grupos podem ser uma fonte de apoio e exploração da energia específica que os homens podem gerar juntos. Eles também propiciam aos homens um local para irem quando as mulheres se encontram em seus *covens*.

Na comunidade aberta ao redor de Reclaiming, *covens* individuais, femininos, masculinos ou mistos, encontram-se, com frequência, nas luas cheias ou para encontros regulares semanais ou bimensais. Nos *sabbats*, os oito principais dias santificados, geralmente temos reuniões maiores, nas quais muitos *covens* se reúnem e celebram juntos. Esse ritmo propicia intenso trabalho íntimo em nossos círculos menores e uma sensação de festividade e celebração geral para as festas sazonais.

PÁGINAS 53-55 – Compost e Honeysuckle. Enquanto os membros originais de Compost seguiram caminhos diferentes no início da década de 1980, o *coven* em si continuou (e ainda continua) sob a liderança de Valerie. Recentemente, a maioria dos fundadores se encontraram para uma reunião de 13º aniversário. Apesar de algumas de nós ter perdido contato por muitos anos, tão logo organizamos o círculo, sentimos, imediatamente, o forte poder do qual não havíamos nos esquecido, como se a forma *raith* do nosso poder coletivo nunca tivesse se dissolvido, mas permanecido, esperando por nós até que estivéssemos prontas para voltar. Ainda éramos um *coven*. Muitas de nós continuamos amigas íntimas ou fomos capazes de restabelecer ligações.

Honeysuckle, após várias transformações e trocas de nomes, também se dissolveu em meados da década de 1980, quando as vidas dos membros levou-os para novas direções e lugares distantes. Olhando em retrospectiva, quando começamos em Honeysuckle, todas estávamos em tempo de transição em nossas vidas, lutando para nos estabelecermos no mundo. Éramos uma assembleia de donzelas, apoiando-se umas nas outras na descoberta do nosso poder e aprendendo a colocá-lo no universo. Ao fazê-lo, demos à luz Reclaiming e opções individuais de trabalho. Agora, todas estamos na fase mãe da vida, o tempo de usar, dividir e ensinar nossas habilidades, de alimentar projetos criativos e esforços curativos e, em pelo menos dois casos, gestando crianças. Ainda mantemos ligações e estamos envolvidas umas com as outras.

Meu atual *coven*, Wind Hags, nasceu de uma classe do Reclaiming, que era ministrada por membros de Honeysuckle. Temos, diversas vezes, trabalhado juntas, organizado rituais públicos e atos políticos, sido presas juntas ou apoiado umas às outras em nossas atividades; celebrando nascimentos, casamentos e ritos de passagem; partilhado a dor da morte e o reconhecimento do crescimento e realizações. Duas de nós vivem juntas fazendo parte de uma organização coletivista maior. (Certa vez, quatro de nós vivemos juntas. Detestamos a experiência. Chegamos perto de nos odiarmos mutuamente. Quando tivemos o bom senso de nos separarmos, concedemo-nos a possibilidade de renovar a amizade em nível muito mais profundo. A moral aqui é que nem todos os relacionamentos são adequados a todas as pessoas, em todas as épocas.)

PÁGINA 54 – Buscando um *coven*. Todas as sugestões aqui fornecidas são boas. Ademais, várias pessoas oferecem, atualmente, aulas, trabalhos práticos e programas públicos, a partir dos quais círculos podem ser formados. Utilize as Informações Adicionais, ao final do livro (mas, por favor, *não* escreva para mim ou para Reclaiming para contatos sobre *covens*, pois não temos meios de lidar com o fornecimento de informações em nível nacional. Escreva para o Círculo, ou tente a CUUPS. E, por favor, não telefonem para o meu ex-marido. Apesar de ele ser extremamente bem-humorado, simplesmente lhe dirá que escreva para mim aos cuidados da Harper & Row).

PÁGINAS 56-57 – Árvore da Vida e exercícios de concentração. A Árvore da Vida ainda é a disciplina mágica básica que pratico, o exercício que uso para iniciar todos os rituais. Muito pode ser adicionado à estrutura simples, que é apresentada aqui. Por exemplo, após ter estendido os meus “ramos”, geralmente absorvo energia do céu, do sol ou da lua ou da luz das estrelas, durante o período de escuridão da lua. Os ramos em si são uma maneira simbólica de ver a aura do corpo ou o campo energético. Podem ser feitos mais grossos a fim de criar um escudo ou filtro, quando precisamos de proteção, ou delgados e alongados para quando nos sentirmos isolados. Estimulo as pessoas a brincarem com este exercício, experimentando e improvisando.

O termo *concentrar* (“grounding”, “ground” = terra) significa criar uma conexão de energia com a terra. Ele é utilizado para descrever o que fazemos ao início de um ritual com o exercício da Árvore da Vida ou algo parecido: ligar o nosso próprio campo energético ao da terra, de unir o grupo e de estabelecer um fluxo de poder correndo através de nós, vindo da terra, descendo do céu e novamente de volta.

Este termo também é usado para descrever o que fazemos depois que elevamos o poder em um ritual, devolvendo-o à terra, deixando que flua através de nossos corpos e liberando-o frequentemente realizando através da colocação das palmas de nossas mãos no chão ou nos deitando.

PÁGINAS 58-59 – Conflitos no grupo. Volumes poderiam ser escritos sobre conflitos de grupo, e escrevi mais a este respeito tanto em *Dreaming the Dark* quanto em *Truth or Dare*. Mas nenhum livro será capaz de orientar quando os conflitos surgem. Observar as normas e seguir pode ser útil:

- Encarar o conflito não como fracasso, mas como um desafio; para encontrar novas maneiras de crescer e comunicar.
- Ter em mente que falar a verdade, permitir que as desavenças se manifestem e tornar o invisível visível são os únicos modos de realmente resolver um conflito.
- Para quando verificar que está se sentindo virtuosa aos seus próprios olhos e culpando os outros e se perguntar: “Qual é o meu papel aqui?”
- Lembrar que não podemos consertar os outros, mudar as pessoas ou fazer com que tudo ande bem sempre; deixe andar.
- Aceitar os sentimentos das pessoas como sendo válidos, mesmo quando não somos capazes de acatar os seus atos, comportamentos ou palavras.
- Nomear as relações de poder abertas e honestamente.

Apesar dessa discussão se referir ao líder do *coven* como *ela*, líderes de círculos e assembleias também podem ser homens, e a liderança pode (e deve) alternar-se entre vários membros do *coven*. Quando escrevi esta parte do livro, meus *covens* estavam trabalhando sobre o modelo de uma pessoa ter responsabilidade básica como líder. Hoje, trabalhamos coletivamente: o líder pode mudar várias vezes durante um ritual.

PÁGINA 58 – “... tirar a sorte...”

Usamos, com frequência, a predição através das cartas de tarô ou alguma outra forma de oráculo, para os ajudar a tomar decisões que, de outra maneira, parecemos incapazes de tomar. Essa técnica é especialmente proveitosa quando não temos informações corretas para a tomada de decisões, por exemplo, tentando planejar um ritual ao ar livre quando não sabemos como será o tempo.

Minha irmã de *coven*, Rose May Dance, afirma que, às vezes, a divinação simplesmente aclara aquilo que realmente queremos. Você diz “usaremos uma moeda – cara, Joan fica; coroa, Jane fica”. A moeda dá coroa e você percebe, subitamente, que na verdade queria trabalhar com Joan e não com Jane. Isto faz parte do processo e é melhor reconhece-lo abertamente e continuar lutando por uma decisão do que aceitar um julgamento diante do qual você se sente desconfortável.

Eu acrescentaria que é necessário ter cautela, pois se fizer uma pergunta a um oráculo, ler as cartas ou consultar as runas ou o *I Ching* e obtiver uma resposta clara, é melhor ouvi-la. Se já tem, em segredo, uma solução em mente, declare-a abertamente ao invés de esperar que a Deusa a confirme magicamente.

PÁGINA 64 – Admissão de novos membros. Quando um círculo se desenvolve para um *coven* estreitamente ligado, ele normalmente não aceita novatos a fim de que o grupo possa desenvolver maior sensação de intimidade. Em regra, os *covens* são, necessariamente, pequenos. Atualmente, existem mais pessoas interessadas em praticar a Arte do que assembleias para acomodá-las. Ministramos aulas regulares e estimulamos os estudantes a formarem os seus próprios círculos.

PÁGINAS 64-65 – Disciplina diária. Tudo bem, eis o momento para uma confissão honesta: mantive a disciplina durante a última década? Bem, sim e não.

Quanto aos exercícios, tive bons anos e maus anos. Agora, estou num ano em que, mais que nunca, convencida de sua importância para nos mantermos concentradas, saudáveis e capazes de movimentar energia.

Às vezes, sinto a necessidade da meditação regular ou prática de visualização. Noutras, tais necessidades são atendidas pelas exigências dos rituais de escrever e de lecionar. Anos de prática de magia definitivamente melhoraram minha concentração enquanto escritora.

Lamento dizer que não mantive um Livro das Sombras consistente e registrado todos os rituais, exercícios, meditações, transes, etc., que realizei e dos quais tenha participado. Se acaso o tivesse, ele seria um documento valioso para o desenvolvimento de uma tradição em transformação. Portanto, neste caso, faça como eu digo e não como eu faço.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO QUATRO

PÁGINA 66-69 – Descrição da organização de um círculo. Estas páginas descrevem uma cerimônia muito formal para a organização de um círculo ou para a criação de um espaço sagrado. O círculo também pode ser criado informalmente. Eis algumas sugestões:

- Pense em sua cor preferida. Imagine-a como uma fita de luz envolvendo o círculo. Imagine todas as cores que estamos visualizando se entrelaçando em um arco-íris.
- Pense em uma época em que você se sentiu segura e um lugar que você sinta que é seguro. Escolha uma cor, um som ou uma imagem que a faça lembrar daquele lugar e a imagine nos envolvendo.
- Ande à volta do círculo e desenhe-o com um bastão, ou com sal, ou pelo borrifar de água salgada.
- Crie o seu próprio método.

Às vezes, também usamos o que chamamos de “forma reduzida” da organização de um círculo, uma invocação que aprendi com Victor Anderson:

Pela terra que é o corpo dela
E pelo ar que é o sopro dela
E pelo fogo que é o espírito dela
E pelas águas vivas de seu útero,
O círculo está disposto.

Ou podemos invocar os elementos simplesmente cantando e/ou dançando.

PÁGINA 69 – Purificação com água salgada em grupo. Obviamente, a purificação de água salgada mais poderosa é um mergulho no mar. Se você não mora perto do mar, um córrego, uma lagoa de águas claras, lago, baía ou um pequeno lago, servem como substitutos. (Se necessário, borrifre um pouco de sal.) Mergulhamos juntos ao pôr-do-sol, na véspera do solstício de inverno (em nosso clima, frio o bastante para ser purificante sem ser fatal). Às vezes, também mergulhamos em outros *sabbats* e antes de iniciações; alguns indivíduos podem imergir toda vez que necessitem purificar-se espiritualmente. Vá até a beira d’água, demore meditando sobre o que você está liberando ou purificando, tire as roupas e salte na água. Entoe cânticos apropriados e entre na água quantas vezes precisar até se sentir completo. Ao sair, agradeça ao mar (lago, lagoa, etc.) e se abençoe. Deixe as roupas prontas por perto e, talvez, um fogo aconchegante.

PÁGINA 70 – “O conceito de círculo quartenário...” Esse conceito é comum aos índios americanos, aos africanos, à Índia oriental, tibetanos e vários outros sistemas espirituais, como o são também os quatro elementos, ar, fogo, água e terra.

Obviamente, sabemos que, estes, não são elementos no mesmo sentido que são o hidrogênio, o hélio e o carbono, mas são as necessidades básicas para sustentar a vida. Sem ar para respirarmos, sem a energia radiante do sol e a água para bebermos, sem a terra para produzir alimento e subsistência, não poderíamos viver. Em tempos como este, quando o ar, as águas e a terra estão sendo atacados e o elemento fogo nos forneceu armas destrutivas de poderes inimagináveis, precisamos nos lembrar daquilo que verdadeiramente sustenta as nossas vidas.

Sistemas diferentes, não necessariamente, concordam sobre que elemento está associado a que direção, mesmo entre tradições divergentes da Arte. Correspondências diferem, pois elas se originam de qualidades de distintos lugares. Na Escócia ocidental, o vento oeste será úmido e trará chuvas e a qualidade do oeste será identificada com a água. Nas Grandes Planícies, o vento oeste pode ser seco e quando olharmos para o oeste, as montanhas Rochosas surgem, misteriosas e selvagens. Podemos sentir o oeste como sendo terra.

Neste livro apresento o sistema de correlações que aprendi, e com o qual ainda trabalho, pois ele se adapta muito bem à costa oeste da Califórnia, onde moro. A familiaridade com o mesmo pode lhe oferecer uma noção de como um sistema intacto funciona. Mas, talvez você queira adequá-lo às condições da terra em sua própria área ou utilizar um grupo de correspondências que se originaram do local onde você vive.

PÁGINAS 71-73 – Meditação sobre os elementos. A melhor maneira de meditar sobre qualquer um dos elementos é entrar em contato com eles na realidade. Mergulhe no mar, sente-se ao lado de um córrego, deite-se sobre a grama ou a terra recém-trabalhada, toque uma árvore, aqueça-se ao sol, mire o fogo, deixe que o vento desalinhe os seus cabelos. Enquanto medita, considere o que é possível fazer para preservarmos a terra, o ar, as águas e a biosfera.

E, então, ponha mãos à obra!

PÁGINA 72 – *Athame* ou meditação da espada. Muitas pessoas não gostam da imagem da espada, achando-a violenta e associada à guerra. Pessoalmente, não possuo uma e raramente a usamos em nossos círculos.

Para mim, o simbolismo da *athame* ou faca é muito diferente daquele da espada. A espada é necessariamente uma arma. Seu uso pode ter sido introduzido na Arte de uma época em que as pessoas sentiam que precisavam de armas para se proteger, ou pode ter sido adotada por intermédio da maçonaria ou cerimônias mágicas.

Uma faca, uma lâmina afiada, no entanto, é um dos mais antigos e mais necessários instrumentos de cultura, presente desde os machados de pedra do paleolítico. A faca pode ser uma faca de pão, uma colher de jardineiro, uma enxertadeira, uma faca que prepara peles, corta tecidos e lanceta feridas, uma faca de cozinha, um canivete ou apontador de lápis, uma podadeira ou um bisturi de uma parteira, que corta o cordão umbilical.

Tenha cuidado ao dar uma faca como presente, mesmo se for uma faca ritual. Um ditado popular diz que dar uma faca para alguém cortará a amizade. Se você quer dar uma *athame* para alguém, faça com que seu (ou sua) amigo(a) pague por ela, com uma moeda simbólica, para afastar a má sorte.

PÁGINA 74 – O alfabeto da árvore. Você talvez queira pesquisar as árvores existentes em sua área para descobrir aquelas que melhor correspondem aos significados simbólicos das que são oriundas das Ilhas Britânicas. Religiões da terra são enraizadas em locais específicos na terra e, para criar raízes, devem refletir os poderes reais da terra, das plantas, das árvores e as manifestações climáticas específicas dos ciclos de nascimento, crescimento, morte e decadência e regeneração.

PÁGINA 74 – Sexo e polaridade. Veja a minha posição sobre essa questão nas notas sobre o capítulo 2. Sexo e polaridade surgem, obviamente, de várias maneiras diferentes entre aqueles que são como nós e as que não o são, o gênero sendo somente uma delas. Talvez, ao invés de “polaridade”, hoje eu diria que “a manifestação do impulso da energia da força vital do universo” é o *desejo*, atração, o movimento em direção ao prazer, à ligação e à união.

PÁGINA 76 – Instrumentos adicionais. Estou surpresa em perceber que, nessa exposição, não mencionei o instrumento que é, atualmente, o mais útil e central para o meu trabalho, entre todos os que foram acima descritos, que é sem dúvida, o tambor.

O tambor reúne a energia de um grupo e é especialmente importante para unificar um grupo maior. O ritmo altera a consciência. Uma batida de tambor pode induzir ao transe ou estimular à dança frenética. Ele ajuda o círculo a ficar solto e vibrante e propicia a emoção do ritual. O tambor permite que ouçamos as batidas do coração da terra.

O tambor que utilizo é um em forma de ampulheta, originário do Oriente Médio e conhecido com *doumbec*. É tocado com ambas as mãos, produz variados tons e, com uma alça, pode ser facilmente carregado durante o ritual. É uma forma de tambor muito antiga, originalmente feito de barro e, hoje, habitualmente, feito de metal – o que é mais prático para bruxas que viajam. É o tambor que foi tocado por Miriam às margens do mar Vermelho e foi, também, muito provavelmente, tocado pelas antigas sacerdotisas da Deusa.

Após ter tocado intuitivamente durante quatro ou cinco anos, encontrei, finalmente, uma professora, Mary Ellen Donald, que me introduziu no rico universo da música e ritmos do Oriente Médio. Seu livro, *Doumbec Delights*, é uma boa introdução para iniciantes.

Várias pessoas gostam, também, dos tambores redondos e achatados, tocados às vezes com uma baqueta e utilizados de muitas maneiras pelos índios americanos. Estes tambores respondem bem às batidas vigorosas.

A arte de tocar tambor em um ritual é, basicamente, a arte de saber ouvir. Ouça o ritmo dos cânticos e a energia do círculo. Acompanhe a energia; não tente controlá-la ou conduzi-la. Comece aprendendo a manter uma batida simples e regular, no tempo certo dos cânticos. Posteriormente, quando sua noção rítmica se tornar sólida e firme, padrões mais complexos surgirão.

É aconselhável ter mais de uma pessoa, no círculo, que saiba tocar tambor. Dois ou mais tamborileiros podem tocar um contra o outro e gerarem mais excitação. Um só tamborileiro pode controlar a energia do grupo de maneira parcial. Divida o poder. E não se esqueça de permitir períodos de silêncio durante o ritual.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO CINCO

A Deusa – Como a Vejo Hoje

A essência da deialogia da religião da Deusa está centrada no ciclo nascimento, crescimento, morte, decadência e regeneração, revelado em cada aspecto de um universo consciente e dinâmico. A Deusa é o corpo vivo de um cosmo vivo, a consciência que impregna a matéria e a energia que produzem as mudanças. Ela é a vida que eternamente tenta se manter, reproduzir, diversificar, evoluir e gerar mais vida; uma força muito mais implacável do que a morte, apesar de a morte ser, em si, um aspecto de vida.

Quando me encontro em um estado de espírito antropomórfico, gosto de imaginar a Deusa como se ela estivesse eternamente tentando se divertir criando momentos de beleza, prazer, humor e drama. Para auxiliá-la nesse projeto, ela criou os seres humanos, talvez seus filhos mais estranhos e complexos, pelo menos neste planeta. Omo todas as crianças, fazemos coisas que ela jamais teria imaginado e, não necessariamente, aprovaria. Somos dotados de liberdade, o que significa a capacidade de cometer erros, mesmo em uma escala global. Somos aspectos da Deusa, cocriadores e, conseqüentemente, responsáveis por arrumar as bagunças que fizemos e cuidar da nossa parte do todo.

Até agora tenho me referido à *Deusa* como o todo, a unidade fundamental da qual todas as coisas são aspectos. Mas, existem também *Deusas*, modos específicos de imaginar e experimentar esse todo, caminhos distintos para o seu centro. Todos são verdadeiros, no sentido de que são forças poderosas e estradas diferentes. Comece a trabalhar com um e transformações ocorrerão, diferentes das que acontecerão se você escolher outro. Alguns destes aspectos podem, também, ser imagens masculinas, deuses.

A *Deusa*, o todo, é claro, não possui genitália (nem tampouco é toda genitália). Mas, escolhi usar uma palavra de gênero feminino por algumas razões. Uma é simplesmente porque, neste período da história, acredito que percebemos subconscientemente uma palavra de gênero neutro como sendo masculino. *Deusa* rompe com as nossas expectativas e lembra que estamos falando de algo que é distinto do Deus-Pai patriarcal.

A imagem feminina também nos lembra que aquilo a que chamamos de sagrado é imanente ao mundo, incorporado (e, conseqüentemente, perceptível através do corpo, através dos sentidos, através do contato real com coisas reais e através de metáforas que são baseadas no corpo). Aquilo que valorizamos é a vida que é trazida ao mundo, nutrida, mantida, reproduzida e regenerada. A matéria em si é sagrada.

Portanto, a *Deusa* nos lembra que a nossa espiritualidade não nos conduz para fora do mundo mas, pelo contrário, nos remete plenamente para dentro dele e nossa meta é viver nele, preservá-lo, protegê-lo, lutar contra a sua destruição, aproveitá-lo, transformá-lo, sujar nossas mãos e enterrarmos nossos pés na lama.

PÁGINA 82 – O Papel da Deusa. Quando *A Dança Cósmica das Feiticeiras* foi escrito, não sabia de onde o Papel se originara. Desde então, aprendi que ele e foi escrito por Doreen Valiente, autora de vários livros sobre a Arte e colega de Gerald Gardner. No

verão de 1987, tive o prazer, junto com minha amiga Lauren, de visita-la em sua casa, na Inglaterra. Como muitas bruxas, vive cercada de estantes e pilhas de livros. Ela nos serviu chá e sanduíches e nos mostrou, entre outros tesouros, os rascunhos originais do Papel da Deusa. Ela escreveu uma versão em verso e outra em prosa. Ela gostava do verso; seu *coven* gostava de prosa e trouxe de volta o manuscrito para que fosse retrabalhado até a sua presente forma. Tomei a liberdade de modernizar a linguagem, visto que as formas arcaicas de “tu”, nas quais ela escreveu, eram muito centradas em si mesmas para o ouvido americano.

Na primeira vez em que estive com bruxas, ao final da década de 1960, elas leram para nós o Papel. Senti que ouvia a representação clara daquilo em que, intuitivamente, sempre acreditara e daquele momento em diante liguei-me à Arte enquanto direcionamento espiritual. O Papel é ainda a minha liturgia preferida da Arte.

PÁGINA 88 – “Para um homem, a Deusa... é o seu próprio e recluso *self* feminino...” Não acredito mais que cada um de nós tenha um *self* feminino ou um *self* masculino. Em seu lugar, afirmaria que cada um de nós possui um *self* complexo e multifacetado. Eu que abarca as possibilidades inerentes de várias maneiras diferentes, inclusive em termos de gênero. Temos *selves* animais e *selves* espirituais e, ao que me é dado supor, *selves* vegetais e minerais. Por que a nossa imaginação deve ser limitada ao formato dos nossos órgãos genitais? Se um homem invoca a Deusa, algo poderoso acontecerá para ele.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO SEIS

Como Percebo o Deus Hoje

O Deus é uma figura muito mais problemática do que a Deusa. Imagens masculinas do sagrado têm sido severamente distorcidas pela cultura patriarcal. As qualidades criativas da masculinidade são diminuídas pelo autoritário Deus-Pai. A impetuosidade, exuberância, energia erótica e animal foram desvirtuadas para a imagem do diabo e identificadas com o mal. A cultura patriarcal oferece muitos caminhos para obter poder sobre os outros e poucos modelos de força baseados no poder-que-vem-de-dentro.

Recuperar e rever as maneiras que o poder-que-vem-de-dentro pode se revelar a nós nas formas masculinas é uma tarefa importante na tentativa de remodelar a cultura. Mas nem todos são convocados para essa tarefa. Para alguns, a Deusa é o suficiente, completa em si mesma. Para outros, o poder masculino foi profundamente corrompido pela cultura da dominação.

Quando falamos a respeito da Deusa e do Deus, temos a tendência em percebê-los como modelos de papéis cósmicos. Voltamos-nos para eles a fim de que nos mostrem como ser mulheres e homens, pois nossos papéis culturais tradicionais são impraticáveis e incômodos e a tarefa de desenvolver novos papéis é apavorante. Mas, em culturas indígenas, as pessoas sabiam como se esperava que se comportassem e quais os papéis eram esperados que desempenhassem. (O quão satisfeitas sentiam-se em relação a eles, cabe a nós somente especular.) Elas não estavam, necessariamente, vendo deuses(as) como modelos comportamentais. Pelo contrário, seres sagrados

eram percebidos, com frequência, como aqueles que delineavam as forças que atuavam além dos limites do comportamento humano aceitável.

Assim, no mito sumeriano, quando Ereshkigal, Rainha da Morte, esfola a pele de sua própria irmã/Deusa Inana, que desafiou o seu poder, ela não está nos ensinando a ser uma boa irmã ou, até mesmo, a ser mulher; está nos ensinando algo a respeito de como a morte opera no universo. Quando o Corvo, espertalhão/criador dos índios americanos a noroeste do Pacífico, comporta-se com gula e ganância, ele não está dizendo para os homens da tribo como devem agir, mas que a força indomada da natureza, que rompe com padrões, é, em si mesma, uma força criativa. Em tais sociedades, a tarefa dos seres humanos não é a de tentar seguir o exemplo dos(das) deuses(as), mas de manter firmes os padrões, de preservar a ordem através da qual os mistérios podem se movimentar.

Portanto, o Deus não se restringe apenas à masculinidade, apesar de ele poder revelar visões mais amplas sobre o que os homens podem ser. Nem tampouco a Deusa limita-se somente à feminilidade, apesar de ela prover imagens que dão poderes às mulheres. A essência dos mistérios da nossa tradição é que cada deusa, cada deus, é outra maneira de conhecer e experimentar o ciclo do nascimento, crescimento, morte e renascimento. E qualquer qualidade ou aspecto que é atribuído ao Deus ou à Deusa não exclui essa qualidade mútua. Se o Deus é visto como criativo, isso não diminui o poder criativo da Deusa, mas aumenta a nossa visão sobre o que o criativo pode ser. Se a Deusa é forte, o Deus não tem que ser, por sua vez, fraco; o que ocorre é que a nossa compreensão sobre a força aumenta.

Com frequência, o Deus é percebido como aquele que atravessa o ciclo do renascimento, como a semente que cresce, é cortada, enterrada e cresce novamente, como um animal que é caçado a fim de que a vida possa continuar. O Deus pode ser louvado como o bom provedor e aquele que dá abundância. E, frequentemente, o Deus é o espertalhão, o Corvo, o louco do tarô, o elegbá dos iorubas que abre o portão, *Br'er Rabbit*, o Coiote do sudoeste, cujos truques trazem muitas dádivas para as pessoas. (A única espertalhona que conheço é a pomba-gira do Brasil, um aspecto de Iemanjá, a deusa do oceano.)

O espertalhão representa a qualidade do acaso e do aleatório no universo, sem os quais não haveria liberdade. Na Arte, a Deusa não é onipotente. O cosmo é interessante, ao invés de ser perfeito, e tudo não faz parte de um grande plano, nem está, necessariamente, sob controle. Compreender isso nos torna humildes, capazes de admitir que não podemos conhecer, controlar ou definir tudo.

O espertalhão também representa aquele aspecto da criação que é sempre um jogo. Por que existem dois sexos? Para que serve esse arranjo? Para que a Deusa possa re-embaralhar as cartas do baralho genético a cada novo nascimento, aumentando a variedade e a diversidade da vida. O preço é que quando concebemos e damos à luz, não sabemos exatamente o que virá para nós. Se todos nos reproduzíssemos por meio da divisão celular ou partenogênese, todos nós (exceto os mutantes entre nós) permaneceriam exatamente como nossas mães. Será enfadonho e perigoso, pois nossa capacidade em responder de diversas maneiras às mudanças em nosso ambiente seria severamente restringida, comprometendo a nossa sobrevivência enquanto espécie.

Aquilo que é verdade para a concepção e nascimento físicos é, também, verdadeiro para outros esforços criativos. Qualquer trabalho criativo que é genuinamente vivo é influenciado por milhares de fatores causais em sua geração.

Estas notas surgiram depois de conversas que tive ontem, dos trabalhos que meus estudantes resolveram desenvolver neste trimestre, do filme alugado para o videocassete. Deste modo elas permanecem vivas para mim e, espero, para você também. O deus, como espertalhão, nos ensina esta verdade.

O Deus é também o único que se entrega, o sacrifício. Ele é alimento. Nós vivemos em corpos que devem constantemente absorver partes do mundo que nos cerca, transformá-las, expulsá-las novamente. Não podemos existir isolados de outras vidas, as quais devem se entregar para nos sustentar.

A Arte não glorifica o sacrifício, nem a Deusa o exige, exceto que cada um de nós deve, ao fim e ao cabo, morrer e devolver nossas vidas. O que o Deus está nos ensinando, continuamente, é que ao nos entregarmos fazemos com que brote o renascimento, a regeneração e a renovação em alguma nova forma. O Deus é aquela força dentro de nós que escolhe render-se ao ciclo, de dar uma volta na roda. Deste modo, ele torna-se o criador, o bom provedor, grão, fruta, para alimentar a nossa vida que continua.

PÁGINA 97 – “Uma prática comum...” Na realidade, esses relatos parecem indicar a prática de ser possuído em transe por deuses e deusas, parecida com a maneira pela qual os iniciados nas tradições afro-caribenhas, de origem ioruba, são “cavalgados” pelos orixás. O poder não é somente dramatizado, mas manifestado.

PÁGINA 97 – “No movimento feminino, a Feitiçaria diânica/separatista tornou-se moda...”

Esta declaração era verdade na época mas, hoje, o movimento feminista deu vida a uma ampla variedade de abordagens à *Wicca* e outras tradições espirituais. Algumas, somente para mulheres; outras, incluem homens ou estimulam os homens para que formem os seus próprios círculos.

No que concerne ao culto do Deus, diria que, atualmente, imagens do Deus podem revelar fontes de poder para mulheres, assim como para homens, mas não existe nenhuma razão específica para que qualquer mulher deva sentir-se obrigada a conhecer essas fontes em particular, a menos que se sinta inclinada a fazê-lo.

PÁGINA 97 – “A Deusa é aquela que tudo envolve...” Este parágrafo narra uma história que se envolve dessa maneira, mas que também pode ser contada diferentemente. Pois a Deusa também possui aspectos nos quais ela é o herói/heroína de sua própria viagem. Ela é Inana que desce para o outro mundo e “Kore” que desce para o inferno e surge novamente para trazer-nos uma única vagem de grãos. Ela não é somente a razão, mas a protagonista de sua própria história.

E o Deus, também, tem aspectos nos quais ele é terra, ele é o céu ou a lua para o seu sol ardente. A história aqui narrada é de nascimento, crescimento, morte e regeneração, mas pode ser contada de maneiras infinitas e cada uma delas revelará alguma nova faceta da verdade, a qual talvez nos seja necessária em épocas específicas.

PÁGINA 97 – “Em nossa cultura...” Esta discussão sobre os homens, a masculinidade e poder sobre os outros é mais extensa em meu último livro *Truth or Dare: Encounters with Power, Authority and Mystery*.

PÁGINA 98 – “... Ele não tem pai; é o seu próprio pai...” Nessa discussão a respeito do Deus, eu estava tentando, deliberadamente, romper a associação entre Deus e Pai, que é tão fundamental para o patriarcado e na qual o Pai torna-se, inevitavelmente, o pai autoritário. Senti que, enquanto as mulheres não forem investidas de seus poderes, espiritual, econômica e politicamente, não nos é possível ter uma visão genuína da paternidade do Deus fora de um contexto de poder sobre os demais. Ainda sinto desta maneira.

Vislumbrei, no entanto, algumas coisas que esta visão poderia ser. Recordo-me de um solstício de verão na praia, quando observava Robin, um homem da comunidade de Reclaiming, invocando o Deus enquanto carregava sua pequena filha amarrada em seu peito. Sabedora do tempo e cuidados que dispensa, não somente à filha, mas aos filhos mais velhos de sua companheira, senti que o poder que o envolvia poderia por mim ser denominado de *paternidade* e confiança.

Meu companheiro de casa, Brook, ele próprio um pai dedicado e amoroso, sente que recuperar o Deus como pai (distinto de Deus, o Pai) é de vital importância. Ele sugere que observemos os papéis que, originalmente, são de mulheres (como educar, criar, alimentar, cuidar, etc.) e que podem ser desempenhados por homens. Talvez pudéssemos começar por invocar aquele que troca as fraldas sujas ou aquele que inventa jogos ou aquele que ensina brincando.

Não tenho uma resposta clara a oferecer aqui, mas acredito que esta discussão é importante ser considerada por círculos e famílias. Como afirmei anteriormente, Deuses(as) não são simplesmente modelos de papéis. Pelo contrário, de algumas maneiras nós mesmos somos modelos de papéis para Deuses(as), no sentido de que vivemos de certas maneiras onde nos tornamos capazes de evocar e dar vida a novos poderes.

Quando relações de poder e dominação não forem mais a regra na sociedade e quando os homens assumirem, verdadeiramente, partes iguais de todos os aspectos da criação de uma criança, talvez sejamos capazes de recuperar totalmente o papel de pai nutridor do deus. Até então, esperemos que alguns homens comecem este processo a partir de sua própria maneira de viver.

PÁGINA 98 – “... amor incluir a sexualidade, que também é selvagem e indomada, assim como suave e carinhosa...” Um dos maiores desserviços que a cultura da dominação legou-nos foi confundir o erótico com a dominação e a violência. O Deus é selvagem, mas é o ardor da união, não da dominação. Indomado não é o mesmo que violento. Suavidade e ternura não se traduzem para impotência. Quando homens – ou mulheres – começam a soltar aquilo que é indomado, precisamos nos lembrar que as primeiras imagens e impulsos que encontramos serão, frequentemente, os caminhos estereotipados de poder que aprendemos em uma cultura de dominação. Para nos tornarmos verdadeiramente selvagens, não devemos nos perder nos dramas de poder sobre os outros, na sedução dos vícios ou na emoção do controle. Nós precisamos ir mais fundo.

Os homens são ensinados, em culturas patriarcais, a cultuar o falo ereto, firme e rígido. Mas um pênis eternamente rígido seria inconveniente para a vida diária, desconfortável e insatisfatório. Um pênis real e vivo é flexível com mais frequência do que é rígido. A qualidade mágica do pênis é que ele se movimenta, do flexível para o rígido, e de volta novamente; ele incorpora o ciclo de nascimento, crescimento, morte e renascimento quando se ergue, incha, jorra e cai, com a esperança de se elevar novamente. É por esse motivo que os deuses, com frequência, morrem e dão vida a outros deuses.

Cultuar o falo rijo do patriarcado isola-nos da possibilidade de conhecer o poder inerente da masculinidade. É glorificar uma máscara de gesso em lugar da coisa real. O poder masculino está enraizado no ciclo do nascimento, morte e renascimento, como ele se manifesta no corpo do homem. Para descobri-lo, devemos continuar nos movimentando ao redor do círculo total.

PÁGINA 99 – “Para as mulheres educadas em nossa cultura...” Esta discussão de como as mulheres podem trabalhar com o Deus foi, obviamente, baseada na minha própria experiência, à época. De início, as imagens do Deus, de fato, me permitiram possuir e integrar qualidades que a cultura definiu como sendo masculinas: minha agressividade, poder físico e capacidade para perseguir meus próprios objetivos. No entanto, à medida que essas qualidades se tornaram minhas, parei de identificá-las como sendo masculinas. Elas se tornaram, simplesmente, qualidades, a que eu, enquanto mulher, tinha acesso como qualquer homem. O Deus pode ser percebido como a criação que não é nós mesmos, mas como a filha que é tão separada e, possivelmente, tão diferente, do filho.

Portanto, hoje, eu afirmaria que, para a mulher, o Deus é qualquer coisa que começa a ocorrer quando ele é invocado, caso se queira fazer isto.

PÁGINA 100 – “... em uma cultura de caçadores, a caçada significava *vida*...” Uma cultura de caçadores era, na verdade, basicamente uma cultura de coletores extrativistas. Na maioria de tais culturas, o alimento vegetal reunido pelas mulheres provia a dieta principal e de sustentação. A carte, todavia, possui frequentemente valor simbólico, assim como nutritivo e, certamente, era vista como uma importante fonte de vida.

PÁGINA 100 – “A Criança do Sol nasce...” Para uma versão alternativa do mito da Roda do Ano, veja as notas sobre o capítulo 2 e o capítulo 12.

PÁGINA 102 – “O homem também deve conhecer... seu próprio *self* feminino interno...” Novamente, não encontro mais utilidade no conceito jungiano das contrapartes dos *selves* feminino e masculino internos. Atualmente, poderia exprimir isso de outra forma: “Um homem deve conhecer, dentro de si mesmo, a possibilidade humana de gerar qualidades de ternura e cuidados que a sociedade patriarcal determinou às mulheres, a fim de que ele possa alimentar-se e cuidar de si e dos outros, e não somente exigir cuidados de terceiros”.

PÁGINA 105 – “Invocação ao Fundamento do Ser.” Meu ex-marido e eu escrevemos isto para o nosso casamento, em 1977, uma tentativa de sintetizar a minha tradição de *Wicca* com a sua prática de yoga e, ao mesmo tempo, não ofendermos meus parentes judeus e seus familiares luteranos. Se você se encontrar em um dilema parecido, agora ou no futuro, sintase livre para fazer adaptações.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO SETE

Estou surpresa, ao reler este capítulo, de não encontrar quase nada para alterar ou discordar. Obviamente, poderia acrescentar muito material, mas o objetivo deste capítulo é, uma vez que você compreenda a estrutura básica da prática mágica, que possa vir a criar seus próprios feitiços, amuletos e rituais. Se você deseja mais exemplos, consulte *Truth or Dare* para vários feitiços e rituais de transformação pessoal e política.

No Feitiço de Auto-remissão, eu, de fato, alterei a minha sugestão original de vinho para suco, a fim de manter a minha decisão de não sugerir o uso ritual de substâncias que possam perpetuar vícios. Mas se você está, é claro, livre para usar vinho, caso sinta que é o melhor para você.

A outra principal alteração que fiz aqui e na tabela de correlações, ao final do livro, é uma mudança nos termos. Anteriormente, eu havia seguido a feminização de Z. Budapest da raiz de João, o Conquistador (*High John the Conqueror root*) e da erva-de-são-joão para Joana, a Conquistadora e erva-de-santa-joana, em homenagem a Joana D’Arc, amplamente tida pelas bruxas como verdadeira bruxa, a sacerdotisa da Deusa. “João, o Conquistador” soava militarista e masculinista.

Quando fiz a mudança, no entanto, era vergonhosamente ignorante da cultura afro-americana e da verdadeira história de João, o Conquistador. Pois, o Conquistador, foi aquele que trouxe a esperança e o riso para os que sofriam sob o açoite da escravidão. No belo ensaio de Zora Neale Hurston, *The Sanctified Church*, ele descreve seu poder da seguinte maneira:

“João, o Conquistador, veio a ser um homem, e um poderoso homem. Mas, de início, não era um homem natural. No começo era um sussurro, a vontade de uma esperança, um desejo de encontrar algo digno de alegria e cantos. Então o sussurro criou corpo... O signo desse homem era o riso e o símbolo de sua canção a batida de um tambor. Não o tambor de uma parada de soldados em festa... Era algo como uma motivação interior. Certamente era ouvido quando e onde o trabalho era mais duro e o destino mais cruel. Ajudava os escravos a terem forças... Cavalgava os ventos e movimentava-se com rapidez. Talvez estivesse no Texas, quando o chicote era usado num escravo no Alabama, mas antes que o sangue se lhe secasse nas costas, ele estava de volta...”

“Milhares e milhares de pessoas humildes que ainda acreditam nele, isto é, no poder do amor e da alegria em vencer através de seu poder sutil, reverenciam João ao tomarem a raiz da planta na qual ele fixou a sua morada secreta, ‘revestindo-a’ de perfume e mantendo-a em sua pessoa ou em sua casa, num local secreto. A raiz está lá para ajudá-los a superar coisas que sentem que não seriam capazes de enfrentar e para trazer a alegria para suas vidas. João nunca abandonaria os fracos e os indefesos, nem deixaria trazer esperanças para os desesperançosos.”¹

São João tornou-se associado ao solstício de verão, a época do ano em que as flores douradas da erva-de-são-joão se abrem. Mas a principal razão que me fez voltar ao termo anterior, é porque, durante dez anos, tenho recebido cartas, dizendo: “tentei fazer os feitiços em seu livro, mas não consigo encontrar a erva-de-santa-joana em parte alguma. Socorro!”

PÁGINA 112 – “A emoção é uma luz estroboscópica...” Devo acrescentar uma pequena palavra de cautela a este parágrafo. Precisamos expressar e sentir plenamente nossas emoções sem nos preocuparmos se elas causarão danos a outras pessoas. Mas ficarmos intensa e obsessivamente remoendo nossa raiva ou ressentimento não é uma boa coisa. É melhor, para nós, que encontremos uma maneira de movimentar essa energia em nós para alguma mudança que necessitemos fazer, para uma forma de energia protetora ou ação direcionada.

PÁGINA 122 – Nota 4. A palavra *hex* também está relacionada, em alemão, às raízes das palavras *hag*, *hedge* e *hexxe* (bruxa). *Hag* era a mulher sábia que ficava sentada em cima do muro, o limite entre a vila e a floresta, o universo humano e o universo espiritual.

Notas

¹ Zora Neale Hurston, *The Sanctified Church* (Berkeley: Turtle Island Foundation, 1984), pp. 69-79. (Turtle Island Foundation, 2845 Buena Vista Way, Berkeley, CA 94708, EUA.)

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO OITO

PÁGINAS 125-127 – Rituais políticos. Durante a última década tenho realizado muitos rituais políticos, alguns dos quais são descritos em *Dreaming the Dark* e *Truth or Dare*. Hallie Iglehart também escreveu sobre esse ritual em seu livro: *Womanspirit: A Guide to Women's Wisdom* (San Francisco: Harper & How, 1983).

PÁGINA 127 – O cone de poder. Esta é uma das poucas partes deste livro em que eu, de fato, alterei o texto. Originalmente escrevi a sacerdotisa (ou o líder) da seguinte maneira: direcionando a assembleia para soltar o cone. A seguir, como era anteriormente:

“A suprema sacerdotisa (ou quem estiver direcionando o cone) sente o movimento da energia. Ela retém a imagem visualizada, o objeto do trabalho, nitidamente em sua mente. Quando o poder atinge o máximo, ela brada ‘agora!’”

“(Isto requer grande sensibilidade e prática. Ela somente pode ser aprendida através da experiência, o que implica, necessariamente, cometer vários erros ao longo

do caminho. Se a suprema sacerdotisa tem medo do poder, ela irá concentrar o cone rápido demais. Se é indecisa, prolongará excessivamente o seu tempo de tal modo que a força total é dissipada. O melhor a ser feito é relaxar para dentro do poder e não pensar sobre quando deve concentrá-lo. Quando a hora certa chegar, uma suprema sacerdotisa sensível saberá quando soltá-lo, intuitivamente, e não por intermédio de uma decisão racional.)”

A verdade é que ninguém conseguiu realizar isso corretamente, inclusive eu mesma. O que aprendemos com os anos é que a energia possui forma e configuração próprias. Quando um grupo trabalha coletivamente, todos parecem seguir intuitivamente a energia e sabem quando ela começa a cair.

Em grupos maiores, mesmo quando várias pessoas são novas no ritual, algumas pessoas que saibam como canalizar energia podem moldar o cone visualizando uma forma para ele. Mesmo uma pessoa sozinha, que for forte, às vezes, é capaz de fazer isso. Mas, moldar um cone não é o mesmo que controlá-lo.

Em grupos grandes, quando a energia sobe muito, as pessoas, com frequência, gritarão, bradarão e darão vivas no auge do cone, o que dissipa o poder ao invés de centrá-lo. Isso não é necessariamente mau, mas se se deseja enfocar a energia, tente se manter num tom claro e firme, enquanto nitidamente visualiza o cone e o símbolo de sua intenção. Retenha a imagem quando os gritos cessarem e eles podem se transformar num poderoso movimento que lhe surpreenderá. Ou você poderá se ver cantando sozinho, terrivelmente constrangido. Mas, estes são os riscos que tomamos quando trabalhamos a magia.

O cone de poder movimenta energias e forças que começam por trazer à tona nossas intenções. Atualmente, sempre trabalho com uma imagem visualizada ou física desse objetivo, mesmo algo simples, como dizer para o grupo, “quando elevarmos a energia, imagine-se como uma fonte de poder curativo que podemos absorver”. Um grupo que está elevando poder em conjunto deve sempre estar ciente das intenções e imagens das outras pessoas. Usar o poder de um grupo para um fim particular e desconhecido – mesmo que positivo – é manipulação.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO NOVE

PÁGINA 138 – Enfrentando a sombra. Ao utilizar o termo *sombra*, não desejo implicar que “escuro” é sinônimo de “mal” ou “perigoso”. Mantive o termo por causa da imagem daquilo que é invisível, a silhueta daquilo que *somos*, que é projetada a partir de nós mesmos.

Em *Truth or Dare* exploro mais a fundo a questão daquilo que encontramos no submundo. Naquele trabalho, descrevo o autoinimigo e nomeio cinco aspectos nos quais ele, com frequência, surge: o conquistador, o juiz, o mandatário, o censor e o senhor dos servos.

O autoinimigo não é exageradamente a mesma coisa que a sombra, apesar de estarem relacionados. O autoinimigo é uma entidade que interiorizamos a partir de uma cultura baseada na dominação. Ela nos divide ao meio, em *self* e sombra. Nem o *self* discursivo ou o *self* mais jovem; ela absorve energia de ambos e, frequentemente, joga um contra o outro. Somos possuídos por suas formas variadas.

Vamos examiná-las uma de cada vez:

O conquistador, cuja questão central é a segurança, nos divide em conquistador e inimigo/vítima, afirma “não confie!” e gera medo, paranoia, distorções da realidade e a necessidade de aniquilar inimigos. O conquistador nos seduz fazendo com que nos sintamos especiais, às vezes, grandiosos e corretos; noutras, especialmente fracos e vitimizados.

O juiz, cuja questão essencial é o nosso sentido de autoconsideração e valor, nos divide em juiz e sujeito a ser julgado. Quando dominados pelo juiz, vivemos em um mundo de comparações, competição e punição, constantemente avaliando os outros e a nós mesmos, sentindo inveja e culpa. O juiz nos seduz com a falsa promessa de que ganharemos valor se obedecermos, desempenharmos, produzirmos.

O mandatário, cuja questão fundamental é o controle, nos divide nos Eus controlador e fora de controle, diz-nos “não sinta” e gera ansiedade, rigidez e vícios. O mandatário nos seduz através da crença de que a ordem pode ser imposta de fora, que a resposta ao caos é uma ordem mais rígida.

O censor, cuja questão básica é o isolamento e a ligação, nos divide em silenciador e segredo a ser mantido, e diz “não fale sobre isto; não veja isto; você é o único que jamais sentiu isto”. Possuídos pelo censor, sentimos vergonha, confusão e culpa, com frequência, pela vítima, ou vivemos em negação. O censor nos ilude por meio da crença de que a dor que sentimos desaparecerá se não a nomearmos ou falarmos sobre ela.

O senhor dos servos, cuja questão principal é a necessidade, nos divide em senhor e servo, afirmando: “Os outros existem somente para atender às minhas necessidades” ou “não tenho necessidades; existo somente para atender às necessidades dos outros”. Sob o pulso do senhor, nosso sentido de valor é tanto inflado, quanto perdido. Somos seduzidos pela promessa de que seremos cuidados sem termos que cuidar de nós mesmos ou admitir nossas necessidades.

Antídotos para as estruturas tóxicas da dominação podem ser encaixados na estrutura real de um círculo. Para opor o conquistador, o grupo deve estabelecer uma segurança real: limites claros, linhas abertas de comunicação e poder, conflitos abertos e solidariedade diante de perigos externos. Para opor o juiz, devemos criar situações que não sejam judiciosas, que não estejam baseadas em linhas de competição e punição, mas em rituais e processos de tomadas de decisões que confirmem nosso valor imanente. Para opor o mandatário, o grupo pode permanecer aberto ao mistério, lembrando-se de que a espiritualidade diz respeito ao encanto e às perguntas que não têm respostas e não às respostas. Para opor o censor, o grupo deve estimular seus membros a contar suas histórias, dividir experiências, falar o inexprimível e a fazer ousado de processos de tomadas de decisões como o consenso, que encoraja a voz individual. Para opor o senhor, podemos eliminar as hierarquias, partilhar recursos e recompensas do grupo igualmente, evitar sermos excessivamente exigentes com nós mesmos e criar maneiras sustentáveis de atender às necessidades.

Esses princípios podem nos ajudar a enfrentar aquilo que encontraremos quando deixarmos cair o véu entre os mundos e também podem nos auxiliar a manter nossos círculos funcionando de uma maneira em geral saudável.

Trabalhamos em transe e nos níveis de intimidade que o círculo desenvolve quando no trabalho de transe comum, frequentemente temos a oportunidade de encontrar o autoinimigo. Quando o conflito irrompe em grupos, podemos acabar por, literalmente, representar a sombra de cada um.

Conflitos, encontros, podem desenvolver nosso crescimento ou nos fixar profundamente em padrões de dominação. Cada um de nós tem uma escolha, quando diante de um conflito, assim como o grupo como um todo. Nenhum conjunto de regras pode nos ditar as melhores maneiras de superar um conflito que surge quando enfrentamos nossas sombras. As sugestões no capítulo 3 podem ser úteis e alguns princípios adicionais que gosto de ter em mente são citados a seguir:

- Todos os grupos enfrentam, eventualmente, conflitos. Não é um sinal de fracasso, mas de mudança e crescimento potencial.
- Nomeie a sombra; nomeie o conflito; fale a verdade.
- Nossa própria sombra; pergunte-se: “Qual é a minha parte? Qual é a minha responsabilidade?”
- Resista à tentação de tentar fazer com que outra pessoa assuma a sua sombra ou a responsabilidade que você acredita que *lhe* compete. Deixe que ela permaneça onde está, mesmo se estiver confusa. (Você pode escolher, no entanto, não trabalhar com essa pessoa durante um certo tempo ou permanentemente. É sempre triste quando um grupo descobre que os membros não podem mais trabalhar juntos, mas não é, necessariamente, trágico. Membros do grupo podem estar, simplesmente, crescendo de maneiras diferentes.)
- Não tente resolver o conflito e nem consertar os outros. Pelo contrário, assuma a responsabilidade pelo seu próprio papel. Se, verdadeiramente, não temos nenhuma participação em sua perpetuação, então solte-se. Se você não o criou, então você não pode resolvê-lo.
- Se você cometeu erros, se você machucou alguém, admita. Faça as correções apropriadas. Sinta a dor, a ferida, a vergonha, a culpa, viva a situação e cresça com ela. Na hora, isso é difícil, mas a longo prazo você se sentirá melhor do que ter evitado a dor culpando outra pessoa, se defendendo ou se identificando com algum aspecto do autoinimigo.

Não há mais espaço aqui para fazer elaborações adicionais sobre este assunto, o qual poderia preencher volumes. Além do material em *Truth or Dare*, outras abordagens úteis podem ser encontradas no material dos Programas dos Doze Passos.

PÁGINA 139 – “Valerie... agora é sacerdotisa de Compost.” Quando escrevi este livro, ainda estávamos fazendo uso do termo “suprema sacerdotisa” e ainda designando uma pessoa como líder oficial de um *coven*, apesar de termos reconhecido a necessidade de alternar esse papel. Agora, os *covens* nos quais estou trabalhando por consenso, e ninguém possui este papel formal.

Muito depois que os membros originais de Compost seguiram seus diferentes caminhos, Valerie permaneceu como líder, treinando muitas pessoas novas durante os anos e passando o bastão várias vezes. Como um bumerangue, no entanto, ele tende a revertê-lo para ela.

PÁGINA 140 – Drogas e magia. Sinto-me muito mais preocupada com esta questão, agora, do que há dez anos. Precisamos enfrentar os padrões viciadores amplamente difundidos em nossa cultura e muda-los antes que possamos usar, em trabalhos mágicos, com segurança, substâncias alteradoras da consciência. E precisamos de círculos que sejam locais seguros para aqueles que estão se recuperando de vícios e codependências.

PÁGINA 142 – Ritmo, tambores e transe. Como mencionei nas notas ao capítulo 4, o tambor é o instrumento que, presentemente, me é mais caro no ritual. Uma batida constante de tambor induz, de fato, ao transe e é um bom substituto para induções mais elaboradas fornecidas, mais adiante, neste capítulo. O tambor revela a possibilidade de combinações mais fluidas de imagens, cânticos, movimentos e sons que revelam estados de consciência profundos.

O ritmo que uso (pois parece que ele vem naturalmente para mim) é um ritmo sincopado de oito batidas como base, que funciona com a maioria dos nossos cânticos, pois estes têm a tendência a adotarem ritmos de quatro ou oito batidas. Outras culturas utilizam diferentes estilos de tocar tambores. Ritmos dos índios americanos tendem a ser muito regulares e não sincopados. Ritmos africanos para rituais têm, com frequência, seis batidas, criando uma sensação balouçante e hipnótica. Experimente-os para descobrir qual funciona melhor em você.

Tocar tambor e falar ao mesmo tempo leva algum tempo, mas as tarefas podem ser divididas, alguns podem tocar, enquanto outros orientam as imagens ou entoam os cânticos.

PÁGINA 142 – Advertências. Eu, na verdade, desisti de usar esses avisos, porque o que eles realmente parecem fazer é implantar em nós a ideia de que estamos prestes a fazer algo perigoso. O *self* mais jovem é perverso e rebelde e, frequentemente, dizer alguma coisa a ele produz, imediatamente, reação oposta. Além disso, não importa quantas vezes nos dizemos que lembraremos de tudo, alguns de nós lembram, outros não. Em dez anos a orientar milhares de pessoas através do transe, nunca tive alguém que não voltasse, apesar de ter alguns que adormeceram e um ou dois que fingiram estar dormindo. Algumas pessoas não voltam completamente e permanecem um tanto sonolentas ou aéreas. Neste caso, concentrar, comer ou o esforço físico ajudam a colocar a pessoa totalmente de volta a seu corpo.

PÁGINA 142 – Indução ao transe. Com os anos, também aprendi que não é necessário que as pessoas se deitem durante o transe. Várias pessoas, especialmente aquelas que tendem a ter experiências cenestésicas mais visuais, acham melhor ficarem de pé, de se movimentarem durante a viagem, andando ou dançando. Quando as pessoas se levantam e andam, sentem-se mais controladoras da situação e menos vulneráveis do que se estivessem deitadas. As pessoas podem também cantar, emitir sonso e até falar em transe. Na verdade, nem sempre faço uso de uma indução formal, mas permito que o transe evolua como uma história representada que flui a partir do ritual.

A indução formal, todavia, é um bom instrumento para a prática e uma garantia importante, especialmente em grupos onde todos são relativamente inexperientes. O

excesso de fluidez pode embaçar os limites entre os mundos e, como bruxas, nossa tarefa é a de conhecer os portões naquela fronteira e nos movimentarmos livremente, conforme nossa vontade. Quando iniciando, a demarcação nítida de uma indução formal é útil.

PÁGINA 143 – Saindo do transe. Existem três outras coisas simples que faço para ajudar as pessoas a saírem totalmente do transe. Uma é pedir-lhes que passem a mão nos limites dos seus corpos físicos. A segunda é dizer os seus nomes me voz alta. E, a terceira, que batam palmas três vezes.

PÁGINA 147 – Festejando. Esta seção era chamada, originalmente, de “Bolos e Vinho”, que é o antigo e tradicional termo para esta parte do ritual, apesar de eu me perguntar se mesmo os devotos mais dedicados de antigamente realmente gostavam de vinho e bolo juntos. Hoje, lembrando com nossa consciência mais profunda os padrões viciadores que as pessoas têm que enfrentar, eu alterei o termo para “festejando”. Não há por que um grupo não deva partilhar vinho, desde que ninguém tenha problemas em relação ao mesmo. Mas, se ele tornar o círculo ritual num local inseguro para alguém, é melhor substituí-lo por outra coisa. Se isto interferir seriamente com o seu prazer no ritual, você pode estar precisando examinar com mais atenção a sua própria dependência em relação ao álcool.

PÁGINA 148 – Despedida. O grupo, frequentemente, realiza despedidas separadas para a deusa e o deus invocados.

PÁGINA 149 – Abrindo o círculo. O círculo também pode ser aberto com a terminação da “sintética”, a primeira parte da qual, assim como a organização “sintética” do círculo, aprendi com Victor Anderson:

Pela terra que é seu corpo
E pelo ar que é seu sopro
E pelo fogo do seu espírito iluminado
E pelas águas vivas do seu útero,
O círculo está aberto, mas não rompido
Possa a Deusa despertar
Em nossos corações
Feliz encontro e feliz partida
E feliz encontro novamente.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO DEZ

Pensamentos Gerais Sobre a Iniciação

Durante os últimos dez anos, as iniciações em nossa comunidade tornaram-se um processo mais longo e ininterrupto de crescimento individual, para o qual o ritual é somente a culminação. Alguém que deseja ser iniciado necessita ter praticado a Arte

tempo o suficiente a fim de ter certeza de que este é o caminho certo. Geralmente, isso significa, no mínimo, um ano e um dia: pelo menos uma volta completa na roda do ano.

Suponha que você queira ser iniciado. Você escolheria as pessoas a quem pedir a iniciação e, estas, devem ser bruxas iniciadas, que você respeita e sente-se próximo a elas, que tenham algum tipo de conhecimento, sabedoria, poder pessoal ou qualidade que você mesmo deseja ter. Uma iniciação cria um laço forte e uma ligação kármica, portanto devem ser pessoas da sua comunidade, com as quais sinta-se íntimo e não estranhos ou figuras que você admira a distância.

Cada pessoa para a qual você fez a pergunta deve, então propor-lhe um desafio. Pode ser algo educativo: “leia cinco livros sobre a arte” ou “compareça a cinco rituais de grupos da Arte que não seja o seu”. Pode ser algo pessoal: “pratique todos os dias durante vinte minutos” ou “aprenda a dirigir”. Pode ser um desafio mágico: “crie o seu próprio Local de Poder no outro mundo.”

Alguém que tenha sido solicitado a desafios também pode recusá-los ou apresentar certas condições: “eu não posso trabalhar com você, visando a uma iniciação até que analise o uso que faz de drogas” ou “não acho que estará pronto para concentrar-se em uma iniciação até que tenha terminado de escrever a sua dissertação”. Às vezes, o processo de iniciação leva anos e exige uma mudança fundamental nos padrões de vida. Com frequência, a Deusa começa a lançar desafios em seu caminho, geralmente mais difíceis que aqueles fornecidos por seus amigos.

Grupos que praticam em áreas onde não existem bruxas iniciadas podem criar os seus próprios rituais e tradições. Pessoalmente, sinto que uma iniciação é extremamente válida quando vem de pessoas com as quais você tenha, verdadeiramente, laços íntimos, mesmo que sejam relativamente inexperientes.

PÁGINA 150 – A Deusa no Reino da Morte. Esta nova narrativa de um mito tradicional tem afinidades óbvias com todos os mitos de descida e retorno: o mito de Inana, o mito de Perséfone, o mito de Osíris, etc. Se examinarmos as variações desses mitos como um todo, perceberemos que, às vezes, quem desce é a mulher, noutras, o homem. O Rei da Terra Abaixo pode ser também mulher: Ereshkigal, irmã de Inana; ou homem, Hades.

Em essência, todas estas histórias são a respeito do processo de iniciação xamânica, a morte do *self* antigo e o surgimento de um novo *self*. Este processo não é limitado a um sexo específico e aquilo que enfrentamos no outro mundo não é determinado por nossos órgãos sexuais.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO ONZE

Rituais da Lua

Os rituais aqui descritos podem ser utilizados como foram mostrados ou serem componentes de rituais mais complexos. A verdade é que não temos formas fixas para rituais da lua, mas as reinventamos e as recriamos a cada mês, dependendo daquilo que cada um de nós necessita e das forças sazonais, astrológicas e políticas que estão em movimento ao nosso redor.

Hoje, provavelmente, iniciá-íamos um ritual da lua andando em volta do círculo fazendo um rápido registro – cada pessoa dizendo brevemente como está se sentindo,

o que aconteceu desde a última vez em que nos encontramos e o que precisa do ritual. Então, acharíamos uma maneira de criar aquilo que o grupo queria.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO DOZE

Os *SABBATS*

Assim como o ciclo da lua, o ciclo sazonal é um dos principais modos no qual podemos ver os processos de nascimento, crescimento, morte e renascimento brincando entre si.

Os rituais deste capítulo são derivados da versão do mito da roda do ano fornecida no texto original. Uma versão alternativa pode ser encontrada nas notas ao capítulo 2.

Cada evento-chave no mito está ligado a um dos *sabbats*. No *Samhain*, a criança do ano da possibilidade é concebida. No solstício de inverno, a criança nasce. Na Festa de Brígida, a criança torna-se a promessa que fazemos para o caldeirão, a qual determina o nosso desafio para o ano. No equinócio da primavera, a criança da promessa torna-se a criança do equilíbrio, que cresce em Beltane no Desejo que se Eleva, que culmina no solstício de verão e passa para o seu oposto. Aquele que Desce, que se entrega, o sonhador. Nos festejos de Lammas fazemos a vigília do sol que está morrendo e, no equinócio do outono, o sonhador torna-se nosso guia para o local onde o nascimento, a morte e a regeneração são uma só coisa. E, portanto, em Samhain, o ciclo se encerra e reinicia.

Poderíamos chamar este mito de genérico, mas as religiões da terra não estão enraizadas genericamente na terra, mas em um lugar e clima específicos, onde o ciclo sazonal revela-se sob formas particulares. Assim sendo, por exemplo, aqui em San Francisco, a roda do ano poderia girar conforme abaixo.

Começa quando o ano torna-se escuro, pois o frio do inverno traz as chuvas fortes que renovam a terra. Em Samhain, a criança do ano é concebida e a possibilidade manifesta-se como o milagre verdejante das montanhas. No solstício de inverno, o ano nasce na época da gestação em Brígida, quando as árvores frutíferas florescem, bulbos afloram e brotos crescem, a promessa do ano se apresenta a nós. O equinócio da primavera é o tempo do equilíbrio, do dia e da noite, do sol e da chuva, e em Beltane nos despedimos das chuvas e dançamos com o desejo, enquanto as colinas verdes tornam-se prateadas e tingem toda a vegetação de tons dourados. No solstício de verão, o ano se entrega, a grama morre e escurece e a terra se encobre com um véu de neblina. Na festa de Lammas fazemos a vigília do ano e aguardamos a colheita, enquanto as frutas começam a amadurecer. No equinócio do outono, o sol emerge da neblina e nos chama para o tempo do sonhar do inverno, que traz consigo o retorno da chuva que renova a vida. E, portanto, em Samhain, o milagre se renova e mesmo enquanto as frutas caem por terra, novas plantas brotam e recobrem a terra de verde.

E, assim, a roda gira, continuamente.

Este mito seria diferente em Minnesota ou no Alabama, ou até a 25 quilômetros a leste daqui, ou do outro lado da baía de San Francisco. Tente escrever o seu próprio mito, a partir da região onde você mora. Descubra uma árvore, planta ou pássaro para simbolizar cada ponto da roda.

A maneira como celebramos os festivais sazonais também se altera com o tempo. Alguns desses rituais – ou alguns aspectos deles – ainda são realizados como o que

aqui foi descrito. Para alguns festivais, novas tradições forma desenvolvidas, repetidas ano após ano. Para outros, o ritual para cada ano é diferente. Alguns festivais têm incluído rituais específicos de crianças; outros, ainda não. As invocações de abertura refletem as imagens antigas, baseadas na polaridade heterossexual. Por favor, sinta-se livre para muda-los ou adaptá-los. Algum dia, talvez, eu os reescreverei, depois de mais algumas voltas ao redor da roda.

PÁGINAS 159-163 – Solstício de inverno. Nossa tradição para este ritual é nos encontrarmos na praia, logo antes do pôr-do-sol, na véspera do solstício. Enquanto o sol desce, cantamos, acendemos um fogo, reunimos nossa coragem e, então, nos desnudamos e mergulhamos no mar, para a purificação. (Aqueles que preferem não cair na água, fazem simplesmente uma meditação da água salgada.) O choque da água fria, o vento gelado e a beleza do fim do dia no encerramento do ano são estimulantes. Nos aquecemos ao lado do fogo e realizamos um ritual que é aberto para árias assembleias, círculos e amigos interessados.

Então nos dividimos em grupos menores, em círculos individuais. Às vezes, alguns círculos se juntam. Voltamos para a casa de alguém e começamos a vigília que atravessará a noite, a qual combina partes do ritual aqui fornecido com comes e bebes periódicos e quaisquer outras atividades que surgem, como dançar, fazer trabalhos, ler cartas de tarô ou oráculos, etc.

Ao amanhecer, encontramos-nos novamente com a comunidade maior, para escalar uma das montanhas da cidade e cantar, tocar tambor e dançar até que o sol se levante (ou até que a neblina se torne menos espessa, o que é o mais comum).

Temos um ritual para crianças, geralmente o fim de semana anterior ao solstício, no qual elas decoram biscoitos redondos que representam o sol (ou o que elas queiram). Damos-lhes presentes, contamos histórias e damos para cada criança uma vela vermelha. Na noite do solstício, elas podem acender suas velas e deixar que ardam até de manhã, para que façam a vigília por elas. Quando as crianças acordam, apagam as velas.

Na minha casa, o altar da nossa família torna-se um presépio elaborado, onde ao invés do menino Jesus e Virgem Maria, abrigamos uma imagem da deusa e algo para representar o sol. Depois, juntamos todas as nossas pequenas figuras de animais, brinquedos, dinossauros de plástico, etc., para testemunharem o evento.

PÁGINAS 163-164 – Brígida. A festa de Brígida, dedicada à deusa irlandesa do fogo e da água, da fonte sagrada e da chama sagrada, que protege as artes da ferraria, poesia e curativa, tornou-se a nossa época tradicional para realização um ritual de renovação e causas, que possuem, mais frequentemente, um enfoque político. (Em *Truth or Dare*, pp. 289-95, 304-6, descrevo a evolução dos nossos rituais de desesperança política.)

O centro do ritual ocorre ao redor de um caldeirão em um poço. (Uma pequena panela de metal, colocada sobre tijolos, dentro de uma grande tigela de ponche, cheia de água. Na panela queimamos uma mistura de partes quase iguais de álcool e sal amargo, que cria fogo sem fumaça. Não deixe que o álcool fique frio pois, desse modo, torna-se difícil acendê-lo e não ponha mais água no caldeirão enquanto ele estiver queimando.) Durante o ano, juntamos água de nossas viagens a locais sagrados e a acrescentamos ao poço. Cada pessoa se coloca diante do caldeirão, fita a chama e faz

uma promessa par ao ano, uma promessa para Brígida. A promessa não é algo que elaboramos, mas algo que nos vem à mente no momento em que o poder do ritual está forte e tende a moldar o ano. Certo ano, por exemplo, minha promessa foi a de dizer a verdade e até o final daquele ano enfrentei vários momentos difíceis, onde fui desafiada a ser honesta ao invés de conciliadora ou polida.

PÁGINA 164 – A dança espiral. A versão apresentada aqui descreve uma dança espiral de saudação ou despedida. Os beijos somente devem ser trocados entre amigos íntimos; caso contrário, torna-se inoportuno.

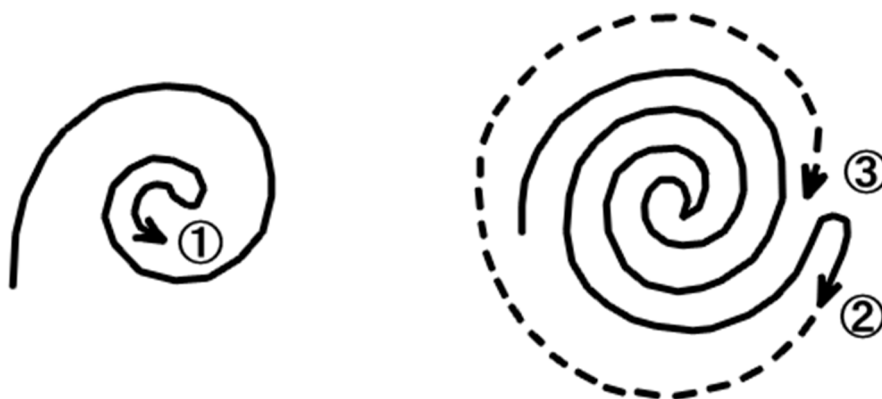
A dança espiral pode ser um outro modo de elevar o poder. Em algum grupo grande (35 pessoas no mínimo e até 300 ou 400, no máximo), comece com um círculo, com as pessoas voltadas para dentro. O líder pega a mão da pessoa que está à sua direita ou esquerda e começa a se movimentar em direção ao centro, em sentido horário.

Quando a pessoa que lidera se aproxima do centro do círculo, volta-se em direção à sua mão esquerda, para ficar de frente à pessoa seguinte. (A fim de simplificarmos, vamos supor que o líder é uma mulher.) Ela continua se movimentando, sempre acompanhando sua mão esquerda. ① Cada pessoa na espiral passará diante de todas as outras pessoas no grupo.

A líder, eventualmente se encontrará fora do corpo da espiral, voltada para fora. Ela deve continuar cerca de um quarto do caminho, em volta da borda externa, e então voltar-se para ficar de frente para a pessoa seguinte. Ela estará, então, conduzindo a linha ao redor do lado de fora do círculo, voltada para dentro. ②

Quando ela alcançar uma volta na linha, no lugar em que virou, vai para dentro da volta ③ e continua até se ver de novo no centro do círculo. Ela pode, então, enrolar a espiral mais fechadamente, deixando que a energia cresça e o cântico torne-se um som sem palavras, até que o grupo eleve e concentre um cone de poder.

Isso pode parecer terrivelmente complicado, mas, na verdade, é fácil de ser feito. Ande por ela algumas vezes para adquirir segurança. Assegure-se de que está indo lentamente, especialmente em um grupo grande, pois se o líder for rápido demais, a pessoa ao final da linha será jogada de um lado para o outro de maneira perigosa.



PÁGINA 165 – Eostar (equinócio da primavera). Esse ritual varia muito de um ano para outro. Em geral, realizamos um ritual para crianças. Robin e Arachne, de Reclaiming, criaram uma cesta de ovos de histórias, pintados para representarem a Deusa, o Deus e, um, metade negro e metade ouro, para representar o equilíbrio do equinócio. Contamos histórias sobre os ovos e fazemos caçadas aos ovos, com centenas de ovos coloridos.

Se a invocação de abertura fosse alterada, de tal maneira que “Kore” dançasse com sua mãe, Deméter, ela seria mais fiel ao mito original de Perséfone.

PÁGINA 166 – Beltane. Celebramos este ritual praticamente como foi descrito. As crianças adoram pular o caldeirão e nós pulamos em combinação com quem mantemos relacionamento: namorados, maridos/esposas, ex-namorados(as) que talvez queiram eliminar o rancor ou conflito, crianças, amigos íntimos, membros do *coven*, membros das comunidades, etc. O ritual inclui, geralmente, um piquenique.

Com os anos, a imagem heterossexual deste ritual tem dado lugar a controvérsias. Alterando três palavras na invocação de abertura, “donzela” para “promessa”, “senhor” para “poder” e “bastão” para “árvore” tornará essa liturgia menos exclusivista.

PÁGINAS 166-168 – Litha (solstício de verão). Ao longo dos anos, nossa figura do Deus tornou-se uma construção muito grande, impossível de ser carregada. Em lugar de fazermos isso, depois de o decorarmos com flores, fazemos um fogo aos seus pés e dançamos ao seu redor.

Já tivemos várias discussões, através dos anos, se essa figura deveria ser especificamente masculina, andrógina, masculina e feminina ou uma representação abstrata do sol. Nós, de fato, já tentamos de várias maneiras, mas parece que voltamos ao ponto de partida, onde ela é o Deus.

Roy acrescentou um encerramento espetacular ao ritual: um arqueiro, ao final, acende a ponta de uma flecha com o fogo do Deus e dispara para o mar. (Isso significou um período de experiências perigoso com trapos e querosene, na calada da noite, no parque Golden Gate. Por fim, ele contentou-se em usar um fogo de artifício amarrado na flecha.)

PÁGINAS 168-169 – Lughnasadh. Geralmente celebramos esse dia santificado, também chamado de Lammas, praticamente como aqui apresentado. Quando nos encontramos na praia, às vezes moldamos um “corpo” de Lugh, o rei sol celta, com areia. As crianças, em especial, se divertem com isso, assim como se divertem ajudando a construir altares de areia para as quatro direções.

PÁGINAS 169-170 – Mabon (equinócio de outono). Mabon é uma boa oportunidade para celebrar um Dia de Ação de Graças antecipado, com um jantar da colheita para toda a comunidade (comida caseira, é claro). Em nosso clima, também é uma boa época para fazer a mágica climática que traz chuva.

PÁGINAS 170-172 – Samhain. Em minha casa, montamos um altar para a família, com retratos dos nossos mortos queridos, artefatos apropriados, cabeças de açúcar do México para o dia dos Mortos, figuras de esqueletos e oferendas de maçãs e romãs.

Nosso ritual atual é bem diferente do que o aqui descrito, apesar de alguns elementos terem permanecido, como a viagem para a Ilha dos Mortos. Em *Truth or Dare* (pp. 306-309) descrevo um dos maiores rituais públicos de dança espiral para Samhain que já realizamos. Para o ritual numa assembleia menor, os elementos importantes parecem ser a nomeação pública dos nossos mortos queridos, especialmente aqueles que morreram no ano anterior e talvez uma história ou frase pequena a respeito de quem estas pessoas foram. Criamos, então, uma história com o tambor, transe ou meditação nas quais possamos nos sentir ligados aos mortos, prestarmos homenagens aos nossos antepassados e recebermos ajuda e informação. Em alguma parte do ritual, cantamos aquilo que esperamos acontecer no ano vindouro. Finalmente, cantamos os nomes dos bebês que nasceram durante o ano.

Saber que teremos nosso Samhain anual tornou-se reconfortante quando alguém morre e, com o aumento da AIDS, todos em nossa comunidade já perderam uma pessoa ou conhecem outra que vive com a doença. Quando cantamos os nomes, quando cantamos “aquilo que é lembrado, vive”, estamos afirmando que a morte não rompe nossos laços com aqueles a quem amamos e que a comunidade em si contém o círculo do nascimento, crescimento, morte e renovação.

NOTAS SOBRE O CAPÍTULO TREZE

PÁGINA 178 – “Grupos oprimidos e impotentes...” Provavelmente, eu hoje escreveria isto e o parágrafo seguinte de uma maneira bastante diferente. Ao relê-la, pareceu-me que essa afirmação está a ponto de culpar a vítima, algo que não foi a minha intenção. Eu refletia sobre as maneiras pelas quais mesmo os movimentos de libertação podem ser moldados pelas próprias estruturas de pensamentos que visam desafiar. A decisão em separar-se dos homens e dedicar tempo, energia, criatividade e apoio emocional às mulheres é, certamente, válida. Mas o impulso em direção ao separatismo também gerou uma ideologia que eu via, e ainda vejo, como falsa, a análise de que os homens são inerentemente violentos e inclinados para a dominação, enquanto as mulheres são inerentemente ternas e cooperativas. Eu diria que o *sistema* patriarcal está enraizado na dominação, que sob ele todos nos tornamos dominadores e dominados, com homens governando mulheres mas, também, homens de outras raças e classes, e que o sistema deve ser transformado a fim de mudar a dinâmica de poder entre mulheres e homens (e, do mesmo modo, entre mulheres e mulheres e homens e homens).

Nessa luta, as mulheres podem necessitar de períodos de separação. Em outras épocas, talvez queiramos trabalhar com homens que podem ser aliados ou desafiarmos ambos, homens e mulheres que permanecem presos às estruturas de dominação. Em algumas questões, podemos ser mais eficazes trabalhando separadamente; em outras, talvez sejam necessárias amplas alianças com pessoas que são muito diferentes de nós, de várias maneiras. Acima de tudo, precisamos de flexibilidade e fluidez e não de ficarmos trancados em qualquer ideologia, mas sermos livres para nos transformarmos e crescermos à medida que a situação muda.

PÁGINA 178 – A religião da Deusa baseada na ciência. A visão de uma espiritualidade baseada na ciência também é compartilhada por Matthew Fox, diretor do Institute for Culture and Creation Spirituality, da Universidade Holy Names, em Oakland, onde lecionei durante cinco anos. Entre o corpo docente está Brian Swimme, um inspirado físico, cujas conferências me ajudaram a reformular nossa mitologia e cujo livro, *The Universe is a Green Dragon*, é uma boa leitura.

PÁGINAS 180-181 – Religiões orientais. Os últimos dez anos assistiram as mulheres, em várias religiões orientais, desafiando estruturas de dominação e controle masculinos e dedicarem-se à pesquisa da história e das imagens da mulher.

PÁGINA 184 – “O círculo também é o círculo da comunidade...” Para desenvolver uma verdadeira comunidade que ampare a diversidade, em um país de raças, classes e culturas diversificadas, também devemos confrontar os modos pelos quais temos interiorizado divisões que têm nos separado: nosso racismo sutil, nosso mal-estar em relação às diferenças, nossas suposições de que nosso estilo de vida, ou uso da linguagem, ou nível de recursos, são a norma para todos e que aqueles que são diferentes estão fora dos padrões. Precisamos observar as maneiras pelas quais nossa comunidade falha na reflexão sobre a diversidade que nos cerca e nos perguntarmos se estamos sutilmente excluindo as pessoas. E, talvez, nossa deialogia necessite de uma “opção pelos pobres”, como foi desenvolvida pela teologia da libertação cristã. Isto é, precisamos nos indagar: quais são os interesses dos mais oprimidos nesta situação e como poderemos atendê-los? Pois, se somos todos partes interligadas ao corpo da deusa, quando há dor em alguma parte, independentemente de sua intensidade ou distância, esta é, em alguma escala, sentida por todos nós.

Tabelas de Correlações

OS ELEMENTOS

AR

Direção: leste

Rege: a mente, todos os trabalhos psíquicos, intuitivos e mentais, conhecimento, aprendizagem abstrata, teoria, montanhas expostas ao vento, planícies, praias ventosas, picos de montanhas altas, torres altas, vento e respiração

Hora: amanhecer

Estação: primavera

Cores: branco, amarelo vivo, carmim, branco-azulado, pastéis

Signos do Zodíaco: Gêmeos, Libra, Aquário

Ferramentas: Athame, espadas, turíbulo

Espíritos: Silfos, governados pelo seu rei Paralda (muitos destes sistemas são extremamente orientados por homens; incluo-os por interesse e referência; não os utilize caso não seja do seu agrado)

Anjo: Miguel

Nome do vento leste: Euros

Sentido: olfato

Joia: topázio

Incenso: gálbano, olíbano

Plantas: olíbano, mirra, amor-perfeito, primula, verbena, violeta, milefólio

Árvore: álamo tremedor (choupo branco)

Animais: pássaros, especialmente a água e o falcão que come insetos

Deusas: Aradia, Arianhord, Cardéia, Nuit, Urani

Deuses: Enlil, Khephera, Mercúrio, Shu, Toth

FOGO

Direção: sul

Rege: energia, espírito, calor, chama, sangue, seiva, vida, vontade, cura e destruição, purificação, fogueiras, lareiras, chamas de velas, sol, desertos, vulcões, erupções, explosões

Hora: meio-dia

Estação: verão

Cores: vermelho, dourado, carmesim, laranja, branco (luz do sol do meio-dia)

Signos do Zodíaco: Áries, Leão, Sagitário

Ferramentas: turíbulo, bastão

Espíritos: salamandras, dirigidas pelo seu rei Djinn

Anjo: Ariel

Nome do vento sul: Notos

Sentido: visão

Joia: opala

Incenso: olíbano, copal

Plantas: alho, hibisco, mostardeira, urtiga, cebola, pimenta-malagueta, papoulas vermelhas

Árvore: amendoeira, em flor

Animais: dragões que lançam fogo pelas ventas; leões; cavalos, quando suas patas fagulham; cobras

Deusas: Brígida, Hestia, Pele, Vesta

Deuses: Agni, Héfaistos, Hórus, Prometeus, Vulcano

ÁGUA

Direção: oeste

Rege: emoções, sentimentos, amor, coragem, ousadia, tristeza, o oceano, as marés, lagos, lagoas, córregos e rios, nascentes e poços, intuição, a mente inconsciente, o útero, geração, fertilidade

Hora: crepúsculo

Estação: outono

Cores: azul, verde-azulado, verde, cinza, índigo, preto

Signos do Zodíaco: Câncer, Escorpião, Peixes

Ferramentas: Cálice

Espíritos: ondinas, governadas por seu rei Niksa

Anjo: Rafael

Nome do vento oeste: Zêfiros

Sentido: paladar

Joia: água-marinha

Incenso: mirra

Plantas: samambaias, lótus, juncos, algas marinhas, nenúfares e todas as plantas aquáticas

Árvore: salgueiro

Animais: dragões enquanto serpentes, golfinhos e botos, peixes, focas e mamíferos marinhos, cobras-d'água, todas as criaturas da água e aves do mar

Deusas: Afrodite, Ísis, Mariana, Mari, Tiamat, Iemanjá

Deuses: Dylan, Ea, Llyr, Manannan, Osíris, Netuno, Poseidon

TERRA

Direção: norte

Rege: o corpo, crescimento, natureza, sustento, ganho material, dinheiro, criatividade, nascimento, morte, silêncio, abismos, grutas, cavernas, bosques, campos, rochas, pedras eretas, montanhas, cristal, joias, metal, ossos, construções

Hora: meia-noite

Estação: inverno

Cores: preto, marrom, verde, branco

Signos do Zodíaco: Touro, Virgem, Capricórnio

Ferramentas: pentagrama

Espíritos: gnomos, governados por seu rei Gob

Anjo: Gabriel

Nome do vento norte: Bóreas, Ophion

Sentido: tato

Joia: cristal de rocha, sal

Incenso: estiracáceas, benjoim

Plantas: confrei; hera; grãos: cevada, aveias, milho, arroz, trigo, centeio

Árvore: carvalho

Animais: vaca ou touro, bisão, cobras (da terra), veado

Deusas: Ceres, Deméter, Gaia (on Gé), Mah, Nephtys, Perséfone, Prithvi, Rea, Rhiannon

Deuses: Ádonis, Athos, Arawn, Cernunnos, Dioniso, Marduk, Pã, Tamuz

ESPÍRITO/ÉTER

Direção: centro e circunferência, através e em volta
Rege: transcendência, transformação, mudança, todos os lugares e nenhum lugar, dentro e fora, o vazio, imanência
Hora: além do tempo, o tempo é somente um
Estação: a roda que gira
Cores: transparente, branco, preto
Signos do Zodíaco: Câncer, Escorpião, Peixes
Ferramentas: Caldeirão
Sentido: audição
Incenso: almácea
Plantas: visgo
Árvore: amendoeira florescente
Animais: esfinge
Deusas: Ísis, o nome secreto da deusa, Shekinah
Deuses: Akasha, Iao, JHVH

OS CORPOS CELESTES

A LUA

Rege: mulher; ciclos; nascimento; geração; inspiração; poesia, emoções; viagens, especialmente pela água; o mar e as marés; fertilidade; chuva; intuição; capacidade mediúnica; segredos. Sonhos

Lua nova ou crescente: – a donzela, nascimento e iniciação, virgindade, começos, a caçada

Lua cheia: – a mãe, crescimento, realização, sexualidade, maturação, ternura, amor

Lua minguante ou escura: – a anciã, a mulher depois da menopausa, idade avançada, segredos profundos, sabedoria, predição, profecia, morte e ressurreição, finais

Dia: segunda-feira

Elemento: água

Cor:

Nova – branco ou prateado

Cheia – vermelho ou verde

Minguante – preto

Signos do Zodíaco: Câncer

Tom: si

Letra: S

Número: 3 ou 9

Joia: selenita, pérola, quartzo, cristal de rocha

Esfera cabalística: 9 Yesod – Fundamento

Anjo: Gabriel

Incenso: ginseng, jasmim, murta ou papoula, sândalo, coco

Plantas: banana, repolho, camomila, morrião-dos-passarinhos, pepino, verduras folhosas, lótus, melões, cogumelos, murta, papoula, abóbora, beldroega, alga marinha, agrião, rosa silvestre, gualtéria

Árvore: salgueiro

Animal: lebre, elefante, gato

Deusas: Ártemis, Brizo, Ceridwen, diana, Hator, Ísis, Hecate, Levanah, Lunah, Mari, Nimue, Pasifaé, Febe, Selene, Anna

Nova – Ártemis, Nimue

Cheia – Diana, Mari
Minguante – Hecate, Ana
Deuses: Atlas, Khonsu, Sin

O SOL

Rege: alegria, sucesso, progresso, liderança, poder natural, amizade, crescimento, cura, luz, orgulho
Dia: domingo
Elemento: fogo
Cor: Dourado, amarelo
Signos do Zodíaco: Leão
Tom: ré
Letra: B
Número: 1, 6 ou 21
Metal: ouro
Joia: topázio, diamante amarelo
Esfera cabalística: 6 Tipheret – Beleza
Anjo: Rafael
Incenso: cravos, canela, olíbano, louro
Plantas: acácia, angélica, louro, camomila, frutas cítricas, heliotrópio, mel, junípero, lingústica, cravo-de-defunto, visco, rosmaninho, arruda, açafraão, erva-de-são-joão, girassol, vinha
Árvore: acácia, loureiro, freixo, videiro, giesta-das-vassouras
Animal: criança, águia, leão, fênix, gavião
Deusas: Amaterasu, Brígida, Bast, Ilat, Sekhmet, Téia
Deuses: Apolo, Hélios, Hiperíon, Lugh, Ra, Semesh, Vishnu-Krishna-Rama

MERCÚRIO

Rege: comunicações, inteligência, destreza, criatividade, ciência, memória, transações comerciais, furto, trapaça
Dia: quarta-feira
Elemento: ar, água
Cor: violeta, misturas de cores
Signos do Zodíaco: Gêmeos, Virgem
Tom: si
Letra: C
Número: 1, 4 ou 8
Metal: mercúrio, combinação de metais
Joia: opala, ágata
Esfera cabalística: 8 Hod – Glória
Anjo: Miguel
Incenso: estiracácea, macis
Plantas: alcaravia, cenouras, cáscara sagrada, aneto, ênula, funcho, feno-grego, maro, lavanda, alcaçuz, mandrágora, manjerona, murta, salsa, romã, valeriana
Árvore: aveleira, freixo ou amendoeira
Animal: hermafrodita, chacal ou serpentes gêmeas
Deusas: Atena, Maât, Métis, Pomba-Gira
Deuses: Anúbis, Coeus, Coiote, Elegbá, Hermes, Lugh, Nabu, Mercúrio, Thoth, Woden

VÊNUS

Rege: amor, harmonia, atração, amizade, prazer, sexualidade

Dia: sexta-feira

Elemento: terra, água

Cor: verde, índigo, rosa

Signos do Zodíaco: Touro, Libra

Tom: mi

Letra: Q

Número: 5, 6 ou 7

Metal: cobre

Joia: âmbar, esmeralda

Esfera cabalística: 7 Netzach – Vitória

Anjo: Haniel

Incenso: benjoim, jasmim, rosa

Plantas: flores de acácia, óleo de amêndoa, aloés, maçã, bétula, narciso, rosa-de-damasco, sabugueiro, matricária (camomila-dos-alemães), figo, gerânio, hortelã, artemísia, azeite de oliveira, poejo, banana-da-terra, framboesa, rosa, morango, tanacetum, tomilho, verbena, violeta

Árvore: macieira, marmeleiro

Animal: pomba, lince

Deusas: Afrodite, Beltis, Asherah, Astarte, Fréia, Hator, Inana, Ísis, Ishtar, Mari, Marianas, Oxum, Tétis, Vênus

Deuses: Eros, Oceanos, Robin Hood, Pã

MARTE

Rege: força, luta, guerra, raiva, conflito, agressividade

Dia: terça-feira

Elemento: fogo

Cor: vermelho

Signos do Zodíaco: Áries; algumas autoridades indicam Escorpião, também

Tom: dó

Letra: T

Número: 2, 3 ou 16, possivelmente 5

Metal: ferro, aço

Joia: hematita, granada ou rubi

Esfera cabalística: 5 Geruvah – Bravura

Anjo: Samel

Incenso: cipreste, pinho ou tabaco

Plantas: erva-férrea, aloés, assa-fétida, manjerição, betônica, alcaparras, pimentas, coentro, sangue-de-dragão, genciana, gengibre, alho, mostarda, cebola, pimentão, rabanete, salsaparrilha, estragão

Árvore: azevinheira

Animal: basilisco

Deusas: Anath, Brígita, Dione, Morrigan

Deuses: Ares, Crius, Hércules, Marte, Nergal

JÚPITER

Rege: liderança, política, poder, honra, realeza, reconhecimento público, responsabilidade, riqueza, negócios, sucesso

Dia: quinta-feira

Elemento: ar, fogo

Cor: azul profundo, púrpura real

Signos do Zodíaco: Sagitário

Tom: lá

Letra: D

Número: 5 ou 4

Metal: estanho

Joia: ametista, crisólita, safira ou turquesa

Esfera cabalística: 4 Chesed – Misericórdia

Anjo: Tzadkiel

Incenso: cedro, noz-moscada

Plantas: agrimônia, anis, freixo, erva-cidreira, betônica, sanguinária, borragem, caroba-branca (cinco folhas), trevo, dente-de-leão, hissopo, baga de junípero, tília, hortelã, visco, noz-moscada, salva

Árvore: carvalho, oliveira ou terebinto

Animal: unicórnio

Deusas: Ísis, Hera, Juno, Têmis

Deuses: Bel, Eurimêdon, Júpiter, Marduk, Thor, Zeus

SATURNO

Rege: obstáculos, limitações, laços, conhecimento, morte, construções, história, tempo, estruturas

Dia: sábado

Elemento: água, terra

Cor: preto, azul

Signos do Zodíaco: Capricórnio

Tom: sol

Letra: F

Número: 7 ou 3

Metal: chumbo

Joia: pérola, ônix, ou safira astéria

Esfera cabalística: 3 Binah – Entendimento

Anjo: Tzaphkiel

Incenso: almíscar, pau-ferro, mirra

Plantas: acônico, beterraba, bistorta, confrei, cipreste, heléboro, cicuta, cavalinha, cânhamo, meimendro negro, mandrágora, maconha, papoula, caraxixu (erva-moura), vetiver (patchuli), selo-de-salomão, tomilho, teixo

Árvore: amieiro, romãzeira

Animal: corvo, gralha

Deusas: Cibele, Deméter, Hecate, Hera, Ísis, Nefite, Rea

Deuses: Bran, Cronos, Ninib, Saturno, JHVH

ASPECTOS DA VIDA

AMOR

Elemento: água, terra

Planeta: Vênus

Melhores épocas:

Sexta ou segunda-feira

Lua nova à cheia em

Touro – amor terra a terra e sensual

Câncer – lar e família

Libra – idealista

Escorpião – sexual!

Cores: rosa profundo, verde, laranja para atração

Metal: cobre ou prata

Número: 5 ou 7

Incenso/Perfume: benjoim, jasmim, rosa; para paixão sexual, almíscar, algália, vetiver (patchuli)

Plantas: todas as ervas de Vênus, especialmente as flores de acácia, aloés, bálsamo-de-meca (brotos carregados pela pessoa ajudarão a consertar um coração partido!), ciclâmen (se for plantada em um vaso e mantida no quarto, a união será longa e feliz), ênula, gardênia, jasmim, lavanda, relmária (rainha-dos-prados), visco, mirra, murta, rosa, tanacete, tuberosa, valeriana, verbena, violeta

Afrodisíacos (supostos): coentro, trevo, Damiana, alga (*Rhodymenia palmata*), fo-ti-tieng, *ginseng*, capuchinha, pervinca, ioimbina

Deusas: Afrodite, Asherah, Astarte, Beltis, Branwen (pode conceder união com o amor verdadeiro ou curar a paixão), Diana, Fréia, Hathor, Ishtar, Ísis, Maia, Mari, Mariana, Oxum, Vênus

Deuses: Cernunnos, Eros, Adônis, Robin Hood, Pã

DINHEIRO E NEGÓCIOS

Elemento: terra, ar

Planeta: Júpiter, Mercúrio; Sol (estrela)

Melhores épocas:

Quinta-feira, quarta-feira ou domingo

Lua crescente à cheia para aumento em

Um signo da terra – ganho material

Um signo do ar – ideias, planos

Um signo do fogo – energia, crescimento

Virgem – trabalhos que envolvam detalhes

Capricórnio – para ter cuidado ou superar obstáculos

Leão – poder solar

Sagitário – expansão, viagens

Áries – iniciar um novo projeto

Cores: verde, dourado, prateado

Número: 1, 4, 8 ou 7

Incenso: cedro, canela, louro, macis, noz-moscada ou estiracácea.

Plantas: erva-cidreira, borragem, lavanda, mandrágora, folhas de carvalho, açafraão, salva, erva-de-são-joão, sementes de girassol, valeriana, gualtéria

Deusas: Deusas da terra, Deméter, Hera, Juno

Deuses: Deuses da terra, Hermes, Lugh, Júpiter, Mercúrio, Zeus

TRABALHO CRIATIVO

Elemento: todos

Planeta: Terra, a Lua (satélite; para inspiração), Mercúrio (para comunicação), o Sol (estrela)

Melhores épocas:

Segunda-feira, quarta-feira ou domingo

Lua crescente – para iniciar

Próxima à cheia – para inspiração

Minguante – para autocrítica e retrabalhar

Um signo do ar – para trabalho mental, especialmente envolvendo palavras

Um signo da terra – para ofícios e trabalhos com as mãos

Um signo do fogo – para energia criativa

Um signo da água – para expressões emocionais

Cores: dourado, prateado, violeta, amarelo, misturas de cores

Número: 1, 3, 4, 6 ou 9

Incenso: louro, canela, *ginseng*, macis, estiracácea

Plantas: louro, alfazema, murta, escutelo, valeriana

Deusas: Brígida (deusa tripla da poesia, cura e ferraria), Ceridwen (guardiã do caldeirão da inspiração), Atena ou Minerva (para conhecimento, sabedoria), Mnemosine (mãe da musa tripla)

A Musa Tripla:

Calíope – “bela face”

Erato – “ser amado”

Urania – “ser celestial”

A Musa Nônupla:

Calíope – poesia épica

Clio – história

Euterpe – poesia lírica

Melpomene – tragédia

Terpsicore – dança coral

Érato – poesia erótica e mímica

Polímia – poesia sacra

Urania – astronomia

Talia – comédia

Qualquer forma da deusa tripla

Deuses: Apolo (música e poesia); Orfeu (música); Ogma (poesia); Hermes, Mercúrio e Thot (conhecimento e comunicação); Credne, Gobniu e Hefáistos. (Todos para artes, ferraria.)

CURA

Elemento: todos

Planeta: Sol (estrela), Lua (satélite), Terra

Melhores épocas:

Domingo ou segunda-feira

Lua crescente à cheia – para aumento em saúde

Lua Minguante ou escura – para expulsar e eliminar doenças

Em signos de água ou terra

Cores: azul, verde, dourado, laranja

Número: 1, 3, 7 ou 9

Incenso: louro, canela, olíbano, sândalo, eucalipto

Plantas: todas as ervas curativas

Deusas: deusas da terra e da lua, Ártemis, Hebe, Higiéia

Deuses: Asclépios, Apolo, Diancecht

PROTEÇÃO

Elemento: todos

Planeta: Lua, Sol (satélite e estrela, respectivamente)

Melhores épocas:

Segunda-feira ou domingo

Lua crescente à cheia – para estabelecer proteção

Lua minguante – expulsar o mal

Cores: prateado, branco, azul

Número: 4, 5, 3, 9, 8

Metal: prata

Incenso: louro, canela, rosmaninho

Plantas: assa-fétida, mãe-boá, manjerição (afasta o mal), sanguinária, giesta (para ser colocada na água usada para aspergir e purificar), bardana, caroba-branca, cinco-folhas, matricária (camomila-dos-alemães) (protege contra doenças e acidentes), alho (leve consigo os dentes ou pendure na cumeeira para afastar o mal), hissopo, louro, mandrágora, urtiga (para pegar e prender algo/alguém), vetiver (patchuli), beldroega, rosmaninho (plante ao lado da entrada da sua casa para proteger seu lar), sorva-brava (especialmente contra forças psíquicas negativas), selo-de-salomão (utilizada no exorcismo), erva-de-são-joão, verbena (apanhada com a mão esquerda no surgimento do Sírio, da constelação do Cão Maior)

Deusas: Deusas da Lua, especialmente Ártemis (protege crianças pequenas) e Hera, Aradia

Deuses: Cuchulain, Dagda, Júpiter, Thor

TRABALHO PSÍQUICO

Elemento: ar, água e fogo

Planeta: Lua

Melhores épocas:

Lua cheia – para o máximo de poder mediúnico

Lua escura – para mistérios e segredos profundos e escondidos

Cores: prateado, branco, preto

Número: 3 ou 9

Relaxamento: erva-doce, gatária (erva-dos-gatos), camomila, dente-de-leão, flores secas de lúpulo, alfazema, tília, hortelã, salsa, salva, seurelha, estragão, tomilho (silvestre), noz-moscada (esfregue o óleo nas têmporas), valeriana (encha um travesseiro com ela), verbena

Visualização: ginseng, artemísia, escutelo

Travesseiro de dormir: alfazema e tília

Concentração e memória: erva-férrea, erva-cidreira, manjerona, noz-moscada, salsa, rosmaninho, salva

Estabilidade mental: camomila, aipo e rosmaninho juntos

Energia: ginseng, lingústica (um banho nesta erva refresca os poderes psíquicos), erva-mate

Sonhos: folhas de freixo, artemísia; camomila, artemísia e escutelo (juntas em um chá, antes de dormir)

Para evitar pesadelos e visões assustadoras: camomila, rosmaninho, betônica verdadeira (coloque um pouco debaixo do seu travesseiro)

Predição e trabalho de transe: flores de acácia, bistorca, ginseng, artemísia (beba um chá para uma visão nítida), noz-moscada, açafraão (chá ou incenso), absinto (incenso, queimado no Dia das Bruxas para nos capacitar a ver os espíritos que retornam dos mortos poderosos), folhas de louro (mastigada pela sacerdotisa de Delfos)

Psicodélicas: melhor não utilizá-las quando estiver começando a se revelar psiquicamente. Elas tendem a causar um deslocamento nos centros psíquicos que se abrem muito rapidamente e de maneira incontrolável, algumas vezes, com resultados destrutivos.

Deusas: todas as deusas da lua, Cibele, Hecate (para predição e feitiços), Ceridwen, Hera (para profecias), Nephthys, Pasifaé (para oráculos de sonhos)

Deuses: Gwydion, Hermes, Math, Merdin, Thot, Asclépios (para oráculos de sonhos relativos à cura)

A DANÇA CÓSMICA DAS FEITICEIRAS

Guia de Rituais à Grande Deusa

Uma visão contemporânea da magia que ensina aos leitores o caminho prático de comunhão com a natureza através de exercícios que aliam técnicas da psicologia moderna com os ancestrais rituais de contato com o Espírito Feminino do planeta. “A Feitiçaria é uma religião que retira os seus ensinamentos da natureza e inspira-se nos movimentos do sol, da lua e das estrelas, no voo dos pássaros, no lento crescimento das árvores e nos ciclos das estações.”